

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Flávia de Moura Rocha Parente Muniz

*“SON MÍAS LAS FRONTERAS QUE CRUCÉ”:*  
dores e resiliência no deslocamento forçado de venezuelanas ao Brasil.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Flávia de Moura Rocha Parente Muniz

*“SON MÍAS LAS FRONTERAS QUE CRUCÉ”:*

dores e resiliência no deslocamento forçado de venezuelanas ao Brasil.

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo

2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

## **AGRADECIMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Processo n. 88887.148070/2017-00.

## **THANKS**

This study was financed in party by de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. Process n. 88887.148070/2017-00.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço às mulheres. Àquela que de braços abertos acolhe minha fé torta; a que me deu à luz e me dá seu cuidado constante; a que me orientou; a que compartilha e compartilhará a vida comigo; as que me viram crescer e as que cresceram comigo; as que me ensinaram; as que comigo aprenderam; as que fizeram o extremo norte menos extremo; as que compartilham suas dores e conquistas em movimento; as que lutaram antes de mim, as que lutam comigo e as que ainda lutarão.

Agradeço aos homens que me apoiam e me respeitam na construção de ser mulher: ao que me fez (eternamente) miudinha, aos que me apoiam em cada passo da vida, aos que compartilham o ideal da igualdade.

*Lá também é aqui.*

MUNIZ, Flávia de Moura Rocha Parente. “*SON MÍAS LAS FRONTERAS QUE CRUCÉ*”: dores e resiliência no deslocamento forçado de venezuelanas ao Brasil. 2020. 183f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

## RESUMO

Diante da crise social, política e econômica na Venezuela, mulheres e homens venezuelanos atravessam a fronteira com o Brasil, localizada em Roraima, em busca de condições dignas de vida. Dado que construções sociais facilitam para que pessoas vivenciem a migração forçada de maneiras diferentes a depender do gênero, este estudo teve como objetivo investigar o processo de deslocamento forçado de mulheres venezuelanas ao Brasil, especialmente no que diz respeito aos impactos psicológicos e sociais desta experiência. Foram estudados os casos de três mulheres migrantes, venezuelanas, vivendo em abrigos para pessoas refugiadas em Roraima, entre 29 e 45 anos, com o tempo de estadia no Brasil entre 8 e 18 meses. O aporte conceitual no qual se baseia esta Tese se dá no entrelaçamento de cada base de um tripé teórico: a Teoria de Conservação de Recursos (COR – *Conservation of Resources*) de Hobfoll, a perspectiva de gênero e o aparato poético-teórico de Anzaldúa como uma possibilidade de compreensão dos espaços de fronteira (*borderland*). Os resultados revelam que as perdas de recursos se dão no contexto pré-migratório e pós-migratório, relacionando-se e evidenciando espirais de perdas, e estão intimamente relacionados à construção social de gênero. Tais perdas e a maneira como cada pessoa lida com elas estão relacionadas com a história de vida e possibilidades de construção e manutenção de recursos. Recursos de enfrentamento prévios e o engajamento se mostraram como estratégias possíveis frente às situações de espirais de perdas e estresse traumático. Para facilitar o desenvolvimento da resiliência e favorecer o processo de engajamento, mostrou-se relevante que a resposta humanitária invista em possibilidades de (re)construção de recursos, no fortalecimento do suporte social e que as mulheres sejam participantes nos processos de desenvolvimento de intervenções. Para o fortalecimento de uma Psicologia Humanitária latino-americana percebe-se a importância e urgência de simultaneamente aprender com a Psicologia Humanitária construída no norte global e reconhecer as especificidades da região para oferecer o suporte psicossocial culturalmente sensível, eficaz e sustentável às pessoas que necessitam de proteção internacional.

Palavras-chave: Deslocamento forçado. Gênero. Conservation of Resources. Espirais de perdas. Resiliência.

MUNIZ, Flávia de Moura Rocha Parente. “*SON MÍAS LAS FRONTERAS QUE CRUCÉ*”: dolores y resiliencia en el desplazamiento forzado de venezolanas a Brasil. 2020. 183h. Tesis (Doctorado en Psicología Clínica). Pontificia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020.

## RESUMEN

Ante la crisis social, política y económica en Venezuela, las mujeres y los hombres venezolanos cruzan la frontera con Brasil, ubicada en Roraima, en busca de condiciones de vida dignas. Dado que las construcciones sociales facilitan que las personas experimenten la migración forzada de diferentes maneras según el género, este estudio tuvo como objetivo investigar el proceso de desplazamiento forzado de mujeres venezolanas a Brasil, especialmente con respecto a los impactos psicológicos y sociales de esta experiencia. Fueron estudiados los casos de tres mujeres migrantes, venezolanas, que viven en refugios para refugiados en Roraima, entre 29 y 45 años, con el tiempo en Brasil entre 8 y 18 meses. El soporte conceptual en el que se basa esta Tesis está en el entrelazamiento de cada base de un trípode teórico: la Teoría de la Conservación de los Recursos (COR – *Conservation of Resources*) de Hobfoll, la perspectiva de género y el aparato poético-teórico de Anzaldúa como posibilidad de comprender los espacios fronterizos (*borderland*). Los resultados revelan que la pérdida de recursos ocurre en el contexto pre-migratorio y post-migratorio, relacionando y mostrando una espiral de pérdidas, y están estrechamente relacionados con la construcción social de género. Tales pérdidas y la forma en que cada persona las enfrenta están relacionadas con la historia de vida y las posibilidades de construir y mantener recursos. Los recursos de afrontamiento previos y el *engagement* demostraron ser estrategias posibles frente a situaciones de espirales de pérdidas y estrés traumático. Para facilitar el desarrollo de la resiliencia y favorecer el proceso de participación, es relevante que la respuesta humanitaria invierta en posibilidades de (re)construcción de recursos, en el fortalecimiento del soporte social y que las mujeres participen en los procesos de desarrollo de las intervenciones. Para el fortalecimiento de una Psicología Humanitaria latinoamericana, se percibe la importancia y la urgencia de aprender simultáneamente de la Psicología Humanitaria construida en el norte global y reconocer las especificidades de la región para ofrecer un soporte psicosocial culturalmente sensible, efectivo y sostenible a las personas necesitadas de protección internacional.

Palabra clave: Desplazamiento forzado. Género. Conservación de recursos. Espirales de pérdidas. Resiliencia.

MUNIZ, Flávia de Moura Rocha Parente. “*SON MÍAS LAS FRONTERAS QUE CRUCÉ*”: pain and resilience in the forced displacement of Venezuelan women to Brazil. 2020. 183p. Thesis (Doctorate in Clinical Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2020.

### **ABSTRACT**

Faced with the social, political and economic crisis in Venezuela, Venezuelan women and men cross the border with Brazil, located in Roraima, in search of decent living conditions. Given that social constructions make it easier for people to experience forced migration in different ways depending on gender, this study aimed to investigate the process of forced displacement of Venezuelan women to Brazil, especially with regard to the psychological and social impacts of this experience. We studied the cases of three migrant women, Venezuelans, living in shelters for refugees in Roraima, between 29 and 45 years old, with the length of stay in Brazil between 8 and 18 months. The conceptual support on which this Thesis is based is in the intertwining of each base of a theoretical tripod: Hobfoll's Conservation of Resources Theory (COR), the gender perspective and Anzaldúa's poetic-theoretical apparatus as a possibility of understanding the “borderland”. The results reveal that the loss of resources occurs in the pre-migratory and post-migratory context, relating and showing spiral of losses, and are closely related to the social construction of gender. Such losses and the way each person deal with them are related to the life story and possibilities of building and maintaining resources. Previous coping resources and engagement proved to be possible strategies in the face of situations of loss spiral and traumatic stress. To facilitate the development of resilience and favor the engagement process, it showed to be relevant that the humanitarian response invests in possibilities of (re)building resources, in strengthening social support and that women are participants in the intervention development processes. For the strengthening of a Latin American Humanitarian Psychology, it is important and urgent to simultaneously learn from the Humanitarian Psychology built in the global north and recognize the specificities of the region in order to offer a culturally sensitive, effective and sustainable psychosocial support to people in need of international protection.

Keywords: Forced displacement. Gender. Conservation of resources. Loss spirals. Resilience.

## LISTA DE ABREVIATURAS

**UNHCR** - United Nations High Commissioner for Refugees.

**ACNUR** - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

**RMRP** - Regional Refugee and Migrant Response Plan

**CONARE** - Comitê Nacional para os Refugiados

**ONU** - Organização das Nações Unidas

**COR** - *Conservation of Resources* (Conservação de Recursos)

**TEPT** - Transtorno de Estresse Pós-Traumático

**UNHCHR** - United Nations High Commissioner for Human Rights

**ACNUDH** - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos

**R4V** - Response for Venezuelans

**DTM** - Displacement Tracking Matrix (Matriz de Monitoramento de Deslocamento)

**OIM** - Organização Internacional para as Migrações

**RHU** - Refugee Housing Units

**ONG** - Organizações Não Governamentais

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**LDQ** - *Post-Migration Living Difficulties Questionnaire* (*Questionário de dificuldades na vida pós-migração*)

**UTI** - Unidade de Tratamento Intensivo

**SUS** - Sistema Único de Saúde

**LGBT** - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

**CPF** - Cadastro de Pessoa Física

**ACNUDH** - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humano

**RHU** - Refugee Housing Unit

**CCCM** - Camp Coordination and Camp Management

**NFI** - Non-food itens

**PTRIG** - Posto de Triagem

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Reportagem de jornal veiculado em Roraima em 1988.....	44
Figura 2: Consequências do fluxo migratório em Roraima na atualidade .....	47
Figura 3: Desenho de Catalina sobre a vida na Venezuela.....	67
Figura 4: Capa do caderno de Catalina.....	68
Figura 5: Desenho do caminho percorrido por Catalina.....	73
Figura 6: “Papéis na vida adulta” por Catalina.....	81
Figura 7: Desenho de Catalina sobre seu futuro.....	82
Figura 8: Desenho de Belkys sobre a vida na Venezuela.....	93
Figura 9: Desenho de Belkys sobre sua jornada.....	97
Figura 10: Desenho de Belkys sobre a vida no Brasil.....	113
Figura 11: “Papéis na vida adulta” por Belkys.....	114
Figura 12: Desenho de Alejandra sobre o caminho.....	129
Figura 13: Desenho de Alejandra sobre a vida no Brasil .....	138

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	14
<b>OS CONTEXTOS</b> .....	25
CONTEXTUALIZANDO O TRIPÉ TEÓRICO.....	25
O OURO, A MANDIOCA E A MOCHILA: CONTEXTUALIZANDO A MIGRAÇÃO NO EXTREMO NORTE DO BRASIL .....	41
<b>MÉTODO</b> .....	55
<b>CASO I - CATALINA</b> .....	61
<b>CASO II - BELKYS</b> .....	87
<b>CASO III - ALEJANDRA</b> .....	121
<b>REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	142
AS DORES: CARAVANAS DE RECURSOS, ESPIRAIS DE PERDAS E GÊNERO .....	143
CONSIDERAÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA HUMANITÁRIA NO CONTEXTO LATINO- AMERICANO .....	156
<b>“SI LAS FRONTERAS QUE HE CRUZADO SON MÍAS, LAS COMPARTO”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	164
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	167
<b>ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE DIFICULDADES NA VIDA PÓS-MIGRAÇÃO</b> .....	181
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	182

## PRÓLOGO

*Lo que viene antes de todo, mija... ¿Cómo se dice... Epílogo...? ¡No, PRÓLOGO!*<sup>1</sup>

Uso palavras minhas para falar de coisas que não pertencem a mim. Reflito sobre espaços que nunca ocupei. Sou migrante nas histórias de mulheres migrantes. Além de imigrar para lugares desconhecidos mediante histórias de vida. Também já migrei geograficamente. Diversas vezes. Migrei para aprender, para construir e para me reconstruir, mas nunca migrei por ser essa minha única ou última opção. Isso me diferencia das mulheres venezuelanas que compartilharam suas vidas comigo e sobre as quais escrevo esta Tese. Bem, por isso suas palavras estão em todas as partes deste estudo: nos relatos, nas notas de rodapé, como também em títulos. Muitas vezes utilizei apenas palavras tal como foram ditas: “*mija*”, “*osed*”, “*joder*”, “*¡cónchale!*”, “*ahorita*”, outras vezes frases inteiras misturando o espanhol, o português, as lágrimas e os sorrisos.

A presente Tese deu-se por intermédio da história de vida de três mulheres venezuelanas que migraram forçadamente e, apesar de serem histórias únicas, não é um destino que coube apenas às três: a cada minuto, vinte pessoas fogem de suas casas em busca de refúgio em outro lugar, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados / United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2017). Ao final de apenas um dia são 28.800 solicitantes de refúgio, deslocados internos ou refugiados.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR),

[...] pessoas refugiadas são aquelas que “estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados”<sup>2</sup> (ACNUR, 2018?).

Solicitantes de refúgio são pessoas que, tendo solicitado proteção internacional pelos motivos anteriormente mencionados, aguardam decisão dos órgãos competentes. O ACNUR considera que uma pessoa é um refugiado, independentemente, de já lhe ter sido, ou não,

<sup>1</sup> O que vem antes de tudo, “minha filha”... Como se diz... Epílogo...? Não, PRÓLOGO! (Tradução da pesquisadora).

<sup>2</sup> De acordo com a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto do Refugiado. Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série: Tratados da ONU, n 2545, v 189, p. 137.

reconhecido esse *status* por meio de um processo legal de elegibilidade (ACNUR, 2018?), sustentando que a motivação de um indivíduo para emigrar é mais relevante à sua história e necessidade de proteção, do que as leis de um determinado país podem ser capazes de determinar. Na presente Tese, corroborando com a perspectiva do ACNUR, utilizei o termo “refugiada” independente do reconhecimento legal por parte do governo. A autodeterminação, para mim, é soberana.

Órgãos voltados à proteção das pessoas refugiadas com frequência insistem na diferenciação entre “migrante” e “refugiado”. Ora, se migrante é aquela pessoa que migra, não seria a pessoa refugiada também migrante? Ainda que a resposta a essa pergunta seja afirmativa, a importância em diferenciar encontra-se na necessidade de proteção. As pessoas refugiadas devem ser reconhecidas internacionalmente como tal, e receber assistência dos Estados, do ACNUR e outras organizações. Já migrantes são pessoas que escolheram migrar por razões que não são de ameaça direta, mas sim para melhorar a vida. Essas pessoas continuam contando com a proteção do governo de seu país de origem. Portanto, enquanto migrantes podem ser tratados conforme as leis e os procedimentos internos de cada país, pessoas refugiadas devem ser tratadas de acordo com as normas internacionais sobre refúgio. Os países possuem responsabilidades específicas frente a qualquer pessoa que solicite refúgio dentro de suas fronteiras e suas leis, para tanto precisam estar de acordo com o direito internacional (ACNUR, 2015).

Por vezes, as graves situações de crise produzem fluxos migratórios mistos, ou seja, do mesmo local deslocam-se tanto pessoas migrantes, quanto pessoas refugiadas (ou outras modalidades). Em determinados contextos, as fronteiras entre as modalidades migratórias tornam-se porosas, demandando um cuidado específico por parte dos atores humanitários e governo local, para garantir que pessoas que precisam de proteção específica sejam contempladas em suas necessidades.

Não é raro que nos fluxos mistos, pessoas de diferentes *status* migratórios tenham algo em comum: o deslocamento forçado. Tanto aquelas que imigraram e solicitaram refúgio, quanto aquelas que solicitaram residência temporária ou permanente em outro país, saíram de seu local de origem, principalmente, por necessidade. Ou seja, se não estivessem, naquele momento, em situação de extrema necessidade, emigrar não seria uma alternativa. O fluxo venezuelano ao Brasil é um exemplo de um fluxo migratório misto, no qual a motivação para emigrar está comumente baseada na extrema necessidade, independentemente da solicitação feita às

autoridades migratórias: se refúgio ou residência temporária. Por este motivo, na presente Tese considere a situação do deslocamento forçado para além do *status* migratório.

Com a terminologia “pessoas forçadamente deslocadas” não pretendi atribuir à outras formas de migração a total liberdade de escolha e, tampouco, aos “deslocados forçados” a completa ausência dela. Considerei que o fator determinante deveria ser a voz de cada pessoa migrante quando na ação, tantas vezes dolorosas, de compartilhar as motivações para emigrar. Portanto, o que fez tal pessoa sentir a necessidade de migrar foi, para mim neste momento, mais relevante do que qualquer discussão teórica sobre o nível de liberdade de escolha no processo de deslocamento forçado<sup>3</sup>.

Se a metáfora utilizada por Galeano<sup>4</sup> se tornasse visível e se fosse possível ver as veias da América Latina abertas e pulsantes, a Venezuela certamente chamaria atenção. Talvez fosse como o ponto de início de uma hemorragia, que inunda vários países da região. Motivadas por variados desdobramentos de uma séria e complexa crise, 4,5 milhões de venezuelanas e venezuelanos deixaram o país de origem e 3.7 milhões<sup>5</sup> migraram para países da América Latina e Caribe (RMRP, 2020). Cerca de 212.400 pessoas venezuelanas migraram para o Brasil (RMRP, 2020), em média 550 venezuelanos e venezuelanas atravessam a fronteira entre o Brasil e a Venezuela por dia, ou melhor: a fronteira entre Santa Elena de Uairén e Pacaraima<sup>6</sup>. Essas pessoas somam-se às milhões de outras, de diversas outras nacionalidades, que formam intensos fluxos de deslocamento forçado em todo mundo.

Em junho de 2019, o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) reconheceu que o que ocorre na Venezuela se trata de uma situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos”<sup>7</sup>. Tal reconhecimento veio a facilitar a concessão de refúgio aos que o solicitam. Em

---

<sup>3</sup> Após escutar as histórias de vida compartilhadas pelas três mulheres venezuelanas participantes da pesquisa que deu origem a esta Tese, escolhi utilizar o termo “deslocamento forçado”, independente do *status* migratório de cada uma.

<sup>4</sup> Eduardo Galeano era uruguaio, autor de “As Veias Abertas da América Latina”, livro que desde seu lançamento, em 1971, tornou-se um clássico da literatura política latino-americana.

<sup>5</sup> Dados de Outubro de 2019.

<sup>6</sup> Em busca de sair de um país para outro, as pessoas saem de uma Venezuela específica e chegam a um Brasil específico. Na próxima seção será discutido de forma mais aprofundada o “espaço de fronteira” e a migração no contexto de Roraima.

<sup>7</sup> Com fundamento no inciso III do art. 1 da Lei n 9.474, de 1997, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 em nosso país.

dezembro de 2019 o CONARE reconheceu, *prima facie*, a condição de refugiado para cerca de 21 mil venezuelanas e venezuelanos vivendo no Brasil. A partir desta medida, pessoas venezuelanas solicitantes de refúgio que atenderem aos critérios necessários, não precisarão participar de entrevista, acelerando, assim, o processo de reconhecimento da condição de refugiado.

Ainda que cada uma dessas pessoas leve consigo sua história de vida, aspirações, medos e potenciais, tão diversos, a imagética do refugiado ainda é a de um homem (FREEDMAN, 2008), com corpo tão marcado pelas dores que não pode ser diferenciado dos outros homens no mesmo contexto (FELDMAN, 1994).

Duas questões devem ser levadas em consideração diante deste contexto: os 70,8 milhões de pessoas forçadamente deslocadas (ACNUR, 2019) percebidas como um grupo homogêneo e a “cegueira de gênero” (*gender blindness*).

Sobre a primeira, Soguk (1999) argumenta que:

*[...] there is no intrinsic paradigmatic refugee figure to be at once recognized and registered regardless of historical contingencies. Instead, it could be argued, there are a thousand multifarious refugee experiences and a thousand refugee figures whose meanings and identities are negotiated in the process of displacement in time and place (1999, p.4)*<sup>8</sup>

Turton (2003) argumenta que não há sentido em falar sobre “a voz da pessoa refugiada”, mas sim, das diversas vozes das diversas pessoas, cada qual com seus motivos para buscar refúgio. Perceber e se referir aos refugiados como um grupo homogêneo os “despersonaliza, até os desumaniza e, assim, torna mais fácil vê-los como uma ameaça ou, até mesmo, como inimigos”<sup>9</sup> (TURTON, 2003, p. 10).

No que diz respeito à “cegueira de gênero”, Freedman (2008) aponta que a própria definição do direito de asilo e as interpretações da Convenção de Genebra<sup>10</sup> discriminam as

---

<sup>8</sup> “[...] não há uma figura de refugiado intrinsecamente paradigmática a ser reconhecida e registrada de uma só vez, independentemente de contingências históricas. Em vez disso, pode-se argumentar, existem mil experiências de refugiados variadas e mil refugiados cujos significados e identidades são negociados no processo de deslocamento no tempo e lugar” (tradução da pesquisadora).

<sup>9</sup> Tradução do original: “*it de-personalizes, even de-humanises them and thus makes it easier for us to see them as a threat, or even as enemies*” pela pesquisadora.

mulheres por meio da adoção de um conceito de “persecução” que se baseia prioritariamente nas necessidades e sofrimentos do homem. Assim, violações e perseguições que ocorrem predominantemente às mulheres, com frequência, não são levadas em consideração como suficientes para a garantia do *status* de refugiada. Esta autora diz que, por vezes, as formas em que tais perseguições ocorrem não são nem mesmo reconhecidas como atos de violência. Os exemplos vão desde mutilação genital e casamentos forçados até estupro e violência doméstica (FREEDMAN, 2008; YOUNG; CHAN, 2015).

Young e Chan (2015) argumentam que a “cegueira de gênero” no que diz respeito ao deslocamento forçado também pode ser observada no contexto acadêmico e apontam para a necessidade de pesquisas sensíveis ao gênero (*gender-sensitive*). As autoras refletem que, ainda diante do aumento de pesquisas sobre mulheres refugiadas nas décadas de 1980 e 1990, principalmente motivadas pela exposição midiática da Guerra Civil na Iugoslávia, as reflexões sobre como o gênero influi na experiência do refúgio tendem a ser demasiadamente simplistas.

Mulheres e homens vivenciam o deslocamento forçado, em todas as suas etapas, de maneiras diferentes. Contudo, por muito tempo as especificidades dessas vivências não foram consideradas. A vida em movimento nunca foi algo que coube apenas aos homens, mas, muitas vezes, às mulheres que eram engolidas pelo “gênero neutro”, pelo masculino que serve para generalizar, seja na gramática<sup>11</sup>, seja no “direito dos homens”<sup>12</sup>, seja no deslocamento humano. A feminização da migração, portanto, não se refere unicamente ao número de mulheres migrando, até porque mulheres sempre migraram, mas nem sempre foram contabilizadas e mensuradas pelos indicadores (OLIVEIRA, 2014). De acordo com Dutra (2017), o termo

---

<sup>10</sup> Convenção de Genebra é o nome que se dá a vários tratados internacionais assinados entre 1864 e 1949 para reduzir os efeitos das guerras sobre a população civil, além de oferecer uma proteção para militares capturados ou feridos.

<sup>11</sup> Na construção escrita, buscando ser coerente com as reflexões que propus sobre as generalizações a partir do masculino, procurei construir uma narrativa textual que considera as construções de gênero.

<sup>12</sup> Em 1945, com a Carta da ONU, deu-se a criação da Organização das Nações Unidas (ONU). Este documento foi um dos primeiros tratados a mencionar a igualdade entre homens e mulheres. Sendo a história algo político, até recentemente considerou-se que os esforços das diplomatas dos países “desenvolvidos” foi o que garantiu essa importante menção. Apenas em 2016, pesquisadoras, ao estudarem o processo de construção da Carta, descobriram que Berta Lutz, diplomata brasileira foi uma das principais responsáveis por diversas menções à igualdade de gênero – sofrendo, inclusive, retaliação por parte das colegas norte-americanas e britânicas. No preâmbulo da Carta da ONU, cita-se a igualdade de direitos entre homens e mulheres, porém alguns participantes pontuaram que “direitos humanos para os homens” já seria suficientemente inclusivo. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/exclusivo-diplomata-brasileira-foi-essencial-para-mencao-a-igualdade-de-genero-na-carta-da-onu/>>.

“feminização da migração” traz consigo três interpretações possíveis e, em minha percepção, complementares: 1. Feminização enquanto o aumento numérico de mulheres migrantes; 2. A perspectiva de gênero enquanto critério analítico no contexto da migração e 3. As mudanças no perfil das mulheres migrantes.

Com frequência incluídas, junto às crianças e adolescentes, na categoria de “populações especiais” (GOODKIND; DEACON, 2004), as mulheres refugiadas são comumente percebidas como mais vulneráveis e dependentes dos cuidados masculinos ou humanitários internacionais (YOUNG; CHAN, 2015).

De fato, pesquisas sinalizam que as mulheres sofrem com questões relacionadas aos papéis sociais atribuídos a seu gênero ao longo de todas as etapas da migração. Para conseguir sair de seu local de origem, a mulher, frequentemente, precisa lidar com a ausência de recursos financeiros (tendo em vista que tradicionalmente o homem é o provedor da casa e detentor do poder econômico no contexto familiar), com seu “dever” diante da responsabilidade pelo cuidado com as crianças e idosos da família e com as restrições sobre as mulheres poderem viajar sozinhas (FREEDMAN, 2008). Por tais motivos, normalmente a mulher migra quando não há nenhuma outra possibilidade (FREEDMAN, 2016).

A viagem para o país de acolhimento também é um processo comumente marcado pela violência, especialmente relacionada a gênero. No contexto de mulheres que se dirigem à Europa em busca de refúgio, Freedman (2016) destaca a violência sexual, principalmente com aquelas que viajam sozinhas ou com crianças. São estupros e abusos praticados pelos atravessadores (*smugglers*)<sup>13</sup>, outros homens migrantes e até mesmo agentes da segurança pública. Sobre as condições das viagens ao Brasil, no caso de mulheres que buscam refúgio neste país, não foram encontrados dados na literatura.

A violência de gênero parece estender-se ao período de estadia nos campos de refugiados. Neste são alvos, tanto as mulheres que não estão acompanhadas por homens, quanto aquelas que estão com seus parceiros. Não são raros os casos de violência pelo parceiro íntimo<sup>14</sup> em campos de refugiados. Khawaja e Barazi (2005), por exemplo, constataram a prevalência de 45% de violência pelo parceiro romântico entre os casais de um campo de refugiados Palestinos na

---

<sup>13</sup> Pessoas que cobram dinheiro em troca de travessias ilegais das fronteiras.

<sup>14</sup> Violência pelo parceiro íntimo (*intimate partner violence*) inclui abuso físico, sexual e emocional cometido pelo par romântico. Assim como outras formas de violência baseada em gênero, tem sua raiz na desigualdade entre os gêneros na sociedade (FESEHA et al., 2012).

Jordânia. Diante deste contexto, Holt (2013) reflete que os homens refugiados frequentemente vivem papéis duplos: por um lado agem como protetores da família, pois buscam salvar seus familiares da violência da guerra (ou até mesmo da violência de dentro do campo de refugiados) enquanto, por outro, são eles mesmos violentos com suas companheiras e/ou filhos.

Durante o período de estabilização no país de acolhida, a mulher refugiada também vivencia vários desafios em diversas esferas. Entre os fatores que aumentam a possibilidade de violência contra a mulher migrante e refugiada, Freedman e Jamal (2008) destacam: (1) o *status* legal, pois quando a mulher não tem seu *status* reconhecido, e depende do parceiro para tanto, tem pouca possibilidade de denunciar casos de violência doméstica; (2) as mudanças nos papéis de gênero e o efeito dessas nos relacionamentos; (3) a dependência financeira, pelos mesmos motivos da primeira questão levantada; (4) a discriminação de raça, origem e gênero no mercado de trabalho; (5) a falta de reconhecimento às perseguições de gênero; (6) a relutância de instituições governamentais em interferir em questões consideradas “privadas”; (7) o aumento no tráfico de pessoas; (8) o racismo e a xenofobia.

Assim como a liberdade, o refúgio constitui um direito humano fundamental (ACNUR, 2018). No caso dos refugiados, tal direito costuma acompanhar diversos desafios que podem vir a afetar a saúde mental. Sobre tal questão, enquanto alguns pesquisadores apontam para dados alarmantes de transtornos psicológicos em refugiados (de acordo com Fazel, Wheeler e Danesh (2005) um em cada dez refugiados apresenta Transtorno do Estresse Pós-Traumático e um em cada vinte apresenta depressão); outros destacam a importância de não se patologizar a experiência do refúgio e de se atentar para as questões das diferenças culturais diante de um diagnóstico psiquiátrico (PUSSETTI, 2010; WEINTRAUB, 2011; KNOBLOCH, 2015).

Pesquisas demonstram interessantes diferenças entre os gêneros no contexto do refúgio e seus efeitos para a saúde mental. Kira et al. (2010) perceberam que mulheres refugiadas tendem a sofrer mais discriminação do que homens refugiados, contudo, elas tendem a lidar melhor com esses ataques, tendo a saúde mental menos afetada por tais episódios. Criar redes sociais e o sentimento de pertencer ao país de refúgio mostram-se mais benéficos para a saúde mental da mulher do que para homem refugiado. A mudança de trabalho, comumente associada a um declínio no *status* social, tende a afetar mais negativamente ao homem e a mudança de uma cultura mais patriarcal para uma mais igualitária tende a trazer benefícios para a mulher refugiada (BEISER; HOU, 2017).

Beiser e Hou (2017) afirmam que oferecer serviços de saúde e apoio social para reparar os danos causados pelas experiências pré-migração é uma das responsabilidades do país de acolhida. Tão importante quanto, é prevenir novos danos causados pela discriminação e exclusão social dos refugiados. O Brasil assumiu a responsabilidade de acolher àqueles que precisam fugir de seus países de origem para garantir alguma qualidade de vida. Assim, cabe à nossa realidade a reflexão de Beiser e Hou (2017, p.17) sobre as responsabilidades da sociedade canadense: “Proteger significa ajudar a curar as feridas do terror, das perdas e da jornada. Adicionar dores à saúde mental através (*sic*) da discriminação viola o imperativo da proteção”.

Motivada pelo imperativo da proteção tornei-me trabalhadora humanitária e foi no contexto da resposta humanitária às pessoas venezuelanas em Roraima que escutei uma frase que me marcou profundamente: “*Na guerra, os heróis são sempre os homens*”. Hajdukowski-Ahmed, Khanlou e Moussa (2008) argumentam que ainda que mulheres corram maior risco de serem vítimas de violência baseada no gênero<sup>15</sup> durante uma guerra, a perspectiva de um ser dependente e vulnerável pode vir a gerar ainda mais opressão e marginalização da refugiada, além de não fazer jus à experiência do refúgio em toda sua complexidade. Afinal, assim como a busca de uma mulher por refúgio pode configurar uma história de vitimização, pode também caracterizar-se como uma história de resistência (SMITH, 2015). As mulheres também são protagonistas dos processos de guerra e paz, de deslocamento forçado, de reconstrução.

Cada vez mais, o lugar da mulher no processo migratório vem se transformando. Se nas últimas décadas as mulheres costumavam ocupar o papel de acompanhantes do homem imigrante, hoje muitas delas são as líderes de suas famílias e tomam por si só a direção de sua vida, incluindo a decisão de buscar refúgio (WEBER; DA COSTA, 2017).

Com as histórias de refúgio de mulheres sendo negligenciadas e sobrepostas por narrativas masculinas (HUNT, 2008; CRAWLEY, 2000), as vidas das refugiadas foram por poucas vezes contadas por elas mesmas (SMITH, 2015). Ao escutá-las diretamente, Andrijasevi (2010) pôde identificar significativas diferenças entre as narrativas dominantes sobre o que vivem essas mulheres refugiadas e a maneira como elas mesmas entendem suas experiências de refúgio.

---

<sup>15</sup> Violência baseada no gênero (*Gender-based violence*) foi compreendida neste estudo como ameaças ou comportamentos violentos direcionados ao indivíduo, baseados em seu sexo (HEISE; ELLSBERG; GOTTEMOELLER, 1999). A violência de gênero contra a mulher ocorre de diferentes formas e é produto de desigualdades estruturais entre os gêneros, que são (re)produzidas socialmente e que mudam ao longo do tempo e do espaço (FREEDMAN; JAMAL, 2008).

A interação com uma mulher refugiada na fronteira ilustrou para mim o protagonismo, as vivências específicas, a resiliência e a força de vida em tantas mulheres migrantes não escutadas. Tal mulher, professora que buscava refúgio no Brasil, contou-me a trajetória que percorreu com três crianças até chegar em solo brasileiro. Na ocasião, a fronteira estava fechada no lado venezuelano e elas tiveram que trilhar a pé difíceis caminhos pelas “*trochas*”, atalhos clandestinos, até chegarem a Pacaraima. Falou-me sobre ameaças, ofertas de ajuda em troca de sexo, fome e extremo cansaço. Perguntei-lhe se agora sentia-se bem e ela logo me respondeu que sim: “*Passou, tudo isso agora está para trás*”. Já estava me levantando quando ela voltou atrás em suas palavras falando algo que me chamou a atenção: “*Não, não está tudo no passado. Tudo o que eu consegui está dentro de mim. “Son mías las fronteras que crucé.”* (São minhas as fronteiras que cruzei). Pensei em todas as fronteiras, físicas e não-físicas, que mulheres cruzam todos os dias e em como cada uma dessas fronteiras cruzadas, ultrapassadas ou transgredidas as (nos) pertencem e as (nos) constituem enquanto sujeitos.

Criando espaço para que as mulheres contem suas próprias histórias, cria-se possibilidade de compreender as diversas formas como resistem, reconstróem e demonstram resiliência ao redor do mundo (SMITH, 2015; KATZ, 2004). Para além disso, por meio das ações de escutar e falar, as narrativas possibilitam a criação de significados, processo esse que, de acordo com Frank (1995), podem auxiliar na elaboração de sentidos à história de vida.

Ainda sobre a importância de ouvir as mulheres refugiadas, Weber e Da Costa (2017) destacam a necessidade da criação de políticas públicas para esse público no Brasil. Essas autoras ressaltam que para que tais políticas públicas sejam assertivas é imprescindível que as vozes dessas mulheres sejam, de fato, escutadas e levadas em consideração durante a formulação dos programas, para garantir que elas sejam “tratadas não como meros objetos, mas como pessoas em busca de uma vida digna”<sup>16</sup> (p. 793).

Assim, procurei sustentar minha ação de investigação em quatro pilares: 1. A articulação indissociável da experiência do deslocamento forçado com as questões de gênero; 2. Entendimento de trauma e saúde mental que parta de uma perspectiva culturalmente sensível e que trilhe o caminho rumo à compreensão da resiliência; 3. Que a história de vida seja tão relevante para esta compreensão quanto a migração em si, posto que a existência e seus

---

<sup>16</sup> Tradução do original: “*so that they are not treated as mere objects, but as people in search for a dignified life*” pela pesquisadora

significados não se limitam aos “dias migrantes”; 4. Que minha ação enquanto pesquisadora priorizasse as vozes das mulheres.

Com tais pilares em mente, a presente Tese teve como objetivo investigar o processo de deslocamento forçado de mulheres venezuelanas ao Brasil, especialmente no que diz respeito aos impactos psicológicos e sociais desta experiência. Considero a história de vida da mulher como algo fundamental para a compreensão de sua vivência de migração e, por isso, a interação com essas mulheres para os fins da pesquisa se deram mediante espaços de fala e construção de sentidos nos quais a própria mulher foi a porta-voz de seu passado, presente e futuro.

As histórias das mulheres precisam ser escutadas, tal como elas próprias escolham contá-las. Por experiências profissionais, acadêmicas e, principalmente, afetivas, o espanhol faz parte de meu cotidiano. Não sendo minha língua materna, é um idioma que tenho fluência e que me sinto confortável para compartilhar mais do que informações, como também sentimentos e ideias. Foi interessante notar que, convidadas a utilizar o idioma que mais se sentissem confortáveis para me contar suas histórias, as participantes revelaram uma interessante mescla de línguas: tendo como bases diferentes “espanhóis” e sotaques – posto que são originárias de diferentes regiões da Venezuela. Assim, as palavras se misturavam com o português roraimense e a linguagem do contexto de resposta humanitária, fazendo desvelar-se uma língua própria que escolhi manter, transcrevendo as falas tais como foram ditas<sup>17</sup> (incluindo em formato de nota de rodapé a tradução em Língua Portuguesa).

Assim como a migração não acontece em um vácuo, e por isso a importância dos contextos tampouco ocorreu no vácuo meus encontros com as participantes da pesquisa que deu origem a esta Tese. Fomos, eu e elas, parte da “arena humanitária” (HILHORST, WEIJERS; VAN WESSEL, 2012), onde se dão as diversas interações e negociações dos apoios oferecidos pelas instituições. Em tal arena, temos papéis distintos: eu, enquanto trabalhadora humanitária e elas enquanto beneficiárias ativas, que não aguardam passivamente a “ajuda”, mas sim desenvolvem estratégias para recebê-la. Consciente da dinâmica do “encontro humanitário” (HILHORST, WEIJERS; VAN WESSEL, 2012), na ocasião do convite para participar da pesquisa conversei com cada uma das mulheres individualmente para lhes explicar que a participação nas entrevistas não lhes traria ganhos materiais ou de influência. Com essa postura,

---

<sup>17</sup> As traduções das falas das participantes, em notas de rodapé, foram realizadas com o suporte de Érika Hurtado González.

tive como objetivo não criar expectativas sobre possíveis retornos que pudessem ser imaginados diante de um cenário de tantas necessidades.

Na próxima seção, procurei me dedicar aos vários contextos que considerei fundamentais: o contexto teórico no qual me baseei para buscar compreender a experiência de deslocamento forçado, o contexto sócio histórico da migração em Roraima e sua situação atual, como local de contato direto com a Venezuela que sangra e, por fim, o contexto de ação da pesquisa, no que diz respeito à forma como foi realizada e analisada. Em seguida, discorri separadamente sobre os casos de três mulheres venezuelanas que migraram para o Brasil pela fronteira, em Roraima. Ao final, teci algumas considerações sobre pontos de divergências e convergências entre os casos, articulando com os vários contextos, assim como refleti sobre as limitações e os possíveis desdobramentos do presente estudo.

## OS CONTEXTOS

“*Pero oye: no me vine del nada. ¡Yo me vine de algún lugar!*”<sup>18</sup>: **OS CONTEXTOS**

Sempre partimos de algum lugar. Da mesma forma como a vida de uma pessoa migrante não se inaugura no Brasil, as discussões teóricas não se inauguram nesta Tese e o fluxo migratório não acontece em um vácuo. Neste segmento não busquei origens, mas contextos. De onde parto e onde estou no fluxo de construção de conhecimento? Em que contexto sócio-histórico se dá a chegada das pessoas venezuelanas na terra de Makunaima?<sup>19</sup> e qual método utilizei para realizar este estudo.

Nesta Tese parto de um tripé teórico: a Teoria da Conservação de Recursos (*Conservation of Resources – COR*), espiral de perdas e Caravanas de recursos (*Resource Caravans*) (HOBFOLL, 1989; HOBFOLL et al., 2002), a Teoria/perspectiva de gênero e o Aparato poético-teórico de Anzaldúa (1987) sobre os espaços de fronteira (*borderland*). Diferentemente de muitas fronteiras físicas (e similarmente a muitas fronteiras não físicas), os limites entre cada parte desse tripé são, por vezes, pouco definidos e quando existem, de fato, se mostram porosos. Por questões didáticas, contudo, procurei discorrer sobre cada um deles separadamente. Em seguida, relatei e refleti sobre o contexto sócio-histórico e atual da migração em Roraima e, por fim, debrucei-me sobre o método utilizado na pesquisa que deu origem a esta Tese.

## CONTEXTUALIZANDO O TRIPÉ TEÓRICO

### **Uma nova proposta de compreensão do trauma: Conservação de Recursos, Espiral de Perdas e Caravanas de Recursos**

Em 1984, Dohrenwend e colaboradores argumentaram que se a Psicologia não passasse a considerar uma visão de estressores que partisse do ambiente (*environment*), a divisão entre a resposta ao estresse e um sintoma neurótico não existiria (DOHRENWEND et al., 1984). Hobfoll

---

<sup>18</sup> “Mas veja: eu não vim do nada. Eu vim de algum lugar!”

<sup>19</sup> O Estado de Roraima, situado na Amazônia brasileira é denominado pelos tradicionais habitantes do lugar, como Terra de Macunaíma, que para os Macuxi significa “o criador de todas as coisas”. Essa mesma denominação foi adotada por Mário de Andrade para o seu romance: “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”.

(1989) complementa essa ideia, pontuando que se o que é considerado estresse partisse apenas dos olhos de quem vê (e teorizasse sobre), retornaríamos para uma Psicologia unicamente baseada em processos internos.

Buscando diminuir a distância entre a teoria de estresse com foco na perspectiva ambiental e a teoria com foco na perspectiva cognitiva, Hobfoll (1989) propõe o Modelo de Conservação dos Recursos (*Model of Conservation of Resources*). Tal modelo baseia-se na perspectiva de Wicklund e Gollwitzer (1982), de que as pessoas buscam manter características pessoais e circunstâncias sociais que aumentem a possibilidade de atrair reforços e evitar as perdas de tais características e circunstâncias.

Hobfoll (1989) parte do conceito de estresse psicológico como uma reação ao ambiente na qual há: a) uma ameaça a uma rede de perdas de recursos, b) uma perda de rede de recursos ou c) falta de ganho de recursos após o investimento de recursos. Nessa perspectiva, tanto uma perda concreta, como uma perda percebida e uma ausência de ganho são compreendidas como suficientes para causarem estresse.

Os recursos, única unidade necessária para se compreender o estresse, originam de diferentes pontos. Podem ser: objetos, características pessoais, condições ou energias que são valorizadas ou servem como um meio para obter os próprios recursos (HOBFOLL, 1989).

O ambiente possui um papel importante, posto que frequentemente é a partir de circunstâncias ambientais que há a perda de recursos. Tais perdas ocorrem tanto em nível instrumental, quando simbólico, especialmente quando agem como suporte para que a pessoa se perceba e defina a si mesma (HOBFOLL, 1989).

Os recursos-objetos são valorizados por sua natureza física e pelo *status* que é capaz de oferecer ao sujeito que o possui. Hobfoll (1989) utiliza uma casa como exemplo: sua estrutura física oferece abrigo, sendo uma mansão, oferece também *status*.

As condições são recursos à medida que são valorizadas. A importância de uma condição, enquanto recurso, para um indivíduo, depende do valor dado pela própria pessoa e pelos grupos sociais aos quais pertence. Hobfoll (1989) exemplifica com o casamento: ser casada (condição) pode aumentar a capacidade da pessoa de lidar com o estresse – pesquisas inclusive relacionam viver com alguém e menor taxa de mortalidade de morte por câncer em mulheres (VACHON, 1986) – mas um casamento insatisfatório dificilmente cumpriria essa função.

A energia enquanto recurso é, de acordo com Hobfoll (1989), não tipificada por seu valor intrínseco, mas sim por suportar a aquisição de outros tipos de recursos. São exemplos disso o conhecimento, o dinheiro e o tempo.

Características pessoais são recursos quando fortalecem a resistência ao estresse. Nutrir uma perspectiva positiva de si mesmo e dos acontecimentos são apontados como relevantes características pessoais em contextos de estresse. Hobfoll (1989) sinaliza o suporte social como um importante fator para o favorecimento de uma visão positiva de si e das circunstâncias.

O suporte social não é colocado por Hobfoll como uma das categorias de recurso, mas o autor explica que o percebe como um recurso à medida que oferece e facilita a preservação dos demais. Por outro lado, o suporte social também pode prejudicar os recursos individuais em situações em que se mostra falho.

Hobfoll (1989) parte de uma compreensão de estresse baseada em perdas ou perdas em potencial. Ele aponta evidências que sugerem que mudanças, transições e desafios não são, em si, estressantes, a não ser que exista perda (real ou percebida). A substituição direta ou simbólica de recursos perdidos é a maneira mais comum de lidar com a perda, mas tal processo de substituição como estratégia de *coping* é, também, uma situação estressante.

A Teoria da Conservação de Recursos baseia-se em três princípios. O primeiro princípio é a primazia da perda de recursos, ou seja, que a perda de recursos é desproporcionalmente mais impactante para o indivíduo do que o ganho de recursos. O segundo princípio do *COR* diz respeito ao investimento de recursos. Tal princípio preconiza que o indivíduo precisa investir recursos para se proteger das perdas de recursos, recuperar-se de perdas de recursos e ganhar novos recursos. O terceiro princípio afirma que, ainda que as perdas de recursos sejam mais potentes do que os ganhos, a saliência dos ganhos aumenta em circunstâncias de perdas. Em outras palavras, em situações de grandes perdas, investimentos que resultam em pequenos ganhos são capazes de provocar esperança e expectativas positivas (HOBFOLL, 2010).

Os recursos não são distribuídos igualmente e os indivíduos com menos recursos estão mais suscetíveis às perdas adicionais. Nessa situação é mais provável que *espirais de perdas* aconteçam. Se os recursos são utilizados para prevenir a perda de outros recursos, tal perda possivelmente acarretará outras subsequentes, já que há menor chance do indivíduo possuir reservas de recursos. Hobfoll (1989) exemplifica essa situação com uma experiência comum

entre mulheres viúvas: após a morte do esposo, a mulher fica mais economicamente vulnerável, ou seja, mais vulnerável a estressores de fundo econômico.

Indivíduos com menos recursos tendem a utilizar mais estratégias de controle de perdas mais arriscadas, ou seja, com alto custo e pouca possibilidade de retorno. Quando mais vulneráveis, é mais frequente que pessoas utilizem estratégias de retorno imediato, mesmo que com mais chances de falha (HOBFOLL, 1989).

O papel ou a importância de um recurso precisa ser compreendido por uma análise que parta tanto da cultura/comunidade, quanto das próprias compreensões do indivíduo. Uma estratégia para a conservação dos recursos é a reinterpretação/ressignificação: considerar algo que poderia ser visto como uma ameaça, como um desafio, por exemplo, ou focando nos ganhos mais do que nas perdas. Hobfoll (1989), contudo, aponta para a necessidade de não romantizar essa estratégia, afinal, não são todos os estressores que são suscetíveis a essa alternativa: na perda de um trabalho, por exemplo, poderá ser viável, na morte de um filho, mais provavelmente, não será.

Outra estratégia é a reavaliação dos recursos, ao invés de focar em quais recursos serão perdidos, o indivíduo investe em reavaliar o valor do recurso ameaçado. Um exemplo é um estudante que podendo reprovar a série por causa do baixo rendimento, passa a desvalorizar a escola/a educação formal. Hobfoll (1989) argumenta que se o recurso que precisa ser desvalorizado é muito fortemente valorizado pela comunidade/cultura e/ou vai de encontro com os valores básicos do indivíduo, a tentativa de reavaliar tal recurso poderá ser ainda mais estressante e prejudicial, possibilitando sentimentos de insegurança e grande angústia.

De acordo com Hobfoll (1989), as pessoas são motivadas a ganhar e fortalecer recursos, inclusive utilizar estratégias de investir seus recursos para alcançar maior variedade. O não retorno desse investimento é, em geral, interpretado como uma perda.

O estresse traumático (*traumatic stress*) é o termo utilizado por Hobfoll (1991) para situações em que há perda rápida dos recursos mais valiosos para o indivíduo. Um exemplo disso seria o senso pessoal de bem-estar, o bem-estar de uma pessoa querida e o senso de controle. Os sentimentos subsequentes são de falta de confiança, de previsibilidade e de esperança em bons resultados/desdobramentos. De acordo com o autor, o estresse traumático: a) ataca os valores básicos do indivíduo; b) frequentemente ocorre inesperadamente; c) exige demandas excessivas; d) está fora da esfera da estratégia de utilização dos recursos desenvolvidos; e) deixa uma forte imagem mental, que é facilmente evocada por situações/coisas que fazem recordar o evento.

O que caracteriza a perda de recursos no contexto de trauma é a ruptura do conjunto dos cinco principais grupos de recursos: segurança, calma, apego (*attachment*), esperança e eficácia, segundo Hobfoll e colaboradores (2007)

Em um estudo publicado em 2013, Hobfoll e de Jong apontam para a necessidade de uma mudança paradigmática na maneira de conceber o trauma. Os autores argumentam que as pesquisas sobre o assunto, em geral, são baseadas no período em que “sujeitos” estão sendo tratados, ou buscando tratamento para situações de estresse pós-traumático. Tais “sujeitos” também tendem a seguir um padrão: classe média branca europeia e norte-americana.

Ausência de pesquisas de larga escala, incluindo populações mais diversas e não-pacientes são outros argumentos apontados como limitantes dos estudos sobre transtornos relacionados ao trauma. Por fim, a não incorporação da extensão da resiliência mostra-se como uma grande preocupação para os autores supracitados. Como exemplo, há o fato de que para o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), questões de honra e desonra não são considerados. Contudo, para muitas culturas, o conceito de honra é central para a experiência do trauma (HOBFOLL, 2014).

A exposição a algo que ameaça a integridade do indivíduo produz reações cognitivas, emocionais e fisiológicas (FOA; KOZAK, 1986). Estruturas de medo (*fear structures*) são criadas e, para algumas pessoas, tais estruturas são excessivas e resistentes à mudança (McLEAN; FOA, 2011). Segundo Brewin e colaboradores (2010) existem ramificações neurológicas do trauma que são ligadas às perturbações biológicas, podendo assumir um caráter crônico. Considerando esses aspectos do trauma, Hobfoll (2014) argumenta que as pesquisas neurológicas focam nas memórias e imagens relacionadas ao momento traumático e aponta a comum percepção de que pessoas com TEPT experienciam repetidas intrusões visuais do evento traumático, o que não é devidamente comprovada e não procede em diversos casos.<sup>20</sup> Na perspectiva desse autor, o diagnóstico tradicional de TEPT oferece uma visão limitante de respostas ao trauma.

A resposta ao trauma não é um simples produto do evento traumático, é algo complexo e fortemente afetado pela cascata de perdas sociais, pessoais e materiais que podem ter ocorrido muito antes ou muito depois do evento em si (HOBFOLL, 2014). É ilustrativo desse argumento o

---

<sup>20</sup> Essa perspectiva também é defendida por Van der Kolk (2005) na sua pesquisa sobre *Complex PTSD* (TEPT Complexo).

estudo de Lowe e colaboradores (2014), que aponta uma consistente relação entre trauma na infância e recursos limitados com transtornos pós-traumáticos na vida adulta.

Hobfoll (2014) aponta para a necessidade de desenvolver uma perspectiva de respostas ao trauma que considere a multiplicidade de culturas e vivências. Ele exemplifica, afirmando que respostas somáticas ao estresse variam a depender do contexto sociocultural: pesquisas realizadas por Hinton e Otto (2006) com refugiados cambojanos, apontam que 67% da população com TEPT relatavam paralisia do sono, sintoma considerado raro no diagnóstico tradicional de TEPT.

Seguindo a mesma lógica com outro diagnóstico, sabe-se que a ocorrência de um ataque de pânico tende a provocar novos ataques de pânico. Já os “*ataques de nervios*”, experimentados por porto-riquenhos, que se assemelham aos ataques de pânico, são comumente seguidos por um sentimento de alívio, segundo Lewis-Fernandez e colaboradores (2002). Nessa perspectiva, Hobfoll (2014) argumenta que há uma super generalização de diagnósticos e aponta para outros exemplos, como a possessão por espíritos entre pessoas que vivenciaram traumas em Uganda (VAN DUIJL et al. 2010) e a alta incidência de soldados-crianças que afirmam ser perseguidas por um espírito maligno (AKELLO et al. 2009).

Pessoas iraquianas que ficavam períodos mais prolongados esperando resposta a seu pedido de asilo apresentavam mais TEPT do que iraquianas que, tendo vivido a mesma exposição à guerra, passaram menos tempo para receber o asilo (LABAN et al., 2008). Ou seja, condições para além do trauma de guerra são preditores de complicações na resposta ao trauma. Assim, Hobfoll (2014) aponta que se os contextos social e cultural fossem excluídos da análise da resposta ao trauma, a compreensão do TEPT se tornaria incompleta e as intervenções limitadas.

De acordo com Hobfoll (2014), a Teoria de Caravanas de Recursos respeita imperativos culturais. As respostas ao trauma seguem padrões que possuem bases comuns, mas as condições ambientais que criam, sustentam ou impedem a aquisição e manutenção de recursos são fortemente penetradas pela cultura.

Na perspectiva da importância do ambiente para as Caravanas de Recursos, Hobfoll (2010) tece algumas reflexões sobre o conceito de rotas de caravanas (*caravan passageways*). Tais rotas de caravanas são condições ambientais que suportam, enriquecem e protegem os recursos individuais, de famílias e organizações ou, ao contrário, empobrecem e bloqueiam as reservas de recursos. Seu principal mecanismo de criação e preservação é o herdado/a herança. Em primeiro lugar o herdado por intermédio do capital cultural (estilo linguístico, preferências

estéticas, noções de *status*). A segunda forma é entre pessoas vivas da família, que o autor chama de *inter vivos*. Tais rotas de caravanas possuem grande impacto sobre a saúde mental e física.

Hobfoll (2014) critica a não incorporação da resiliência nos modelos de resposta ao trauma. Esse autor argumenta que os modelos aceitos de resposta ao trauma são baseados na patologia e focam no momento do evento traumático, falhando na incorporação da resiliência como fator relevante. Até mesmo pessoas com TEPT mais severo, em geral, são capazes de seguir com atividades do dia a dia, sinalizando a resiliência em momentos de grande angústia pós-traumática.

A teoria do COR busca construir relações entre os níveis de estresse psicológico e de resiliência. Quanto mais intacta está a caravana de recursos, maior a probabilidade de resiliência e mais rápida recuperação terá o indivíduo. Nesta perspectiva, a história/trajetória e a reserva de recursos serão mais centrais para a resposta ao acontecimento traumático do que a extensão da exposição ao trauma em si (HOBFOLL, 2014).

Resiliência, na perspectiva do COR, parte de duas questões centrais. Primeiro, refere-se à habilidade de suportar as mais negativas consequências de desafios estressantes ou traumáticos. Segundo, diz respeito à capacidade do indivíduo em permanecer engajado em suas tarefas da vida (*life tasks*) apesar de significativos desafios (HOBFOLL, 2010)

Hobfoll (2014) entende o engajamento em tarefas da vida (*life tasks*) como o oposto do TEPT: engajamento se refere à dedicação, absorção e vigor (SCHAUFELI et al. 2002) enquanto o TEPT está relacionado a se evitar, dificuldade em se concentrar e pensar positivamente e efeitos depressivos. A extensão do trauma tem pouca relação com o engajamento, por outro lado, aspectos positivos de suporte social estão relacionados com maior engajamento.

É interessante pontuar, contudo, que em situações de exposição contínua às situações traumáticas, ameaças diárias e pouca perspectiva de mudança futura é comum que a resiliência esteja enfraquecida e a reação a esse contexto sejam sintomas crônicos (HOBFOLL, 2014).

Hobfoll nos oferece uma gama de conceitos para compreender a resposta ao trauma de maneira culturalmente sensível, que considere o contexto social e o papel da comunidade, cientificamente embasada e focada no papel da resiliência.

Os conceitos de Caravanas de Recursos e Rotas de Caravanas de recursos mostram-se como preditores de desdobramentos patológicos ou resilientes, em especial em populações com poucas oportunidades de recursos em situação de traumas contínuos, com fortes espirais de

perdas. O desenho da intervenção, nesse contexto, deve considerar o fortalecimento dos recursos financeiros, a diminuição da injustiça social e a garantia aos serviços necessários para uma vida com qualidade. O objetivo deve ser o desenvolvimento de sistemas de resiliência e redes sociais mais fortalecidas, que possam resistir ao impacto do trauma.

Essa perspectiva atenta-se ao fato de que o trauma não só acontece em um determinado contexto, como está embutido nele. Assim, o trauma está relacionado à (in) justiça social e a distribuição desigual de recursos, que em alguns contextos se dão por classe, raça/cor, etnia, orientação sexual ou gênero (HOBFOLL, 2014). Dada sua relevância para este estudo, um aprofundamento entre a perspectiva de gênero e estresse psicológico se fez necessária na segunda base deste tripé teórico.

### **Gênero enquanto perspectiva (ou a perspectiva do gênero)**

Em 1935, a antropóloga americana Margaret Mead publicou o livro “Sexo e Temperamento em Três Sociedades”. Nele, a autora discorre sobre a sua pesquisa de campo realizada na região do rio Sepik, em Papua - Nova Guiné. Lá ela observou as características atribuídas ao feminino e ao masculino em três povos: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli. O povo Arapesh tinha sua cultura fortemente baseada no coletivo, pouco ligada à agressividade, na qual homens e mulheres compartilhavam os cuidados pelas crianças. Mead, proveniente de uma cultura em que a responsabilidade pelos dependentes recaía (recai) sobre as mulheres, dá especial atenção a essa característica. O povo Mundugumor mostrou-se mais violento, com pouca variação do comportamento agressivo entre a população masculina e a feminina. No povo Tchambuli, a divisão de papéis foi evidente para Mead: às mulheres cabia o poder de decisão, elas eram as principais responsáveis pelo alimento, pelas articulações políticas e pela movimentação econômica. Os homens eram compreendidos como emocionalmente sensíveis e seus interesses estariam mais relacionados à arte e à estética. Mead recebeu diversas críticas a seu estudo (FELIPPE; OLIVEIRA-MACEDO, 2018), o que não diminui<sup>21</sup> a

---

<sup>21</sup> Além de não diminuir, considerei que tais críticas contribuíram para a discussão sobre as relações/dinâmicas de poder e os papéis/normas de gênero: uma mulher, antropóloga, pesquisadora de campo, trazendo evidências para uma discussão, que poderia abalar estruturas patriarcais de gênero no início do século XX certamente não vivenciaria tais circunstâncias sem ferozes críticas. Não quero, contudo, diminuir o valor da crítica ao processo da construção do conhecimento, mas sim apontar que se não levarmos em consideração as dinâmicas do contexto, tampouco poderemos ter uma visão realista dos acontecimentos. É interessante sinalizar a interação de Gewertz e Errington

importância de algo que se inaugurou com suas reflexões: o descolamento entre o sexo biológico e o comportamento masculino e feminino, tendo como pano de fundo as relações de poder<sup>22</sup>.

Quatorze anos após a publicação de Mead, o livro “O Segundo Sexo” é publicado por Simone de Beauvoir. Ao falar sobre tornar-se mulher (“*On ne naît pas femme, on le devient*” - “*Não se nasce mulher, torna-se uma*”), Beauvoir evidencia o que muito claramente argumenta: a desigualdade de poder entre homens e mulheres não pode ser justificada com a Biologia, posto que essa não é determinante. A limitação da mulher dava-se pela construção social pautada ao redor do sexo biológico, que a fez inferior e secundária. O que as mulheres precisavam, para Beauvoir, era a libertação: a Biologia não seria suficiente para determinar o destino delas.

Em meio ao debate feminista da década de 1970, o gênero surgiu, pela primeira vez, como um conceito, pelo livro *Sex, Gender and Society*, de Ann Oakley (1972). A autora explica que enquanto o termo: “sexo” está na esfera da Biologia, “gênero” está na esfera da Psicologia, relacionando-se aos processos culturais. Oakley afirma que ser homem ou mulher está ligado aos órgãos genitais, mas também à forma de se vestir, se relacionar, à personalidade, aos gestos e às atividades. O termo “gênero”, explica a autora, foi originado tanto da gramática, quanto do termo técnico utilizado pelos psiquiatras americanos no final da década de 1960 para os casos em que “o sexo biológico” e “o sexo social” divergiam.

Joan Scott, em 1986, publicou *Gender: a useful category of historical analysis*, a partir do qual buscou apresentar uma proposta de compreensão do gênero para além do descritivo: como uma categoria de análise. Nesse estudo Scott apresentou interessante investigação e críticas sobre três posições teóricas, nas quais, segundo a autora, estava baseada a compreensão sobre as relações de gênero: o patriarcado, o materialismo-histórico e a Psicanálise. Scott propõe uma definição de gênero com duas partes (e diversos subconjuntos) relacionadas, mas analiticamente distintas. Tal definição, a autora explica, baseia-se na integração entre duas proposições: “*gender*

---

(1991) com a obra de Mead, quando apontaram que no povo Tchambuli os homens tinham uma relação de dominância sob as mulheres. Após anos, assumiram um novo posicionamento, afirmando que os gêneros estavam em esferas distintas de atuação, sem hierarquia de poder.

<sup>22</sup> É interessante considerar que Lipset (2003), ao se debruçar sobre a obra de Mead e nas principais críticas feitas a ela, especialmente no âmbito do povo Tchambuli, conclui que não seria possível encaixar os papéis atribuídos aos homens e às mulheres em uma escala de poder. Refliti, assim, se essa necessidade parte de uma cultura que necessita hierarquizar as relações e sente dificuldade de ver o mundo sem a lente da hierarquia de papéis.

*is a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes, and gender is a primary way of signifying relationships of power”*<sup>23</sup> (p. 1067).

Se os seres humanos só se constroem pelas relações, a constituição dos gêneros também se dá pelas dinâmicas dessas relações. Essas, por sua vez, são perpassadas (se não, baseadas) pelo poder e, a partir delas, o poder é distribuído. Novos conceitos emergiram a partir da necessidade de compreender como a relação de poder se dá e como impacta a vida das mulheres e dos homens. Abordei alguns desses conceitos a seguir, por considerar que seriam úteis para compreender a experiência de ser uma mulher em movimento.

As sociedades são estruturadas em padrões relativamente estáveis que estabelecem como será a interação social. Uma das estruturas sociais mais relevantes é o *status* – a posição que uma pessoa ocupa, e que é significativamente determinante de como ela será tratada ou definida. Cada pessoa ocupa, simultaneamente, diversos *status*, formando um conjunto de *status* (*status set*). O *status* é adquirido pelas conquistas (*achievements*) e pelas atribuições (*ascriptions*). Em grande parte do globo, inclusive no Brasil, o *status* por atribuições mais relevantes diz respeito ao gênero, à raça/cor e à classe social. O *status* é aqui compreendido, tal como pontuado por Lindsey (2016), não como prestígio ou ranque. Existem *status* de alto prestígio e *status* de baixo prestígio. Cada sociedade categoriza seus membros por *status* e, a partir disso, oferece um ranque deles, criando um sistema de estratificação social (LINDSEY, 2016).

Papéis (*roles*) dizem respeito ao comportamento esperado relacionado ao *status*. Tais papéis são performados a partir de normas (*norms*) sociais, regras compartilhadas que guiam os comportamentos. As normas sociais determinam os privilégios e as responsabilidades do *status*.

A estrutura social, o *status*, os papéis e as normas têm como objetivo trazer previsibilidade, mas o excesso de comportamentos baseados em normas e papéis trazem consigo o desenvolvimento de estereótipos – concepções simplistas de que pessoas em um mesmo grupo de *status* terão as mesmas características. Assim, papéis de gênero são atitudes e comportamentos esperados pela sociedade para cada sexo e estereótipos de gênero são as concepções simplistas e uniformes sobre pessoas tomando como base o sexo (LINDSEY, 2016).

De acordo com Lindsey (2016), a atribuição de estereótipos negativos ao gênero feminino pode resultar em sexismo (*sexism*)<sup>24</sup>, a ideia que o *status* de ser mulher é inferior ao *status* de ser

---

<sup>23</sup> Tradução do original pela pesquisadora “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais com base nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo que é a principal maneira de significar as relações de poder”.

homem. As mulheres tendem a ocupar espaços de poder mais limitado, com menos prestígio e menos retorno financeiro. O sexismo é perpetuado pelo sistema patriarcal, estrutura social androcêntrica, o que facilita a dominação dos homens e leva à opressão das mulheres.

Foi a concepção do conceito de gênero que permitiu que “O problema sem nome”<sup>25</sup> de Betty Friedan (1963) pudesse não apenas ser dito como ser discutido, analisado, contestado e, enfim, possibilitado um campo frutífero para tantos outros conceitos relevantes, como os citados acima. Entretanto, em dado momento do processo de construção do conhecimento, “gênero” passou a ser erroneamente utilizado como o sinônimo de “mulher” (OAKLEY, 1998). Assim, homens continuaram a ser o sexo (tal como é o gênero neutro) enquanto as mulheres passaram a ser o gênero (KESSLER-HARRIS, 1997). A violência contra a mulher passou a ser confundida com violência de gênero, enquanto a disciplina “*Womens’ Studies*” (Estudo das Mulheres), comum na América do Norte, passou a ser chamado *Gender Studies*, mesmo com o foco nas mulheres e não na construção social de gênero.

Partir de uma perspectiva de gênero não significa ter um olhar mais atento às mulheres, mas sim, considerar como os papéis, os estereótipos, as expectativas e as relações se dão a partir da construção social de ser mulher e a construção social de ser homem.

A lente de gênero é fundamental para compreender como uma mulher e um homem vivenciam algo, tendo como pano de fundo as relações de poder e a sua construção social, mas não é suficiente para conceber a experiência de um ser humano em toda sua complexidade.

---

<sup>24</sup> Tendo a discordar com a autora nesse ponto específico. Acredito que a diferenciação entre estereótipos “positivos” e “negativos” é arriscada e se basearia em uma moral também socialmente construída em uma sociedade patriarcal. O “estereótipo positivo” é igualmente limitante e potencialmente sexista. Por exemplo, a concepção de que por ser mulher, a mãe é mais capaz de cuidar de seu filho, poderia ser considerado um “estereótipo bom”, mas essa ideia é limitante para a mulher e justifica o menor envolvimento dos homens no cuidado com as crianças.

<sup>25</sup> *The problem lay buried. For over fifteen years there was no word of this yearning in the millions of words written about women, for women, in all the columns, books and articles by experts telling women their role was to seek fulfillment as wives and mothers. Over and over women heard in voices of tradition and of Freudian sophistication that they could desire no greater destiny than to glory in their own femininity. What was the cause of the unhappiness that many middle-class women felt in their "role" as feminine wife/mother/homemaker? This unhappiness was widespread—a pervasive problem that had no name. (FRIEDMAN, 1963, p.15).* Tradução da pesquisadora: O problema estava enterrado. Por mais de quinze anos, não houve nenhuma palavra desse anseio nos milhões de palavras escritas sobre mulheres, para mulheres, em todas as colunas, livros e artigos de especialistas dizendo às mulheres que seu papel era buscar satisfação como esposas e mães. Sempre e sempre, as mulheres ouviam em nome da tradição e da sofisticação freudiana que não podiam desejar um destino maior do que se enaltecer com sua própria feminilidade. Qual foi a causa da infelicidade que muitas mulheres da classe média sentiram em seu "papel" como esposa / mãe / dona de casa? Essa infelicidade era difundida - um problema penetrante que não tinha nome.

Tomei como exemplo desse ponto o que chamo de *Efeito Seneca Fall*, baseando-me no texto de Angela Davis (2016) sobre o processo de construção da Conferência e Declaração de Seneca Falls, de 1848. De inestimável importância para a história de luta e conquistas das mulheres, essa ocasião e o documento que surgiu a partir dela expressavam a construção da consciência sobre os direitos das mulheres: o sufrágio, os efeitos prejudiciais da instituição do casamento para as mulheres e a desigualdade no âmbito profissional. Pela primeira vez elaborava-se um documento que apontava a injusta e opressiva condição política, social, religiosa e doméstica das mulheres burguesas e de classes emergentes. Sobre isso, Davis argumenta que o documento refletia o dilema das mulheres brancas de classe média e ignorava a situação das mulheres brancas da classe trabalhadora e das mulheres negras escravizadas nos Estados Unidos. A autora afirma que “[...] a Declaração de Seneca Falls propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento” (p.64). Se simplesmente se parte, parte-se apenas de si mesmo. Ainda que se parta de si mesmo, considera-se a experiência de alguém que não seja si mesmo. Nesse sentido é fundamental utilizar-se de diferentes lentes.

A vida acontece num estado de interseccionalidade infinita. Se o que se busca é debruçar-se sobre uma experiência humana, lentes diversas precisam ser consideradas para além do gênero: raça/cor, classe, orientação sexual, religião e origem geográfica são apenas alguns exemplos. Sobre essa última, é preciso ainda compreender o contexto geo-sócio-político, que não virá a definir de onde uma pessoa vem, mas pode vir a definir que vida viverá ou para onde irá.

### **Em e entre fronteiras: o aparato poético-político-teórico de Gloria Anzaldúa**

A Teoria de Anzaldúa é a sua própria vida. Em seu livro “*Borderland/La Frontera: The new mestiza*” (1987/2012), a autora discorre sobre sua construção enquanto *chicana* na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Numa linguagem que mescla o poético e o acadêmico, o inglês, o espanhol e o chicano, a auto-história e a história de um povo, Anzaldúa propõe novos conceitos que apoiam a compreensão das fronteiras (em diversas dimensões) e em sua relação com o gênero.

*As a mestiza I have no country, my homeland cast me out; yet all countries are mine because I am every woman's sister or potential lover. (As a lesbian I have no race, my own people disclaim me; but I am all races because there is the queer of me in all races). I am cultureless because, as a feminist, I challenge the collective cultural/religious male-driven beliefs of Indo-Hispanics and Anglos; yet I am cultured because I am participating in the creation of yet another culture, a new value system with images and symbols that connect us to each other and to the plant. Soy um amasamiento. (ANZALDÚA, 1987, p.102)<sup>26</sup>*

“*The U.S-Mexican border es una herida abierta*” (“A fronteira dos Estados Unidos com o México é uma ferida aberta”), diz Anzaldúa (1987/2012. p. 25), em que o terceiro mundo e o primeiro mundo, em plena hemorragia, misturam-se para criar um terceiro país – *a border culture* (a cultura de fronteira). Para a autora, as fronteiras foram feitas para dividir: nós e eles, seguro e inseguro. O *borderland* (espaço de fronteira) não pode respeitar as limitações físicas, pois não é baseado em muros, arames e documentos, mas sim nas emoções. Está em constante estado de transição.

Em espaços de fronteiras, vive-se em várias culturas simultaneamente, criando-se, assim, uma cultura própria, repleta de mensagens múltiplas e, frequentemente, contraditórias. Nessa incompatibilidade de referências, não raramente as mulheres habitantes desses locais vivem colisões culturais: *un choque*. Para viver nesse ambiente, uma alternativa comum é não manter ideias e conceitos entre limites rígidos: desenvolve-se a tolerância para a ambiguidade e a flexibilidade<sup>27</sup>. “*Rigidity means death*”<sup>28</sup>, afirma Anzaldúa (p.101).

Esses espaços são próprios: cultura própria, costumes próprios e uma língua própria. Anzaldúa (1987) aponta para uma língua da fronteira (*border tongue*), uma língua viva, que se desenvolveu naturalmente: *Chicano Spanish*. De acordo com a autora, essa língua surgiu da não-identificação dos habitantes da *borderland* às línguas possíveis: inglês e espanhol. Tornou-se uma

---

<sup>26</sup> Como mestiça, não tenho país, minha terra natal me expulsou; no entanto, todos os países são meus porque sou irmã de todas as mulheres ou amante em potencial. (Como lesbica, eu não tenho raça, meu próprio povo me renega; mas eu sou todas as raças porque existe uma pessoa estranha em todas as raças). Não tenho cultura, porque, como feminista, desafio as crenças coletivas culturais / religiosas dos homens indo-hispânicos e anglos; no entanto, sou culta porque participei da criação de mais uma cultura, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam entre si e com o todo. Sou uma amálgama (ANZALDÚA, 1987, p.102, tradução do original pela pesquisadora)

<sup>27</sup> Sobre a necessidade da flexibilidade, Anzaldúa reflete especificamente sobre as *mestizas*, mulheres que, no contexto da autora, vivem entre a cultura mexicana, anglo e indígena. Considero essa característica como fundamental para além do gênero: todas as pessoas precisam, em algum grau, desenvolver flexibilidade para viver com alguma qualidade numa área de fronteira.

<sup>28</sup> “Rigidez significa morte” (Tradução da pesquisadora)

mistura própria<sup>29</sup> das duas e tem a função de tornar as pessoas capazes de comunicar suas realidades, sendo fiéis a si mesmas.

Sendo algo vivo, a língua é também algo político. Anzaldúa (1987) relata que, quando criança, era proibida de falar em espanhol na escola. “*If you want to be American, speak ‘American’. If you don’t like it, go back to Mexico, where you belong*” (p. 75) (“Se você quer ser americano, fale ‘inglês’. Se você não gosta, volte para o México, onde você pertence), dizia a professora. Em casa, sua mãe dizia: “*I want you to speak english. Pa’hallar buen trabajo tienes que saber hablar el inglés bien. Qué vale toda tu educación todavía hablas inglés con un ‘accent’*” (p. 76). (“Eu quero que você fale inglês. Para conseguir um bom trabalho, você tem que falar bem o inglês. Que vale toda sua educação, se pronuncia o inglês com sotaque”

É interessante notar que Gloria Anzaldúa é a sétima geração de sua família a nascer nos Estados Unidos, mas seus antepassados nasceram naquela terra (que tão depois se tornou a *borderland* que ela conceituou), muito antes de se tornar Estados Unidos. Sua língua ou seu sotaque não se davam por ela ter migrado, mas justamente por ter crescido ali. O espanhol falado é o “deficiente”: “*deslenguadas*”. Chicanas que cresceram falando o *espanhol chicano* internalizaram que falavam errado. Anzaldúa, por exemplo, compartilha sobre a vergonha que sentia em falar espanhol com latinas. Ora, não falava espanhol errado! Falava outra língua: a língua da *borderland* de onde veio.

Sendo viva e política, a língua está diretamente relacionada às questões de gênero. Anzaldúa reflete que, no contexto onde cresceu, esperava-se da mulher o silêncio. Ser *habladora* era falar demais, ser fofoqueira ou mentirosa. *Hocicono, repelona, chismosa* são palavras relacionadas a falar (ou a calar-se), que são pejorativas para *las muchachas*, segundo Anzaldúa, e nunca eram aplicadas aos homens.

Além dos termos usados para “controlar” e silenciar as mulheres, há também (e possivelmente para os mesmos fins) a ausência de palavras. A autora conta que ficou impressionada a primeira vez que escutou duas mulheres porto-riquenhas falando “*nosotras*”. Ela não sabia que essa palavra existia, pois pessoas chicanas usam “*nosotros*” sendo homens ou

---

<sup>29</sup> Não é a simples junção dos dois idiomas. Anzaldúa relata, por exemplo, que quando falava espanhol chicano com colegas chicanas do Novo México ou do Arizona, era comum que elas não conseguissem entender muitas partes da conversa.

mulheres. “*We are robbed of our female being by the masculine plural. Language is a male discourse*” (ANZALDÚA, 1987, p.76).<sup>30</sup>

As limitações às mulheres não se dão apenas pelas questões léxicas. Anzaldúa reconhece várias outras questões sexistas da sua cultura e afirma que, ainda que valorize “sua casa”, não glorificará seus aspectos machistas para protegê-la. Nega-se, assim, a fazer o mesmo que tal cultura fez com ela: machucar em nome de proteger.

*Not me sold out my people but they me. So yes, though “home” perpetrates every  
<sup>31</sup>sinew and cartilage in my body, I too am afraid of going home. Though I’ll defend my  
 race and culture when they are attacked by non-mexicanos, conozco el malestar de mi  
 cultura. I abhor some of my culture’s ways, how it cripples its women, como burras, our  
 strengths used against us, lowly burras bearing humility with dignity. The ability to  
 serve, claim de males, is our highest virtue. I abhor how my culture makes machos  
 caricatures of its men. [...] But I will not glorify those aspects of my culture which have  
 injures me and which have injured me in the name of protecting me. (ANZALDÚA,  
 1987, p. 43 - 44)<sup>32</sup>*

Para Anzaldúa, portanto, “*the struggle of the mestiza is above all a feminist one*”. (“A luta das mestiças é acima de tudo feminista”. A autora aponta para a necessidade de um movimento de homens para o desenvolvimento de novas formas de expressar a masculinidade.

Escrever, para Anzaldúa, era uma necessidade, uma obsessão. Por vezes, escrever não era apenas o ato de expressar um pensamento com palavras, mas sim um processo que ela chamou de auto história. A auto história é uma estratégia de autorreflexão, autoconhecimento e uma possibilidade de expressar sua história em (indissociável) interlocução com as histórias coletivas de lutas e opressões - no caso da autora em questão a partir das suas vivências enquanto mulher, chicana e *patlache* (lésbica). Serve como um facilitador do processo de conscientização, de construção de identidade e de (autorreflexão tanto para quem escreve quanto para quem lê. A auto história é, assim, ao mesmo tempo uma ferramenta de transformação e de resistência, social e interpessoal.

---

<sup>30</sup> “Somos roubadas/os de nosso ser feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino” (Tradução da Pesquisadora)

<sup>32</sup> Não eu reneguei meu povo, mas eles a mim. Então, sim, embora “minha terra natal” perpassasse todos os tendões e cartilagens de meu corpo, eu também tenho medo de voltar para casa. Embora eu defenda minha raça e cultura quando forem atacados por não-mexicanos, conheço o mal-estar de minha cultura. Eu abomino algumas das formas da minha cultura, como ela paralisa suas mulheres, como burras, nossas forças são usadas contra nós, burras humildes que carregam humildade com dignidade. A capacidade de servir, fortalecida pelos homens, é a nossa maior virtude. Abomino como minha cultura faz caricaturas masculinas de seus homens. [...]. Mas não exaltarei aqueles aspectos da minha cultura que me machucaram, e me machucaram em nome de me proteger. (ANZALDÚA, 1987, p. 43 - 44) (tradução do original pela pesquisadora)

*The purpose of dealing with our autohistorias (auto means about the self and historia means both history and story) and artistic processes may be to heighten our perception of the world and strengthen of our memory. This results in a rearrangement and reevaluation of things that have happened to us (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University At Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)<sup>3334</sup>*

A auto história de Anzaldúa tem como principal cenário a fronteira sul dos Estados Unidos com o México, que contém em si uma longa história de diferentes configurações políticas em uma mesma área geográfica. Como poeticamente sintetiza a autora:

This land was Mexican once  
was Indian always  
and is.  
And will be again.  
(ANZALDÚA, 1987 p. 113)<sup>35</sup>

Seus valiosos conceitos e contribuições, contudo, não se limitam à essa configuração político-geográfica. A própria Anzaldúa, em entrevista à Karin Ikas, afirma que percebe seu pensamento cada vez mais servindo como meio de compreensão sobre as experiências de “*border people*” (povo/pessoas da fronteira) ao redor do globo, assim como de pessoas que vão “de um mundo para outro”.

A fronteira do Brasil com a Venezuela possui sua própria história e, atualmente, é o cenário de centenas de milhares de histórias de pessoas que se propuseram a atravessá-la. Construir uma concepção sócio histórica dessa fronteira é fundamental para compreender o contexto da migração venezuelana em Roraima.

---

<sup>33</sup> Arquivos catalogados: Box 55, Folder 18, p.4 Writting Guide: Autohistorias as Process Writing. 29 de janeiro de 1997. Recuperado por Figueiredo (2017).

<sup>34</sup> O propósito de lidar com nossas auto histórias (auto significa sobre si mesmo e história significa história e história) e processos artísticos pode ser aumentar nossa percepção do mundo e fortalecer nossa memória. Isso resulta em um rearranjo e reavaliação das coisas que aconteceram conosco.

<sup>35</sup> Essa terra foi mexicana uma vez.  
Sempre foi dos nativos  
e é.  
E voltará a ser novamente. (Tradução da Pesquisadora)

## O OURO, A MANDIOCA E A MOCHILA: CONTEXTUALIZANDO A MIGRAÇÃO NO EXTREMO NORTE DO BRASIL

Procurei seguir a proposta de Bonvicini (2019) e me utilizei da literatura para compreender a construção de Roraima enquanto terra de imigrantes. Nenê Macaggi, “roraimada”<sup>36</sup> desde a década de 1940, marcou o início do surgimento da literatura roraimense com o seu livro “A Mulher do Garimpo”. Nele, conta a história da migração de José Otávio do Rio de Janeiro para o extremo norte do Brasil, enquanto conta também um pouco a história de Roraima. José Otávio nasceu Ádria, menina fruto de um abandono paterno e de um aborto malsucedido, que no próprio parto perdeu a mãe e aos dois anos perdeu a avó, sua cuidadora. Passou a ser cuidada por João-Bico-de-Lacre, um amigo da família que, conhecendo os riscos que corriam as mulheres e querendo protegê-la, passou a fazê-la passar por garoto. “Depressa ela se acostumou com os trajes e aos poucos foi adquirindo hábitos do sexo oposto” (MACAGGI, 2012, p. 34). Depois de muito lutar “por desejar ser honesto” (p. 45), José Otávio resolve migrar para o norte do país, “terra atrasada” de “vida parasitária” (p. 52). Esse personagem traz consigo interessantes reflexões: o passar-se por homem como uma estratégia de proteção, evidenciando as violências sofridas pelo gênero feminino, a transição entre gêneros, marcando um deslocamento entre o biológico e o performado e o imaginário amazônico de uma terra menos “evoluída”.

Nessa ficção, a autora relata dados reais sobre a história de Roraima, que nos ajudam a montar o quebra-cabeça complexo e específico da migração. Os colonos portugueses só vieram a chegar no vale do Rio Branco mais de duzentos anos depois da chegada ao Brasil. Sobre isso, Freitas (1996) alerta:

A **História do Brasil** nem sempre é a **História do Brasil** como um todo. [...] Quando se estuda na história do Brasil fatos como a fundação de São Vicente, primeira cidade brasileira (1532); fundação de São Paulo (1554) [...] ou até mesmo a chegada da Família Real ao Brasil, quando o país deixou de ser colônia de Portugal (1808) tem que se colocar, estes fatos, no tempo e no espaço para se entender que Roraima, nessa época, estava à margem de toda essa história (FREITAS, 1996, p. 92).

De acordo com Santos (2010), a região que hoje leva o nome de Roraima era, no século XVI, denominada Guyana Portuguesa. O Maciço Guiano, muito cobiçado pelos europeus, depois de diversos confrontos, foi separado em quatro sub-regiões: a Espanha ficou com a Guyana

---

<sup>36</sup> Chama-se com frequência “roiramada” a pessoa que não nasceu em Roraima, mas após viver nesse Estado por algum tempo, sente-se pertencente.

Espanhola, hoje Venezuela; a Holanda com a “Guyana Holandesa”, que depois do domínio da Grã-Bretanha passou a ser chamada de Guiana Inglesa e hoje é a República Cooperativa da Guiana; a França com a “Guyana Francesa” e Portugal com a “Guyana Portuguesa”, atualmente o Estado de Roraima. Com espanhóis na região da Venezuela e holandeses na região da Guiana, as lutas para garantir que o território permanecesse como parte do Brasil foram constantes.

Além dos oponentes europeus, os portugueses precisaram lidar com uma forte resistência interna: os indígenas resistiram à escravização e tornaram as tentativas de colonização portuguesa desastrosas. Com indígenas de diversas etnias, a origem da multiculturalidade de Roraima data de antes da chegada dos europeus. São indígenas de diversos troncos linguísticos, “como macuxi, taurepang, ingarikó, waimiri/atroari, waiwai, patamona, ye’kuna, Wapixana” (OLIVEIRA, 2014, p. 175) que enriquecem a variedade e complexidade da cultura (se é que pode ser colocada no singular) do extremo norte.

Para garantir a ocupação da terra, uma estratégia, de fato, frutífera foi a de trazer gado, o que no começo de 1800 atraiu, principalmente, os nordestinos, que ficaram conhecidos como os pioneiros e, quando de origens mais abastardas, reconhecidos como as famílias tradicionais (BONVICINI, 2019).

Até 1943, o local que hoje chamamos de Roraima fazia parte do Amazonas. Em setembro desse ano tornou-se, por Decreto-lei, o Território Federal do Rio Branco. Passou a chamar-se de Território Federal de Roraima em 1962 (MAGALHÃES, 2008). Os objetivos eram o plano de “desenvolvimento” da Amazônia, a defesa da terra em regiões de fronteiras (NOGUEIRA et al., 2013) e a busca por “civilizar” os indígenas (OLIVEIRA, 2003).

O aparente deslocamento da região de Roraima em relação ao restante do Brasil tem sua raiz, também, em questões geográficas e de infraestrutura. Até 1977, a única ligação entre Boa Vista e Manaus era pelo Rio Branco, navegável apenas três a quatro meses no ano, já que com a seca nos demais meses não havia profundidade suficiente para as embarcações transitarem. Com os barcos a remo, vela ou gancho, esse trajeto demorava cerca de três meses. A partir do advento da motorização dos barcos essa rota passou a levar entre cinco e seis dias. A pavimentação da rodovia entre Boa Vista e Manaus (BR174) teve seu início em 1970, tendo sido finalizada apenas em 1997 (FREITAS, 1996).

Num contexto de “colonização tardia” (BARBOSA, 1993), constante relação com países vizinhos e isolamento geográfico, aos poucos, migrantes foram chegando e com o tempo,

deixaram de ser “os imigrantes” para ser “os tradicionais”. Os movimentos migratórios para o extremo norte nunca deixaram de acontecer, pelos diferentes fluxos. O ouro, a mandioca e a mochila são símbolos de três grandes fluxos migratórios.

### **O ouro: o garimpo na terra de Makunaima**

O garimpo, de acordo com Rodrigues (1996), diz respeito ao local onde é executado todo o processo da atividade de mineração. Não se limita ao local exato onde se extrai o ouro (baixões), inclui também a pista de pouso, a cantina e o dormitório, por exemplo.

Rodrigues (1996) identifica três períodos da história da mineração na região de Roraima. O primeiro período inicia-se em 1912, com a descoberta de pequenos garimpos e vai até 1965. Na década de 1940, a mineração chegou a ser a principal atividade econômica do Estado, superando a pecuária. Dessa época, Barros (1995) aponta que a maioria dos garimpeiros era de migrantes originários de outros estados brasileiros, que montavam povoados temporários, com longas permanências em áreas remotas e utilizando Boa Vista, a capital, como base.

O segundo período deu-se a partir do aprimoramento técnico da atividade da garimpagem, entre 1966 e 1979.

Em meados dos anos de 1980, detectou-se a presença de ouro e diamantes na porção setentrional de Roraima, dando origem ao terceiro período. Tal notícia atraiu milhares de garimpeiros ao Estado, caracterizando a “corrida do ouro”. Estima-se que mais de 40.000 pessoas que trabalhavam diretamente com o garimpo tenham se instalado em terras roraimenses entre 1987 e 1991. A esse número somam-se, ainda, as pessoas que foram por atividades indiretamente relacionadas ao garimpo. Na década de 1980, Roraima teve um crescimento populacional médio de 10,64% ao ano, com principal característica os fluxos aos ambientes rurais (DINIZ; SANTOS, 2006).

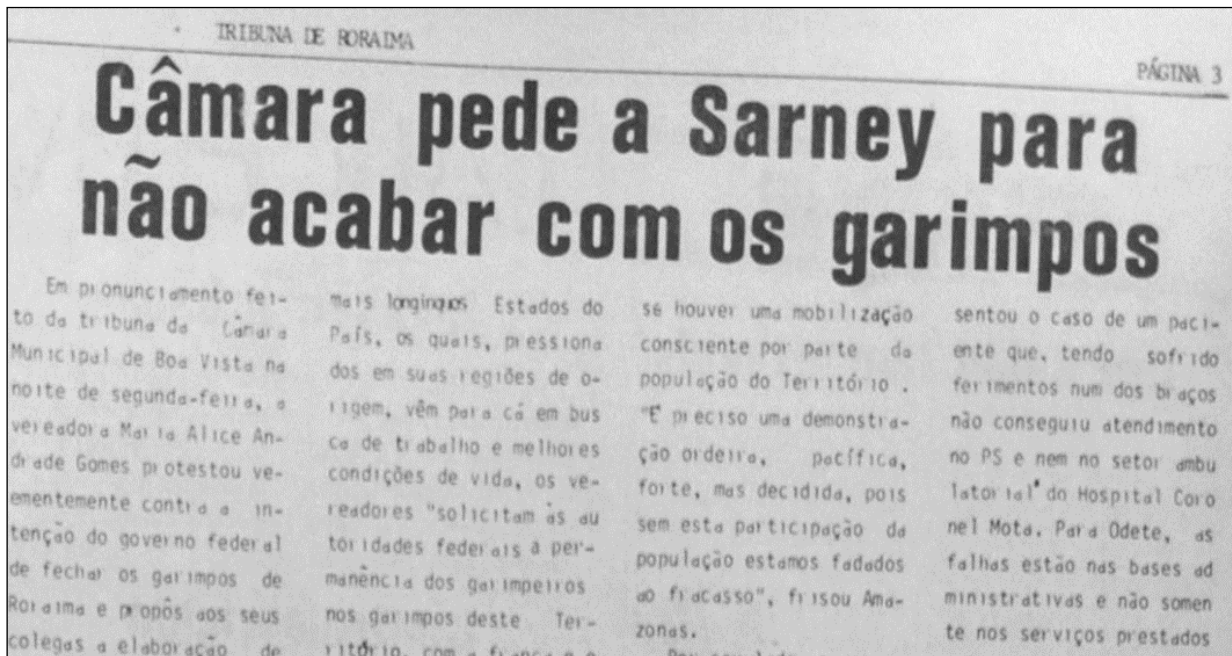
O fluxo do garimpo tem suas próprias características e uma das mais evidentes é a questão de gênero. No censo de 1991, por exemplo, Roraima era a única unidade da Federação com mais homens do que mulheres em sua população: 120.197 homens e 97.386 mulheres (FREITAS, 1996).

Em 1983 houve a promulgação de um decreto presidencial, que abriu as terras indígenas à mineração. Nessa época, os garimpeiros financiados por empresários do ouro, passaram a

explorar muito a área da terra indígena Yanomami, construindo nela diversas pistas de pouso. Em 1989, chegou a se constatar em Boa Vista a média de 400 decolagens e pousos diários (BARROS, 1995). A questão da sobreposição entre as terras indígenas e as terras de interesse para mineração foi fundamental para a proibição da atividade de garimpo.

A oficialização do fechamento dos garimpos pelo governo federal trouxe grande preocupação para parte da população que compunha o Estado de Roraima. Uma dessas preocupações dizia respeito à população migrante, como pode ser observado em uma reportagem de 1988 do Jornal Tribuna de Roraima:

**Figura 1: Reportagem de jornal veiculado em Roraima em 1988**



**Fonte: Jornal Tribuna de Roraima. Acervo do Palácio da Cultura Nenê Macaggi (1988)**

Em outro trecho do jornal, nesse mesmo dia, pode-se ler a seguinte notícia:

Otoniel Ferreira de Souza também manifestou solidariedade aos garimpeiros, defendendo a permanência deles nas áreas de exploração. Otoniel ressaltou que já enviou um *telex* ao Presidente da República, José Sarney [...] e outras autoridades federais, solicitando a revogação de qualquer medida que venha a ser adotada para o fechamento, visto que Boa Vista não têm condições de absorver toda a população garimpeira vinda de outras partes do país. (JORNAL TRIBUNA DE RORAIMA. 1988 p. 3).

Diniz e Santos (2006) apontam que a maior parte dos garimpeiros, na época do esvaziamento dos garimpos, tinha entre 25 e 35 anos e se deslocaram para as áreas urbanas do Estado, onde construíram novas vidas.

### **A mandioca: a migração maranhense**

O crescimento populacional exponencial na época do garimpo não se deu apenas por pessoas em busca da mineração. A migração nordestina para Roraima começou a acontecer em 1877 e nunca deixou de existir. Inclusive, grande parte dos garimpeiros eram nordestinos. Fugindo da vida severina<sup>37</sup>, causada um pouco pela seca e muito pela invisibilidade na região nordeste por parte dos governantes, nordestinos buscavam a sobrevivência atraídos também pelo ciclo da borracha no Amazonas e pela criação de gado em Roraima. Pelas palavras de Macaggi, nota-se que nada se fez fácil no movimento por dias melhores:

Na geração atual o homem branco descende das levas de torturados nordestinos que, fugindo das secas, vieram, nas gaiolas, aboletando-se como animais, mas fortes e resignados pela hereditariedade do sofrimento e da emigração forçada, desdobrar, com a oferta de seu sangue e de sua vida, a Planície que lhes acenava com os tentáculos do ouro negro. A Planície que os chamava para a riqueza e para a fartura! E num exaustivo processo de adaptação ao clima, esses abnegados desbravadores, em pequenos agrupamentos perdidos na distância, cuja unidade, por terra, era o quilômetro e por água, o dia, foram-se radicando parcialmente à gleba. Porém, jamais conseguiram conquistá-la inteiramente! (MACAGGI, 2012, p. 53)

É interessante notar que a autora utiliza a expressão “emigração forçada” para se referir ao movimento migratório dos nordestinos. Tendo em mente que o livro foi escrito na década de 1970, quando as discussões terminológicas sobre migrações eram embrionárias, a utilização dessa expressão fica ainda mais significativa. Ainda que seja possível argumentar que a migração nordestina foi econômica, considero que a ausência de estrutura e suporte nos períodos de grande seca nos sertões, se ocorressem nos dias de hoje seriam considerados de maneira diferente, ou seja, como uma grave violação aos direitos humanos. Numa lógica de deslocamento interno, é

---

<sup>37</sup> “Vida severina” faz alusão a um modo de vida severo, enfatizado pelo escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto, que escreveu “Morte e Vida Severina” um livro de poema regionalista e modernista, escrito entre 1954 e 1955 e publicado em 1955. A obra narra o sofrimento enfrentado por Severino apresentando um poema dramático que relata a dura trajetória de um migrante sertanejo (retirante) em busca de uma vida mais fácil e favorável na capital pernambucana.

importante pontuar que nos vários casos de sertanejos que migravam por necessidade extrema, não o fizeram primariamente para prosperar economicamente, mas sim para sobreviver.

Em 1943, com a criação do Território Federal do Rio Branco, iniciou-se um plano para a ocupação da região. Em 1951 e 1952 um programa para incentivar a migração de maranhenses para Roraima foi executado. Além de passagem do Maranhão para Boa Vista, as pessoas migrantes recebiam 30 mil cruzeiros mensais nos seis primeiros meses no novo Estado, 25 hectares de terra, ferramentas agrícolas, utensílios domésticos, doação de mudas e um conjunto mecanizado para o beneficiamento da mandioca (FREITAS, 1996).

Certamente esses incentivos foram atrativos para muitos maranhenses, mas o fluxo migratório desde o Maranhão não se limitou aos anos dos incentivos diretos. Eram muitos os nordestinos que migravam para Roraima e, de acordo com Freitas (1996), na década de 1980, cerca de 65% deles eram oriundos do Maranhão.

De acordo com Oliveira (2012), a partir dessa mesma época, frases como “Só pode ser Maranhense!” e “Tu é do Maranhão?” passaram a fazer parte das expressões locais. A conotação era sempre negativa: ridicularizar ou criticar alguém. Piadas, chacotas e ofensas contra os maranhenses, tendo como centro seu local de origem, eram comuns e, por vezes, terminavam em brigas (e até mortes) anunciadas pelos jornais.

Dizer que alguém só pode ser maranhense, em Boa Vista, é uma clara insinuação de que ela “contrariou” alguma norma esperada para compreender algo, ou que já é previsível não entender, porque a linguagem a ser empregada comumente deve ser outra. Parecem tais características marcantes a ponto de se sobrepor a outros aspectos. Na capital de Roraima, é muito frequente observar, em diversos contextos, posturas e situações que justificam tal afirmação. (OLIVEIRA, 2012, p. 177)

No primeiro Censo realizado na região hoje chamada Roraima, em 1940, a população era de 10.541 pessoas. Ao analisar os dados do IBGE (1991) vê-se que em 1970 a população de Roraima era de 40.885 habitantes. Em 1980 esse número quase duplica: 79.159 residentes. Já em 1991, o Censo contabiliza 217.583 pessoas morando no Estado. O grande crescimento migratório fica evidente nesses números e no dia a dia das pessoas. Freitas, na orelha do seu livro, publicado em 1993, afirma:

Boa Vista, bem como as sedes municipais do interior, perdeu qualidade de vida com enorme crescimento populacional em curto espaço de tempo. O poder público se sente impotente para atender, satisfatoriamente, às questões de educação, saúde e segurança. (FREITAS, 1996, p. 49).

Mais de 25 anos se passaram desde que Freitas expressou suas preocupações frente ao grande crescimento populacional ocasionado pelos movimentos migratórios ao Estado de Roraima. Atualmente, diante do fluxo migratório venezuelano, as palavras-chave são as mesmas:

**Figura 2: Consequências do fluxo migratório em Roraima na atualidade**

**EM RORAIMA**

## Fluxo imigratório causa impactos na saúde, educação e segurança pública

Esse foi o diagnóstico apresentado durante a audiência pública realizada nesta sexta-feira, 18

CIDADES

Por **Folha Web**

Em 18/05/2018 às 14:00



Abalo na saúde, na educação e na segurança pública, com impactos negativos para a população do Estado de Roraima, são os principais efeitos causados pelo grande fluxo imigratório que chega à região, principalmente vindo da Venezuela, país que faz fronteira com Brasil pelo município de Pacaraima, a 215 km de Boa Vista.



**Fonte: Folha de Boa Vista (2018)**

### **A mochila: a migração venezuelana**

A cena é comum para quem mora no extremo norte do Brasil: pessoas caminhando, embaixo do sol escaldante, com uma mochila tricolor nas costas. Em mais alguns metros, outras pessoas, mesmo sol e mesma mochila. São milhares de dezenas de mochilas iguais: azul, vermelho e amarelo - cores da bandeira da República Bolivariana da Venezuela. A curiosidade não permite que isso seja um mistério por muito tempo: essas mochilas, já emblemáticas da migração venezuelana ao Brasil, são entregues aos alunos das escolas públicas, pelo governo venezuelano, anualmente. Chamadas por Ramos (2019) de “a diáspora tricolor”, com essas

mochilas as pessoas migrantes atravessam a fronteira entre Pacaraima e Santa Elena de Uairén (ou entre a Venezuela e o Brasil), com o básico para sobreviver (ou menos do que isso).

O que faz com que as pessoas deixem seu país de origem com tão pouco é um emaranhado de questões políticas, econômicas e sociais, dentro de um complexo contexto interno com profundas raízes históricas e relações internacionais igualmente complexas. Essas são palavras que remontam ao abstrato, mas que evocam situações muito concretas.

De acordo com o relatório da Cáritas Venezuelana (2019)<sup>38</sup>, em junho de 2019, o poder aquisitivo de um salário mínimo era de 33% - ou seja, com um salário mínimo é possível pagar 3.3% do custo de uma cesta básica. Tal porcentagem é variante, mas durante todo o ano de 2018, até o presente momento (2020), não ultrapassou os 5%. Uma família de cinco pessoas precisa hoje de 30 salários mínimos para suprir as necessidades mais básicas de alimentação na Venezuela. Uma pesquisa divulgada pela organização internacional *Human Rights Watch* (2018) concluiu que a insegurança alimentar era uma realidade em 80% dos lares venezuelanos e que os entrevistados haviam perdido, em média, 11 quilos no ano anterior.

Dados oficiais emitidos pelo governo são de difícil acesso. De acordo com o *Human Rights Watch* (2018), quando o Ministério da Saúde da Venezuela divulgou os dados de 2016, os números eram alarmantes: aumento de 65% na mortalidade materna, de 30% na mortalidade infantil e de 76% nos casos de malária. Pouco tempo depois de divulgados, os dados foram apagados e a ministra demitida. Foi o último boletim epidemiológico oficialmente publicado até então.

Tanto a Anistia Internacional (2017/2018), quanto a *Human Rights Watch* sinalizam a existência de perseguição política por parte do governo venezuelano: detenções politicamente motivadas, tortura e tratamento desumano, uso de tribunais militares para julgar civis e supostas execuções extrajudiciais.

A Suprema Corte venezuelana determinou que organizações ou indivíduos que recebem financiamento estrangeiro podem ser processados por traição à pátria. A Assembleia Nacional, nesse mesmo ano (2019), aprovou uma lei que impede organizações que defendem os direitos políticos ou monitorem o desempenho de órgãos públicos de receberem qualquer tipo de assistência internacional (*HUMAN RIGHTS WATCH*, 2019).

---

<sup>38</sup> A Cáritas Venezuela, uma organização humanitária católica que monitora a situação nutricional e fornece assistência nutricional a crianças de comunidades de baixa renda em Caracas e em vários estados.

Em junho de 2019, o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – ACNUDH (United Nations High Commissioner for Human Rights – UNHCHR, sua sigla em inglês) afirmou que a impunidade por violações de direitos humanos na Venezuela era generalizada. Após uma visita ao país e pesquisa com pessoas refugiadas e migrantes, o relatório trouxe à luz cifras impressionantes: 15.045 pessoas detidas por motivações políticas entre 2014 e 2019 e 7.523 mortes resultantes de “resistência à autoridade” em 2018<sup>39</sup>.

Esse relatório evidencia que as mulheres são afetadas de maneira específica na crise venezuelana. Os programas sociais do governo passaram a ser utilizados de maneira discriminatória, com motivações políticas, como um instrumento de controle social. Tal estratégia afetou as mulheres de maneira desproporcional. As mulheres são 72% das pessoas beneficiárias dos programas sociais e estão abrindo mão de posições de liderança comunitária, ou de expressar opiniões contrárias ao governo, com medo de exclusão de tais programas.

O relatório do ACNUDH aponta que as mulheres que são as principais cuidadoras dedicam dez horas por semana em filas para conseguir comida. Trocar favores sexuais por alimentação é uma prática recorrente. No que diz respeito à saúde, a ausência de contraceptivos e de materiais hospitalares e estrutura médica faz com que muitas mulheres saiam da Venezuela para parir em maior segurança.

Nas ações de perseguição de pessoas que são críticas ao Governo, observou-se que as mulheres estão mais propícias a ataques sexistas, violência baseada em gênero e humilhação pública. Nos casos em que as mulheres são encarceradas por motivações políticas, há relatos de violência sexual, troca de favores sexuais por “privilégios” e negação constante de recebimento de visitas. Quando as mulheres são visitantes de homens encarcerados por motivações políticas, há também denúncias de violência sexual (UNHCHR, 2019).

Diante desse contexto, a plataforma *Response for Venezuelans* (R4V) reporta que 4.486.860<sup>40</sup> pessoas venezuelanas saíram o país de origem em busca de qualidade de vida (ou de sobrevivência). Tendo em vista que esse dado é a soma do reportado pelo país receptor, é importante ressaltar que venezuelanas e venezuelanos sem *status* migratório regular não estão contabilizados nessa cifra, o que implica que o número total é provavelmente mais alto.

---

<sup>39</sup> O relatório pontua que, de acordo com o Governo venezuelano, esse número é de 5.287 pessoas mortas.

<sup>40</sup> Dado atualizado no dia 05 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://r4v.info/es/situations/platform>>.

Até outubro de 2019, o Brasil recebeu 115.242 solicitações de refúgio e 97.199 solicitações de residência temporária.

Guardia (2008) afirma que depois da vitória eleitoral de Hugo Chávez, em 1999, venezuelanos e venezuelanas das classes sociais mais altas e com maior nível de educação formal, migraram, em especial, para a América do Norte. De acordo com a autora, parte da elite temia a implementação de um regime totalitário, o que era somado ao desejo de maior bem-estar econômico e questões pessoais. Em 1990 havia 42 mil pessoas venezuelanas nos Estados Unidos. Esse número aumentou para 107 mil em 2000 e 130 mil em 2005.

Em 2013, com a morte de Hugo Chávez, a posse de Nicolás Maduro, a hiperinflação e a piora nas condições de vida, muitas pessoas da elite já haviam se retirado do país. Considero que houve, tal como é comum em situações de conflitos, uma “migração de cérebros” que antecedeu a migração em massa. Em outras palavras, antes que grande parte da população venezuelana considerasse emigrar uma opção, a mão de obra mais qualificada do país já estava organizando a viagem. Em correspondência à revista científica *Nature*, em 2016, o cientista venezuelano Jaime Requena aponta que 15% das(os) cientistas da Venezuela, responsáveis por 33% das publicações no país, já haviam deixado a nação.

No contexto da imigração ao Brasil, essa situação se faz visível ao se comparar os dados de algumas pesquisas. No relatório do Conselho Nacional de Imigração sobre o perfil dos imigrantes em Boa Vista em 2017, 32% deles possuíam nível superior completo (SIMÕES et al. 2017). No primeiro *Displacement Tracking Matrix* - Matriz de Monitoramento de Deslocamento (DTM), realizado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) entre janeiro e março de 2018, contabilizou-se que 23% dos migrantes em Boa Vista possuíam nível superior, já no último DTM, realizado em abril de 2019, esse número é de 10%. Torna-se evidente que, com o passar do tempo, a decisão de emigrar cada vez mais deixa de ser uma estratégia para prosperar economicamente, e passa a ser uma necessidade. Outra perspectiva possível é a de que pessoas com maior nível socioeconômico têm maior facilidade em planejar a viagem e a adaptação no país de acolhida, e pessoas com menor tendem a migrar apenas quando não encontram outra alternativa.

Com variadas demandas, as pessoas venezuelanas que migram para o Brasil compõem um fluxo migratório misto. Os fluxos mistos são “movimentos de população complexos, que incluem refugiados, solicitantes de asilo, migrantes econômicos e outros migrantes” (OIM, 2009, p. 1).

Assim, quando chegam ao Brasil, pela fronteira localizada na cidade de Pacaraima, as pessoas venezuelanas recebem, por parte das agências da ONU, ACNUR e OIM, informações sobre a solicitação de refúgio e o pedido de residência temporária. Assim, podem tomar uma decisão informada sobre qual das duas opções melhor retrata sua situação e sua necessidade de proteção.

Diante da grande quantidade de pessoas entrando pela fronteira, não era possível fazer todo o processo de solicitação de refúgio ou residência no momento da chegada. Portanto, por falta de capacidade para lidar com tamanho fluxo, migrantes ficariam ilegalmente no Brasil, correndo, assim, o risco de deportação. Nesse contexto foi criado o “*permiso*”, palavra em espanhol que significa permissão. Esse documento funciona como “o protocolo do protocolo”. Seu objetivo é garantir que o indivíduo possa comprovar que se apresentou às autoridades brasileiras. É interessante que, precisando de um nome para um documento que nunca existiu, uma palavra em espanhol é escolhida e passa a fazer parte de rotina de milhares de pessoas, venezuelanas e brasileiras.

O fluxo migratório muda ao longo do tempo e ao comparar os DTMs pode-se notar claramente algumas dessas mudanças. No primeiro DTM, referente aos primeiros meses de 2018, o Brasil era percebido por mais de metade das pessoas migrantes como um país de trânsito: 52% afirmavam que tinham como destino outro país. Nos DTMs seguintes esse número baixou consideravelmente, a ponto que, no último, referente a abril de 2019, para 96% da população migrante, o Brasil era o próprio destino.

Algumas das pessoas que entram diariamente no Brasil pela fronteira localizada em Roraima não possuem condições de pagar uma estadia, alimentação e itens básicos de higiene e saúde. Portanto, no âmbito da Operação Acolhida, atualmente, onze abrigos foram criados em Boa Vista e dois em Pacaraima. Dois desses abrigos, um em cada cidade, é destinado à população indígena proveniente da Venezuela. Em outubro de 2019, o total da população abrigada era de aproximadamente 7.500 pessoas. De acordo com a OIM, também em outubro, a população não-abrigada (vivendo em ocupações ou na rua) era de 4.325<sup>41</sup> – em janeiro do mesmo ano esse número era 1.076.

No início da Operação Acolhida nos abrigos havia “*carpas*” (mais uma palavra do espanhol que foi incorporada ao vocabulário local. Em português seria “tenda” ou “barraca”),

---

<sup>41</sup> Documento disponível em: <<https://r4v.info/es/documents/download/72089>>. Acesso em: 24 out. 2019.

estruturas de lona do ACNUR. Posteriormente, as *carpas* foram substituídas por Refugee Housing Units (RHU), estruturas mais firmes e em formato externo de uma casa tradicional, que cabem até cinco pessoas. Não possui divisórias internas e, como é comum que famílias compartilhem uma mesma RHU, coloca-se cortinas para dividir a estrutura em dois ambientes. As pessoas abrigadas recebem três refeições diárias. Cada abrigo tem uma equipe de gestão, Organizações Não Governamentais (ONG) que são parceiros implementadores do ACNUR.

Para pessoas que estão nas ruas, foi criada na Rodoviária Internacional de Boa Vista uma estrutura de apoio emergencial, organizada e gerida pelas Forças Armadas, que conta com um local para guardar os pertences e, no final da tarde, há distribuição de pequenas barracas para dormir. A alimentação oferecida para pessoas que pernoitam na rodoviária está a cargo de doações da sociedade civil. Em torno de 23% da população desabrigada na cidade de Boa Vista dorme na rodoviária. Ao longo do dia, é solicitado que as pessoas não fiquem na área, a não ser que tenham alguma atividade nos pontos de apoio (há um espaço perto que foi estruturado e é utilizado para lavagem e secagem de roupa, banho e atividades coletivas com beneficiárias e beneficiários).

Sobre a situação laboral das pessoas migrantes e refugiadas em Roraima, 60% se descrevem como desempregadas e 33% como autônomas. Apenas 6% se dizem empregadas e, dessas, 28% não possuem contrato laboral. Nessas circunstâncias, para algumas mulheres migrantes e refugiadas, o trabalho com o sexo é a alternativa mais possível para conseguir alguma renda em Boa Vista. Com a língua, sempre viva, dando contornos, sentido e, por vezes, ferindo e estereotipando, as trabalhadoras do sexo venezuelanas passaram a ter um único nome: *las ochentas / las oichentas*<sup>42</sup> – fazendo referência ao valor cobrado, oitenta reais.

Diversos fatores facilitam para que o Estado de Roraima tenha dificuldade em absolver tamanha quantidade de pessoas migrantes e refugiadas. Uma alternativa desenhada pelo governo brasileiro foi a “interiorização”, gerenciada pelo Subcomitê Federal para Interiorização dos Imigrantes, que se encontra no Estado de Roraima<sup>43</sup>. Trata-se de um programa de realocação voluntária, que tem como objetivo possibilitar que pessoas migrantes e refugiadas da Venezuela se dirijam para outras cidades brasileiras. Até outubro de 2019, 16.611 venezuelanas e

---

<sup>42</sup> “*Las oichentas*”, neologismo que surge na interação entre as línguas.

<sup>43</sup> Publicada no Diário Oficial da União de 27 de março de 2018, Seção 1.

venezuelanos “foram interiorizadas” – flexão comum do verbo *interiorizar* no extremo norte brasileiro.

Para além do verbo conjugado inúmeras vezes ao dia no contexto das tantas pessoas que aguardam viagens para outros Estados do Brasil, a interiorização foi de fato interiorizada (internalizada) pelas pessoas envolvidas na resposta humanitária (atores humanitários e beneficiários). Para mim, um momento comum tornou-se emblemático desta “interiorização”: enquanto alguns trabalhadores humanitários estavam informando a cidade de destino de pessoas beneficiárias e colocando *braceletes* (pulseiras) de cores diferentes a depender do destino de cada uma, ao lado, crianças brincavam. Foi depois de algum tempo que se deram conta que uma das crianças dizia para as outras aonde cada uma iria, colando pequenos pedaços de papéis como *braceletes* e checavam papéis de vacina, antes de entrarem em um ônibus imaginário rumo ao aeroporto. As crianças estavam brincando de interiorização.

Em uma realidade mais concreta (e muito parecida) existem quatro modalidades de interiorização: Abrigo-Abrigo, quando a pessoa é transferida para um abrigo em outro Estado; Reunião familiar, quando alguém com vínculo familiar se responsabiliza em receber a pessoa em outro Estado; Reunião social, quando alguém com quem a pessoa não possui vínculo familiar a recebe em outro Estado brasileiro; e por Vaga de trabalho, quando a pessoa vai para outro Estado por ter conseguido um emprego. De acordo com dados da OIM, de setembro de 2019<sup>44</sup>, 40% das pessoas interiorizadas são homens, 27% são mulheres, 17% são meninos e 16% são meninas. Nas modalidades de reunião social e reunião familiar há equidade entre homens e mulheres. No caso de interiorização Abrigo-Abrigo, os homens são maioria: no total de interiorizações 35% são homens sendo transferidos para abrigos em outros Estados e 27% são mulheres. Já na modalidade de vagas de trabalho, a desigualdade entre os gêneros fica latente: 9% de todas as interiorizações foram pelas vagas de trabalho para homens, ao passo que apenas 3% foram para mulheres viajarem para trabalharem em outro Estado.

Estima-se que entre 40 e 45% das pessoas que atravessam a fronteira da Venezuela para o Brasil são mulheres. Elas vivem especificidades em cada momento dessa migração: anteriormente à decisão de migrar, em meio à crise em seu país de origem; ao longo da jornada rumo ao Brasil; em Roraima, em busca da adaptação e da sobrevivência; e no processo de

---

<sup>44</sup> Documento disponível em <<https://r4v.info/es/documents/download/72086>>. Acesso em: 25 out. 2019.

planejar o futuro, especialmente se envolver o programa de interiorização. Como cada mulher vive esse processo também está relacionado à sua história de vida e os recursos que possui, sejam materiais, características pessoais, condições ou a própria energia empreendida em conseguir tais recursos. Escutar as mulheres migrantes e refugiadas foi necessário para compreender suas vivências, seus medos, suas dores e sua capacidade de resistência e resiliência.

## MÉTODO

*“¡Buena, como vas a hacerlo es igual de importante!”<sup>45</sup>: O MÉTODO*

Uma das mulheres que participou da pesquisa que deu origem a esta Tese, ao falar sobre a decisão de migrar para o Brasil com o filho, diz que tinha pressa, mas se planejou: tão importante quanto desejar fazer, é como o fará. Quando ela falou a frase que dá nome a esta seção, instantaneamente pensei no método escolhido para realizar esta pesquisa. Esse momento fixou algo que já havia notado: a sensação de ser migrante na vida de mulheres migrantes.

Observando meus próprios sentimentos e sensações ao longo das entrevistas, constatei o que aponta Berg e Smith (1988): a subjetividade de quem pesquisa está sempre presente e precisa ser considerada. A forma como se estabelece a relação entre entrevistadora e entrevistada é igualmente relevante, tanto para as histórias que surgem no diálogo, quanto para a narrativa desenvolvida a partir delas.

A investigação foi feita com uma população não-clínica, tendo em vista que nenhuma delas realiza psicoterapia com a pesquisadora, mas o estudo se trata de uma pesquisa clínica. Enquanto pesquisadora clínica, percebo-me diante de sujeitos em constante movimento (interno e geográfico) e em intensa troca com o meio. D’Allones (2004) reflete que:

[...] a resposta que a clínica pode trazer é buscar em um movimento de volta, de análise e aprofundamento da subjetividade e intersubjetividade, envolvidas na complexidade das situações sociais. Reafirmando que isto é tanto verdadeiro, pois quanto mais se vai em direção ao subjetivo, mais se encontra ou reencontra o social (D’ALLONES, 2004, p. 30).

A lógica de fragmentar para compreender não cabe no contexto da abordagem clínica, tendo-se em vista que a totalidade e o esforço do sujeito em trazer os sentidos dos acontecimentos que tecem sua própria vida são fundamentais e precisam ser respeitadas pela pesquisadora (LÉVY, 2001).

Busquei, neste estudo, descrever e discutir a experiência da migração forçada de mulheres venezuelanas para o Brasil, considerando, em especial, o processo de adaptação e sua interligação com a história de vida e gama de recursos, vida no local de acolhida - o Estado de Roraima - e a

---

<sup>45</sup> "Bem, como você vai fazer isso é igualmente importante"! (Tradução da pesquisadora)

resiliência, como fatores que garantem condições de seguir com o dia a dia e planejar o futuro. Há, portanto, um fenômeno social complexo que me proponho compreender de maneira holística, considerando a vida em sua complexidade. De acordo com Yin (2001), essas duas características (o desejo de compreender um fenômeno social complexo e reter as características significativas e holísticas do evento) são a base para caracterizar uma investigação como um estudo de caso.

Yin (2001) propõe duas definições complementares do estudo de caso. A primeira parte, voltada a uma definição técnica, preconiza que:

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (YIN, 2001, p. 32)

Tendo-se em vista que nem sempre o fenômeno e o contexto são discerníveis, o autor propõe outras características técnicas como a segunda parte da definição:

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados (YIN, 2001, p. 33).

Stake (2000), mais baseado no Construcionismo Social, alerta que é necessário que o caso seja compreendido como uma unidade específica, um sistema delimitado com partes integradas. Esse autor propõe três tipos de estudos de caso: intrínseco, instrumental e coletivo. No presente estudo, utilizei o método do estudo de caso coletivo, quando a pesquisadora estuda conjuntamente alguns casos para investigar dado fenômeno.

Os casos aqui estudados possuem como relação o fato de todas as participantes serem venezuelanas adultas que, por questões de deslocamento forçado, migraram para o Brasil pela fronteira seca entre Roraima e o Estado Bolívar. Tais casos foram escolhidos por, juntos, facilitarem uma compreensão sobre algo ainda maior do que o conjunto de casos: a migração forçada de mulheres venezuelanas ao Brasil. O interesse nas interlocuções entre os casos não apaga, contudo, a relevância da singularidade de cada um.

## Participantes

Os critérios de inclusão das participantes deste estudo foram a nacionalidade (venezuelana), o gênero (mulher), a condição de migrante no Brasil e estar em idade adulta. Outros critérios como *status* migratório, estado civil, maternidade ou nível socioeconômico não foram intencionalmente controlados.

Participaram do presente estudo três mulheres, venezuelanas, entre 29 e 45 anos, tanto solicitantes de refúgio como de residência temporária, que chegaram ao Brasil entre 18 meses e 8 meses (entre o início de 2018 e meados de 2019). Todas são mães, sendo que uma está com todos os filhos no Brasil, outra teve a experiência de estar com um filho no Brasil e alguns na Venezuela e todas as filhas de uma terceira estão na Venezuela. Uma das participantes está casada e duas estão separadas. Duas das participantes estão no Brasil pela segunda vez: em outra ocasião retornaram à Venezuela e, depois de algum tempo, decidiram voltar ao Brasil. As três tiveram a experiência de viver em abrigos para pessoas migrantes e refugiadas em Roraima.

## Procedimento

As participantes foram indicadas por pessoas que trabalham na resposta humanitária em Roraima<sup>46</sup> e contatadas pessoalmente, momento em que foi explicado o objetivo da pesquisa e a maneira como ocorreria<sup>47</sup>. Com as mulheres que se interessaram em participar foi marcada uma data para a realização da primeira entrevista.

As entrevistas ocorreram em locais privados, de acordo com a conveniência das participantes, tomando os devidos cuidados para a manutenção do sigilo e proteção dessas mulheres. No primeiro encontro, uma vez mais foram explicados o objetivo e a estrutura da pesquisa e foi lido, explicado e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para garantir a compreensão por parte das participantes, o TCLE foi redigido em espanhol, mesmo

---

<sup>46</sup> É importante apontar que, como trabalhadora humanitária com atuação em Roraima, eu já havia tido contato com algumas das mulheres participantes, mas nunca na função de psicóloga, pesquisadora, ou qualquer contexto que facilitasse uma relação contínua ou profunda.

<sup>47</sup> Nessa ocasião também foi deixado explícito que a pesquisa proposta não possui qualquer relação com a instituição para a qual eu trabalho no contexto da ação humanitária.

idioma no qual as entrevistas foram realizadas. A partir da autorização das participantes, as entrevistas foram gravadas.

Para cada participante foi proposto fazer três encontros. O primeiro voltado à vida história de vida e à vida pré-migração. O segundo tinha como foco a decisão de migrar, a jornada e a chegada ao Brasil. Já no terceiro, o tema central foi a vida atual no Brasil e o futuro. Cada encontro durou em média uma hora e meia. Uma das participantes esteve presente nos primeiros dois encontros e não foi ao terceiro.

Ao fim de cada encontro, busquei dar suporte diante de sentimentos emergidos por diferentes conteúdos abordados ao longo das entrevistas<sup>48</sup>.

## **Instrumentos**

Em todos os encontros foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, que contaram com um roteiro com tópicos organizados em uma estrutura inicial, relacionados ao tema central de cada encontro. Na interação com a participante, a estrutura foi modificada (ampliada ou diminuída) a depender, também, do caminho sinalizado pela própria participante (TURATO, 2003).

Outros recursos foram usados com dois objetivos: facilitar a expressão e a reflexão por parte das participantes, e como outras fontes de dados para o enriquecimento da construção de cada caso.

a) *Desenho livre*: esta técnica projetiva permite a expressão de conteúdos simbólicos e inconscientes. Foi oferecida às mulheres a possibilidade de produzir alguns desenhos. O primeiro tinha como temática a vida na Venezuela, o segundo, o caminho ao Brasil, o terceiro, a vida no Brasil e o quarto e último, o futuro. Após a produção do desenho foi solicitado que a participante contasse a estória/história do que desenhou. Tanto o desenho quanto a fala foram levados em consideração na interpretação (BARDIN, 1997);

---

<sup>48</sup> Em uma situação específica, articulei, com a rede local, assistência psicológica para a participante, tendo em vista que ela mesma verbalizou a necessidade de apoio psicológico emergencial.

b) *Técnica dos “Papéis na vida adulta”*: foi solicitado que a participante informasse como divide a própria energia e entusiasmo entre os diferentes papéis que desempenha pela divisão de um círculo. Fazendo uma analogia com uma torta, pedi que a participante dividisse um círculo em “fatias”, em que cada pedaço representasse um papel que ela desempenha na vida. As categorias e os nomes foram criados pelas participantes, que, ao fim, foram estimuladas a falarem sobre o porquê das “fatias” e seus tamanhos (DOUGLAS; MITCHELL, 1984). Essa técnica teve por objetivo compreender os diferentes aspectos da vida da mulher em deslocamento forçado e a energia investida em cada um desses;

c) *Post-Migration Living Difficulties Questionnaire (LDQ) (Questionário de dificuldades na vida pós-migração)* (SILOVE et al., 1997): questionário de autoavaliação que tem como objetivo identificar as dificuldades vivenciadas na vida após a migração. Consiste em uma lista de 23 possíveis dificuldades comuns no contexto pós-migratório, nos quais a participante deve indicar em que nível tal problema a afeta, numa escala de cinco opções, desde “não é problema algum” até “é um problema muito sério” (ANEXO A). As dificuldades listadas dizem respeito à distância da família, a requisição do *status* de refugiado, acesso aos serviços de saúde física e mental, empregabilidade, suporte social, isolamento, pobreza e adaptação cultural. Esse questionário foi validado em diversas pesquisas transculturais e utilizado em variadas línguas, inclusive o espanhol, sendo o seu original em inglês (SILOVE et al., 1998; MOMARTIN et al., 2006; ARAGONA et al., 2008). Para a aplicação no contexto da imigração venezuelana a Roraima, a questão sobre não ter permissão para trabalhar foi retirada, tendo em vista que no Brasil pessoas imigrantes possuem tal permissão. Nesta pesquisa, o questionário foi utilizado tanto como uma forma de compreender o que era (e o que não era) um desafio para as mulheres entrevistadas, como um instrumento facilitador do diálogo, tendo-se em vista que muitas informações surgiram a partir do processo de aplicação do questionário. Após seis meses da primeira aplicação, as mulheres foram contatadas e convidadas a respondê-lo mais uma vez. O objetivo foi comparar os resultados da primeira e segunda aplicação, em busca de compreender possíveis mudanças;

d) *Diário de campo*: onde fiz eminentemente descrições do campo de pesquisa. Tais descrições ancoraram-se nos objetivos propostos no planejamento inicial da pesquisa, assim como nos aspectos de intercorrências, derivadas do reconhecimento da imprevisibilidade do campo da pesquisa. Neste instrumento cabem, particularmente, as impressões da pesquisadora (BOING; CREPALDI; MORÉ, 2008).

## CASO I - CATALINA

Desde o primeiro minuto de quanto estávamos sós em uma sala para realizar a entrevista, Catalina despiu-se. No sentido figurado, enquanto falava de sua vida parecia que não existiam panos para cobrir tantos sentimentos. No sentido literal, Catalina fez questão de me mostrar cada uma das cicatrizes que marcam sua pele, mesmo que para isso ela tenha mostrado partes do corpo que, em minha cultura e socialização, só se mostra para pessoas com quem se compartilha um alto grau de intimidade.

É ilustrativo desse ato de se despir, literal e figuradamente, a resposta de Catalina à minha primeira pergunta, que tinha como principal objetivo quebrar o gelo e facilitar uma introdução: *“Cuéntame un poco de ti” (Conte-me um pouco sobre você)*. A resposta foi inesperada, crua, precisa e dolorosa:

*“Mi madre murió cuando yo tenía 11 años y yo me corté las venas. Me tocó (vivir con) mi papá y mi familia. Mi abuelo, padre de mi papá, murió al año; él era el que me quería. A los 13 años agarré la calle; a los 15 años me violaron...me quemaron la totona con una cucharilla y tengo todavía una marca aquí...”*<sup>49</sup>

Neste momento, Catalina levanta-se rapidamente, abrindo a calça, e me mostra a cicatriz que leva em sua *totona*, forma infantil de se referir ao monte púbico. Após a ação que levou exatos oito segundos (o tempo em que, no áudio gravado, há silêncio de vozes e alto volume de ruídos e de coisas não ditas), Catalina novamente senta-se e continua a trazer idades e momentos marcantes da sua vida:

*“A los 17 años me metí a vivir con un hombre que es el padre de mis hijos. Tuve mi primera hija a los 18 y a los seis meses de haber nacido mi primera hija salí embarazada de la otra, de la menor. El padre de mis hijos me golpeó porque lo encontré echándose con una mujer. Llegó rascado y drogado a las tres de la mañana y me golpeó. Duré 24 días en terapia intensiva, tengo platina en la nariz. Después de eso, tuve otro tiempo viviendo en la calle. Dejé a mis hijas en su casa con su papá y me fui a vivir en la calle. Yo iba a verlas, les llevaba cualquier cosita y me iba otra vez para la calle a trabajar. Yo trabajaba vendiendo mi cuerpo y después encontré un trabajo limpiando una casa pero no pude seguir porque yo sufro de epilepsia: estaba fritando*

---

<sup>49</sup> Minha mãe morreu quando eu tinha 11 anos e eu cortei minhas veias. Foi a minha vez (de viver com) meu pai e minha família. Meu avô, pai de meu pai, morreu um ano depois que minha mãe, era ele quem gostava de mim. Aos 13 anos fui para a rua; aos 15 anos me estupraram ... queimaram minha *totona* com uma colher de chá e ainda tenho uma marca aqui...

*una arepa y el sartén se me vino encima y me quemé. Tengo manchas por todo el cuerpo por el aceite.*<sup>50</sup>

Enquanto conta o episódio do óleo quente, Catalina puxa sua blusa e mostra o colo repleto de pequenas cicatrizes redondas. Seguiu:

*“No puedo trabajar en casa de familia por eso, porque sufro de epilepsia y me puedo quemar, puedo hacerme algo con un cuchillo y cosas así. No puedo trabajar con algo que sea, por ejemplo, vasos, porque si aprieto el vaso mientras convulsiono se estalla en la mano [...]”*<sup>51</sup>

Em questão de poucos minutos tínhamos entre nós um turbilhão de idades, pessoas, cicatrizes e momentos que mesclavam colheres, platina, *arepas*<sup>52</sup> e copos quebrados. Apesar de uma aparente praticidade ao relatar de forma cronológica os principais acontecimentos da sua vida, não houve linearidade no relato de vida de Catalina. Importantes elementos surgiram muito depois dos intensos primeiros minutos e trouxeram novas versões e configurações desses acontecimentos. Assim, enquanto reflito e relato sua história, tento trazer linearidade para algo que não nasceu assim.

## A VIDA NA VENEZUELA

Em diversas ocasiões ao longo da entrevista com Catalina, as perguntas sobre o passado eram respondidas com referências ao presente, deixando evidente que vários sentimentos de um crescimento difícil foram (re)vividos ao longo do processo de deslocamento forçado.

---

<sup>50</sup> Aos 17 anos fui morar com um homem que é o pai dos meus filhos. Tive minha primeira filha aos 18 anos seis meses depois de ela ter nascido engravidei da outra, da caçula. O pai dos meus filhos me bateu porque encontrei ele com outra mulher. Chegou em casa bêbado e drogado às três da manhã e me bateu. Fiquei 24 dias em terapia intensiva, tenho platina no nariz. Depois disso, tive outro tempo morando na rua. Deixei minhas filhas na casa do pai delas e fui morar na rua. Eu ia vê-las, levava-lhes algumas coisinhas e voltava de novo à rua para trabalhar. Eu trabalhava vendendo meu corpo e depois encontrei um emprego limpando uma casa, porém fiquei impedida de continuar porque eu sofro de epilepsia: estava fritando uma arepa e a frigideira caiu sobre mim e me queimou. Tenho manchas por todo o corpo por causa do óleo.

<sup>51</sup> Eu não posso trabalhar em uma casa de família por causa disso, porque sofro de epilepsia e posso me queimar, posso me machucar com uma faca e coisas assim. Não posso trabalhar com nada que seja, por exemplo, copos (de vidro), porque se eu apertar o copo enquanto convulsiono e ele explode na minha mão...

<sup>52</sup> A “*arepa*” é um prato feito com milho moído ou com farinha de milho pré-cozido nas culinárias populares e tradicionais da Venezuela e outros países latino-americanos.

Catalina passou a maior parte da infância com a mãe e os dois irmãos, sendo ela a filha do meio. Ela conta que nunca foi próxima dos irmãos e que se sentia muito cuidada pela mãe. Quando tinha 11 anos sua mãe faleceu em decorrência de um câncer:

*“[...] cuando murió mi mamá fue muy triste porque no sabía con quién me iba a quedar, quién me iba a apoyar, quién me iba a lavar la ropa, a dar la comida, a dar cariño, quién me iba a decir ‘Cata, esté pendiente de las pastillas’”<sup>53</sup>.*

Nessa ocasião, Catalina tentou suicídio e possui, nos pulsos, cicatrizes visíveis desse acontecimento. Foi morar com o pai e o avô paterno. Com o primeiro nunca construiu uma relação sólida e, sobre o segundo, afirma que era a única pessoa que a amava.

Ao ser perguntada sobre como se sentia na época em que estava sendo cuidada prioritariamente pelo pai, após a morte da mãe e do avô, Catalina responde sobre a vida agora, no Brasil. A pergunta foi “Como você se sentia neste tempo, em que ficou sendo cuidada principalmente por seu pai?”. Ela falou: “*Pues un poco...*” (*Espere um pouco*) e passou alguns segundos calada, parecendo pensativa. Quando voltou a falar, conjugava no presente e parecia referir-se à vida no Brasil:

*“No es fácil, pero tampoco difícil... porque uno está solo aquí, yo estoy sola aquí, con Diosito”<sup>54</sup>.*

Entre o tempo que passou sendo cuidada pelo pai e a vida no processo de migração forçada, vivendo em um abrigo para migrantes em Roraima, a solidão parece ser o maior sentimento em comum. É, ao menos, o sentimento que ela faz referência ao ser perguntada sobre o passado e responder sobre o presente.

Catalina convive com a epilepsia e, quando está sem o tratamento adequado, convulsiona com frequência. Recordar-se da primeira vez que convulsionou, aos 10 anos de idade. Comenta que nessa época ainda era cuidada pela mãe. Parece construir uma clara relação entre se sentir alvo do cuidado materno e a doença que a acompanha toda a vida.

---

<sup>53</sup> “Quando minha mãe morreu foi muito triste porque eu não sabia com quem eu iria ficar, quem iria me apoiar, quem iria lavar minhas roupas, me dar comida, dar amor, quem me diria ‘Cata, se lembre de tomar o remédio’”.

<sup>54</sup> Não é fácil, mas também não é difícil... porque a gente está só aqui...eu estou sozinha aqui e com Deusinho...

Estudou até o sexto ano e saiu da escola logo após a morte do avô, pois era ele quem acompanhava seu desempenho escolar e era seu principal cuidador em todos os demais aspectos da vida.

Foi também após a morte do avô que Catalina passou a viver na rua. Em um episódio forte e traumático, foi drogada por colegas e “vendida” para um homem mais velho, que a queimou e a estuprou. Ela, até então virgem, relembra emocionada e com detalhes esta situação. Fez referência a esse acontecimento quatro vezes ao longo da entrevista. Na última menção, já ao final de nosso encontro, pediu para ler algo que tinha escrito. Pegou um caderno feito por ela, com folhas grampeadas e capa desenhada, e leu em voz alta um texto em que ela relata o ocorrido. Quando o texto termina, fecha o caderno e, chorando, compartilha:

*“Pensé que ellos eran mis amigos¿me entiende?, porque nos reíamos, jodíamos, echábamos vaina y entonces pues ellos más bien me agarraron y drogaron con una pastilla y una... una botella y entonces ahí fue cuando tenía quince años y me agarraron y era una niña pues, al principio yo no sabía que era malo y era malo. Entonces ellos me vendieron, ¿entiende?, me vendieron mi cosita y me llevaron para allá, pa' donde el señor y...y...y se me salieron las lágrimas, el dolor de mi cosita, ver como él me quemaba mi cosita. No fue fácil. Y después me tiraron en un peladero por allá, dos días por allá y después la policía fue que me encontró y convulsioné. Me llevaron pa'... para el hospital y después... convulsioné. No fue fácil, tenía quince años, me quitaron mi... mi niñez pues.”<sup>55</sup>*

Passou a trabalhar como profissional do sexo para se manter. Aos 17 anos conheceu o homem com quem se casou e com essa mesma idade engravidou da primeira filha. Teve a segunda filha menos de dois anos depois. Nessa época trabalhava em bordéis, escondida do companheiro.

Aos 21 anos foi seriamente espancada pelo então parceiro, de tal maneira que passou 24 dias na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do hospital da cidade onde morava. Possui diversas marcas físicas dessa violência, inclusive a ausência dos dentes frontais.

Sobre a violência vivida, Catalina diz não entender como o pai de suas filhas pôde chegar a ser tão agressivo com ela. Ela relata que, ao espancá-la, ele foi injusto. Tal injustiça ocorreu

---

<sup>55</sup> Eu pensei que eles eram meus amigos, entendeu? Porque nós ríamos, fazíamos brincadeiras e tudo mais, e então eles me agarraram e me drogaram com uma pílula e uma... uma garrafa e então foi quando eu tinha quinze anos e eu era criança porque, a princípio, não sabia que era ruim, mas era ruim. Então eles me venderam, entendeu? Eles venderam minha coisinha e me levaram para lá, para onde o senhor e..., e..., e... e as lágrimas saíram, a dor da minha coisinha, ver como ele queimava minha coisinha. Não foi fácil. E então eles me jogaram em um terreno baldio por lá, dois dias por lá e então a polícia me encontrou e convulsionei. Eles me levaram para o hospital... e então ... eu convulsionei. Não foi fácil, eu tinha 15 anos, eles levaram minha... minha infância, pô.

porque o papel de submissão, ancorado nos papéis tradicionais de gênero, ela cumpria com dedicação:

*“[...] el padre de mis hijas me golpeó cuando yo lo quería tanto... Después de que lo traté tan bien, él me trató tan mal...después de que siempre estuve pendiente de él, un paño, una almohada, le limpiaba los pies, le cortaba las uñas...siempre fui una mujer así”<sup>56</sup>.*

A violência pelo parceiro íntimo é, de acordo com Young e Chan (2016), uma das violências baseada em gênero mais vivenciada por mulheres antes de imigrar forçadamente. Feseha e colaboradores argumentam (2012) que a causa raiz desse tipo de violência é o *status* desigual da mulher na sociedade. Assim, os papéis tradicionais de gênero, argumento utilizado por Catalina como uma justificativa de que não deveria ter sido vitimada é, na verdade, um dos motivos da própria violência existir.

Catalina resolveu afastar-se do ex-companheiro e foi morar com uma amiga que a cuidou após o incidente de violência doméstica. Foi apenas depois de algumas horas de conversa que Catalina pôde falar sobre seu envolvimento amoroso com essa mulher. A dificuldade de revelar a relação foi evidente. Antes de falar sobre esse tema, Catalina havia comentado sobre questões relacionadas à homossexualidade mesmo quando a pergunta não fazia nenhuma referência ao assunto. É ilustrativa a ocasião em que perguntei sobre uma diferença cultural entre o Brasil e a Venezuela e ela respondeu que não saberia dizer a diferença entre se relacionar com homens e com mulheres, pois ela nunca havia se relacionado com uma mulher. O que motivou essa resposta: seu medo ou seu desejo de falar sobre essa relação?

Catalina sentiu necessidade de justificar sua relação com uma mulher. No início disse que ficou com ela:

*“[...] por dormir en una casa, por comer y que alguien me tratara bien”<sup>57</sup>.*

Repetia que amava o pai de suas filhas, que não era lésbica, que a base da sua relação com ela era o interesse:

---

<sup>56</sup> O pai das minhas filhas me bateu quando eu o amava tanto... Depois que eu o tratava tão bem, ele me tratou tão mal... depois que eu sempre o cuidava, um pano, um travesseiro, limpava seus pés , cortava as unhas... eu sempre fui uma mulher assim.

<sup>57</sup> Era para dormir numa casa, para comer e para ter alguém que me tratasse bem.

*“[...] después yo la traté a ella mal porque yo quería al padre de mis hijos, pero viví con ella porque yo no tenía dónde vivir y ella me daba todo”<sup>58</sup>.*

Apenas depois de mais tempo e, talvez, da sensação de que naquele espaço não seria julgada por essa relação, Catalina falou sobre como se sentia:

*“[...] yo me sentí un poco mal porque, así como ella me quiso, yo también la quise; no podía vivir con ella porque era malo... la familia me decía que era malo [...] Yo la quería a ella, no la quería dejar porque ella me quería y yo a ella”<sup>59</sup>.*

Era quando falava sobre sua antiga companheira que Catalina mais se emocionava e logo ficou claro que esse era um dos temas centrais de seu processo de migração.

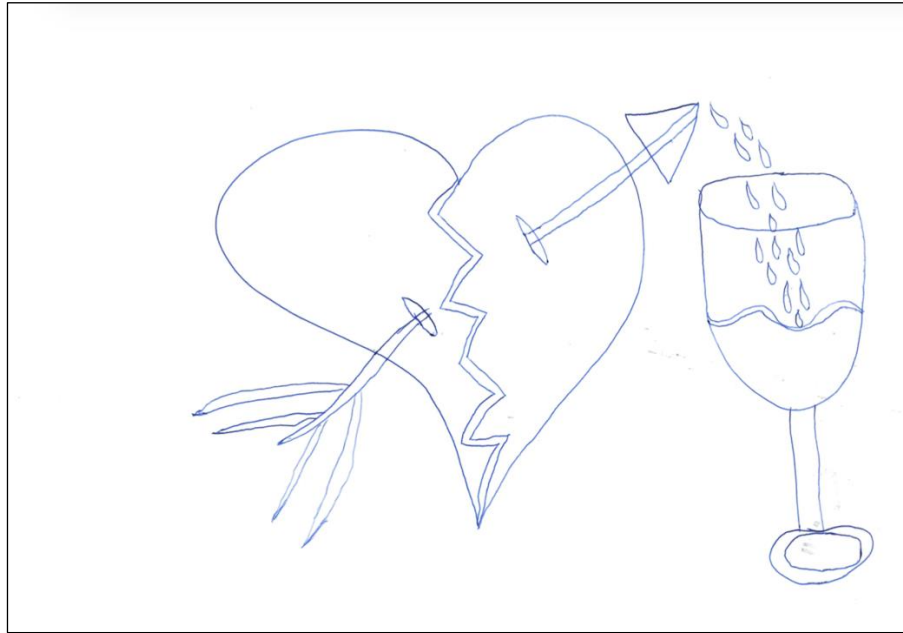
Perguntei se Catalina teria interesse em fazer um desenho que representasse sua vida na Venezuela. Quando ela confirmou que sim, coloquei alguns papéis em branco e lápis coloridos na mesa. Ela pegou um papel e uma caneta esferográfica e imediatamente começou a desenhar. Em menos de três minutos tinha finalizado o desenho:

---

<sup>58</sup> Então eu a tratei mal porque eu amava o pai dos meus filhos, mas morei com ela porque não tinha onde morar e ela me deu tudo.

<sup>59</sup> Eu me senti um pouco mal porque assim como ela me amava eu também a amava; eu não podia morar com ela porque isso era mau... a família me disse que era mau [...] Eu a amava, não queria deixá-la porque ela me amava e eu amava ela.

**Figura 3: Desenho de Catalina sobre a vida na Venezuela**



Pedi que ela falasse um pouco sobre o que desenhou. Catalina explicou:

*“[...]Jallá se partió mi corazón. Estas son gotas de sangre producidas por el dolor que siente el corazón, está en una copa para reunir ese dolor y después botarlo, en el sentido en que las cosas van a ser diferentes”<sup>60</sup>.*

O sangue, com sua cor característica e de fácil acesso, continua apenas com o branco do papel e o traço da caneta. Não escolher nenhuma cor em um desenho tão significativo parece ser uma tentativa de controlar, na medida do possível, as emoções. Sangue contingenciado: jorra, mas não pelo chão. Jorra em um copo. O conteúdo do copo não é bebido, mas sim jogado fora. Por que então deixar jorrar em uma taça? Ao final da entrevista, quando pega o caderno feito por ela mesma, vejo na capa um desenho familiar:

<sup>60</sup> Lá meu coração se partiu. “Estas são gotas de sangue produzidas pela dor que sente o coração, está em um copo para coletar essa dor e depois jogá-la fora, no sentido de que as coisas vão ser diferentes”.

Figura 4: Capa do caderno de Catalina



Explica que sempre desenha isso quando pensa na Venezuela. Conta que o coração foi partido por tantos: a pátria que a deixou sem comida e medicamento, o ex-companheiro que a espancou e deixou sem dentes, as pessoas que a tratavam como “*un animal*” e a fizeram deixar sua companheira. Mas, mais do que a dor, o significado do desenho parece estar relacionado à esperança:

*“[...] Imposible pero posible. Imposible porque siempre recordaré ese dolor; posible porque sí se puede sacar de mi corazón. La sangre sale quitando el dolor”<sup>61</sup>.*

Ao falar sobre a taça percebo, para além da esperança, a vontade de ter o controle sobre a sua vida em um contexto em que tantas decisões são tomadas por outras pessoas:

*“cuando se termine y esté llena la copa, con mis propias manos la boto”<sup>62</sup>.*

<sup>61</sup> Impossível mas possível. Impossível porque eu sempre lembrarei dessa dor; possível, porque sim pode ser tirada do meu coração. O sangue sai tirando a dor.

Mesmo diante de tantas rupturas, perdas e impotências, Catalina demonstra grande impulso em seguir. Na própria decisão de migração demonstra seu interesse (e ação) em tomar as rédeas de sua história de rompimentos. Tem inscrito em si uma representação positiva de apego e, por isso, mesmo com diversas perdas, segue. Tem inscrito em si uma representação positiva de apego/cuidado e, por isso, mesmo com diversas perdas, segue.

O caderno de Catalina, longe de ser um mero objeto, cumpre uma função importante. Nele ela escreve, prioritariamente, histórias da sua vida e seus sentimentos em cada ocasião. Em muito se assemelha com o processo que Anzaldúa (1987) chamou de auto-história. Segundo a autora, o processo de produzir e lidar com a auto-história tem como objetivo engrandecer a perspectiva de mundo e fortalecer a memória. O resultado é uma reorganização e reavaliação de momentos passados (ANZALDÚA, 1987).

Catalina aparenta buscar, pelo processo criativo (escrita e desenho), essa mesma finalidade:

*“[...] me gusta escribir. Hice ese cuaderno para sacar las cosas que tengo en mi corazón, la tristeza que me traje de Venezuela. Escribo, la saco de mí, la veo en el cuaderno y así puedo comprenderla”<sup>63</sup>.*

Percebo a mesma lógica do desenho que adorna a capa, o coração jorrando sangue em um copo: escreve-se para tirar de si e quando está fora, contingenciado, pode-se olhar e compreender.

A escrita funciona, para Catalina, como um processo de autocuidado, autoconhecimento e autorreflexão. De acordo com Anzaldúa:

The act of writing also has the capacity to heal the writer and the reader. Process and processing one’s writing means to look at one’s own existence, and improve our ability to confront what we are and where we are. The greater our consciousness the better one can process. Consciousness is awareness of now. Awareness is the ability to perceive the existence of something.<sup>64</sup> (ANZALDÚA, Benson Library-Texas University At Austin. Gloria Evangelina Anzaldúa Papers, 1942-2004)<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Quando terminar e o copo estiver cheio, com minhas próprias mãos vou jogá-lo fora.

<sup>63</sup> Eu gosto de escrever. Fiz esse caderno para tirar as coisas que tenho no coração, a tristeza que trouxe da Venezuela. Eu escrevo sobre ela, a tiro de dentro de mim, a vejo no caderno e assim consigo entendê-la.

<sup>64</sup> O ato de escrever também tem a capacidade de curar quem escreve e quem lê. Processar a escrita de alguém significa olhar para a própria existência e melhorar nossa capacidade de confrontar o que somos e onde estamos. Quanto maior a nossa consciência, melhor se pode processar. Consciência é consciência do agora. Consciência é a capacidade de perceber a existência de algo (Tradução da pesquisadora)

<sup>65</sup> Arquivos catalogados: Box 55, Folder 18, p.4 Writting Guide: Autohistorias as Process Writing. 29 de janeiro de 1997. Recuperado por Figueiredo (2017).

## DECISÃO: SINGULAR. MOTIVOS: PLURAL

O que leva alguém a tomar a decisão de migrar para buscar refúgio é um entrelaçado de fatores políticos, econômicos, étnicos, ambientais ou pressões nos direitos humanos, que são influenciados por fatores domésticos e internacionais. Existem tantos motivos para migrar quanto existem migrantes (UNHCR, 1993).

No caso de Catalina, se a decisão de vir ao Brasil estava no singular, as razões para migrar precisam ser consideradas no plural e foram desveladas com o passar de nossos diálogos.

O primeiro fator decisivo para sua saída da Venezuela teve relação com sua condição médica. Os remédios que precisa tomar para a epilepsia estavam em falta e, quando o encontrava, estava com um valor muito mais alto do que ela poderia pagar.

Catalina também aponta o interesse em conseguir apoiar as filhas como um dos principais motivos para decidir migrar. Percebe que cuidar de si é também uma forma de cuidar das suas filhas:

*“[...] pues me dije ‘me voy para Brasil’, solo eso. ‘Tengo que luchar por mis hijas, tengo que luchar por mis hijas, tengo que luchar por mis hijas, tengo que luchar por mí porque si no, me muero aquí y no puedo dejar a mis hijas solas; las dejo un ratito hasta que vuelva nada más’”<sup>66</sup>.*

Apenas depois de conseguir desvelar seu relacionamento amoroso com uma mulher que Catalina pôde apontar o rompimento, motivado por pressão lesbofóbica, como um importante motivador para sua vinda ao Brasil:

*El papá de mis hijas me dijo que la dejara, que no le diera ese ejemplo a mis hijas y yo la dejé. Yo me sentí un poco mal porque así como ella me quiso, yo también la quise; no podía vivir con ella porque era malo...la familia me decía que era malo, que no le diera ese ejemplo a mis hijas, que cómo iba a hacer eso. Yo la quería a ella, no la quería dejar porque ella me quería y yo a ella, pero era un poco difícil para poder...pero no podía aguantar...se me hizo difícil. La tuve que dejar por mis hijas, porque sé que estaba haciendo mal [...] Después que la dejé me vine para acá para Brasil, no aguantaba porque la veía y ella me veía y llorábamos...yo me vine para acá por mis hijas y también para poder aguantar, para que no me doliera tanto. Todavía me acuerdo de ella, de las cosas que pasamos...”<sup>67</sup>*

---

<sup>66</sup> Bem, eu disse a mim mesma 'vou para o Brasil', apenas isso. 'Tenho que lutar por minhas filhas, tenho que lutar por minhas filhas, tenho que lutar por minhas filhas, tenho que lutar por mim porque, senão, eu vou morrer aqui e não posso deixar minhas filhas sozinhas; deixo-as por um tempinho, só até eu retornar.

Com seus motivos, Catalina decidiu que sairia da Venezuela. A decisão de que seu destino seria o Brasil foi simples. Ela explica:

*“[...] porque nos dijeron que era más cerca, que podía llegar caminando. Por el otro lado tenía que salir volando, ¿cómo me iba a ir?”<sup>68</sup>.*

Sem ter condições de voar, Catalina caminhou.

### **A JORNADA: EL BICHITO**

*Cuando llegué aquí, llegué caminando desde mi ciudad hasta Boa Vista. Llegué con los pies rotos, llagas en la cabeza, los pies hinchados y con los zapatos sin planta. Llegué como un bichito. Fueron cinco días caminando, con la piel quemada y tostada para llegar aquí en Boa Vista. Cuando llegué, me fui a sacar los papeles que le dicen a uno y ese mismo día seguí caminando, no me quedé parada en Pacaraima. Cuando llegué aquí me desmayé ahí en la entrada de lo que le decían "Plaza Venezuela", donde les daban comida a los venezolanos cuando llegaban; me encontró un guardia y me jaló para darme comida porque estaba desmayada y desnutrida. Pesaba 45 kilos, estaba flaquita.<sup>69</sup>*

Quando Catalina chegou ao Brasil, final de 2017, o saldo migratório era mais baixo do que no momento da entrevista, segundo semestre de 2019, mas a estrutura de recepção e acolhimento da população migrante em Roraima era mínima. Ainda sem abrigos para migrantes em situação de extrema vulnerabilidade, a Praça Simón Bolívar tornou-se um local de estadia e pernoite de venezuelanas e venezuelanos. Por esse motivo, passaram a chamá-la de Praça Venezuela.

---

<sup>67</sup> O pai de minhas filhas me disse para deixá-la, para não dar esse exemplo para minhas filhas e eu a deixei. Eu me senti um pouco mal porque, como ela me amava, eu também a amava; eu não podia morar com ela porque era mau... a família me disse que era mau, que não desse esse exemplo para minhas filhas, que como eu ia fazer isso. Eu a amava, não queria deixá-la porque ela me amava e eu amava ela, mas era um pouco difícil conseguir ... mas eu não agüentava ... era difícil para mim. Eu tive que deixá-la pelas minhas filhas, porque sei que eu estava fazendo algo errado [...] Depois que a deixei vim para o Brasil, não agüentei mais porque eu a via e ela me via e chorávamos... eu vim aqui pelas minhas filhas e também para conseguir suportar, para que não doesse tanto. Ainda me lembro dela, das coisas que compartilhamos...

<sup>68</sup> Porque nos disseram que era mais perto, que eu podia ir andando. Do outro lado eu tinha que sair voando, como ia conseguir?

<sup>69</sup> Quando cheguei aqui, vim caminhando da minha cidade para Boa Vista. Cheguei com pés feridos, feridas na cabeça, os pés inchados e sapatos sem piso. Eu cheguei como um bichinho. Foram cinco dias caminhando, com a pele queimada e assada, para chegar aqui em Boa Vista. Quando cheguei, fui buscar os papéis que tinham-me falado e no mesmo dia continuei andando, não parei em Pacaraima. Quando cheguei aqui, passei por lá na entrada do que chamavam "Praça Venezuela", onde davam comida aos venezuelanos quando chegavam; um guarda me encontrou e me puxou para me dar comida, porque eu estava desmaiada e desnutrida. Pesava 45 quilos, estava magrinha.

Foi somente quando já estava em território brasileiro que descobriu o português. Nunca havia tido contato com outra língua que não a espanhola e não esperava que, de tanto caminhar e atravessar uma fronteira novas palavras se fariam necessárias para comunicar-se:

*“[...]me fui caminando, caminando... Y cuando me hablaron me quedé así...me estarían nombrando la madre y no me di cuenta. No sabía que en Brasil se hablaba otra lengua. Pensaba que se hablaba español”<sup>70</sup>.*

O caminho entre a Venezuela, o país, e a Venezuela, a praça, foi longo e tortuoso. Comprou um pão no país de origem e o comeu aos poucos ao longo da caminhada. Conta que o pão nem mesmo chegou a atravessar a fronteira com ela e desde a linha fronteira até a capital de Roraima não comeu nada. Encontrou uma comunidade indígena, onde recebeu uma garrafa de água. Tomou “*traguito por traguito*” e conta que foi isso que a permitiu chegar com vida à Venezuela (a Praça). Além do pão e da água algo mais a “alimentava” para aguentar a caminhada, e mais uma vez, o passado e o presente se uniam em seu relato:

*Me sentí muy mal, pero repetía que tenía que luchar por mis hijas, por mis hijas, por mis hijas y por mis hijas. Es lo único que tenía en mi cabeza, encontrar un trabajo para poderme traer mis hijas para acá, es lo único que tengo en mi corazón, encontrar un trabajo para yo poder estar bien con mis hijas<sup>71</sup>.*

Perguntei se Catalina gostaria de desenhar sua jornada até o Brasil. Sem responder, pegou a caneta e o papel que já estavam em cima da mesa e desenhou duas linhas (desenho a seguir) enquanto falava devagar:

*“[...] lo único que encontré fue una entrada. Y caminé y caminé y caminé... fue lo único que hice”<sup>72</sup>.*

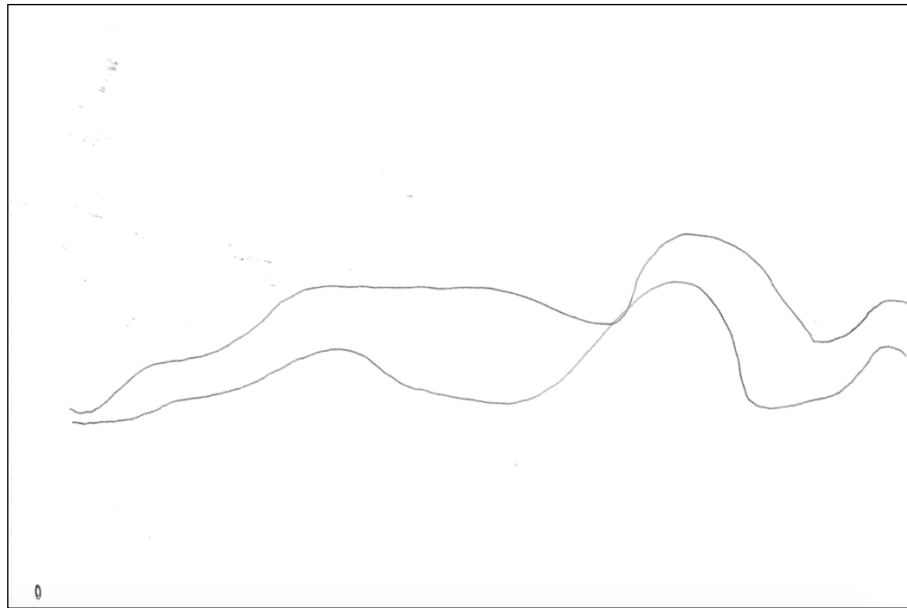
---

<sup>70</sup> Fui andando, andando... E quando falaram para mim eu fiquei assim... eles até poderiam estar falando palavrão e eu não estava percebendo isso. Eu não sabia que no Brasil falavam outra língua. Eu pensei que falavam espanhol.

<sup>71</sup> Eu me senti muito mal, mas repetia que tinha que lutar por minhas filhas, por minhas filhas, por minhas filhas e por minhas filhas. É a única coisa que eu tinha na cabeça, encontrar um emprego para poder trazer minhas filhas aqui, é a única coisa que tenho no meu coração, encontrar um emprego para eu ficar bem com minhas filhas.

<sup>72</sup> A única coisa que encontrei foi uma entrada. E eu andei e andei e andei... Foi a única coisa que fiz.

**Figura 5: Desenho do caminho percorrido por Catalina**



Anzaldúa (1987) também se compara a um bicho: uma tartaruga. Conta que é uma, por carregar sua casa nas costas. Apesar de sentimentos divergentes nas falas dessas duas mulheres latinas, encontrei em comum, mais do que a referência a um animal: a resiliência. Catalina, mesmo sem saber, tem em si mesma sua casa. Por isso consegue, apesar das tantas dificuldades, situar-se quando preciso e seguir quando preciso. *¿No hace eso también ese bichito llamado tortuga?* (Não faz isso também esse bicho chamado tartaruga?)

### **A VIDA NO BRASIL**

A chegada ao Brasil não foi fácil. Catalina só compreendeu, de fato, que estava em outro país, que chegara a seu objetivo, quando, para sua surpresa, já não compreendia a língua falada: no Brasil não se fala espanhol! Mas em Roraima, sim, se fala.

Ao partir da compreensão de fronteira proposta por Anzaldúa (1987) fui além da linha que separa as duas realidades - até porque não existem duas realidades a serem separadas. O que existe são culturas que, ao se mesclarem, criam uma única realidade: um constante estado de transição. As transições também se dão entre as línguas que, nos encontros, se mesclam.

Catalina chegou à Praça Venezuela muito debilitada, após dias de caminhada sem comida e pouca água, e convulsionou. Um soldado a levou para o hospital e, constatada a epilepsia, desde então Catalina recebe mensalmente, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o tratamento gratuitamente. O direito do imigrante a acessar os serviços do SUS é garantido pelos princípios constitucionais que orientam sua existência e atuação: universalidade, integralidade e equidade. Em seu artigo 5º, a Constituição Brasileira estabelece igualdade jurídica entre brasileiros e estrangeiros residentes, garantindo, assim, o acesso dos imigrantes a todas as políticas públicas de saúde. Esse acesso é, por vezes, dificultado por obstáculos diversos, que vão desde o desconhecimento do funcionamento do Sistema de Saúde e Assistência social até a xenofobia (SANTOS, 2016).

Dificuldades no acesso às políticas públicas de saúde são apontadas pelas outras participantes desta pesquisa, mas não por Catalina. Ela tinha o objetivo de acessar os medicamentos, que lhe garantam a possibilidade de ter uma vida funcional, e assim é. Uma vez ao mês vai ao hospital local e recebe sua medicação. Pergunto e constato, contudo, que o acesso a outros apoios, para além do medicamento, como um acompanhamento psicológico/psiquiátrico, não foi oferecido. Mesmo diante das informações limitadas sobre sua saúde integral, não deixei de me questionar: Está o princípio da integralidade, plenamente, considerado no acompanhamento médico de Catalina?

O fluxo venezuelano ao Brasil é considerado misto, na medida em que migrantes econômicos e voluntários utilizam as mesmas rotas e mecanismos dos solicitantes de refúgio e outras categorias. Quando chegou ao Brasil, em 2017, a estrutura de recepção e triagem ainda estava sendo realizada e, nesse contexto, ela apresentou-se às autoridades migratórias. Quando lhe perguntei sobre o porquê de ter decidido solicitar tal *status* migratório, Catalina respondeu:

*“[...] porque no me explicaron cuál era mejor. Solo llegué a hacerlo y ya...”*<sup>73</sup>.

Na estrutura em vigor desde 2018, para a recepção das pessoas que chegam pelo fluxo migratório venezuelano, diversas vezes ao dia, jovens trabalhadores humanitários informam pessoas sobre as condições e diferenças entre solicitar refúgio e solicitar residência no Brasil. O

---

<sup>73</sup> Porque não me explicaram qual era o melhor. Eu só fui para fazê-lo e pronto.

objetivo é que as venezuelanas e venezuelanos possam tomar decisões informadas. Catalina, contudo, chegou antes dessa estruturação e em seu relato deixou claro que não obteve as informações ou não teve condições de assimilá-las. Para ela, a solicitação de refúgio ou residência era apenas uma decisão burocrática para que tivesse acesso ao que necessitava: remédio, comida, dinheiro e distância de relações, que ficaram do outro lado da fronteira.

Catalina foi, então, para o abrigo de mulheres solteiras. Ela conta que se sentia sufocada, pois na ocasião estava vendendo pequenos produtos na rua e precisava pedir permissão cada vez que ia sair. Não é de praxe nos abrigos que beneficiários necessitem de autorização para sair, mas sim que reportem a saída e o retorno para controle interno. Mais adiante na entrevista foi possível compreender a motivação dessa indicação *sui generis*:

*He trabajado vendiendo cigarros, vendiendo helados, donuts, helados con chispitas de chocolates y llegué a vender tortas. Cuando vendía tortas dejé de hacer esas cositas porque convulsioné y al caer me partí la cabeza. Me encontraron en la calle y me llevaron para el médico. Entonces me dijeron que no podía andar por ahí sola y que no sé qué más y yo les dije "entonces ¿cómo hago para mandarles algo a mis hijas? ¿Cómo hago para comer? ¿Cómo hago para hacer algo?"<sup>74</sup>*

Uma ruptura na frequência do tratamento medicamentoso fez com que Catalina convulsionasse e, na queda, machucasse seriamente a cabeça. A partir disso surgiu a indicação de que ela não deveria sair desacompanhada. Depois que reestabeleceu o tratamento e com a continuidade da medicação, Catalina sentia-se sufocada e queria voltar a trabalhar. Um dia, vestiu a roupa, fez sua pequena mala e falou:

*"[...] mándenme para donde ustedes quieran, pero mándenme para otro lugar, no quiero estar más aquí"<sup>75</sup>.*

Ela foi, então, transferida para um abrigo de famílias.

Desde que reestabeleceu o tratamento até o momento da entrevista Catalina não teve nenhum episódio de convulsão. Passou a trabalhar “*en la calle*” (na rua) ou “*vendendo mi*

<sup>74</sup> Eu trabalhei vendendo cigarros, vendendo sorvete, rosquinhas, sorvete com granulado de chocolate e consegui vender bolos. Quando eu estava vendendo bolos, parei de fazer essas coisinhas porque estava com convulsões e quando caí, quebrei a cabeça. Me encontraram na rua e me levaram ao médico. Então eles me disseram que eu não podia andar sozinha, sei lá, e eu disse "então como envio algo para minhas filhas? Como faço para conseguir comer? Como faço alguma coisa?"

<sup>75</sup> Me mandem para onde vocês quiserem, mas me mandem para outro lugar, não quero mais estar aqui.

*cuervo*” (vendendo meu corpo), expressões que Catalina utiliza para se referir ao trabalho como profissional do sexo. A decisão de se dedicar ao trabalho com o sexo, no caso de Catalina, está mais baseado na ausência de outras escolhas. Assim, considero que o termo mais adequado para referir à sua situação laboral é de “sexo por sobrevivência” (*survival sex*) que se dá pela prostituição.

Survival sex refers to situations whereby women have to exchange sex in order to gain food, papers, to avoid being thrown into jail, to avoid physical violence, to fulfil material needs for themselves and their families. It can be in the form of prostitution, working for employers who demand sexual favours, being forced into unwanted sexual relationships, including marriage, because there is no alternative means of survival. It results in loss of self esteem, sexual transmitted disease, shame and stigmatisation, vulnerability to further abuse, unwanted pregnancies, dangerous abortions, children born of rape, and domestic violence. It impacts on individuals, families and communities.<sup>76</sup> (PITTAWAY, 2010, p.2)

O sexo por sobrevivência, e não por escolha, diante de variedade de opções ficou evidente na medida em que Catalina compartilha como se sente quando trabalha “*en la calle*”:

*Ahora estoy trabajando en la calle, pero ya quiero dejar de trabajar así. Quiero reunir un dinero para poner a trabajar otra vez, para ver si puedo vender empanadas. [...] Porque no me siento... no soy mujer de vender mi cuerpo porque cuando siento los hombres a mi lado me da asco y aún con asco me tengo que aguantar, no puedo hacer más nada. Un brasileiro me dijo que yo tenía cara de ser mujer de la casa "A boa mulher tem que buscar a casa, porque você não é mulher de la calle". Y siempre me recuerd eso. Y yo le dije que sí, que yo no soy mujer de vender mi cuerpo. Y eso que lo he hecho durante años, pero no me gusta hacerlo; si me gustara ya fuera millonaria [...]. Quiero dejar la calle, ya no quiero estar más allá, no quiero estar así como estoy ahora que para poder estar bien tengo que vender mi cuerpo y aguantar cochinas de los hombres.*<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> O sexo por sobrevivência refere-se a situações em que as mulheres precisam trocar sexo para obter comida, documentos, evitar serem jogadas na cadeia, evitar violência física, satisfazer as necessidades materiais de si mesmas e de suas famílias. Pode ser na forma de prostituição, trabalhando para empregadores que exigem favores sexuais, sendo forçadas a manterem relações sexuais indesejadas, incluindo o casamento, porque não há meios alternativos de sobrevivência. Isso resulta em perda de autoestima, doenças sexualmente transmissíveis, vergonha e estigmatização, vulnerabilidade a novos abusos, gravidez indesejada, abortos perigosos, filhos nascidos de estupro e violência doméstica. Isso afeta indivíduos, famílias e comunidades. (Tradução da pesquisadora)

<sup>77</sup> Agora estou trabalhando na rua, mas quero parar de trabalhar assim. Quero arrecadar dinheiro para voltar a trabalhar, para ver se consigo vender empanadas. [...] porque eu não sinto ... eu não sou uma mulher de vender o corpo, porque quando eu sinto os homens a meu lado, me dá nojo e mesmo com nojo eu tenho que suportar, não posso fazer mais nada. Um brasileiro me disse que eu tinha o rosto de ser uma mulher da casa "Uma boa mulher tem que buscar a casa, porque você não é mulher da rua". Sempre me lembro disso. E eu disse que sim, que não sou uma mulher de vender o corpo. Ainda bem que eu faço há anos, mas não gosto de fazê-lo; se eu gostasse já seria milionária [...]. Quero sair da rua, não quero mais estar lá, não quero estar como estou agora, vendendo meu corpo para conseguir estar bem e suportar sujeira de homens.

Baseada em uma visão moral da prostituição, Catalina parece querer compensar as “*cosas malas*” (coisas ruins) (“*vender su cuerpo*”) com “*cosas buenas*” (coisas boas), trazendo consigo uma visão dicotômica e prática de “bom” e “mau”:

*Aquí en Brasil yo he hecho muchas cosas, cosas malas y cosas buenas; cosas buenas porque he hecho mesas de madera, sillas, pisos, he pegado bloques, he aprendido a tejer con tela rota, he hecho cubremesas, cajitas, zarcillos, collares... muchas cosas.*

- *¿Esas son las cosas buenas que has hecho aquí en Brasil?*<sup>78</sup>

- *Sí.*

- *¿y cuáles son las cosas malas?*

- *Vender mi cuerpo.*

- *¿Crees que eso es malo? ¿Por qué?*

- *[...] mi Diosito sabe que yo no estoy aquí porque me gusta, que si estoy haciendo lo que hago no es porque me guste sino porque, cónchale, tengo que hacer. Si no, ¿cómo hago? Me duele.*<sup>79</sup>

Para Catalina as *cosas buenas* que fez são produtos que aprendeu a produzir, possivelmente sinalizando alternativas de meios de vida para além do trabalho com o sexo. Quanto ao último, traz uma mescla de sensações: parte de uma perspectiva moral e aparenta certa culpa, relacionando com o aspecto religioso - o *Diosito*, a quem se referiu diversas vezes. Há também um fator relevante: a (in)segurança ao trabalhar como profissional do sexo:

*Él me agarró por el brazo y me metió en el carro a juro y me quería picar porque me sacó un cuchillo, entonces yo grité "uy, no, no me mate, por favor no me mate que yo tengo familia, tengo dos hijas" y yo gritaba y gritaba y él me respondió "no me interesa, você não vá vivir..." y le metí una patada a la puerta del carro y me lancé. La policía me encontró en la calle y yo estaba toda golpeada. Me llevaron para el hospital y me hicieron exámenes para ver si me había partido una pierna o alguna cosa, y de la cara para ver si me había partido el cráneo porque tenía muchos chichones en la cabeza. Y eso nunca me había pasado en Venezuela, pero igualmente uno se viene para otro país y no sabe qué pueda pasar aquí. Por eso quiero dejar de trabajar en eso, por que sé que es un poco difícil. Una muchacha que trabajaba conmigo la mataron, la picaron y la*

<sup>78</sup> Minhas falas em negrito.

<sup>79</sup> Catalina: aqui no Brasil eu fiz muitas coisas, coisas ruins e coisas boas; coisas boas porque fiz mesas de madeira, cadeiras, pisos, coleí blocos, aprendi a tecer com tecidos quebrados, fiz coberturas de mesa, caixas, gavinhas, colares ... muitas coisas. - **Essas são as coisas boas que você fez aqui no Brasil?** - Sim. - **E quais são as coisas ruins?** - Vender meu corpo. - **Você acha que isso é ruim? Por quê?** - [...] Deus sabe que não estou aqui porque goste, ele sabe que se estou fazendo o que faço não é porque goste, mas porque, poxa, tenho que fazer. Caso contrário, como faço? Isso dói.

*lanzaron de un barranco hacia abajo y la encontraron cinco días después. Son cosas que pasan aquí en Brasil con muchachas como yo.*<sup>80</sup>

Catalina parece relacionar a insegurança do trabalho como profissional do sexo com o país de acolhida e sua condição de imigrante. Comenta de situações nas quais os clientes são violentos e, depois, se recusam a pagar:

*“[...] me pegaba durísimo en las nalgas, me moreteo las nalgas y las piernas y yo no le podía decir nada porque uno está vendiendo su cuerpo y no es fácil ‘Conchale, pero no me pegues así, yo también soy un ser humano’.*  
*‘você é da calle’*”<sup>81</sup>, respondeu o homem.

Nesta lógica, se a mulher é “*da calle*” é menos ser humano e já que está “*vendendo a su cuerpo*”, ao menos por aqueles minutos, já não é a dona de seu próprio corpo e deve aguentar as dores e os abusos.

Para Catalina, a leitura moral das *cosas malas* e *cosas buenas* não se limita ao trabalho com o sexo. A homossexualidade também é um tema repleto de impressões e sentimentos que parecem perpassar a culpa, o desejo, a necessidade de falar e de esconder. Mais uma vez, quando perguntei se ela observava diferenças em como as mulheres e os homens vivenciam a migração, para a minha surpresa, ela respondeu: “*lo ven a uno como un animal*”<sup>82</sup>.

Buscando entender a resposta, perguntei: “*¿a quién, al hombre o a la mujer?*”.

Catalina disse:

*“[...] pues no sé... cuando yo vivía con ella, ella me veía normal, pero las demás personas eran ‘esta está loca, después de que vivió tantos años con ese hombre ahora viene a vivir con una mujer’ (...) y uno tiene que aguantarse esas cosas”*<sup>83</sup>.

<sup>80</sup> Ele me agarrou pelo braço e me colocou no carro pela força e queria me esfaquear porque pegou uma faca, então eu gritei "Ui, não, não me mate, por favor, não me mate porque eu tenho família, tenho duas filhas" e eu gritei e ele respondeu: "Não me interessa, você não vai viver..." e chutei na porta do carro e me joguei. A polícia me encontrou na rua e eu estava machucada, eles me levaram ao hospital e me fizeram exames para ver se eu tinha quebrado uma perna ou algo assim, e do rosto para ver se eu havia quebrado meu crânio porque tinha galos na cabeça. Isso nunca aconteceu comigo na Venezuela. Mas você vem para outro país e não sabe o que pode acontecer aqui. É por isso que quero parar de trabalhar nisso, porque sei que é um pouco difícil. Uma garota que trabalhou comigo foi assassinada, a esfaquearam e a jogaram de um barranco e a encontraram cinco dias depois. São coisas que acontecem aqui no Brasil com garotas como eu.

<sup>81</sup> Ele me bateu muito forte nas nádegas, machuquei minhas nádegas e pernas e não pude dizer nada, porque estava vendendo meu corpo e não é fácil '*Conchale*, não me bata assim, eu também sou um ser humano', 'Você é dá rua'.

<sup>82</sup> Veem a pessoa como um animal.

Entendi que, uma vez mais, Catalina construíra um caminho para poder falar sobre a (sua?) homossexualidade. Ela compartilha que no Brasil a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) tem mais liberdade e é mais respeitada do que na Venezuela:

*Aquí en Brasil es más normal, las mujeres se besen afuera en la calle; en Venezuela es muy diferente que una mujer se esté besando con otra mujer, no hacen eso. Aquí en Brasil salen, hablan, se besan. He visto mujeres besándose, he visto mujeres que viven juntas en el refugio y que los hombres se visten de mujeres y andan con sus hombres como si fueran mujeres, normal. [...] En Venezuela a los gays los maltratan feo, los rechazan [...] les dicen groserías y palabras feas, los agarran a coñazos, los maltratan, los matan. Aquí es diferente, no es que los traten muy bien pero tampoco los tratan tan mal<sup>84</sup>.*

Em dado momento, Catalina comenta que convive com os homens gays e com as mulheres transexuais,

[...] *“pero las que son lesbianas yo no trato con ellas...”*.

Em outra ocasião afirma que

*“[...] el 60% de Boa Vista son gays y los demás son mujeres, o hay hombres que no se visten de mujeres pero son gays (...) y otros son bisexuales, les gustan las mujeres y los hombres”<sup>85</sup>.*

Por ações inconscientes de Catalina, a temática LGBT está sempre presente ao longo da entrevista e, ao que parece, é uma constante em sua mente. O universo LGBT parece causar fascinação enquanto a enche de desconforto: ao mesmo tempo em que tem a percepção de que a

---

<sup>83</sup> Bem, eu não sei... quando eu morava com ela, ela me via normal, mas as outras pessoas eram 'essa é doida, depois que ela viveu tantos anos com aquele homem, agora ela vem morar com uma mulher' [...] e é preciso aguentar essas coisas. .

<sup>84</sup> Aqui no Brasil é mais normal, as mulheres se beijam na rua; na Venezuela é muito diferente que uma mulher esteja beijando outra mulher, elas não fazem isso. Aqui no Brasil eles saem, conversam, beijam. Vi mulheres se beijando, vi mulheres que moram juntas no abrigo e homens se vestem como mulheres e andam com seus homens como se fossem mulheres, normal. [...] Na Venezuela, os gays são maltratados, rejeitados [...]. Dizem a eles palavrão e palavras feias, os agarram, os maltratam, os matam. Aqui é diferente, não é que eles os tratem muito bem, mas também não os tratam tão mal.

<sup>85</sup> 60% de Boa Vista são gays e o resto são mulheres, ou há homens que não vestem de mulher, mas são gays [...] e outros são bissexuais, gostam de mulheres e homens.

maior parte da cidade é homossexual/transexual, sente a necessidade de pontuar que não convive com lésbicas.

Para Catalina no momento da entrevista era difícil falar sobre gênero sem falar de sexualidade. Ainda assim, para ela há uma diferença fundamental na experiência de migrar quando se é homem e quando se é mulher, independente da sexualidade: o cuidado com as crianças. A partir da sua vivência no abrigo, ela reflete:

*“[...] para los hombres y para las mujeres se les hace difícil cuando tienen hijos: para las mujeres porque tienen que atender a los niños, limpiar, lavar, cocinar... para los hombres porque les molestan los hijos.”<sup>86</sup>*

Catalina, como mulher solteira que migrou sem as filhas e mora em um abrigo para famílias, observa que para todas as pessoas é difícil imigrar com crianças, mas, para ela, os motivos são bem distintos: para as mulheres porque envolve muito trabalho, para os homens porque é incômodo ficar ao redor de crianças. As normas de gênero não ficam do outro lado da fronteira.

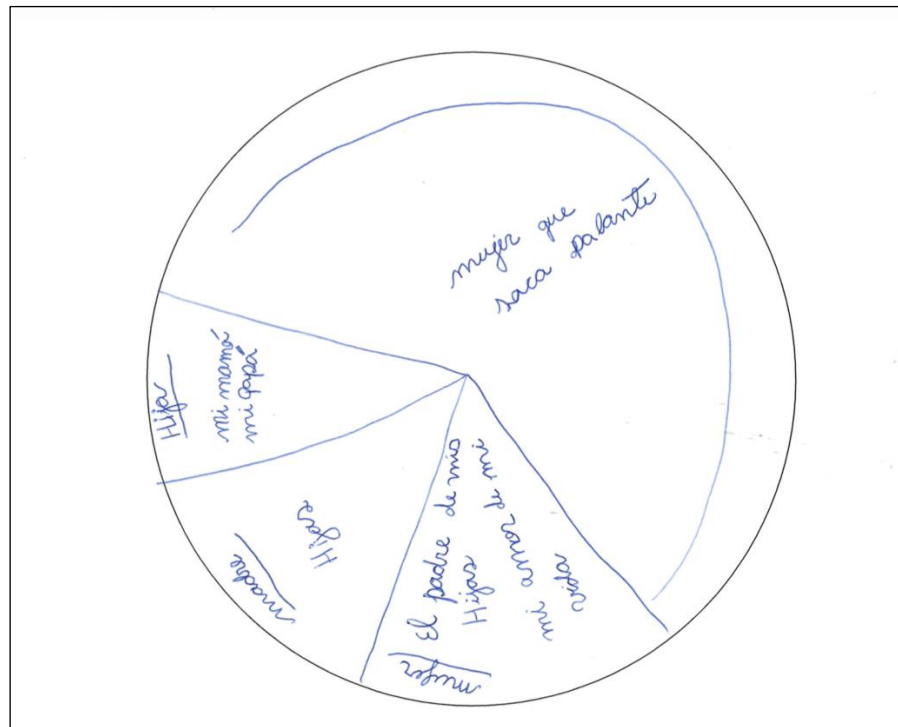
A partir da fala da Catalina pode-se identificar a tripla jornada que recai sobre as mulheres – vida profissional, cuidado com pessoas com necessidades específicas e tarefas domésticas. Essa tripla carga é observada em outras situações de deslocamento forçado ao redor do mundo (LIPSON; MILLER, 1994; SPITZER et al., 2003) e ocorre no contexto do fluxo migratório venezuelano ao Brasil.

As mulheres ocupam simultaneamente diversos papéis. Com o interesse em compreender como Catalina percebia seus próprios papéis desempenhados e a energia investida em cada um deles, convidei-a para fazer a atividade “Papéis na vida adulta” (DOUGLAS; MITCHELL, 1984). Catalina dividiu o círculo dado como “fatias de uma torta”, cada pedaço representando um papel desempenhado por ela.

---

<sup>86</sup> Para homens e mulheres se torna difícil quando têm filhos: para mulheres porque têm que cuidar de crianças, limpar, lavar, cozinhar... para os homens porque ficam incomodados com as crianças.

**Figura 6: “Papéis na vida adulta” por Catalina**



Catalina sinaliza quatro papéis desempenhados. O menor deles é o de “filha”, onde ela escreve “*mi mamá*” (minha mãe) e “*mi papá*” (meu pai). Um pouco maior está a fatia destinada ao papel de “mãe”, onde ela escreve “*hijas*” (filhas). De tamanho parecido está o papel “mulher”, fatia onde ela escreve “*el padre de mis hijas*” (o pai de minhas filhas) e “*mi amor de mi vida*” (o amor de minha vida), fazendo referência à mulher com quem se relacionou. Ocupando mais da metade do círculo está o papel de “*mujer que saca pa'lante*” (mulher que segue adiante). Catalina aponta que este é o papel que mais desempenha no momento: a mulher que sai para trabalhar como pode, que leva a família adiante e que é “*una luchadora*” (uma lutadora).

### **PLANOS PARA O FUTURO: *HASTA JAPÓN!***

Os planos de Catalina para o futuro são tão incertos quanto otimistas: quando pedi que desenhasse seu futuro, colocou em si mesma com um sorriso repleto de dentes (que lhe faltam desde a agressão por parte de seu ex-companheiro), suas filhas, uma casa com uma placa na qual se lê “*trabajo*” (trabalho) e outra onde se lê “*mi casa*” (minha casa). Ao ver o desenho, perguntei-

lhe em que país estão. Ela responde: “[...] donde Dios me mande. Si me quiere mandar para Japón, pues yo me voy para allá”<sup>87</sup>.

Seu objetivo é construir a vida que deseja, independentemente, de onde esteja.

Escolhe a caneta esferográfica para desenhar, mas utiliza, pela primeira vez, alguns lápis para colorir. Traços infantis, corpos disformes, perspectiva confusa. Dessa vez com mais detalhes o desenho de Catalina sinaliza algo que emergiu ao longo da entrevista: a importância de um apoio psicológico e a garantia de um cuidado com a saúde a partir da integralidade.

**Figura 7: Desenho de Catalina sobre seu futuro**



O tom passivo adotado quando Catalina fala de “ser mandada a algum lugar” é referência ao programa de relocação voluntária, a interiorização. Ela conta que está cadastrada e aguarda ser chamada para trabalhar em outro Estado do Brasil: “[...] son ellos los que deciden a dónde me mandan o dónde resulta el trabajo”<sup>88</sup>. O objetivo de Catalina é conseguir um trabalho que lhe ofereça estadia e alimentação. Assim, ela guardará a maior parte do dinheiro para poder comprar uma casa e buscar as filhas na Venezuela.

<sup>87</sup> Para onde Deus me envie. Se quiser me enviar para o Japão, então eu vou para lá.

<sup>88</sup> São eles que decidem para onde me mandam ou onde vai sair o trabalho.

Catalina está sempre pronta para que em qualquer jogo do destino seu objetivo se torne realidade. Coloca em cima da mesa uma pasta que abre com cuidado. Dentro, vários documentos: Cadastro de Pessoa Física (CPF), carteira de trabalho, protocolo de refúgio, cartão de vacinas e cartão do SUS. Explica: “[...] *por si me dicen de un trabajo, ahí los tengo, todos mis papeles de Brasil*”<sup>89</sup>. A resiliência e a esperança de Catalina não ficaram do outro lado da fronteira, não se perderam nos dias de caminhada e não foram roubadas em nenhuma noite de trabalho.

### BREVES CONSIDERAÇÕES

Hobfoll (2014) argumenta que a forma com que a pessoa responde ao trauma é profundamente afetada por sua história de vida, bem anterior à situação traumática em si. Da mesma maneira, a resposta ao trauma não acontece apenas no momento do evento, mas sendo uma cascata de perdas pessoais, sociais e materiais, seguem um movimento ondular e podem acontecer semanas, meses ou anos após o episódio.

As experiências na Venezuela que a fizeram migrar e a jornada até a Praça Venezuela certamente foram situações muito difíceis para Catalina. Ainda assim, vivências na infância/adolescência e experiências em sua longa estadia em Boa Vista em busca de integração apresentam-se ainda mais emocionalmente demandantes e potencialmente traumáticas. Catalina tem sua história de vida marcada por perdas das figuras de cuidado e violências de todas as espécies, ou seja, vulnerabilidades pessoais, familiares e sociais. Mas também parece ter desenvolvido uma representação positiva de apego/cuidado o que a motiva para a busca de melhores condições de vida para suas filhas e a não se submeter às perdas sistemáticas em sua existência

Para Catalina, assim como para a maior parte das pessoas refugiadas, os desafios após a imigração são diversos. Entre os listados por Galina e colaboradores (2017) identifiquei no caso de Catalina o desconhecimento do idioma, o acesso limitado às informações importantes, discriminação, falha no acesso ao sistema de saúde, separação da família e pressão para enviar dinheiro para familiares no país de origem. As autoras apontam a importância de considerar a

---

<sup>89</sup> Caso me falem sobre um emprego, aqui os tenho, todos os meus documentos do Brasil.

interlocução do cenário pós-migração com as experiências traumáticas pré-refúgio. No caso de Catalina, a dissociação entre as vivências anteriores e posteriores ao refúgio tornam-se impossíveis: em suas próprias falas ela deixa claro a inexistência dessa fronteira. Assim como é comum que pessoas refugiadas cheguem em situação de extrema vulnerabilidade social e suscetível a problemas de saúde mental (GALINA et al., 2017) é importante fortalecer os sistemas de suporte psicossocial nos locais de acolhida.

As mesmas autoras apontam que esse suporte não deve se basear numa interpretação estereotipada, que minimiza a pessoa refugiada a uma posição de vítima, passivamente à mercê do apoio psicológico e psiquiátrico oferecido pela comunidade de acolhimento. Tampouco se busca a medicalização da experiência migratória, ou o controle farmacológico ou psicológico de questões sociais, econômicas e políticas (KNOBLOCK, 2015)

Hobfoll (2014) considera que as teorias tradicionais de trauma tendem a não considerar a complexidade e variedade da experiência humana, tendo sido desenvolvidas em locais específicos e com povos e pessoas específicas. Assim, o peso dos fatores culturais para o desdobramento do trauma teria sido negligenciado. O cuidado psicológico e psiquiátrico da pessoa refugiada/imigrante deve considerar a cultura do país de origem e o contexto da migração, enquanto reconhece e abraça a singularidade do sujeito (KNOBLOCK, 2015). No caso de Catalina, acredito que apenas oferecendo um cuidado à saúde que considere essas questões, o princípio da integralidade, tal como previsto pela constituição brasileira, seria devidamente aplicado.

Partindo da Teoria de Conservação de Recursos (*Conservation of resources – COR*), Hobfoll (1989) assinala quatro tipos de recursos: objetual, de condição, de características pessoais e energéticos. Diante das diversas vulnerabilidades vividas por Catalina em sua vida pré-migração, as perdas de recursos objetuais não parecem afetá-la. Ao contrário de como estava em seu país de origem, no Brasil ela consegue um local para morar, comida diariamente e trabalha de tal maneira que consegue guardar algum dinheiro. Os demais tipos de recursos apresentam perdas mais significativas. Catalina aponta a discriminação, combinada à violência de gênero fortemente relacionado com a prostituição, como uma grande perda que a faz se sentir insegura. Trabalhou como profissional do sexo por anos na Venezuela e nunca viveu situações que tem vivido no Brasil. Conclui: “[...] *son cosas que pasan aquí en Brasil con muchachas como yo*”<sup>90</sup>.

---

<sup>90</sup> São coisas que acontecem aqui no Brasil com garotas como eu.

Há, nesse contexto, perda de condição. A língua é uma barreira que limita a experiência de Catalina no Brasil e mostra-se como uma perda de recursos pessoais, ao ponto que dificulta o desenvolvimento de relacionamentos com a comunidade local.

A teoria do COR prevê que quanto mais intacta estiver a caravana de recursos, mais provavelmente a pessoa conseguirá ser resiliente. Nessa perspectiva, o histórico de recursos será mais relevante para o desenvolvimento da resiliência do que a extensão do trauma em si (HOBFOLL, 2014). A resiliência de Catalina fica ainda mais impressionante quando se consideram os poucos recursos que pôde acessar e construir ao longo de uma vida repleta de eventos traumáticos.

Se for considerado outro desses eventos traumáticos na vida de Catalina como o ponto de partida, e não a migração, seria possível observar caravanas de perdas que iniciaram em sua infância na Venezuela, que possivelmente chegariam nos dias atuais no extremo norte do Brasil. Observa-se a resiliência de Catalina quando, apesar de todas as situações traumáticas, ela consegue seguir com sua vida, seja fazendo grandes planos para o futuro, ou seguindo seus pequenos planos diários. Está na ação de escrever em seu caderno, de planejar vendas de *arepas*, de ser tão participativa nas atividades de seu abrigo e ao carregar consigo sempre uma pasta com todos os documentos, afinal, nunca se sabe quando uma boa oportunidade pode surgir.

Para o desenvolvimento da resiliência pode-se perceber a importância da espiritualidade (recurso pessoal): em momentos dolorosos no passado, no presente com seus riscos e no futuro com incertezas, Catalina sempre conta com uma entidade superior que, de tão próxima, refere-se no diminutivo: seu *Diosito*. É interessante apontar que Betancourt e colaboradores (2015) também observaram esse recurso pessoal como um dos mais relevantes para a resiliência de mulheres somali refugiadas nos Estados Unidos. Essas mulheres não expressam a mesma fé que Catalina, mas “utilizam” o mesmo recurso para resistir às dores de uma vida entre fronteiras. O *Diosito* de Catalina, contudo, se mostra paradoxal: onipresente, é uma constante em sua vida, mas em todo o tempo é apequenado, está no diminutivo, em uma intimidade que pouco nos remete ao divino. Quem sabe apenas um *Diosito* paradoxal seja capaz de sustentar a complexidade da vivência humana de Catalina!

O dia a dia no abrigo também se mostra como um recurso para a construção da resiliência. Hobfoll e colaboradores (2002) argumentam que a comunidade possui um importante papel no processo de fortalecimento e desenvolvimento da resiliência. Ao longo da entrevista, Catalina faz

diversas referências ao abrigo onde mora. Participa ativamente do comitê de mulheres, das atividades de manutenção e conta:

*“[...] saben que trabajo en la calle y no me juzgan... me cuidan. Tengo para dónde regresar todas las mañanas”<sup>91</sup>.*

Perez-Sales e colaboradores (2005), ao pesquisarem o papel da coordenação do abrigo para os abrigados pós-terremoto em El Salvador, concluíram que pessoas mais participativas em atividades comunitárias sentiam menos desconforto emocional e mais resiliência, do que pessoas que não participavam dessas atividades coletivas. O abrigo para Catalina parece ser um local seguro, onde ela se sente cuidada e cuidadora e sua participação ativa pode ser um dos principais pilares que sustentam o desenvolvimento da resiliência.

Ao comparar as duas vezes em que Catalina preencheu o *Questionário de dificuldades na vida pós-migração*, com seis meses de distância entre aplicações, percebi que sua crescente participação nas atividades do abrigo pode ter sido um dos fatores de fortalecimento de uma rede social que lhe permitiu sentir-se mais pertencente. Questões como “isolamento” e “solidão e tédio”, que na primeira ocasião foram assinaladas como sérios problemas, na última foram postas como “não é problema algum”. Enquanto na primeira vez que respondeu o questionário sete questões foram percebidas como problemas sérios ou muito sérios, na segunda aplicação, cinco questões foram assinaladas desta maneira: “discriminação”, “separação da família”, “preocupação com a família no país de origem” e “condições ruins no trabalho” e “pobreza”.

---

<sup>91</sup> Eles sabem que eu trabalho na rua e não me julgam [...] cuidam de mim. Tenho um lugar para onde voltar todas as manhãs.

## CASO II - BELKYS

Os contatos que tive com Belkys não se limitaram às paredes do local onde ocorreram as entrevistas. Como trabalhadora humanitária convivi com Belkys em diversas fases de sua longa experiência de migração. Nos três encontros que tiveram como finalidade a pesquisa que dá origem a esta Tese, ouvi narrativas tão diferentes que cogitei nomear ficticiamente a participante de “Melissas”, utilizando o plural em um nome próprio. Foi a pluralidade na unidade de Fernando Pessoa e seus heterônimos que me fez refletir: quão contraditória seria eu, que insisto na não-linearidade e na pluralidade da vivência humana (aqui em específico da migração forçada), ao insistir em um nome plural? Credo na pluralidade na singularidade do ser humano, elegi um nome comum à cultura venezuelana e que dificulta o plural por conter em si a característica do plural no português e no espanhol: o final com “s”.

Antes de “começar” a primeira entrevista estávamos, eu e Belkys, conversando. Eu havia explicado mais uma vez o objetivo da pesquisa, quando ela diz:

- *Uno no elige ser mujer... le toca. Me tocó a mi, te tocó a ti...*

- *Le toca...* Eu repeti.

Ela, provavelmente pensando que estávamos com uma barreira linguística entre nós, resolveu me explicar mesclando o português e o espanhol:

- *No “toca” en el sentido de “toca na porta”. ¡Bueno, podría ser! Se nos tocan en la puerta y nos dicen: ¡eres mujer y ya! ¡Entonces le toca ser mujer y ya!*<sup>92</sup>

Rimos do jogo de palavras.

A imagem do “gênero” batendo na porta, criada por nossa interação, surgiu em diversos momentos enquanto Belkys compartilhava sua vida. Neste contexto, em um percurso migratório repleto de imprevistos, Belkys compartilha uma história que lhe permitiu possuir hoje os recursos para lidar com os desdobramentos de sua vida em movimento. Início, portanto, discorrendo e refletindo sobre sua infância, talvez, o momento em que o “ser mulher bateu na porta”.

---

<sup>92</sup> Não “toque” no sentido de “toque na porta”. Bem, poderia ser! Eles batem à porta e nos dizem: você é uma mulher e é isso aí! Então é a sua vez de ser mulher e é isso aí.

## A VIDA NA VENEZUELA

Belkys cresceu com seis irmãos e quatro irmãs, totalizando onze filhos de seus genitores. Sua infância foi marcada por um pai violento que tomava como base o gênero ao exercer a violência contra os filhos, filhas e esposa. As filhas deviam ficar em casa com a mãe, dedicando-se aos afazeres domésticos: “*del Liceo para la casa y de la casa para el Liceo*” (Do Liceu para casa e da casa para o Liceu). Com os filhos as regras eram diferentes: “Los varones si podían salir un rato porque ellos son varones y pueden tener trato, pero las hembras no”. (Os homens podem sair um pouco porque eles são machos e podem ter regalías, mas as mulheres não).

Para ilustrar, Belkys compartilhou um momento significativo de sua infância. Quando ainda era criança, sua irmã mais velha estava na faculdade. Um dia, um colega da irmã foi à sua casa para pedir algumas anotações. Sua irmã, muito nervosa, pediu que ele esperasse do lado de fora enquanto correu para buscar alguns papéis, entregou-lhe e pediu que ele fosse embora o mais rápido possível. Trinta anos depois e Belkys lembra em detalhes o que aconteceu em seguida:

*Quando el muchacho se va porque ella le dijo que se fuera, mi papá agarró a mi hermana por los cabellos la arrastró por toda la calle, estaba bañada de sangre, la metió para la casa y le entró a correazos y le decía que ella no tenía que estar dejando que nadie viniera a visitarla, que si ella iba a hacer algún trabajo lo tenía que hacer sola porque para eso él le compraba todo.<sup>93</sup>*

Assim foram crescendo todas as filhas. Qualquer contato com “o outro gênero” era suficiente para graves espancamentos. Os filhos vivenciavam violências constantes, “*igual de fuerte*” (igualmente forte), mas diferente. Trabalhavam desde cedo em ofícios demasiado difíceis para a idade e eram espancados quando algo não saía tal como imaginara o pai: “*En cada detalle ellos tenían que hacer lo que él les dijera*”<sup>94</sup>. Sua mãe vivia sob constantes agressões e ameaças, frequentemente testemunhadas pelos filhos e filhas. Os mais velhos de ambos os gêneros saíram por já não aguentarem viver sob tamanha tensão e violência.

A relação com o pai foi interrompida no final da infância de Belkys, após um episódio muito marcante. No último dia do ano, por insistência da mãe, todos os filhos e filhas foram para

---

<sup>93</sup> Quando o garoto saiu porque ela mandou ele ir embora, meu pai agarrou minha irmã pelos cabelos, arrastou-a por toda a rua, estava banhada em sangue, ele entrou em casa e bateu nela com o cinto e disse que ela não tinha que deixar ninguém vir visitá-la, que se ela ia fazer algum trabalho, ela tinha que fazer sozinha, porque para isso ele comprava tudo.

<sup>94</sup> Em todos os detalhes, eles tinham que fazer o que ele lhes dissera.

a casa do pai, que na ocasião morava no mesmo terreno, mas em uma casa separada do resto da família. Quando chegaram foram recebidos com sucos e refrescos, um comportamento tão inesperado que os deixou tensos e temerosos. Entrou em um quarto enquanto todos tomavam seus refrescos e voltou com cinco armas de fogo. Os mais velhos fizeram sinal para que os mais novos saíssem e buscassem ajuda. Belkys foi uma das que saiu neste momento. “*Él lo que quería era matarnos a todos*”<sup>95</sup>. Tentaram contê-lo e três dos filhos e uma das filhas ficaram gravemente feridos. Foi o último dia que conviveram com o pai.

*Ya mis hermanos mayores estaban cansados de tanto golpe y de tanta violencia y uno de mis hermanos le dijo a mi mamá "hasta hoy tú vas a aguantar malos tratos, a ti no te hace falta eso. Vamos a recoger todas las cosas y nos vamos a ir de aquí" y mi mamá asustada le preguntaba que para dónde y él solo respondía "nos vamos". Hasta ese día mi mamá vivió con mi papá.*<sup>96</sup>

Belkys reconhece que a iniciativa para a construção de uma nova forma de viver, distante das agressões do pai, partiu de suas irmãs e irmãos mais velhos. O cotidiano livre de violência demandou um esforço coletivo para garantir o sustento da família: todos e todas trabalhavam como podiam para assegurar a casa e as refeições. Como era uma das mais novas e nessa época ainda criança, Belkys analisa que sentiu menos o impacto da relação com o pai do que suas irmãs e irmãos mais velhos. Percebe o pai como alguém que não se permitiu ser amado e descreve sua relação com seus genitores e com seus filhos:

*Yo le inculcoo a mis hijos y a Juan "Juan, dales cariños, abrázalos, bésalos, díles yo te amo mi amor". Yo a cada rato le digo a mis hijos "papi, yo te quiero, yo te amo. Tú eres mi vida" y mis hijos me abrazan y me dicen "mami, yo te quiero, yo te amo, te adoro". Pero eso yo nunca se lo he dicho a mi papá porque él puso una barrera, él nunca se dejó querer. En cambio con mi mamá nosotros nos afincábamos a ella, era la que nos cuidaba, nos protegía de que él nos fuera a dar un golpe.*<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> Ele queria matar todos nós

<sup>96</sup> Meus irmãos mais velhos já estavam cansados de tanto golpe e tanta violência e um deles disse à minha mãe "até hoje você vai sofrer maus tratos, você não merece disso. Vamos recolher todas as coisas e ir embora daqui "e minha mãe assustada perguntou a ele para onde iam e ele apenas respondeu" nos vamos". Até aquele dia minha mãe morou com meu pai.

<sup>97</sup> Eu ensino aos meus filhos e ao Juan "Juan, dê-lhes carinho, abrace-os, beije-os, diga-lhes "eu te amo, meu amor". De vez em quando digo aos meus filhos: "Papi, eu amo você, amo você. Você é minha vida" e meus filhos me abraçam e dizem: "Mamãe, eu amo você, eu amo você, eu adoro você". Mas eu nunca disse isso ao meu pai porque ele colocou uma barreira, ele nunca se deixou amar. Por outro lado, nós éramos muito próximos da minha mãe, foi ela quem cuidou de nós, nos protegeu dos golpes do papai.

Relata que construiu com a mãe, irmãs e irmãos relações seguras e juntos conseguiram construir um lar repleto de tranquilidade. Deixaram de viver sob o mesmo teto, mas seguiam unidos e apoiando-se. Diante das condições da Venezuela, com o tempo, foram deixando também de viver sobre o mesmo chão: a maioria de seus irmãos e suas irmãs também saiu do país, “*hasta que algún día Dios se acuerde de nuestro país*”<sup>98</sup>. Cada um, como e quando pode, envia dinheiro e comida para a mãe.

Na juventude, Belkys casou-se com um homem que foi o pai de seus primogênitos, com quem viveu por sete anos. Depois dos estudos básicos começou a trabalhar como apoio administrativo em empresas. O fim do governo Chávez, na leitura de Belkys um marco para o início da crise venezuelana, coincidiu com o fim de seu casamento. Foi demitida na mesma época em que seu ex-companheiro decidiu separar-se dela. O gênero uma vez mais bateu na porta e Belkys tornou-se a única cuidadora e provedora da família.

*Cuando uno está sola la cosa es más difícil porque la responsabilidad de la familia la llevaba yo nada más, cuando mi esposo me dejó a mí también dejó a sus hijos porque nunca más volvió a ver por nosotros. Para mí fue muy duro, tenía que comerme las verdes y las maduras para poder mantener a mis dos hijos.*<sup>99</sup>

Diante das dificuldades de precisar cuidar sozinha das crianças e em meio ao início da crise financeira e social do país, Belkys mudou-se para a casa da mãe, que a apoiava com os netos enquanto ela, sem conseguir emprego em empresas, trabalhava com pequenas vendas para prover a família.

Três anos após o fim do primeiro casamento, Belkys inicia um relacionamento com Juan, de quem logo engravida de seu terceiro filho, Javier. A cada ano, a situação na Venezuela se tornava mais difícil para Belkys: não voltou a conseguir trabalho em empresas e cada vez mais o dinheiro que conseguia com as vendas não era suficiente para prover o mais básico. Conta que nem nos dias mais financeiramente difíceis de sua infância, como quando romperam relações com o pai, passou fome. Naquele momento sentia-se impotente ao ouvir a fome no choro de seu filho mais novo.

---

<sup>98</sup> Até que uma hora Deus se lembre do nosso país

<sup>99</sup> Quando você está sozinha é mais difícil porque a responsabilidade da família foi assumida por mim; quando meu marido me deixou, ele também deixou seus filhos porque nunca mais voltou para nos apoiar. Para mim foi muito difícil, passei muitas dificuldades para poder sustentar meus dois filhos.

## A DECISÃO ou AS DECISÕES

A movimentação pendular, que por vezes pode ser compreendida como incompatível com a solicitação de refúgio, é uma das características da migração venezuelana ao Brasil. Trata-se de pessoas que voltam à Venezuela depois de algum tempo no Brasil e, depois de um período, retornam à Roraima. As finalidades dessas idas à Venezuela são diversas: levar comidas e medicamentos, visitar alguém que precisa de cuidados, tentar estabelecer-se mais uma vez no país de origem ou até mesmo rever e celebrar com entes queridos. É ilustrativo desta característica pouco comum aos fluxos de deslocamento forçado as concessões dadas pelos abrigos às festas de final de ano de 2018: sabendo que muitas pessoas venezuelanas iriam à Venezuela para as festividades deu-se aos abrigados uma extensão do prazo comum de não comparecimento ao abrigo, assim, as pessoas poderiam passar até 15 dias fora sem perder a vaga.

Belkys foi uma das migrantes que se movimentou de maneira pendular. Veio ao Brasil uma vez para se estabelecer, retornou à Venezuela e, depois, decidiu voltar a construir uma vida em Roraima. Nesses períodos em terras brasileiras mais de uma vez foi à Venezuela temporariamente.

Belkys tomou a decisão de migrar duas vezes. Na primeira ocasião, a motivação estava no suprimento das necessidades mais básicas, em especial na alimentação dos filhos. Belkys trabalhou por toda sua vida, mas em dado momento o salário que sempre ganhou já não estava sendo suficiente para a comida. Conta que uma semana de trabalho era suficiente apenas para comprar um saco de arroz.

*Al llegar el momento en que tú ya no puedes con la situación que estamos pasando allá y viendo a mi hijo de dos años pidiéndome comida y yo no podía dársela. [...] Yo me iba con Juan a las ferias de hortalizas a recoger de la basura papas, zanahorias y cosas así que votan y yo las lavaba bien lavadas y se las cocinaba a mi hijo. Javier estaba chiquito y él no sabe aguantar hambre, por lo menos mis otros dos hijos ya estaban grandecitos y aguantaban, no me decían nada. Viendo tanta cosa mala yo decidí dejar mis hijos, los abandoné, los deje con mi mamá; vendí algunas cosas que tenía de valor para poder dejarle a mi mamá mientras yo me venía para acá.<sup>100</sup>*

---

<sup>100</sup> Há um momento que a gente não consegue mais lidar com a situação que estamos passando lá, vendo meu filho de dois anos pedindo comida, e eu não poderia dar a ele. [...] Eu ia com o Juan às feiras de legumes para pegar do lixo batatas, cenouras e coisas assim, eu as lavava bem, as cozinhava e dava ao meu filho. Javier era pequeno e não sabe suportar a fome, pelo menos meus outros dois filhos já eram grandes e podiam aguentar um pouco, não me disseram nada. Vendo tanta coisa ruim eu decidi deixar meus filhos, os abandonei, os deixei com minha mãe; Vendi algumas coisas valiosas para poder deixar dinheiro para minha mãe enquanto eu vinha para cá.

Foi diante deste contexto, em janeiro de 2018, que Belkys veio ao Brasil pela primeira vez. A mãe ficou cuidando dos filhos adolescentes, do primeiro casamento, e Juan, seu companheiro, ficou com Javier, o filho de dois anos. Rompendo fronteiras diversas, físicas entre países e socialmente construídas, como as de gênero, Belkys foi para Roraima com sua irmã para conseguir trabalho e enviar comida para sua família na Venezuela.

Depois de dois meses no Brasil, retornou para a Venezuela para “*llevar un saco de comida*”<sup>101</sup>. Voltou à Boa Vista poucos dias depois carregando mais do que imaginava no momento: estava grávida. Quando se deu conta de que esperava por mais uma criança, Belkys optou por não contar a ninguém e seguiu trabalhando para enviar dinheiro à família do outro lado da fronteira. Começou a se sentir muito mal e decidiu voltar a seu país de origem, levando consigo comidas e medicamentos que conseguiu comprar com o dinheiro que juntou em alguns meses de trabalho como empregada doméstica.

Belkys retornou para a Venezuela sete meses depois de vir ao Brasil pela primeira vez. Com o passar deste curto período de tempo seu país de origem parecia ter se tornado ainda mais instável e sua família ainda mais vulnerável. A irmã, que seguiu viagem e estava trabalhando em outra parte do Brasil, enviava dinheiro, mas cada vez mais os valores não eram suficientes. O que havia trazido de seu período em terras brasileiras

*“[...] fue acabando, acabando, acabando y cuando yo vi que lo que tenía no me daba ni para tomarme una vitamina o algo para mi barriga le digo a Juan ‘Yo ya conozco Brasil, es duro pero yo voy a ir a dar a luz a mi hija allá’<sup>102</sup>.*

Pela segunda vez Belkys decide emigrar. Além das questões que a motivaram pela primeira vez, em especial assistir a fome de seus filhos, ela tinha também a gravidez como mais um fator de grande preocupação. No hospital perto de sua casa, em questão de poucos dias dois bebês morreram em decorrência de dificuldades no parto que não foram assistidas por falta de capacidade estrutural. Uma vez mais Belkys tomou a iniciativa: iria ao Brasil e levaria consigo a filha no ventre e o filho pequeno nos braços. Relatou sua conversa com Juan, seu companheiro:

---

<sup>101</sup> Levar um saco de comida

<sup>102</sup> Estava acabando, acabando, acabando e quando vi que o que eu tinha não me dava nem para tomar uma vitamina ou alguma coisa para minha gravidez, eu disse para o Juan ‘Eu já conheço Brasil, lá é difícil, mas eu vou lá para dar à luz minha filha’.



*Mi vida en Venezuela era mi casa, que es lo que más extraño. Tenía mi casa y tenía mi mamá cerca a donde iba todos los días. Mi mamá no podía estar un día sin verme. (...) Era el ciclo: me paraba, iba a donde mi mamá, hacía mis cosas, salía a hacer mis diligencias, iba a dejar a mis hijos para el Liceo o para la escuela, si me salía algún trabajo lo hacía. Esa era la rutina de todos los días, pero estaba en mi casa yo tenía mi cuarto, tenía mi baño y tenía mis cosas, ¿me entiende? Pero una casa uno no come. Teníamos una casa pero íbamos a morir de hambre.<sup>104</sup>*

Diante das ausências marcadas com “X” vermelhos e apesar das novas ausências com as quais teria que lidar, a família percorreu junta o caminho que Belkys por diversas vezes percorreu sozinha: rumo ao Brasil.

### **A JORNADA ou AS JORNADAS**

O caminho entre sua cidade natal e Boa Vista foi percorrido diversas vezes por Belkys. Em cada uma dessas vezes os pensamentos, medos e desafios foram diferentes. Quando pedi que Belkys me contasse sobre a jornada para o Brasil ela considerou duas ocasiões: quando veio à Roraima pela primeira vez com a irmã e quando veio com o companheiro e as crianças, uma de colo e uma no ventre.

Na primeira ocasião, em janeiro de 2018, Belkys havia vendido algumas coisas que possuía, deixou a maior parte do dinheiro com sua família, para que se sustentassem por um tempo, e uma pequena porcentagem levou consigo para arcar os custos da jornada até Boa Vista. Ocorreu, contudo, que o dinheiro acabou antes mesmo de chegar à “línea”, linha, como a população venezuelana comumente se refere à fronteira. Para chegar até Boa Vista, Belkys contou com caronas desde Santa Elena de Uairén até a capital de Roraima.

Na primeira vez que Belkys migrou para Roraima a “Operação Acolhida” ainda não havia sido oficializada e os esforços para o ordenamento da fronteira estavam em fase de estruturação. Se por um lado as possibilidades de apoio às pessoas migrantes eram mais limitadas por parte dos órgãos humanitários ou instituições brasileiras, por outro, Belkys observa que havia mais abertura e apoio por parte da população local (quando comparado, principalmente, com sua vida no momento da entrevista, aproximadamente um ano e meio depois). Além de conseguir caronas até

---

<sup>104</sup> “Minha vida na Venezuela era minha casa, que é o que mais sinto falta. Eu tinha minha casa e minha mãe perto e eu ia lá todo dia. Minha mãe não conseguia passar um dia sem me ver. (...) Era o ciclo: eu acordava e levantava da cama, ia com minha mãe, fazia minhas coisas, saía para fazer minhas tarefas, deixava meus filhos no liceu ou na escola, se aparecia algum trabalho, eu fazia. Essa era a rotina diária, mas eu estava em casa, eu tinha meu quarto, meu banheiro e minhas coisas, entendeu? Mas uma casa não se come. Tínhamos uma casa, mas íamos morrer de fome.

Boa Vista, situação rara para um grupo de adultas caminhantes atualmente, elas também receberam de desconhecidos, brasileiros, alguns alimentos ao longo do caminho:

*“los brasileiros buenas personas me regalaban un pan o cualquier cosa, sería que me veían en la cara que yo tenía hambre y que mi hermana tenía hambre, porque yo me vine para acá sin nada, arriesgándonos a dormir en la calle y pasar hambre igual que todos los demás”<sup>105</sup>.*

Se se via “na cara” a fome, talvez, também se visse no corpo: Belkys conta que por conta da dificuldade em conseguir alimentos chegou a perder mais de trinta quilos na Venezuela e toda essa trajetória fez quando pesava 54 quilos.

Depois do retorno à Venezuela e, mais uma vez, a decisão de migrar para o Brasil, a jornada, por diversas razões, mostrou-se mais difícil. Belkys estava com seis meses de gravidez e, junto com o marido e o filho com menos de três anos de idade, precisou andar até “la línea”, já que na época os indígenas fecharam as estradas como forma de protesto e nenhum ônibus ou carro conseguia passar. Foram sete dias caminhando:

*“Me tocó caminar trochas y trochas para llegar a Santa Elena, dormíamos una noche en el monte y el otro día seguíamos caminando; pero yo al niño lo cubría, lo protegía y cuidaba mi barriga que la tenía grandota”<sup>106</sup>.*

O filho era a principal preocupação de Belkys:

*Descansábamos, dormíamos en el monte con hambre porque no teníamos que comer; me regalaron un pan en la 88 y yo iba pellizcándolo para Javier, no era para los tres; yo le decía a Juan: "aguanta, que tú aguantas más que él" y le daba a Javier un pedacito de pan y agua. Llegamos a Las Claritas y ahí habían unas partes con puntos de comida y una muchacha se me acercó y me regaló dos empanadas. Todo eso yo lo guardaba para Javier. Juan me decía "come porque tú estás embarazada" y yo le decía "calma, yo después como" y yo le daba eso a Javier. Cuando llegamos a Santa Elena yo respiré profundo y dije "Ya casi estamos. No te preocupes, que después de que lleguemos ahí a la línea, al menos un arroz pelado vamos a tener. No te preocupes". Pero él sí se desesperaba, fue un camino largo<sup>107</sup>.*

<sup>105</sup> Os brasileiros gentis me davam um pão ou qualquer coisa, seria porque viram na minha cara que eu estava com fome e que minha irmã estava com fome, porque eu vim aqui sem nada, arriscando dormir na rua e passar fome como todos os demais.

<sup>106</sup> Eu tive que andar trilhas e trilhas para chegar a Santa Elena, dormíamos uma noite no mato e no outro dia continuávamos andando; mas eu cobria meu filho, o protegi e cuidei da minha barriga que estava bem grande.

<sup>107</sup> Descansamos, dormimos no mato e com fome porque não tínhamos comida; eu ganhei um pão na estrada 88 e eu ia beliscando pedacinhos e se os dava ao Javier, não era para nós três; eu dizia ao Juan: "Aguente, você aguenta mais do que ele" e dava a Javier um pedaço de pão e água. Chegamos a Las Claritas e havia algumas vendas de comida e

Quando enfim chegaram à Santa Elena de Uairén foram pedindo carona até chegar em terras brasileiras. Na “línea”, encontraram um homem que esperava alguém e tinha passagens compradas para Boa Vista, “[...] *ese alguien nunca llegó, nos regaló el pasaje y así llegamos aquí*”<sup>108</sup>.

Belkys sabe por meio de relatos de pessoas que fizeram essa trajetória a pé, que este trajeto sem caronas dura 7 dias de caminhada. Conta que se precisasse caminhar até Boa Vista teria morrido.

Graças a “alguém” que não chegou e ao homem que lhes entregou as passagens de ônibus sem pedir nada em troca, Belkys e sua família conseguiram chegar à capital de Roraima. Em sua chegada viu sua bandeira imaginária, “[...] *la bandera de cuando uno logra una meta. Llegamos a la meta final. A mi meta.*”<sup>109</sup>.

No desenho que fez para retratar a jornada ao Brasil, é possível notar a Venezuela sendo representada pelas ausências, os “X” vermelhos também utilizados no desenho anterior, e, em Boa Vista, a bandeira que marca sua meta atingida. Enquanto desenhava foi relatando os acontecimentos do caminho à Roraima com seu filho e companheiro.

---

uma garota se aproximou de mim e me deu duas empanadas. Eu guardava tudo para Javier. Juan disse "Coma você porque você está grávida" e eu disse "Calma, eu como mais tarde" mas dava tudo para o Javier. Quando chegamos a Santa Elena, respirei fundo e disse: "Estamos quase chegando. Não se preocupe, depois de chegarmos à línea, pelo menos arroz puro teremos. Não se preocupe". Mas ele se desesperou, foi um longo caminho.

<sup>108</sup> Esse outro alguém nunca chegou, ele nos deu as passagens e assim chegamos aqui.

<sup>109</sup> A bandeira de quando alguém atinge uma meta. Atingimos o objetivo final. O meu objetivo.

**Figura 9: Desenho de Belkys sobre sua jornada**



Ao escolher essas duas ocasiões de travessias Belkys sinaliza para uma interessante diferenciação. Ainda que tenha percorrido o caminho entre sua cidade de origem e Boa Vista diversas outras vezes, inclusive depois da segunda travessia relatada, ela elege, de forma consciente ou inconsciente, essas duas ocasiões como **as** jornadas, os momentos de travessia que caracterizam sua migração. Mesmo em um movimento pendular frequente, essas foram as duas ocasiões em que a trajetória foi feita depois da decisão de deixar a Venezuela e morar no Brasil. Belkys mostra, assim, que a jornada enquanto parte da experiência migratória está mais relacionada ao psíquico, à decisão e aos sentimentos do que ao caminho físico entre dois locais.

### **A VIDA NO BRASIL: LA ESPERA**

Na primeira vez que veio ao Brasil, com a irmã, Belkys ficou na rua e construiu uma rotina centrada no rio:

*“Me tocó pasar bastante necesidad con mi hermana: nos bañábamos en el río, cocinábamos en el río, lavábamos la ropa en el río, pasábamos el día así caminando, ahorrando sol. Cuando llegaba la noche nos acercábamos a una iglesia cristiana y ahí nos tirábamos en el suelo a dormir junticas para cuidarnos”<sup>110</sup>.*

Conheceu uma senhora venezuelana que mora em Roraima desde os 14 anos e é casada com um brasileiro. Foi a partir dela que conseguiu um trabalho como empregada doméstica. Não tinha carteira assinada. Este foi seu primeiro e único emprego no Brasil. Belkys conta que se sentiu muito apoiada por essa senhora, que ela a *“queria muchísimo”* (a considerava muito). Alugou uma pequena casa para morar. Nos primeiros meses de trabalho conseguiu economizar para ir à Venezuela e levar comida, medicamentos e dinheiro para sua família. Ficou por algumas semanas e, sem saber, retornou ao Brasil, grávida. Engravidar era um medo para Belkys, que conta que com a crescente dificuldade em acessar métodos contraceptivos, milhões de mulheres venezuelanas estão vivendo a mesma situação de engravidar sem planejamento. Ela relata que chegou a utilizar diversos produtos caseiros e baseados em crenças populares: *“pero salí embarazada igual”<sup>111</sup>*.

Belkys termina por ilustrar um dos pontos apontados pelo relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (UNHCHR, 2019) sobre como a situação política-social-econômica na Venezuela afeta as mulheres. Em um contexto em que são consideradas as principais ou únicas responsabilizadas pela contracepção, a falta de acesso aos métodos existentes é um fato embalsamado pelo peso do gênero.

Continuou trabalhando para a mesma família e quando percebeu que estava grávida achou melhor não dizer à patroa por medo de perder o trabalho. Contudo, com poucos meses já não era possível esconder. Belkys sentia-se muito mal e, depois de ir ao hospital, descobriu que sua gravidez era de risco e que ela não deveria trabalhar. Em sua perspectiva, não era a gravidez a origem das reações dolorosas de seu corpo, na verdade era o reflexo das dores da distância e da insegurança sobre as condições de seus filhos:

---

<sup>110</sup> Eu tive que passar muita necessidade com minha irmã: tomávamos banho no rio, cozinávamos no rio, lavávamos nossas roupas no rio, passávamos o dia andando, evitando o sol. Quando a noite chegava, nos aproximávamos de uma igreja cristã e ali nos deitávamos no chão para dormir juntas e para cuidar uma da outra.

<sup>111</sup> Mesmo assim, engravidei.

*“A mi la soledad de no tener a mis hijos me daba muy duro. Eso me estaba enfermando. Yo me conseguía aquí algo o tenía una comida que me daban y me la comía, pero no sabía si mis hijos allá estaban comiendo. Eso fue lo que me enfermó”<sup>112</sup>.*

Apesar dos apelos da patroa e dos médicos e segura de que a origem do padecimento de seu corpo estava na ausência dos seus filhos e não na presença de uma nova criança, Belkys retornou à Venezuela.

Refazendo o caminho pela segunda vez, Belkys levou para sua família toda a comida, medicamento e dinheiro que conseguiu em seus meses no Brasil. Conta que viveu dias muito felizes enquanto tudo o que levou se acabava. Em poucos meses já não tinha mais nada e decidiu retornar ao Brasil, levando consigo o companheiro e o filho mais novo. No ventre, carregava a filha. A mulher que tinha indicação médica para repouso absoluto, motivado por uma gravidez de risco, percorreu toda a árdua trajetória até chegar à “bandeira da sua meta”. Com isso, Belkys reforça sua teoria: a origem da sua “*enfermedad*” (enfermidade) não era física, mas sim psicológica e, segundo ela mesma, “geográfica”.

Ao chegar em Boa Vista com sua família, sem ter onde viver ou dormir, resolveu se estabelecer em frente ao Hospital de Crianças. Estava com seis meses de gravidez e uma criança pequena, sabendo do funcionamento do Sistema Único de Saúde no Brasil - inclusive o princípio que a faz apta a receber atendimento gratuito - pensou ser um local estratégico para “estabelecer-se”:

*“Llegué a las calles otra vez. Yo dormía en el Hospital de Crianças, por donde está la grama, prácticamente en la calle cerca de la Avenida., Tenía la barriga grandota y dormía ahí en un cartón”<sup>113</sup>.*

Contou com orgulho que no período que viveu na rua não precisou depender do rio, já “*tenía algunas amistades*”<sup>114</sup> e buscava essas pessoas para poder tomar banho e lavar algumas peças de roupa.

Belkys emociona-se ao contar pequenas ações que, para ela, são a prova de que “*nunca le falta Dios a uno*”<sup>115</sup>, como um homem brasileiro que lhe deu 20 reais:

<sup>112</sup> Minha solidão por não ter meus filhos mexeu muito comigo. Isso estava me deixando doente. Eu pegava algo aqui ou comia uma refeição que ganhava de alguém, mas eu não sabia se meus filhos estavam comendo lá. Foi isso que me deixou doente.

<sup>113</sup> Cheguei às ruas novamente. Dormi no Hospital das Crianças, onde fica a grama, praticamente na rua perto da avenida. Tinha a barriga bem grande e mesmo assim dormia lá sobre papelão.

<sup>114</sup> Tinha feito amizade com algumas pessoas.

*“Se acercó un brasileiro y me quedaba viendo. Yo estaba asustada porque tenía un rato viéndome. Se subió en un carro y cuando de repente se baja un niño y me dice ‘toma’ y me regala veinte reales. Yo con esos veinte reales compré comida como para tres o cuatro días”<sup>116</sup>.*

Depois de um mês morando nas ruas, ao sétimo mês de gestação, Belkys conseguiu ser abrigada junto com sua família em um dos abrigos para pessoas refugiadas em Boa Vista, onde vive até o momento em que concedeu as entrevistas.

Belkys conta que na primeira vez que migrou à Roraima solicitou refúgio no Brasil. Procedeu assim porque:

*“con el refugio me daban el abrigo y para que el gobierno de Brasil me ayudara, a mí me habían dicho que sacando el refugio yo podía tener algún beneficio, que me ayudaban más por ser refugiada. Y bueno, todavía no he tenido ninguno de esos beneficios”<sup>117</sup>.*

As informações e compreensão de Belkys sobre os “benefícios” que teria acesso por solicitar refúgio partem de um entendimento equivocado sobre a “proteção” às pessoas refugiadas e da operacionalização da “Operação Acolhida”, que oferece acesso aos mesmos serviços aos solicitantes de refúgio e de residência, sem diferenciar por *status* migratório. Imaginando que só havia conseguido vaga em um abrigo por ter o “protocolo de refúgio”, Belkys compartilha que solicitou a residência, um ano depois de solicitar refúgio, por motivos práticos:

*El primer papel que tuve fue mi protocolo de refugio, que fue lo que saqué la primera vez que vine, pero cuando se me venció ya estaba en el abrigo y decidí sacar mi residencia porque es un poco más largo el tiempo. Cuando uno saca el refugio es un año y cuando uno saca la residencia le dan tres años. Se me hizo fácil<sup>118</sup>.*

---

<sup>115</sup> Deus nunca falta

<sup>116</sup> Um brasileiro aproximou-se e estava olhando para mim. Eu estava com medo porque já tinha um tempo me observando. Ele entrou no carro e quando de repente uma criança sai e me diz "pega" e me deu vinte reais. Com esses vinte reais eu comprei comida para três ou quatro dias.

<sup>117</sup> Com o refúgio me dariam abrigo e o governo brasileiro ia me ajudar, disseram-me que tirando o refúgio eu poderia ter algum benefício, que me ajudariam mais sendo refugiada. Bem, eu ainda não recebi nenhum desses benefícios.

<sup>118</sup> O primeiro documento que tive foi o protocolo de solicitação de refúgio, que foi o que tirei na primeira vez em que vim, mas quando terminou a validade eu já estava no abrigo e decidi tirar o documento de residência porque o tempo de validade é um pouco mais longo. Quando você faz a solicitação de refúgio, a validade do documento é de um ano, mas a validade do protocolo de residência são três anos. Foi fácil para mim.

Há em Boa Vista, entre a população brasileira e a população migrante uma constante rede de informações falsas que são construídas e compartilhadas, tanto por aplicativos de mensagens, quanto pelo boca-a-boca. Por vezes, tais informações surgem de um dado da realidade, mas se modificam a cada pessoa que repassa a informação. Pessoas que trabalham na resposta humanitária precisam frequentemente lidar com esses fatos inverídicos: são atos esdrúxulos supostamente praticados por pessoas migrantes e refugiadas e, por outro lado, informações equivocadas sobre direitos das pessoas estrangeiras e projetos para o auxílio da população em situação de vulnerabilidade. Para além dessa rede de informações inverídicas, ainda há a expectativa da pessoa migrante e refugiada, tão frequentemente desproporcional à pouca bagagem física que traz consigo.

Neste complexo entrelaçamento de expectativas, frustrações, informações inverídicas e direitos, há seres humanos, há Belkys, que solicitou refúgio por acreditar que assim teria benefícios, mas afirma que não teve benefício algum. Por outro lado, acredita que conseguiu vaga no abrigo por ter protocolo de refúgio e, por sentir que tem a vaga garantida e motivada pelo “prazo de validade” decide solicitar a residência temporária.

A gravidez fez com que Belkys tivesse prioridade no processo de abrigamento. Ela entrou no abrigo com sua família dois meses antes de dar à luz. Tinha o sonho de parir em uma igreja, local conhecido pelo apoio ofertado às pessoas venezuelanas em situação de vulnerabilidade. Quando se aproximou a data prevista, sempre que sentia alguma dor, ia à tal igreja. Belkys conta que neste local trabalhou uma senhora que era a única pessoa que ela confiava e, por isso, fazia questão de parir nesta local. Tinha medo de parir no abrigo.

Em um desses dias passou toda a tarde na igreja, com dores fragmentadas. No começo da noite, quando as dores pararam, voltou ao abrigo. Sem sentir dor, mas percebendo que a bolsa rompeu, Belkys chamou uma vizinha que pediu que os militares, responsáveis pelo abrigo durante a noite, pedissem uma ambulância. Ela conta que eles a examinaram e disseram: "*tú no estás dilatando, tú no tienes nada. No vas a parir*"<sup>119</sup>.

Ao longo desta noite Belkys foi ao banheiro quatro vezes, sempre acompanhada do marido:

*Como a las 2 y pico le digo a Juan "acompañame al baño otra vez" y él dice "pero...", y yo "cónchale, vale, acompañame" y él "para qué", y yo "es que me estoy haciendo popó". Pero yo seguía sin tener dolores. Cuando llego al baño me quedo pensando*

<sup>119</sup> Você não está dilatando, você não tem nada. Você não vai dar à luz.

*"tengo ganas de hacer popó, pero sí se me sale la niña en la poceta..." y me senté y hago y hago y dije "Sí, son ganas de hacer, pero a mí me han dicho que uno no hace esas cosas antes de parir". Cuando me percató, yo orino, orino y orino y orino tanto como si tuviera siglo sin orinar. Le dije a Juan "búscame que me voy a bañar" y me bañé, me limpié, me acomodé y cuando llego a la carpa me siento en la colchoneta y le digo "pásame la bata" y cuando me pongo la bata ya no me podía parar. Me vinieron las contracciones una detrás de otra, pero tan rápido que ya se me estaba saliendo a mitad del camino. Salí caminando hacia la oficina, poquito a poco; iban a ser las tres de la mañana<sup>120</sup>.*

Enquanto compartilha os acontecimentos que antecederam o nascimento da sua filha, Belkys se mostra emocionada, parece reviver cada momento e não poupa detalhes para descrever suas sensações. Por outro lado, o momento do parto e os acontecimentos após o nascimento já não são detalhados ou vívidos.

*Estaban los militares nada más y unos vecinos míos que me estaban cuidando. Yo tenía una rabia con estos benditos dolores...me acostaron en una mesa ahí, pusieron una colchoneta y me acostaron. Cuando llegaron los paramédicos ya Irene nació ahí en la mesa en la oficina, por eso es que ellas dicen que ella es el bebé Marechal<sup>121</sup>, ella nació en la oficina a las tres de la mañana<sup>122</sup>.*

Ao aprofundar na temática algumas das motivações para essa sensação submergiram, em geral, estavam pautadas em uma questão comum à maternidade: a invisibilidade das mães frente ao bebê.

*"Tenía mucha pena porque todo el mundo estaba pendiente de esa barriga en vez de estar pendientes de mí y llevarme al hospital"<sup>123</sup>.*

---

<sup>120</sup> Mais ou menos às 2 horas na madrugada eu disse ao Juan "Venha comigo para o banheiro de novo", e ele disse, "Mas ..." e eu "Poxa, venha comigo" e ele "Para que?" e eu "É que eu vou fazer cocô ". Mas eu ainda não sentia dor. Quando eu cheguei ao banheiro fiquei pensando "Eu quero fazer cocô, mas se a garota sair e cair no vaso?" e me sentei no vaso e tentei e tentei fazer cocô e aí pensei: "Sim, é cocô mesmo, mas eu tenho ouvido que a gente não faz essas coisas antes de dar à luz". Quando percebo, estou fazendo xixi, xixi e xixi, tanto quanto se eu tivesse um século sem urinar. Eu disse a Juan "me ajude que eu vou tomar banho" e me banhei, me limpei, me arrumei e quando cheguei à tenda me sentei no colchão e le disse "passe-me a roupa" e depois de me vestir já não podia parar. As contrações vieram uma após a outra, tão rápido que o bebê já estava saindo. Fui caminhando para o escritório, pouco a pouco; seriam três da manhã.

<sup>121</sup> Nome fictício de um abrigo.

<sup>122</sup> Lá só estavam os militares e uns vizinhos que estavam cuidando de mim. Eu estava com raiva pelas dores... eles botaram um colchão acima de uma mesa e me deitaram. Quando os paramédicos chegaram a Irene já tinha nascido lá na mesa do escritório, é por isso que dizem que ela é a bebê Marechal, ela nasceu no escritório às três da manhã.

<sup>123</sup> Fiquei chateada porque todo mundo estava focando na barriga em vez de estarem cientes de mim e me levar para o hospital.

Com o nascimento de Irene, o gênero bateu à porta por ser uma menina, mas bateu uma vez mais à porta de Belkys e ela tornou-se invisível. Tão invisível que, naquele pequeno container utilizado como escritório, os paramédicos tiravam fotos com a recém-nascida sem se dar conta que, no cenário do retrato estava uma mulher descoberta, vulnerável e precisando de cuidados médicos.

*Los paramédicos se tomaban fotos con Irene y yo ahí todavía llena de sangre y ellos tomándose fotos y subiéndolas a las redes. Me dio un ataque de frío, yo estaba temblando y pedía que me taparan, que me taparan porque yo estaba ahí descubierta y ellos en vez de taparme estaban pendientes era de la niña. Llego al hospital y allá todavía los paramédicos se tiraban fotos y todas esas fotos están en el Facebook. Le tiraron bastante fotos<sup>124</sup>.*

O gênero certamente batia à porta mais uma vez, mas ele não estava desacompanhado: classe social, cor e nacionalidade, interseccionados, permitiram que sem a devida autorização (e antes dos devidos cuidados médicos), as fotos de alguém que acabou de chegar ao mundo já estivesse em um universo incontrolável: a Internet. O medo de parir no abrigo e a vontade de estar na igreja naquele momento delicado estavam baseados no que Belkys já previa: a falta de cuidado com ela, a mulher-mãe, e a espetacularização de um nascimento naquelas circunstâncias.

Ser mulher seguiu batendo na porta. Pouco tempo depois do nascimento de Irene, Belkys começou a sair às ruas em busca de emprego. Levava a bebê nos braços e andava pela cidade buscando trabalho naquilo que costumava trabalhar na Venezuela. Não esperava que uma nova fronteira invisível se faria presente em sua experiência migratória: a divisão de trabalhos por gênero no Brasil.

*Los hombres tienen más facilidad para conseguir un empleo. Aquí en Brasil yo siento que hay machismo; en Venezuela yo trabajé en una empresa y ahí las mujeres trabajan lo mismo que los hombres: trabajan albañilería que aquí le dicen pedreiro, saben batir mezclas, saber pegar bloques, saben cómo es una construcción. Cuando yo llegué aquí buscando trabajo de pedreira las personas se echaban a reír porque acá no hay una mujer que trabaje eso y en Venezuela sí. Yo creo que aquí no permiten que una mujer trabaje eso.<sup>125</sup>*

---

<sup>124</sup> Os paramédicos tiraram fotos com Irene e eu ainda cheia de sangue lá e eles tirando fotos e postando nas redes sociais. Me deu um ataque de frio, eu tremia e pedi para ser coberta porque estava lá descoberta e eles em vez de me cobrir estavam atentos só com a menina. Quando cheguei ao hospital os paramédicos ainda estavam tirando fotos e todas essas fotos estão no Facebook. Eles tiraram muitas fotos.

Diante de diversas negativas, Belkys resolveu buscar outras alternativas para geração de renda. Sua relação com o Marechal, tantas vezes colocado como mais um personagem em seu processo migratório, mudou quando Belkys começou a se envolver com um grupo de mulheres empreendedoras organizado pela gestão do abrigo em parceria com um organismo internacional. O objetivo do grupo era que as mulheres pudessem empreender de maneira organizada. Ela, que não tinha construído muitas relações com outras pessoas do abrigo a não ser seus vizinhos, por conhecer sobre a produção do produto que seria produzido e comercializado pelo grupo, terminou assumindo um papel de liderança. Conta que deixou de estar sozinha e passou a ser conhecida e considerada no Marechal.

*“Junto con mis mujeres construimos una rutina de trabajo. Ya hemos vendido suficiente para dar un poco para cada una y tener algo para el grupo, como un capital. Nos apoyamos en otros temas también, no solo cosas del trabajo”<sup>126</sup>.*

Depois de cinco meses à frente deste grupo, Belkys recebeu uma notícia preocupante da Venezuela: seu filho de 19 anos, Yoslin, foi esfaqueado durante um assalto quando estava saindo para o trabalho. Quando isso correu, cedo pela manhã, o levaram ao hospital. Lá foram informados que não havia material, medicamento ou profissionais para atendê-lo. Yoslin ficou todo o dia com a ferida aberta e sangrando, *“no había ni mismo para limpiarlo”<sup>127</sup>*. Até que, no final da tarde, chegou o chefe de Yoslin, segundo Belkys, um homem rico e conhecido na região.

*Sería que pensaban que era malandro, no sé, a él lo tenían tirado ahí, lo que decían era que no había médico, que no había medicamentos, que esperara, que esperara, que esperara y mi hijo ahí. Eran las 5 de la tarde y el jefe llega y dice que por qué no lo han atendido, que él no es ningún malandro, que lo atiendan, que lo revisen. Después que llegó al jefe que se molestó lo atendieron, lo revisaron, lo limpiaron y al otro día fue que decidieron operarlo para ver si había tocado algún órgano. Le hicieron una operación*

---

<sup>125</sup> Os homens são mais fáceis de conseguir emprego. Aqui no Brasil eu sinto que existe machismo; na Venezuela eu trabalhei em uma empresa e lá as mulheres trabalham da mesma forma que os homens: elas trabalham no que aqui chamam pedreiro, sabem fazer todo o trabalho de construção. Quando cheguei aqui procurando trabalho de pedreira, as pessoas riram porque não há mulher aqui que trabalhe com isso e na Venezuela sim. Eu acho que aqui eles não permitem que uma mulher faça esses trabalhos.

<sup>126</sup> Juntamente com outras mulheres, construímos uma rotina de trabalho. Já vendemos o suficiente para dar um pouco para cada uma e ter algo para o grupo, como um capital. Também nos apoiamos com outras questões, não apenas coisas do trabalho.

<sup>127</sup> Não tinha nem para limpá-lo.

*bastante fuerte porque le quedó una cicatriz enorme desde la parte de aquí hasta aquí, lo abrieron demasiado*<sup>128</sup>.

Aparentemente a ausência ou presença de materiais, medicamentos e profissionais no hospital dependia de alguns fatores como, por exemplo, se há alguém com poder político para interceder, ou se o paciente em questão é “malandro” ou não. Ainda que tenha conseguido receber os cuidados emergenciais na Venezuela, Yoslin não tinha acesso aos medicamentos contínuos necessários no pós-operatório e à alimentação devida para sua condição. Belkys havia recebido há pouco tempo um auxílio financeiro por parte de uma organização internacional que trabalha com projetos de intervenção baseada em dinheiro (*Cash based intervention*) e utilizou boa parte do dinheiro para ir à Venezuela com medicamentos para o filho. O companheiro e o filho mais novo ficaram no abrigo e, junto com Irene, mais uma vez Belkys fez o caminho para sua cidade natal. Lá ficou até a saúde de Yoslin ficar um pouco mais estável, mas frequentemente o rapaz tinha infecções para as quais não se encontravam medicamentos na Venezuela. Nestas condições, Belkys resolveu fazer a trajetória ao Brasil mais uma vez:

*“Me tocó salir para allá y me lo traje para acá y aquí me lo han atendido, varias veces lo he llevado al hospital porque le estaba dando fiebre por no estar tomando antibióticos y esas cosas que necesitaba; gracias a Dios que se mejoró con los medicamentos que le dieron aquí”*<sup>129</sup>.

Nesta ocasião emigrou com ela, também, sua filha de 15 anos, Jaqueline, que logo conseguiu vaga em uma escola de ensino médio em Boa Vista – algo raro de ocorrer fora do período de matrícula. Finalmente Belkys tinha consigo, no abrigo, seus quatro filhos. Este era o contexto de sua vida quando, na segunda entrevista, ela compartilha:

*Todo es un proceso en la vida y yo creo que lo único que me falta a mí para estar tranquila es tener mi empleo y tener una casita donde vivir, tener a mis hijos en la casa, que estudien, que vayan al Liceo, que vaya Yoslin a la universidad, Javier que vaya para*

---

<sup>128</sup> Será que eles achavam que era um criminoso, eu não sei, eles o tinham deitado ali, o que eles disseram foi que não havia médico, que não havia remédios, que ele tinha que esperar. Ele esperou, esperou e esperou. Eram cinco horas da tarde quando o chefe chegou e perguntou porque ele não tinha sido atendido, que ele não era um cara mau, que ele devia ser tratado e examinado. Depois que o chefe dele ficou chateado, ele foi atendido e limpo. No dia seguinte eles decidiram operá-lo para ver se ele havia atingido algum órgão. Ele teve uma operação muito forte porque ficou com uma cicatriz enorme, da parte daqui até aqui, eles o abriram demais.

<sup>129</sup> Eu tive que ir lá e trazê-lo para cá e já foi atendido aqui, várias vezes o levei ao hospital porque estava com febre por não tomar os antibióticos e as outras coisas que precisava; graças a Deus ele melhorou com os medicamentos que recebeu aqui.

*el kínder y Irene a una guardería. Y bueno, nosotros a trabajar, ese es el proceso de la vida de nosotros, es lo que vamos a hacer.*<sup>130</sup>

Em pouco tempo Yoslin já estava com a saúde estabilizada e participando, assim como Belkys, de comitês do abrigo:

*“Él se puso de colaborador en el abrigo, colaboraba en la limpieza. Nosotros tenemos el trabajo de limpiar el abrigo, recoger la basura y todo eso; cuando no, él se metía de colaborador en la cuestión de la comida, para servirle la comida a las personas”*<sup>131</sup>.

Belkys conta que Yoslin começou a trabalhar aos 15 anos.

*“Él ya tenía días que me decía "mami yo me siento desesperado porque no tengo...a veces me quiero comer algo y no tengo y a mí me gusta trabajar”*<sup>132</sup>

Na Venezuela estava participando do processo seletivo para o grupo de inteligência da polícia, mas como não se aceitavam cicatrizes grandes, ele precisou desistir deste objetivo. Buscou os militares do abrigo para entender se conseguiria levar esse sonho adiante no Brasil:

*Los militares le agarraron bastante cariño y él le dice al mayor, que ni sé cómo se llama, "yo quiero estar en la milicia. yo quiero estudiar. ¿Será que yo puedo estudiar en la Policía Federal?. Y el Mayor le dijo "No sé, yo creo que no. Pero si puedes estudiar en la milicia. ¿Tú quieres estudiar?. Y él le respondió "sí, yo quiero estudiar", "Ok. Yo te voy a decir cómo tú vas hacer..."*<sup>133</sup>

Na entrevista seguinte, a terceira, o semblante, as palavras e os sentimentos de Belkys eram outros. Em um domingo, Yoslin havia avisado que sairia para coletar latas de alumínio com outros jovens do abrigo. Ela insistiu que ele não fosse:

---

<sup>130</sup> Tudo é um processo na vida, acredito que a única coisa que preciso para ter calma é ter meu emprego e ter uma casinha para morar, ter meus filhos em casa, que eles estudem, que eles frequentem uma escola, que o Yoslin vá para a faculdade, o Javier para o jardim de infância e Irene para o berçário. E bem, e eu e meu esposo a trabalhar, esse é o processo de nossa vida e é o que vamos fazer.

<sup>131</sup> “Ele ajudava no abrigo, ajudava na limpeza. Nós temos o trabalho de limpar o abrigo pegar o lixo e tudo mais; quando não dava, ele ajudava na questão da comida, para servir a comida as pessoas do abrigo”.

<sup>132</sup> "Ele já tinha dias me dizendo:" Mamãe, eu me sinto desesperado porque não tenho ... às vezes eu quero comer alguma coisa e não a tenho... e eu gosto de trabalhar "

<sup>133</sup> Ele se dava bem com os militares e ele disse ao major, que nem sei o nome dele: "Quero estar na polícia. Quero estudar. Será que posso estudar na Polícia Federal? E o major disse a ele "Eu não sei, acho que não. Mas você pode estudar na polícia. Você quer estudar? E ele respondeu "Sim, eu quero ", "Ok. Eu vou lhe contar como você tem que fazer ...".

*“Ya tú eres un hombrecito de 19 años, pero igualito a mí me da miedo’ y me dijo ‘mami, yo voy a salir’ y yo pensaba ‘si le digo que no, igualito va a salir porque ya él es mayor de edad y ya él quiere saber y conocer’.”<sup>134</sup>. Me entretuve. Me acosté, pero yo cada ratito en la noche me paraba y veía la colchoneta y pensaba en él.”.*

Às 6 horas da manhã acordou e percebeu que o filho ainda não havia retornado. Falou com alguns vizinhos que foram procurá-lo em um bar e não o encontraram. Foi pedir para revisar a gravação da câmara de segurança, que monitora a entrada do abrigo. *“Es la primera vez que Yoslin sale del abrigo! ¡No ha regresado!”*<sup>135</sup>. Somente em casos de menores de idade desaparecidos as filmagens são checadas com os beneficiários, mas os responsáveis abriram uma exceção. Descobriram com quem Yoslin havia saído: dois rapazes. Encontraram a mãe de um deles, o único que havia retornado ao abrigo na madrugada:

*La señora me dice "señora, yo le tengo que decir algo. Mi hijo está allá en la carpa y está asustado. Me acaba de decir...". Eso fue como si me hubieran dicho algo muy grave, sentía que el corazón se me iba a salir, "mi hijo me dice que ellos estaban recogiendo latas, entonces se paró una camioneta y los apunta. Cuando los apuntan, viene mi hijo y sale corriendo y el hijo suyo y el otro muchacho se quedaron parados ahí". Cuando ella me dice eso yo sentí una crisis tal que en mi mente yo ya vi a mi hijo muerto, porque como aquí han pasado tantas cosas y yo he visto ya dos personas que se han muerto así*<sup>136</sup>.

O medo de Belkys baseava-se em histórias que ouviu sobre pessoas venezuelanas que foram atacadas e mortas por pessoas brasileiras. Reais ou não, essas histórias eram compartilhadas todos os dias. Na primeira entrevista Belkys havia contado algumas: corpos decapitados deixados na frente de abrigos, marmitas distribuídas por brasileiros repletas de pequenos pedaços de vidro, crianças venezuelanas sendo sequestradas. As histórias compartilhadas sobre atos de pessoas venezuelanas contra brasileiros são igualmente estarrecedoras. Com alguns tijolos reais e outros irreais o muro entre brasileiros e venezuelanos

---

<sup>134</sup> “Você já é um homenzinho de 19 anos, mas eu tenho medo ’ e ele disse ’Mamãe, eu vou sair’ e pensei ’Se eu disser não, mesmo assim ele vai porque ele já é maior de idade e ele já quer saber e conhecer ’

<sup>135</sup> “É a primeira vez que Yoslin sai abrigo! Ele ainda não voltou!”

<sup>136</sup> A senhora me disse: "Senhora, eu tenho que lhe contar uma coisa. Meu filho está lá na tenda e está assustado. Ele acabou de me dizer ...". Era como se ela tivesse me dito algo muito sério, senti que meu coração ia sair "Meu filho me disse que eles estavam coletando latas, então um carro parou e alguém os apontou. Quando isso aconteceu, meu filho saiu correndo e seu filho e o outro garoto ficaram lá ". Quando ela me disse isso eu senti uma crise, em minha mente eu já vi meu filho morto, porque aqui muitas coisas ruins aconteceram e eu já tinha visto duas pessoas que morreram assim.

segue sendo construído. “*Con todo eso que escuchamos todos los días, ya yo sentía que mi hijo estaba muerto*”.<sup>137</sup>

Algumas horas depois o paradeiro de Yoslin foi identificado: estava detido pela polícia.

*Yo ya estaba que tenía un dolor en el pecho que no podía respirar. Cuando me dice que mi hijo está preso a mí me volvió otra vez la esperanza, porque yo lo que quería era que mi hijo estaba estuviera bien. Cuando llegó allá a la broma de la policía me dicen "tu hijo estaba con otro muchacho y los consiguieron robando" y yo "como que estaban robando, a mí no me dijeron eso, a mí me dijeron otra cosa". Los policías dicen que los consiguieron robando, pero no a él: había una mujer que estaba gritando que la robaron, que la robaron y los únicos dos muchachos que iban por ahí eran ellos dos; todavía no aparece la muchacha que supuestamente estaban robando y ellos están detenidos. Me tocó ir a la Defensoría Pública y conseguir un abogado, ellos allá me dijeron que me quedara tranquila, que sí es un poco delicado porque según lo que ellos dicen a la víctima le robaron un teléfono y le dijeron que si no entregaba el teléfono ella ya sabía lo que le esperaba. Eso es una amenaza, lo grave es eso, que la amenazaron. Pero ellos no saben quién fue que dijo eso.*<sup>138</sup>

A vítima era uma mulher venezuelana que estava com um bebê no colo no momento em que foi ameaçada – para ela, ser mulher também bate na porta. As versões dos fatos são inúmeras, mas nenhuma delas Belkys escutou diretamente do filho: desde aquela noite de domingo até o dia da terceira entrevista passou-se quase um mês, e ela ainda não tinha conseguido vê-lo. Na segunda-feira seguinte a tal domingo recebeu uma notícia que até aquele momento Yoslin ainda não sabia: “*había sido aceptado para estudiar en la milícia. Le mandaron un mensaje el lunes y tenía que presentarse el martes con todos los papeles. Perdimos la oportunidad*”<sup>139</sup>. O plural no verbo “perder” mostra que a oportunidade não era vista, por Belkys, como apenas de Yoslin: ela também tinha perdido.

Sem compreender o funcionamento do sistema de justiça brasileiro, tudo o que Belkys entendia era que seu filho estava preso. Precisou ir à Venezuela para conseguir alguns

<sup>137</sup> "Com tudo o que ouvimos todo dia, eu já sentia que meu filho estava morto".

<sup>138</sup> Eu já estava com uma dor no peito que não me deixava respirar. Quando ele me disse que meu filho estava na prisão, recuperei a esperança porque o que eu queria era que meu filho estivesse bem. Quando cheguei lá na polícia, eles me disseram "seu filho estava com outro garoto e eles foram flagrados roubando" e eu "como assim que eles estavam roubando, eles não me disseram isso, me disseram outra coisa". A polícia diz que foram flagrados roubando, mas não ele: havia uma mulher que estava gritando que ela foi roubada, que ela foi roubada e os únicos dois rapazes que andavam por lá eram eles dois; a garota que eles supostamente estavam roubando ainda não apareceu e eles estão presos. Eu tive que ir à Defensoria Pública e procurar um advogado, eles me disseram para ficar calma, que sim é um pouco delicado porque, de acordo com o que dizem sobre a vítima, roubaram o telefone e disseram que, se ela não entregasse o telefone, ela já sabia o que a esperava. Isso é uma ameaça, o grave é que a ameaçaram. Mas eles não sabem quem foi que disse isso.

<sup>139</sup> Ele havia sido aceito para estudar nas Forças Armadas. Enviaram-lhe uma mensagem na segunda-feira para ele comparecer na terça-feira com todos os documentos. Perdemos a oportunidade.

documentos de Yoslin, solicitado pela defensora pública. Fez mais uma vez o caminho de ida e volta, dessa vez sem mesmo falar para os familiares – temia o impacto da notícia na saúde da sua mãe, avó de Yoslin:

*Eso es un dolor muy grande porque a ese muchacho siempre lo he tenido conmigo, le he dado todo. Estudió, sacó su quinto año y trabajó en Venezuela, nunca tuve quejas de él y me le vino a pasar eso. Yo no le voy a justificar a él porque él es un hombrecito ya y tiene que coger sus amistades, tiene que saber qué es lo bueno y qué es lo malo, pero es mi hijo y mis hijos son mi vida para mí. Yo no deajo de pensar qué estará haciendo, si lo mirarán feo y comerá y dormirá. Mientras él esté allá yo no voy a poder dormir y estar tranquila.*<sup>140</sup>

Novamente Belkys se vê com as dores da distância e da insegurança sobre as condições de um filho. Não imaginava, porém, que isso poderia acontecer quando todos estivessem do mesmo lado da fronteira. Em meio às preocupações perde vários quilos: como comer se não sabe se ele está comendo? Ela perde dez quilos em um mês. Aliás, comida nem é mais uma das principais preocupações:

*Me toca seguir luchando. Imagínate que yo le dije al abogado que soy capaz de que si me lo dan, me lo llevo y no vuelvo aquí nunca más, si me dicen que me tengo que ir de Brasil para Venezuela otra vez, yo me voy, no importa que no tenga qué comer y no tenga nada de mi casa con tal de tener a mi hijo al lado, yo me aguanto todo eso porque yo no sé vivir sin él. Yo me vengo para acá a intentar darle una mejor vida a mis hijos y miren lo que me está pasando, mis planes todos se me cayeron por eso, ya no puedo viajar por un tiempo hasta que se solucione todo.*<sup>141</sup>

Mais uma vez, ser mulher bate à porta de Belkys que se vê no que parece um novo universo e uma nova identidade: ser “mãe de presidiário” no Brasil. Idas frequentes à Defensoria Pública, conceitos e palavras que ela nunca escutou e não compreende os significados, inúmeros documentos e a dificuldade em ver o filho.

---

<sup>140</sup> É uma grande dor, porque eu sempre tive aquele garoto comigo, dei tudo a ele. Ele estudou, cursou o quinto ano da escola e trabalhou na Venezuela, nunca tive queixas sobre ele e agora aconteceu isso. Eu não vou justificá-lo porque ele é um homenzinho agora e ele tem que escolher suas amizades, ele tem que saber o que é bom e o que é mau, mas ele é meu filho e meus filhos são minha vida. Fico pensando no que ele fará, se alguém o olhará feio, se ele comerá ou dormirá. Enquanto ele estiver lá, não poderei dormir e ficar calma.

<sup>141</sup> Eu tenho que continuar lutando. Imagine que eu disse ao advogado que sou capaz de que, se eles me derem, eu o pegarei e não voltarei mais aqui, se eles me disserem que eu tenho que deixar o Brasil e voltar para a Venezuela novamente, eu vou embora, não importa que eu não tenha nada para comer e não tenha nada de minha casa, se tiver meu filho a meu lado eu aguento tudo isso porque não sei viver sem ele. Eu vim aqui para tentar dar uma vida melhor aos meus filhos e olha o que está acontecendo comigo, meus planos caíram por isso, não posso mais viajar por um tempo até que tudo esteja resolvido.

*Eso a mí me tiene un poco mal porque yo estoy en un país donde no conozco las cosas. En Venezuela una persona cae presa hoy y mañana puede ir el familiar a verlo, hablar con él y ver qué es lo que va a pasar; no lo llevan a la cárcel de una vez sino que lo tienen retenido en un espacio ahí y después ven qué es lo que van a hacer. Aquí no, aquí a mi hijo lo agarraron y lo mandaron directo para allá sin haber...no sé. Dicen que tienen pruebas, pero fue algo como muy rápido que no le dieron chance a uno de nada y aparte yo no puedo ver a mi hijo, podrían pasar meses sin verlo si ellos no quieren anotarme en una lista para que yo vaya a verlo. Eso no es como en Venezuela que uno va los días en que toca visita, tranquilo, sin buscar lista ni nada; aquí es diferente. Allá uno puede ir con la ropa que uno quiera, así sea viejita; acá todas tenemos uniforme<sup>142</sup>, eso es como una huella que le ponen a uno. Y ellos también tienen su uniforme, entonces es difícil. Eso es lo único que yo he sentido aquí que se me ha hecho difícil; no es la comida, no es el transporte, no son las personas, no es el ambiente, es eso. De verdad que no entiendo las leyes de aquí.<sup>143</sup>*

A narrativa de Belkys parece remeter a certo arrependimento ou auto responsabilização pela decisão de imigrar ou “trazer” Yoslin ao Brasil. Decide afastar-se do grupo de mulheres empreendedoras afirmando que precisa se dedicar à situação do filho. Essa decisão pareceu deixá-la mais solitária.

*He caído en una depresión en la que Juan me dice que me voy a volver loca, porque yo me la paso encerrada pidiéndole a Dios. Yo digo que algún día él me irá a escuchar porque de tanto fastidiarlo tiene que ayudarme, porque yo me siento atada. En Venezuela yo conozco muchas personas, tengo familia que trabaja en el gobierno y otros que son tenientes o coroneles de la policía y a mi hijo lo conocen. Si yo hubiera estado allá, dudo mucho que mi hijo hubiera caído en esto, pero si hubiera pasado yo tendría cómo moverme. Aquí no, estoy sola, caminando y buscando.<sup>144</sup>*

---

<sup>142</sup> Em Roraima a penitenciária exige uma roupa padrão para visitas que Belkys não tem condições financeiras de arcar: Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/05/04/familiares-terao-de-usar-roupas-padrao-em-visitas-a-presos-na-penitenciaria-de-rr-veja-regras.ghtml>>

<sup>143</sup> Isso me deixa um pouco mal porque estou em um país onde não sei de nada. Na Venezuela, uma pessoa é presa hoje, amanhã a família pode ir vê-lo, conversar com ele e ver o que vai acontecer; eles não o levam para a prisão direto, eles o mantêm em um espaço lá e então eles veem o que vão fazer. Aqui não é assim, aqui meu filho foi levado e enviado direto para lá sem ter ... não sei. Eles dizem que têm provas, mas foi algo muito rápido que eles não deram oportunidade a nada e, além disso, eu não posso ver meu filho, poderia até passar meses sem vê-lo se eles não quiserem me inscrever em uma lista para eu ir vê-lo. Não é como acontece na Venezuela que a gente pode ir e visitar nos dias certos, tranquilo, sem precisar uma lista nem nada; aqui é diferente. Lá você pode ir com as roupas que quiser mesmo se for roupa velhinha; aqui todas nós temos um uniforme, que é como uma marca que eles colocam em cada um. E eles também têm seu uniforme, então é difícil. Essa é a única coisa que senti aqui que tem sido difícil para mim; não é a comida, não é o transporte, não é o povo, não é o ambiente, é isso. Eu realmente não entendo as leis aqui.

<sup>144</sup> Eu caí em uma depressão na qual Juan me diz que vou enlouquecer, porque eu fico trancada pedindo a Deus. Eu digo que um dia de tanto incomodá-lo Ele vai me ouvir porque Ele tem que me ajudar, porque eu me sinto paralisada. Na Venezuela, conheço muitas pessoas, tenho uma família que trabalha no governo e outras que são tenentes ou coronéis da polícia e conhecem a meu filho. Se eu estivesse lá, duvido que meu filho tivesse caído nisso, mas se tivesse acontecido lá, eu teria como me mobilizar. Aqui não, estou sozinha, caminhando e buscando.

Ao mesmo passo que Yoslin está preso em um espaço físico com nome e endereço, Belkys parece sentir-se presa em Boa Vista. Marechal já não parece ter o mesmo significado: primeiro foi o motivo para que ela solicitasse refúgio, foi também o palco da incômoda espetacularização do nascimento da filha, depois foi o espaço para construir relações e se construir enquanto referência, em dado momento foi o lar de todos os seus filhos juntos pela primeira vez e, na terceira e última entrevista, o abrigo é descrito de uma maneira substancialmente diferente:

*Ahorita en Brasil es como una desesperación porque todos los días es la misma rutina, todos los días es lo mismo: no tener nada, no conseguir nada, no hacer nada. Es una rutina que no me gusta, no quiero acostumbrarme a eso, a esperar a que nos den las cosas. Entonces el proceso es esperar a que otra persona te dé, porque no tengo un empleo, porque estoy viviendo en una casa que no es mía y en cualquier momento me pueden sacar, porque para yo desayunar, almorzar y cenar tengo que hacer unas tremendas colas con 500 o 800 personas y comer donde ellos digan y no donde yo quiera. Eso es un ciclo demasiado fuerte. Si quieres ir al baño también es otro proceso. A veces pasó todo un día sin ir al baño, aguantando. ¿Tú sabes lo que es convivir con más de 1000 personas y que hayan 10 pocetas?<sup>145</sup>*

Ao mesmo tempo em que se afasta do grupo das mulheres empreendedoras por dizer que não tem tempo e precisa priorizar o filho, Belkys reclama de uma rotina vazia, repleta de espera: espera para comer, espera para o dia passar, espera para que o filho possa sair da prisão. Belkys conta que, pela dificuldade em conseguir trabalho em Boa Vista, ela e a família recentemente haviam feito inscrição no programa de interiorização. Já não poderiam ir. Se fosse permitido, voltaria com o filho e toda a família para a Venezuela e não retornariam ao Brasil. Não seria possível. Por fim, a gestão do abrigo informou a Belkys que, por conta de regras internas, quando sair da prisão o filho não poderá retornar ao abrigo.

*¿Cómo va a ser eso si ustedes están trabajando aquí para apoyarnos a nosotros? Que mi hijo estuvo en el momento equivocado y con las personas equivocadas, sí, todos tenemos errores en la vida, nadie es perfecto. Pero todos tenemos una segunda*

---

<sup>145</sup> Agora no Brasil é um desespero porque todo dia é a mesma rotina, todo dia é o mesmo: não ter nada, não conseguir nada, não fazer nada. É uma rotina que eu não gosto, não quero me acostumar, esperar que as coisas nos sejam dadas. Então o processo é esperar que outra pessoa te dê, porque eu não tenho emprego, porque estou morando em uma casa que não é minha e a qualquer momento eles podem mandar para me sair, porque para eu tomar café da manhã, almoço e janta tenho que fazer filas com 500 ou 800 pessoas e comer onde eles dizem e não onde eu quero. Esse é um ciclo muito forte. Se você quiser ir ao banheiro, também é outro processo. Às vezes eu passo o dia inteiro sem ir ao banheiro, aguentando. Você sabe o que é viver com mais de 1000 pessoas e que existem apenas dez vasos sanitários?

*oportunidade. Pero no importa, yo lo único que quiero es que mi hijo salga de ahí. Si es de quedarme en la calle con él, lo hago".<sup>146</sup>*

Assim, Marechal simultaneamente se apresenta como a única alternativa para sua família e uma não-alternativa para quando seu filho estiver em liberdade. No turbilhão de sentimentos de Belkys, um em específico fica evidente: mágoa, principalmente, da gestão do abrigo. O momento em que relata a conversa que teve com um funcionário do Marechal quando lhe foi dito que eles haviam informado o consulado da Venezuela em Roraima sobre a prisão de seu filho foi um dos momentos em que Belkys ficou mais visivelmente emocionada:

*Él me dijo que había pasado eso al consulado de Venezuela y le dije estas palabras "Tú no sabes el daño que me estás haciendo. ¿Tú sabías que nosotros por abandonar Venezuela tenemos orden de prisión de 15 años? ¿Tú sabías que nosotros somos traidores a la patria por abandonar Venezuela? ¿Por salir de ahí por un bocado de comida y una medicina a tiempo? Nosotros somos traidores a la patria y por eso si me agarra el gobierno allá yo voy presa 15 años". Él no tenía palabras qué decirme y yo agarré y me fui.<sup>147</sup>*

O desenho de Belkys sobre sua vida no Brasil retrata muito do que é posto por ela na entrevista, em especial após a detenção do filho: a relação com o Marechal, o padrão e rotina de espera.

---

<sup>146</sup> Como é isso se você está trabalhando aqui para nos apoiar? Que meu filho esteve na hora errada e com as pessoas erradas, sim, todos nós temos erros na vida, ninguém é perfeito. Mas todos temos uma segunda chance. Mas não importa, tudo que eu quero é que meu filho saia dali. Se for necessário ficar na rua com ele, então eu fico.

<sup>147</sup> Ele me disse que tinha encaminhado a informação ao consulado venezuelano e eu lhe disse estas palavras: "Você não sabe o dano que está causando. Você sabia que, pelo fato de deixar a Venezuela, temos uma ordem de prisão de 15 anos? Você sabia que somos considerados traidores da pátria por ter saído da Venezuela? Por sair de lá para comer um pouco de comida e ter remédios no tempo certo? Somos traidores da pátria e é por isso que se o governo me pega lá, eu vou para a prisão por 15 anos". Ele não teve palavras para me dizer e eu fui embora.

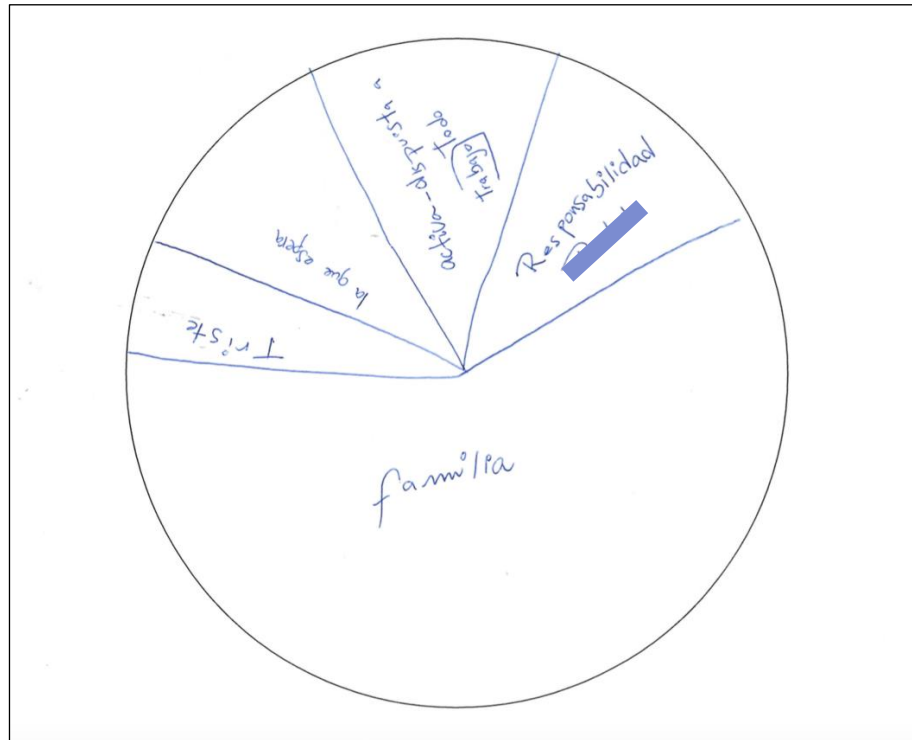
**Figura 10: Desenho de Belkys sobre a vida no Brasil**



No lado esquerdo, de azul claro, as RHU (Refugee Housing Unit), retratando o que parece uma visão aérea do Marechal: pequenas casas idênticas com espaçamento igualmente idêntico, tal como determinado pelas regras internacionais de CCCM (Camp Coordination and Camp Management). No centro, em amarelo claro, pequenos círculos dentro entre duas linhas curvas, representando as filas de espera para receber a comida ou itens não alimentícios (NFI – Non-food items). Saindo da perspectiva aérea, do lado superior direito uma casa tal como a RHU (inclusive com o detalhe da janela aparafusada, tal como são nos abrigos de Roraima).

Foi na entrevista posterior à detenção de Yoslin que Belkys realizou a atividade “*Papéis na vida adulta*”. O círculo foi dividido em cinco pedaços:

**Figura 11: “Papéis na vida adulta” por Belkys**



No papel que nomeou “*familia*”, abrangendo mais do que a metade do círculo, Belkys incluiu tudo o que dedica a seus familiares, fazendo referência específica aos filhos, filhas, companheiro e mãe. Três pedaços foram colocados com tamanhos similares: “*Responsabilidad Marechal*”, referindo-se às atividades que realiza no abrigo, como participar do comitê de limpeza; “*activa – dispuesta a todo / trabajo*”, apontando para o papel de ser uma mulher provedora, relacionando tal papel também com o cuidado à família; e “*la que espera*”, fazendo referência à posição que diversas vezes verbalizou, com incômodo, ao longo das entrevistas. Em uma parte menor de seu círculo Belkys escreve “*triste*” e explica: não é um papel, mas é um pedaço da sua vida para onde tem destinado parte de sua energia.

## **PLANOS PARA O FUTURO**

O caso de Belkys evidencia que o futuro muda a cada segundo de presente. Na primeira entrevista, sem ser diretamente perguntada, Belkys compartilhou diferentes planos para o futuro: ser interiorizada com seus filhos e companheiro, cada filha e filho estudando de acordo com as

idades e que ela e o esposo estejam trabalhando. Chegou a fazer o cadastro necessário para incluir a si e à família no processo de interiorização. Depois da detenção do filho, uma nova opção para o futuro foi considerada: voltar à Venezuela, se for o necessário para que Yoslin seja “liberado” pela justiça brasileira. Pouco depois volta atrás desta ideia:

*“Ahorita así como está no puedo volver, voy a vivir mortificada por no tener las cosas que mis hijos necesitan o que mi mamá pueda necesitar. Pero ahorita mis planes no es irme otra vez a Venezuela porque de verdad que no tengo las medidas para estar allá con mis hijos”<sup>148</sup>.*

Na última entrevista, após a detenção de Yoslin, ao ser diretamente perguntada sobre os planos para o futuro, algo tornou-se evidente: o futuro só será depois que seu filho estiver em liberdade. Não há futuro sem Yoslin junto a ela: tudo será presente. Belkys tem uma meta, uma bandeira: ver o filho fora da prisão. Por isso tanto no desenho que retrata sua jornada/o caminho quanto no desenho que retrata o futuro a bandeira está como símbolo de uma meta a ser conquistada. O futuro depois que seu “*muchacho salga de ahí*” (garoto saia de lá) também recebe novos contornos. Belkys, que já estava cadastrada no programa de interiorização, na ocasião da última entrevista afirma que teme ir a outro Estado brasileiro. Sem poder retornar à Venezuela, planeja ficar em Boa Vista, perto “*de la línea*”.

*A mí me da miedo irme para otro estado, no sé si cuando llegue allá pase igual que aquí, donde por lo menos yo conozco y, como siempre le digo a las personas, a mí me da miedo irme para otro estado porque por lo menos desde aquí de Boa Vista yo me voy en cola hasta la línea y de la línea a Venezuela es un salto pidiendo cola. Pero si yo me voy para otro estado ¿tú crees que me van a dar cola en un avión o en un barco? Esas son cosas que me ponen a mí a pensar.<sup>149</sup>*

Pensa mais um pouco e faz um contraponto.

*“Lo que quiero es trabajar. Si me toca irme a otro estado a trabajar duro y aprender a economizar como hacen ustedes que tienen un solo pago al mes, lo hago”.<sup>150</sup>*

<sup>148</sup> Agora mesmo, do jeito que estão as coisas, não posso voltar, viverei mortificada por não ter as coisas que meus filhos precisam ou que minha mãe poderia precisar. Mas, no momento, meus planos não são voltar à Venezuela porque realmente não tenho as medidas necessárias para estar lá com meus filhos.

<sup>149</sup> Tenho medo de ir para outro Estado, não sei se, quando chegar lá, acontecerá da mesma forma que aqui, onde pelo menos eu tenho noção, como sempre digo às pessoas, tenho medo de ir para outro Estado porque pelo menos a partir daqui, de Boa Vista, eu posso ir de carona para a linha e daí a Venezuela é bem pertinho pedindo carona. Mas se eu for para outro Estado, você acha que vão me dar carona em um avião ou navio? Essas são as coisas que me fazem pensar.

O presente, repleto do inesperado, parece trazer diversas possibilidades de futuro, por vezes incongruentes entre si – dizer que retornará à Venezuela e que não há condições de viver em seu país de origem, desejar e se inscrever na interiorização, mas querer estar perto da fronteira para poder ir à Venezuela quando necessário.

Uma projeção de mais longo prazo tornou possível a elaboração de um plano de vida para além da instabilidade do presente, principalmente diante da prisão de Yoslin. A forma como Belkys vê sua vida daqui há dez anos parece distante da sua vida atual em diversos sentidos, inclusive revelando uma esperança escondida atrás da neblina do momento em que vive na ocasião da última entrevista.

*Yo creo que en 10 años todavía no se acomoda la situación en Venezuela. Si me legalizo aquí y logro sacar todos mis papeles...espero tener un negocio mío, trabajar y tener mis cosas para poder ir y venir tranquila. Ya Irene es brasilera, pero con sangre venezolana, entonces yo quiero que ella se críe en su país y tenga una mejor vida. Yo quiero que en diez años, si Dios permite, mi hija esté aquí y que se adapte a las costumbres de Brasil, que pueda ir a Venezuela a visitar su familia y se devuelva para su país. Espero tener mi propio negocio, que mis hijos puedan disfrutar de las cosas que necesiten...no te voy a decir que voy a ser rica, pero por lo menos que me dé para mantener a mis hijos y a mi familia.<sup>151</sup>*

Junto aos planos de se estabelecer no Brasil está a percepção de que os brasileiros reclamam de coisas que não lhes faltam. Belkys parte, evidentemente, de sua experiência de escassez da Venezuela.

*Yo he escuchado a muchos brasileiros que dicen "No crean que Brasil está muy bueno, aquí está faltando mucha cosa. Desde que comenzaron a llegar los venezolanos todo se acabó: los medicamentos en los saúde, los supermercados están vendiendo regulado porque los venezolanos están comprando mucho para mandar para Venezuela...". Y yo veo normal todo, a como yo veo, Brasil es como era Venezuela antes, cuando yo tenía 12 o 15 años, que yo entraba a un supermercado y veía todo bien bonito. Hoy en día tú entras a un supermercado en Venezuela y lo único que ves son los estantes, porque allá no hay nada.<sup>152</sup>*

---

<sup>150</sup> O que eu quero é trabalhar. Se eu tiver que ir para outro Estado, trabalhar duro e aprender a economizar como vocês que tem apenas um pagamento por mês, eu faço.

<sup>151</sup> Eu acredito que em 10 anos a situação na Venezuela ainda não estará normalizada. Se me legalizar aqui e conseguir tirar todos os meus documentos... espero ter um negócio meu, trabalhar e ter minhas coisas para poder ir e vir com tranquilidade. Irene é brasileira, mas com sangue venezuelano, então eu quero que ela cresça em seu país e tenha uma vida melhor. Quero que daqui há dez anos, se Deus quiser, minha filha esteja aqui e se adapte aos costumes do Brasil, que possa ir à Venezuela visitar sua família e retornar a seu país. Espero ter meu próprio negócio, que meus filhos possam desfrutar das coisas das que precisam.... Não direi que serei rica, mas pelo menos terei o suficiente para apoiar meus filhos e minha família.

Assim, mesmo com diversas expectativas frustradas sobre o país onde agora vive, sentindo-se por vezes presa, por vezes injustiçada e por vezes em risco, Belkys ainda o percebe como um lar para seu futuro, ou até a Venezuela de seu passado.

### BREVES CONSIDERAÇÕES

O gênero não bate à porta. Não avisa de sua chegada. Talvez nunca chegue. Para chegar será necessário não se esteja em algum momento prévio. O gênero sempre esteve. Esteve antes de Belkys. Foi construído antes de sua existência, durante sua existência e depois dela.

Na infância, a violência era exercida de acordo com o gênero. Na juventude, o fim do primeiro casamento colocou sob Belkys o peso da sobrevivência e bem-estar da família. Na vida adulta, Belkys quebrou uma significativa barreira de gênero presente na migração<sup>153</sup>: migrou sozinha para prover a família na Venezuela. Descobriu no Brasil diferentes maneiras de como o gênero molda a vivência feminina enquanto se descobria em novos papéis: “mãe recém-parida”, “mãe desempregada”, “mãe de presidiário”. Vive agora na interseccionalidade, formando uma complexa tríade: há o peso do gênero na Venezuela, o peso do gênero no Brasil e o peso do gênero de ser uma venezuelana migrante no Brasil.

É interessante notar como, a partir da vivência de Belkys, Brasil é Roraima. Ela não imagina que falas como “*supermercados están vendiendo regulado porque los venezolanos están comprando mucho para mandar para Venezuela*”<sup>154</sup> são impensáveis em outras regiões do país onde pouco se fala ou se percebe o impacto da migração venezuelana. Apesar das diversas possibilidades diferentes que compartilhou sobre seu futuro, falou com detalhes sobre seu interesse em permanecer no Brasil, mas estando perto “*de la línea*”. Roraima é o Brasil que

---

<sup>152</sup> Eu tenho ouvido muitos brasileiros que dizem: "Não acreditem que o Brasil é muito bom, falta muito aqui. Desde que os venezuelanos começaram a chegar, tudo acabou: remédios nos saúdes, supermercados estão controlando as vendas porque os venezuelanos estão comprando muito para enviar para a Venezuela..." E eu vejo tudo normal, eu vejo o Brasil é como era a Venezuela antes, quando eu tinha 12 ou 15 anos, quando eu ia a um supermercado e via tudo muito bonito. Hoje você entra em um supermercado na Venezuela e tudo o que vê são as prateleiras, porque não há nada lá.

<sup>153</sup> “It may be more difficult for a woman to leave her country of origin and travel as she may often have primary responsibility for the care of children”. (FREEDMAN, p. 49, 2012) "Pode ser mais difícil para uma mulher deixar seu país de origem e viajar, pois muitas vezes ela tem a responsabilidade primária pelo cuidado das crianças". (Tradução da Pesquisadora)

<sup>154</sup> Supermercados estão controlando as vendas porque os venezuelanos estão comprando muito para enviar para a Venezuela

Belkys conhece, onde é possível viver a 18 meses sem falar português, tanto pelo pouco contato com brasileiros e brasileiras, como por uma aparente desnecessidade – consegue comunicar-se em uma língua mesclada já que os ouvidos locais estão mais acostumados com tal mescla.

As mudanças de Belkys ao longo dos três encontros foram notáveis: no discurso, na maneira de compreender sua integração em terras brasileiras e seu futuro. Os desenhos, realizados em entrevistas diferentes, retrataram tais mudanças. No primeiro deles (Figura 8 - Desenho de Belkys sobre a vida na Venezuela), Belkys retrata a escassez com maior riqueza de detalhes e variedades de cores, utilizou mais tempo para desenhar e igualmente mais tempo para detalhar suas impressões e histórias por trás do desenho. Já no último utilizou poucas cores, poucos detalhes, preferiu se debruçar menos sobre o desenho e mais sobre as frustrações diante da detenção do filho. Perguntei se ela gostaria de fazer um desenho retratando seu futuro e Belkys balançou a cabeça em sinal negativo. Foi capaz de desenvolver uma narrativa positiva e esperançosa sobre seu futuro junto à família, mas naquele momento o presente, com seus medos e ausências, mostrou-se demasiado pesado para deixar que o futuro se desvelasse enquanto uma possibilidade concreta em uma folha de papel.

No caso de Belkys, passado e presente, gênero e recortes geográficos-culturais são alguns fatores dentro da construção e conservação dos recursos. Considerando a Teoria do COR (HOBFOLL, 1989) é possível observar perdas nos quatro tipos de recursos no processo migratório de Belkys. Há perda objetual não apenas na motivação para migrar quanto na migração em si: ela, que tem uma casa não-comestível na Venezuela, vive agora no Marechal, um dos personagens centrais em sua história de migração. A mudança de *status* de proprietária de uma casa própria à “abrigada” está atrelada à esta perda objetual. Há, portanto, também perda de condições, que vão aumentando ao longo da experiência migratória. Tornar-se “mãe de presidiário”, por exemplo, mudou a condição de Belkys, colocando-a em uma situação de pouco prestígio na comunidade. Com o pouco domínio da língua houve pouca interação com a comunidade de acolhida, a ponto desta perda de energia – conhecimento – dificultar ainda mais a compreensão de sistemas complexos que agora faz parte, tal como o judiciário brasileiro. Há, portanto, uma espiral de perdas.

Enquanto a experiência de migrar em si não se mostra como um estresse traumático, a prisão do filho e seus desdobramentos parecem mostrar-se como tal – na medida em que há perda rápida do senso de bem-estar de Yoslin, assim como o peso e estigma para si mesma e família. A

imprevisibilidade, as vívidas lembranças do acontecimento, o ataque a valores básicos, a subsequente exigência de demandas excessivas e o fato de estar fora da esfera dos recursos desenvolvidos por Belkys até então, são constatações que cumprem as características apontadas por Hobfoll (1991) como base do estresse traumático. Assim como previsto pelo autor, os sentimentos evocados em Belkys são de falta de confiança e de previsibilidade. Ainda que haja também certa desesperança, outro resultado do estresse traumático de acordo com Hobfoll (1991), Belkys está sinalizando, aos poucos, uma percepção positiva de futuro em que há união, liberdade e reconstrução em família. Os recursos para desenvolver tal esperança em um contexto de trauma e caos, talvez estejam em recursos construídos na infância, quando diante do caos de um pai violento houve também a união, liberdade e reconstrução em família. Seguindo o mesmo raciocínio, é possível que ao desafiar a lógica violenta de gênero do pai, a família tenha dado à Belkys a possibilidade de, no futuro, possuir em si os recursos suficientes para romper as barreiras de gênero e vir sozinha ao Brasil para prover sua família e, diante dos novos desafios, para que possa uma vez mais desafiar os estereótipos da venezuelana migrante e reconstruir, com seus familiares, uma vida perto “*de la línea*”.

Na primeira ocasião em que respondeu o *Questionário de dificuldades na vida pós-migração*, Belkys sinalizou cinco das 22 questões como problemas muito sérios. Foram: “discriminação”, “separação da família”, “preocupação com a família no país de origem”, “não conseguir encontrar trabalho” e “pobreza”.

Já na segunda vez em que preencheu o questionário, seis meses depois, a participante marcou oito das 22 questões como problemas sérios ou muito sérios. Houve mudanças de percepção nos tópicos: “isolamento”, “solidão e tédio” e “pouco auxílio de programas de assistência social do governo”. Na primeira aplicação tais questões estavam assinaladas como “um pequeno problema” ou “um problema moderadamente sério”. Ao analisar essa mudança é possível perceber a relação com a detenção do filho e o espiral de perda subsequente. O afastamento do grupo de mulheres empreendedoras que liderava e o estigma de ser “mãe de presidiário” dificultou o fortalecimento das redes sociais que estavam sendo criadas por Belkys, de tal forma questões sobre isolamento e tédio, que antes não apareceram como problema, seis meses depois se mostravam como um problema muito sério. A percepção sobre o suporte do governo brasileiro, que na ocasião da segunda aplicação surgiu como um problema muito sério, também parece ter sido impactada por tais acontecimentos, tendo em vista que na primeira vez

que respondeu tal questionário Belkys reconhecia o abrigamento de sua família como uma ação do governo e, por isso, havia assinalado a questão “pouco auxílio de programas de assistência social do governo” como um pequeno problema. Sua percepção sobre o governo parece ter sido impactada pela detenção de Yoslin, pois as posições e relações políticas partem de experiências pessoais.

### CASO III - ALEJANDRA

Contar a história de Alejandra é contar as diversas histórias de diversas vidas que se esbarram ou se entrelaçam em um contexto de migração, que nunca é apenas movimentação humana transfronteiriça. Alejandra cruzou a fronteira Venezuela-Brasil duas vezes. A primeira, repleta de esperança na cura do filho e a segunda repleta de dor após enterrar “*su muchacho*”<sup>155</sup> em terras venezuelanas. Além de esperança e dor, Alejandra trouxe consigo os recursos que pôde construir ao longo de uma vida de “ *cuento de hadas*”<sup>156</sup>.

Em Roraima, encontrou outras tantas pessoas que carregavam consigo recursos e perdas. Várias dessas pessoas não são refugiadas ou migrantes venezuelanas. De diversos países e diferentes partes do Brasil, são profissionais que trabalham na resposta humanitária que se constrói no extremo norte do país para apoiar o acolhimento de venezuelanas e venezuelanos. Essas interações em nível profissional são regidas por diversas regras internacionais que compõem o *modus operandi* do trabalho humanitário. Longe de ocorrer em um vácuo, as relações entre trabalhadores e trabalhadoras humanitários e beneficiários e beneficiárias se dão em meio a encontros de recursos, perdas e resiliência de ambos os lados.

Das três entrevistas planejadas para cada participante da pesquisa que deu origem a presente Tese, Alejandra não compareceu na última. A escolha de me debruçar em sua história, apesar da interrupção inesperada baseia-se em dois pontos: a autorreflexão sobre como tal decisão mobilizara meus sentimentos e emoções e pela representação da concretude da inconstância dos fluxos migratórios humanos. São diversas as histórias e relações interrompidas pela migração forçada, e todas elas afloram, em algum lugar do mundo, emoções. Ainda que dentro do “cercado” das relações dentro de uma lógica de trabalho, a afetação pela dor do outro é inevitável. As histórias e relações que envolvem a experiência de migração de Alejandra auxiliam a refletir sobre recursos, perdas e resiliência nos encontros entre beneficiárias/beneficiários e trabalhadoras/trabalhadores humanitárias.

---

<sup>155</sup> Seu filho.

<sup>156</sup> Conto de fadas.

## VIDA NA VENEZUELA

Ao ser perguntada sobre sua história Alejandra fez uma declaração com tom de alerta:

- *“Pero... mi historia es muy triste”*<sup>157</sup>.

- *“Bueno, quiero escuchar lo que quieras contarme”*<sup>158</sup>, respondi.

Assim Alejandra começou sua história que, segundo ela mesma, parece tirada de livros de contos infantis. Sua mãe, colombiana, conheceu na Venezuela um homem casado com quem teve uma relação de alguns meses. Ela é fruto dessa relação extraconjugal. Ao saber da gravidez, o homem entregou certa quantia em dinheiro para que um aborto fosse feito, mas sua mãe guardou tal dinheiro e, escondida, deu à luz a Alejandra na Venezuela. Com medo da reação do homem (e, segundo Alejandra, de precisar devolver o dinheiro para ele) fugiu para a Colômbia com a bebê e o filho mais velho, de sete anos. Alejandra nunca conheceu o genitor: *“Él piensa que ella lo hizo (el aborto), él no sabe que yo existo”*<sup>159</sup>.

As fronteiras desde o nascimento de Alejandra mostraram-se porosas. Sua família conta que ela nasceu na Venezuela, mas em sua certidão de nascimento está registrado que seu local de nascimento foi a Colômbia. Quase cinquenta anos depois, quando decidiu sair da Venezuela, foi para o consulado da Colômbia com sua certidão de nascimento, afirmando que era, portanto, colombiana.

*“Y ellos me buscaron en el sistema de Colombia y me dicen ‘tú no apareces en Colombia, en ninguna parte’. Pero tampoco aparezco en Venezuela registrada. Es un desastre. Yo no sé qué loquera hicieron estas mujeres conmigo”*<sup>160</sup> – referia-se à sua mãe e sua tia.

Em seus primeiros quatro anos de vida, Alejandra viveu na Colômbia em situação de extrema pobreza. Ao saber das necessidades que passavam, uma tia de Alejandra, *“la que tenía*

---

<sup>157</sup> Mas...minha história é muito triste.

<sup>158</sup> Bom, eu quero ouvir o que você quiser me contar.

<sup>159</sup> Ele acha que ela fez (o aborto), ele não sabe que eu existo.

<sup>160</sup> E eles me buscaram no sistema da Colômbia e me disseram *‘você não está registrada em nenhum lugar da Colômbia’*. Mas também não estou registrada na Venezuela. É um desastre. Eu não sei que brincadeira fizeram essas mulheres comigo.

*plata en la familia*”<sup>161</sup>, foi à Colombia e a levou consigo para a Venezuela. “*Y de ahí, bueno, como digo yo, mi vida fue un infierno*”<sup>162</sup>.

A tia foi muito violenta com Alejandra: “*Mi tía me maltrataba mucho. Me daba con manguera, me daba con palo*”<sup>163</sup>. Na casa e na família ocupava o lugar de trabalhadora doméstica ainda em pouca idade:

*“Ella tenía una sola hija que era enfermita. Murió por un tumor en la cabeza. Y yo la atendía también, a la niña. Yo atendía toda la casa, yo tenía ocho años y ya parecía un ama de casa, ya cocinaba, ya lavaba, ya planchaba, ya me paraba todos los días a las cinco de la mañana”*<sup>164</sup>.

Com vários afazeres domésticos e poucos cuidados por parte dos adultos, Alejandra saiu da escola na segunda série.

Durante toda a infância e adolescência buscou contato com a mãe. Escrevia cartas relatando os maus-tratos, as dificuldades e o desejo de morar com ela e com o irmão. Descobriu quando mais velha que a tia nunca as havia enviado.

*“Yo me rebeldicé”*<sup>165</sup> *mucho con mi tía. Porque yo le decía a ella que yo quería estar con mi mamá y entonces ella decía que no, que yo no podía estar con mi mamá, porque mi mamá no tenía para alimentarme. Yo siempre he dicho los hijos son para la madre, sea una madre como sea”*<sup>166</sup>.

Se sua história, tal como disse Alejandra, fosse um conto infantil, a grande vilã certamente seria a tia. Mas a complexidade da vida real não permite que pessoas reais se encaixem nos moldes dos contos de fadas. Além de dois filhos mais velhos, uma filha e a própria Alejandra, ainda moravam sob os cuidados desta tia três outros sobrinhos que os pais tinham

---

<sup>161</sup> A que tinha dinheiro na família.

<sup>162</sup> E depois bom, como eu gosto de falar, minha vida foi um inferno.

<sup>163</sup> Minha tia me maltratava muito, me batia com mangueira e com pau.

<sup>164</sup> Ela só tinha uma filha e ela era doente, morreu por causa de um tumor na cabeça. Eu também cuidava da menina. Eu era quem arrumava a casa, tinha oito anos e já parecia dona de casa, cozinhava, lavava, passava as roupas, acordava todo dia às 5 horas da manhã.

<sup>165</sup> A entrevistada usa esta expressão no lugar de “me rebelé”, que seria o formalmente correto.

<sup>166</sup> Eu virei uma pessoa rebelde com minha tia. Porque eu falava para ela que eu queria estar com minha mãe e ela respondia que não, que não era para eu estar com minha mãe porque ela não tinha como me alimentar. Eu sempre tenho dito que os filhos são para estarem com a mãe, não importa o tipo de mãe.

condições financeiras limitadas. O dinheiro para sustentar todas essas pessoas vinha do trabalho de seu marido, que com frequência “*se lo sacaba en cara. Así le decía ‘yo le lleno las tripas a tus sobrinos’, cosas feas decía*”<sup>167</sup>. A violência também era física, Alejandra conta que com enorme frequência assistia sua tia ser espancada pelo marido. Quando ele saiu de casa para se relacionar com outra mulher não deixou nada para a família, ou voltou a entrar em contato. Ela, então, passou a trabalhar vendendo roupas nas ruas, junto com seus filhos mais velhos, para garantir o sustento de todos.

*“Las únicas que no salimos a la calle fuimos las hembras, teníamos que quedarnos en la casa haciendo los oficios”*.<sup>168</sup>

Alejandra estava com 18 anos quando sua mãe foi morar na Venezuela. Mas seu desfecho ideal logo rompeu com a ideia de “felizes para sempre”:

*“Cuando vino mi mamá, bueno, otro desastre porque ya yo la veía a ella como que ella era la culpable de todo lo que yo había pasado”*.<sup>169</sup>

Conta que, com o tempo, construiu com a mãe e o irmão uma relação de amizade, mas não sente “*como una familia*”.

Poucos anos depois de viver com a mãe, no início da juventude, conheceu o primeiro companheiro com quem teve três filhos ao longo de sete anos de relacionamento.

*“Él fue, como quien dice, el amor de mi vida. Y eso que yo siempre le decía a él que yo me quedé sin mi mamá ni mi papá, yo no tuve ese cariño de mamá ni papá, ni ese amor de mamá ni papá y yo le decía a él ‘yo te estoy entregando mi amor a ti y espero que tú no me defraudes’*”<sup>170</sup>.

---

<sup>167</sup> Reclamava por isso. Ele dizia ‘eu encho a barriga dos teus sobrinhos’, falava muita coita feia.

<sup>168</sup> “As únicas que não saíram foram as mulheres, pois tiveram que ficar em casa fazendo as tarefas domésticas.

<sup>169</sup> Quando veio minha mãe, bom, isso foi mais um desastre porque eu a via como a culpada de tudo o que eu tinha sofrido.

<sup>170</sup> Ele era, como se diz, o amor da minha vida. Eu sempre disse a ele que eu fiquei sem minha mãe ou pai, não tive esse carinho de mãe, nem de pai, e disse a ele ‘Estou te dando meu amor e espero que você não me decepcione’.

Ao contar este momento de sua vida, uma vez mais, alerta: “*Eso es una historia muy triste*”<sup>171</sup>. Sua *comadre* estava passando por dificuldades e Alejandra decidiu convidá-la para morar com sua família enquanto se reestabelecia.

*“Yo los conseguí a los dos, en mi cama, desnudos, en pleno acto. Eso fue horrible. Eso es una experiencia muy horrible”*<sup>172</sup>.

Alejandra decidiu separar-se e o ex-companheiro saiu da casa e da vida da família, deixando-a como única responsável pelo lar.

*“Yo siempre he sido una persona luchadora, yo me quedé sola con mis hijos. Sola! Duré un tiempo con mis hijos sola y luchando yo sola con ellos, para darles de comer”*<sup>173</sup>.

Conheceu seu segundo companheiro com quem viveu dez anos e teve Pablo, seu filho mais novo. Ambos trabalhavam, mas enquanto o dinheiro de Alejandra sustentava a casa, o dinheiro de seu então marido sustentava uma vida de festas e bebidas. Alejandra decidiu separar-se após uma ocasião em que, alcoolizado, ele tentou agredi-la. Lembrou-se da infância, da tia sendo espancada e de conselhos que ouviu, quando muito pequena, da avó:

*Me levantó la mano. Alzao. Borracho. Me levantó la mano. Yo dije, ‘yo no tuve papá ni mamá que me pegara. No conocí papá pa’ tú me vengas a pegar’. Y mi abuela siempre me decía, ‘aguántale hambre a un hombre, aguántale desnudez, aguántale que te ponga a vivir en un rancho, aguántale todo, pero golpes no le aguantes a un hombre nunca’. Y yo, esa vez que él me alzó la mano, me iba a poner violenta con él. Le dije ‘tú me das y yo no sé qué te voy a hacer. Así que, vamos a cortarlo así porque cuando en una relación se falta el respeto, ya no va a funcionar’.*<sup>174</sup>

---

<sup>171</sup> Essa é uma história muito triste.

<sup>172</sup> Eu os encontrei nus em minha cama, no ato sexual. Isso foi horrível. Isso é uma experiência muito ruim.

<sup>173</sup> Eu sempre fui uma pessoa lutadora, fiquei só com meus filhos. Só! Passei um tempo com meus filhos sozinha e lutando eu sozinha com eles, para alimentá-los

<sup>174</sup> Ele tentou me bater, valentão, bêbado. Tentou me bater. Eu disse ‘Eu não tive pai nem mãe que me batessem. Não conheci pai e agora você está pretendendo me bater’ e minha avó sempre dizia ‘Aceite de um homem passar fome, aceite não ter roupas, aceite que ele a leve morar numa barraca, aceite tudo, porém, nunca aceite maus tratos de um homem’. E eu, na hora que ele tentou me bater estava ficando violenta com ele. Eu lhe disse ‘Você me bate e eu não sei o que vou lhe fazer depois. Então, vamos ficar por aqui, porque quando em um relacionamento se perde o respeito, já não pode dar certo’.

Com memórias dolorosas das agressões que viveu na infância, Alejandra decidiu que não apenas jamais permitiria violência contra ela, como nunca utilizaria esses meios como forma de castigar ou “educar” seus filhos.

*“Y a mis hijos no los críe tampoco con la violencia. Nunca le pegué a mis hijos. Nunca. Nunca. Conozco este dolor. Les hablaba. Los castigaba sí. Sí los castigaba”<sup>175</sup>.*

Alejandra conta parte de sua história triste, marcada por perdas e violências, mas também sua luta contra os determinismos. Um nascimento não planejado, uma nacionalidade questionável, mas, principalmente cuidados iniciais e durante infância e adolescência insuficientes, indicando vulnerabilidades de todas as naturezas. Mas, aprendendo com as dores da infância, Alejandra foi construindo com os filhos e filhas uma família unida. Seguiu provendo os filhos sozinha até que os mais velhos passaram a trabalhar, construir relações amorosas, sair da casa da mãe e ter suas próprias proles. Moravam perto e conviviam diariamente, viveram juntos o surgimento e agravamento da crise política-econômica-social na Venezuela. Foi neste contexto de estabilidade familiar e instabilidade política que o filho mais novo de Alejandra, Pablo, aos 17 anos foi diagnosticado com um câncer severo.

### **A DECISÃO “*más fácil de mi vida*”**

Com o diagnóstico de Pablo, a crise no país tomou outra dimensão para Alejandra. Não havia comida todos os dias e, quando havia, raramente era adequada para um organismo debilitado pelo câncer. Havia a falta de medicamentos, de médicos, de estrutura.

*“[...] no había nada de insumos, nada, todo lo tenías que comprar y son muy costosos, demasiado costoso, hasta un suero, todo tienes que comprarlo y da sentimiento cómo se muere la gente”<sup>176</sup>.*

No dia em que Pablo recebeu o diagnóstico, sete adolescentes morreram no departamento onde estava.

---

<sup>175</sup> Meus filhos, eu não os criei com violência. Nunca bati neles. Nunca. Nunca. Eu conheço essa dor. Eu falava com eles. Eu os castigava sim. Os castigava mesmo.

<sup>176</sup> Não tinham insumos, nada, tínhamos que comprar tudo e é caro, caro demais, até um soro tem que ser comprado, é muito triste ver como as pessoas morrem.

Diante do grande número de crianças e adolescentes falecendo por falta de tratamento ou condições, uma organização não-governamental iniciou um trabalho de apoio a jovens com câncer, para que acessassem em outros países tratamentos e estruturas que facilitassem a recuperação. Tal ONG ofereceu custear para Alejandra e Pablo as passagens de ida ao Brasil.

*¿Qué me trajo a Brasil? La desesperación de falta de medicamentos, la desesperación de que no tenía una buena alimentación, no todos los días le podía dar comida a mi hijo y en sus condiciones, de su enfermedad, tenía que comer, alimentarse bien pues, que era a mí lo que me preocupaba. Y bueno, me vine desesperada de Venezuela porque como allá no hay medicamentos, la comida está escasa y lo que se consigue es sumamente caro, vine para acá con esa esperanza de que mi hijo estuviera mejor. Fue la decisión más fácil de mi vida.*<sup>177</sup>

Depois de alguns meses em Boa Vista, Pablo faleceu. Alejandra voltou para sua cidade natal com o filho morto: diferentemente dela, Pablo sabia onde tinha nascido e ela fazia questão de enterrá-lo no lugar onde ele nasceu.

Menos de dois meses depois da morte do filho, ainda envolta por grande sofrimento, Alejandra decidiu retornar ao Brasil. Já não buscava tratamento, mas continuava buscando comida, agora, para as netas:

*En ese momento no pensaba nada. Pero después no sé. Dije 'me voy pa' Brasil: voy a ver qué trabajo'. Porque tú ves la situación de Venezuela y o sea ni siquiera que me ponga a vender empanadas en Venezuela, me da para ayudar a mis nietas. No da. Tendría que tener como cinco sueldos, para la comida, la escuela, los útiles, un zapato ahorita son tres sueldos en Venezuela*<sup>178</sup>.

Em dado momento também cita a preocupação com a saúde da sua mãe. Poder enviar dinheiro e alimentação para ela surge também como uma de suas motivações para vir ao Brasil. Os “laços de amizade”, tal como descrito por Alejandra e por ela percebido como mais frágeis do

---

<sup>177</sup> O que me trouxe ao Brasil? O desespero da falta de medicação, o desespero de não ter uma boa alimentação, nem todo dia eu conseguia dar comida ao meu filho e nas condições dele, pela doença dele, ele tinha que comer, alimentar-se bem, era isso o que me preocupava. Bem, eu saí desesperada da Venezuela porque, como lá não há remédios, a comida é escassa e o que conseguimos é extremamente caro, vim aqui com a esperança de que meu filho melhorasse. Foi a decisão mais fácil da minha vida.

<sup>178</sup> Naquele momento não pensei em nada. Mas depois eu não sei. Eu disse: "Eu vou para o Brasil: vou procurar um emprego". Porque você vê a situação na Venezuela e eu nem vendendo empanadas na Venezuela poderia ajudar as minhas netas. Não dá. Eu teria que ter cerca de cinco salários, para comida, escola, suprimentos escolares, um sapato agora custa três salários na Venezuela

que os “laços familiares”, no momento mostraram-se suficientes para que ela atravessasse fronteiras tendo também em mente as necessidades da mãe.

## A JORNADA

Por duas vezes Alejandra percorreu o caminho da cidade onde cresceu até Boa Vista. Da primeira vez, deixava para trás um hospital sem medicamentos ou médicos e seguia viagem com Pablo, cheia de esperança na recuperação:

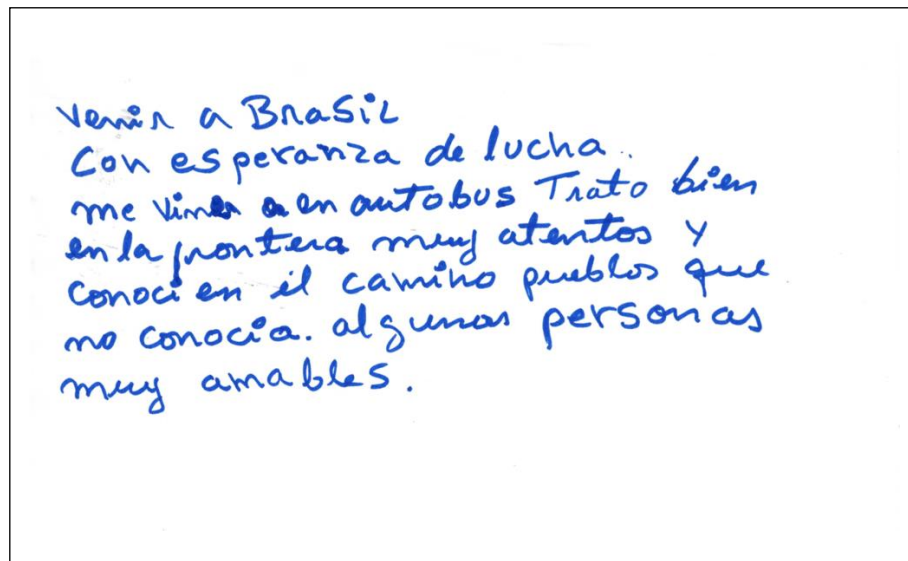
*“Me sentía muy optimista. Muy optimista con ganas de luchar, de sacar a mi hijo de esa enfermedad y bueno, me sentía muy bien. Venía con mucha fuerza, para seguir luchando por mi hijo”<sup>179</sup>.*

A ONG que os apoiou financiou as passagens de ônibus direto da cidade onde viviam até Boa Vista. Pararam em Pacaraima para realizar os procedimentos de ingresso ao país. Eram os únicos entre os passageiros e passageiras do ônibus que não possuíam passaporte, de tal modo que o procedimento a ser realizado por mãe e filho (solicitar residência temporária ou refúgio) seria mais demorado. Contudo, por apresentar o informe médico sobre a situação de saúde de Pablo, foram atendidos com prioridade e rapidamente puderam seguir viagem até Boa Vista. Desta jornada, Alejandra guarda a lembrança das paisagens, das cidades que atravessou, das comunidades indígenas onde pôde ver de relance vidas e corpos diferentes. Era a primeira vez que saía da cidade onde morou desde os quatro anos.

---

<sup>179</sup> Eu me sentia muito otimista. Muito otimista com o desejo de lutar, de tirar meu filho dessa doença e bom, me sentia muito bem. Eu vim com muita força, para continuar lutando por meu filho.

**Figura 12: Desenho de Alejandra sobre o caminho**



Na segunda vez que imigrou para o Brasil deixava em sua terra o filho, já sem vida. Percorreu o mesmo caminho sozinha. Familiares a apoiaram com algum dinheiro, sendo o suficiente para nada mais do que a passagem. Como um traslado direto, sem paradas até Boa Vista, é significativamente mais caro, Alejandra comprou diversos trechos separados, de tal forma que a viagem demorou cinco vezes mais do que da primeira vez.

*“Está bien, tal vez sería más difícil si el camino fuera idéntico al que hice unos meses antes con mi Pablo”<sup>180</sup>.*

### **A VIDA NO BRASIL ou NOSSAS VIDAS NO BRASIL**

Na bagagem de Alejandra na primeira vez que chegou ao Brasil não havia apenas esperança na recuperação do filho, mas também muitas expectativas. Desde sua chegada várias dessas expectativas foram frustradas. Chegou numa sexta feira e não imaginava que não teria como solicitar abrigo até que fosse a segunda feira. Tiveram que dormir três dias na rua, utilizando papelão como colchão e abrigo. No terceiro, dia Pablo apresentou febre que, por conta de uma infecção, durou doze dias.

<sup>180</sup> Tudo bem, talvez seria mais fácil se o caminho fosse o mesmo que eu fiz há uns meses com meu Pablo.

Tinham apenas a passagem e chegaram na capital de Roraima sem nenhum dinheiro. Foram para a Rodoviária Internacional de Boa Vista, pois souberam que lá havia distribuição de comida. Entretanto, a comida que chegava através de doações não era suficiente para todas as pessoas com fome a espera de saciá-la. Quando chegava a comida quem tinha mais força ou condições de correr conseguia com mais facilidade:

*“llega comida, pero imagínate, todo el mundo sale corriendo y, a veces, se acaba. No alcanza pa' todos y como él no podía correr porque él tenía sus tumores aquí, no podía correr y él ‘Ay, mami, nos quedamos sin comida’”<sup>181</sup>.*

Sentindo-me incomodada e angustiada pelo que Alejandra acabara de descrever, perguntei como comeram nos dias que passaram na rua:

- ***Y ¿cómo comían?***<sup>182</sup>
- *No comíamos.*
- ***¿No comieron? ¿Por tres días?***
- *No. O sea, había demasiada gente que salía corriendo, no alcanzaba y nos acostábamos así, bebiendo agua.*<sup>183</sup>

Na rodoviária conheceram uma mulher que aconselhou que dormissem na frente do Posto de Triagem (PTRIG). Forma-se uma fila natural entre as pessoas que pernoitaram na frente do PTRIG, de tal forma que, quando abre, essas pessoas são atendidas primeiro. Quando chegaram já havia muita gente no local. Algumas mulheres levaram café e compartilharam com Alejandra e Pablo. No amanhecer, um rapaz passou por elas e uma das mulheres exclamou: “*Mira, él trabaja con la ONG*”<sup>184</sup>. Alejandra foi até o jovem uniformizado e explicou sua situação com o filho:

---

<sup>181</sup> A comida chega sim, mas todos saem correndo e, às vezes, a comida acaba. Não dá para todos comerem, e ele já não conseguia correr porque tinha os tumores, ele dizia ‘Poxa, mamãe, ficamos sem comida’.

<sup>182</sup> Minhas falas em negrito.

<sup>183</sup> Então, como conseguiam comer?

- Não conseguíamos

- Não comeram? Por três dias?

- Não. Tinha gente demais, eles saiam correndo e a comida não dava para todos. Então nós íamos dormir assim, só bebendo água mesmo.

<sup>184</sup> Olha ali, ele trabalha com a ONG.

*“Muy buena gente André, me dijo que buscara a Arthur, para que me ayudara y entonces sacó dinero y le compró un pastelito a mi hijo, le compró un café y le dijo ‘yo no tengo mucho dinero, te puedo brindar esto nada más’. Y él se lo comió. Tenía hambre”<sup>185</sup>.*

Quando abriu o Ptrig Alejandra foi diretamente falar com Arthur, a quem mostrou os informes médicos. Arthur conversou algo com a equipe de profissionais em português, língua que Alejandra não conseguiu entender, e afirmou que ela e o filho seriam alocados em um dos abrigos. Neste momento deram-se conta que Pablo estava com febre alta. Um dos profissionais chamou a ambulância, que levou mãe e filho ao hospital. Pablo fez alguns exames e foi medicado. Sem dinheiro para transporte, Alejandra e Pablo foram caminhando do hospital até o PTRIG. Chegaram às cinco da tarde e os funcionários estavam indo embora.

*No mijo, nosotros estuvimos aquí esta mañana y entonces me dijeron que me iban a meter en un refugio” - me dijeron “no, pero es que ya el autobús de Primavera ya salió. Ya tiene que venir mañana”. ‘No, yo no quiero dormir esta noche otra vez en el suelo, por favor, se lo suplico y él tiene hambre, no ha comido y solamente en la mañana que le brindaron un pastelito’. Y le dije “¿usted no tiene comida por ahí para darle?. No para mí. Para mí no quiero nada, para mi hijo”. Entonces bueno, gracias a Dios siempre he tenido esa bendición de que “ah bueno ok, ta' bien”. Y la muchacha abrió la computadora otra vez, la encendió y me dijo “bueno, pero ya no te vamos a mandar pa' Primavera si no pa' Deodoro<sup>186</sup> porque ya el autobús se fue”. Y al ratico se presentó una muchacha con con una marmita y se la dio a mi hijo y él comió y yo dije “bueno, ay Dios mío, por lo menos”.<sup>187</sup>*

No abrigo, Alejandra e Pablo foram alocados em uma *carpa* (barraca) mais perto dos containers utilizados como escritórios pela gestão do abrigo. Passaram a receber alimentação três vezes por dia e certa atenção dos funcionários. Foram juntos desbravando o Sistema Único de Saúde, as oportunidades possíveis e as barreiras existentes. No eterno dilema entre o coletivo e o

---

<sup>185</sup> André é muito boa pessoa e me disse para eu procurar o Arthur para ele me ajudar. Então tirou dinheiro de seu bolso e comprou um bolinho e café para meu filho e lhe disse “Estou com pouco dinheiro, isso aqui é tudo o que eu posso comprar”. E meu filho comeu tudo, ele estava com fome.

<sup>186</sup> Primavera e Deodoro são nomes fictícios para abrigos para pessoas venezuelanas em Roraima.

<sup>187</sup> Meu filho, nós estávamos aqui hoje de manhã e então me disseram que me colocariam em um abrigo, disseram: "Mas o ônibus da Primavera já saiu. Tem que vir amanhã". "Não, eu não quero dormir de novo no chão hoje, por favor, eu imploro, ele está com fome, ele não comeu, foi só um bolinho que lhe deram hoje de manhã". E eu disse: "Você não tem comida para lhe dar? Não para mim. Não quero nada para mim, é para meu filho". Então, bem, graças a Deus, eu sempre tive a benção de que "tudo bem, tá bom". E a garota abriu o computador novamente e disse: "Bem, mas não vamos enviar você para o Primavera, mas sim para o Deodoro porque o ônibus já saiu". E depois de um tempinho uma menina apareceu com uma marmita para meu filho e ele comeu e eu disse "Bom, meu Deus, pelo menos...".

individual as batalhas eram mais difíceis: o câncer estava avançado depois de tanto tempo sem tratamento algum e para fazer ter acesso a assistência médica em outro Estado pessoas com maior probabilidade de sobrevivência deveriam ser priorizadas.

Alguns dias eram mais difíceis que outros. Em um desses dias difíceis, encontrei Alejandra pela primeira vez. Eu estava em uma sala onde aconteciam atendimentos às pessoas migrantes e refugiadas em um espaço já tradicional de acolhimento a esta população. De dentro da sala fechada pude escutar um som que estava no limiar do grito e do choro. Instantaneamente, sem saber do que se tratava, lembrei-me de ter escutado um som muito parecido em outro lugar (do mapa e do tempo): o grito de uma mãe no sepultamento de um filho. Depois de acolhida e um pouco mais calma explicou que neste dia havia escutado do médico a recomendação de cuidados paliativos para Pablo.

No abrigo Alejandra envolveu-se com grupos de mulheres empreendedoras. Segundo ela, as reuniões e trabalhos com as mulheres eram muito positivos para que ela pudesse esquecer um pouco a dor constante de Pablo e sentir-se cuidada e apoiada por outras mulheres. Participou por poucos meses e saiu para poder dedicar-se mais aos cuidados com o filho. Também recebeu apoio financeiro de uma instituição, com o qual pôde comprar medicamentos, comidas adequadas para Pablo e alguns doces que levava consigo para vender sempre que precisava sair com o filho. Conseguiu juntar algum dinheiro para emergências desta maneira.

Com o avanço da doença, Pablo ficou gradualmente mais debilitado e, conseqüentemente, mais dependente dos cuidados de Alejandra e de pessoas próximas. Criou-se entre várias pessoas do abrigo uma rede de apoio, que incluía a equipe da gestão. Pablo passou a ficar a maior parte do tempo em um container com ar condicionado, em um colchão onde ficava deitado com um pouco mais de conforto. Alejandra seguiu buscando maneiras de levar o filho para outro Estado brasileiro, acreditava que essa seria a maneira de conseguir sua recuperação. Passava ao menos um turno do dia andando pela cidade buscando instituições que pudessem apoiá-la.

Alejandra conseguiu acompanhamento psicossocial em uma das instituições em que buscou apoio. Semanalmente encontrava o psicólogo que a ajudou a “*organizarme mentalmente para tener más fuerza para cuidar mejor a mi hijo*”<sup>188</sup>. Tal apoio se deu por três meses, até que a instituição deixou de trabalhar com este projeto e os atendimentos foram interrompidos.

---

<sup>188</sup> Me organizar para ter mais força para cuidar melhor do meu filho.

A fé na recuperação de Pablo parecia inabalável, mesmo quando por conta de complicações no quadro, ele precisou ser internado na UTI. Certo dia, eu estava a trabalho no abrigo onde moravam quando a vi correndo em minha direção. Tinha o celular na mão e me entregou falando rapidamente: “*¡Es el hospital! ¡Es el hospital! ¡No puedo entender! ¡Habla con ella, por favor!*”<sup>189</sup>. Lembro a sensação de sentir meu corpo tremendo: apavorou-me a ideia de que eu seria a pessoa a informar para aquela mãe sobre a morte de seu filho adolescente. Meu medo não se concretizou, era apenas uma questão burocrática que ela deveria resolver. Mas essa ida ao hospital foi a última vez que falou com Pablo ainda com consciência. Suas últimas palavras para Alejandra foram: “*Mamá, tengo miedo, no me dejes morir*”<sup>190</sup>. Ele faleceu três dias depois.

*The Border Patrol came  
found el sobrino dead.  
We'll take the body back to the other side, they said.  
No, said Juan Dávila, I'll bury him here.  
Under the ground it doesn't matter  
Which side of the border you're in.*<sup>191</sup> (ANZALDÚA, 2002, p.198)

Se a delimitação da fronteira seca está fincada na terra, importa de que lado do muro esteja enterrado um corpo se a mesma terra o envolve? Para algumas pessoas, tal como Juan Dávila no poema político de Anzaldúa, não. Para Alejandra, sim. “*Yo, lo único que quería era llevar mi muchacho pa' casa*”<sup>192</sup>. Houve grande mobilização para conseguir os recursos para transladar o corpo de Pablo para sua cidade natal. Funcionários do abrigo fizeram contato com diversas organizações e algumas delas apoiaram financeiramente. Situação rara: são muitos os corpos venezuelanos que foram envoltos pela “terra brasileira”, à medida que são poucas as organizações que possuem recursos destinados ao traslado.

---

<sup>189</sup> É do hospital! É do hospital! Não consigo entender! Fala com ela, por favor!

<sup>190</sup> Mamãe tenho medo. Não me deixe morrer,

<sup>191</sup> A Patrulha da Fronteira chegou encontrando o sobrinho morto. Vamos levar o corpo de volta para o outro lado, disseram eles. Não, disse Juan Dávila, vou enterrá-lo aqui. Embaixo da terra não importa Em qual lado da fronteira você está. (tradução da pesquisadora).

<sup>192</sup> A única coisa que eu queria era levar o meu filho para casa.

Fui ao abrigo poucos dias depois da morte de Pablo. Estava andando sob o sol quente quando uma mulher me falou em espanhol que precisava me mostrar algo. Tirou de uma bolsa pequena um celular e através da tela quebrada me mostrou um vídeo. Com o sol refletindo no vidro da tela eu não conseguia ver as imagens, apesar da tentativa dela de fazer sombra com as mãos. Só escutava uma música animada e alguns gritos que saiam do aparelho. Falei que resolveria algo rapidamente e voltaria para assisti-lo. Ela segurou meu braço e falou em um tom sério: “*Necesito que veas ahora*”<sup>193</sup>. Saímos do sol e enfim pude ver o vídeo de dois minutos. Nele, um caixão sendo carregado por seis homens que dançavam ao ritmo de um *reggaeton*. Levantavam e abaixavam o caixão, ao som da música, enquanto pessoas ao redor batiam palmas e cantavam. Pude reconhecer Alejandra e entendi que naquele caixão estava Pablo. Aquela cena era substancialmente diferente do que a cultura na qual me reconheço preconiza sobre estar enlutado ou velar alguém. Eu estava envolta às diferenças culturais quando percebi que aos poucos a mulher se ajoelhava a meus pés. Em segundos estava com os braços entrelaçados em minhas pernas e a cabeça em minha barriga. Chorava incessantemente. Eu não a conhecia. Não sabia seu nome ou a relação que poderia ter com Pablo. Fui me abaixando, tentando apará-la, até que nos sentamos as duas no chão de britas quentes. Pedi que alguém trouxesse um copo d’água. Ela bebeu, disse que precisava sair, foi embora rapidamente e eu não a encontrei mais. Quando saí do abrigo olhei meu colete<sup>194</sup> e percebi que estava molhado das lágrimas desta mulher que não conheço. Talvez ela me reconhecesse por meu trabalho. Talvez não me conhecesse, mas reconhecesse a instituição estampada no meu colete. Naquele momento eu representava algo maior do que a pessoa que sou. Talvez, representasse, na verdade, apenas uma parte de mim: a trabalhadora humanitária. Tirei o colete molhado e, por baixo, minha roupa estava seca. As lágrimas daquela mulher desconhecida foram contidas pelo colete, não tocaram minhas roupas ou minha pele, mas eu as sentia em mim.

Com a ida à Venezuela pela morte do filho, Alejandra poderia, pelas regras, ficar quinze dias longe do abrigo sem perder sua vaga.

---

<sup>193</sup> Eu preciso que você assista agora.

<sup>194</sup> Nos contextos de ação humanitária cada instituição possui um colete, que as trabalhadoras e trabalhadores humanitários utilizam para serem identificados.

*Y yo le hablé. Fui sincera. “Daniel, yo no sé... en unos 15 días no creo que yo venga para acá. No sé realmente cuando yo vaya a regresar porque entiendo es un dolor grande y voy a un encuentro con mi familia y voy con mi hijo muerto. O sea, no va a ser fácil, no sé cuándo voy a regresar”. Daniel me dijo: “tómate tu tiempo, tienes razón, piensa bien lo que quieres, qué vas a hacer y cuándo quieras regresar tú me llamas”. Me dijo “tú tienes las puertas abiertas aquí porque tú eres una excelente persona, tú te has portado muy bien en el abrigo, no hemos tenido problemas ni quejas tuyas”. Y yo les decía a muchas mujeres “pues, ve la importancia de uno tener un buen comportamiento en las partes, ves que se te abren las puertas”.<sup>195</sup>*

Daniel, um dos trabalhadores do abrigo, flexibilizou uma regra para que Alejandra pudesse viver o luto da maneira que melhor conseguisse. Na percepção dela, ele o fez por ela agir de acordo com o comportamento que considerava ser o esperado de uma pessoa abrigada. Assim, Alejandra coloca-se como exemplo para outras mulheres. O que, de fato, fez com que Daniel fosse flexível com esta regra é possivelmente mais complexo do que unicamente o comportamento de Alejandra ou a empatia por uma mãe enlutada, pode passar por suas vivências, seus medos e seus sentimentos.

Alejandra passou em torno de sete semanas na Venezuela até retornar ao Brasil. Ao chegar ao abrigo deparou-se com a dor que sentira na última vez que estivera naquele local.

*Cuando llegué a la puerta se vinieron todos los recuerdos de mi hijo, me puse a llorar y Carla me abrazó y también se le salieron las lágrimas, conmigo y porque me acordé de todo pues. Hice como un video así, rapidito en mi mente, de cómo mi hijo caminaba pa' allá, pa' acá. Ellos querían mucho a mi hijo también, se encariñaron mucho con él porque mi hijo también, no... o sea no era un muchacho que faltaba el respeto ni nada de eso.<sup>196</sup>*

Carla e Daniel usavam coletes diferentes do meu, mas mesmo que as lágrimas fossem enxugadas pelo tecido grosso antes de molhar nossas roupas e pele, certamente, não saíamos intactos de cada uma dessas interações. Para Alejandra, a relação entre se comportar como o

---

<sup>195</sup> Eu falei com ele. Fui sincera. “Daniel, eu não sei... daqui a 15 dias, acho que não vou voltar. Eu realmente não sei quando voltarei, porque é uma grande dor e eu vou a um encontro com minha família e eu vou com meu filho morto. Quero dizer, não será fácil, não sei quando vou voltar”. Daniel me disse: “Não se apresse, você está certa, pense bem no que deseja, no que fará e quando quiser voltar, ligue para mim”. Ele me disse: “Você tem as portas abertas aqui porque é uma pessoa excelente, comportou-se muito bem no abrigo, não tivemos problemas ou reclamações suas”. E eu disse às outras mulheres “Bem, vejam a importância de ter um bom comportamento nos locais, veja, as portas se abrem para você”.

<sup>196</sup> Quando cheguei à porta, todas as lembranças de meu filho voltaram e comecei a chorar, Carla me abraçou e suas lágrimas também saíram, junto às minhas, porque me lembrei de tudo. Eu fiz um vídeo em minha mente, assim rapidinho, de como meu filho caminhava para lá e para cá. Eles também amavam muito meu filho, gostavam muito dele porque meu filho também, não... quero dizer, ele não era um garoto desrespeitoso ou algo assim.

esperado e conseguir posições flexíveis ou cuidado e interesse era evidente também pela reação da equipe do abrigo frente à morte de seu filho.

A preocupação com o “bom comportamento” também parece se basear em certa empatia com os profissionais da gestão do abrigo.

*Entonces, es muy importante uno no faltarles el respeto a las personas porque ahí hay unas que le han faltado el respeto feo. Que yo digo, esa gente yo no sé cómo ellos han tenido paciencia y tolerancia, porque les faltan el respeto muy, muy feo. Eso dicen groserías, les dicen de todo. Eso es horrible. Yo se que no es fácil trabajar en el refugio, no es fácil.<sup>197</sup>*

Alocada na mesma *carpa* de antes – mesmo sendo reservada para pessoas com necessidades específicas – Alejandra sentia que voltara para um lugar diferente. Suas motivações e sentimentos não eram os mesmos de dois meses atrás e isso parecia mudar todo o país. A experiência de cada história de migração, contexto, acontecimentos e recursos e histórias trazidas na bagagem da pessoa migrante, mostram-se tão relevante quanto a cultura e o contexto político do acolhimento. Assim, para Alejandra, o Brasil tornou-se uma complexa mescla de uma terra de oportunidades, possibilitando que ela pudesse prover suas netas, e um lugar de dor, onde a memória de Pablo está viva enquanto Pablo segue morto.

*“Me voy a volver loca metida en el refugio, no he salido del refugio, acordándome de mi hijo... pero, es la cuestión de mis nietas... necesitan para cuando comiencen el nuevo año escolar el otro mes”<sup>198</sup>.*

Na ocasião desta entrevista Alejandra havia voltado ao Brasil há duas semanas. Era a primeira vez que saía do abrigo desde que retornara à Boa Vista. Ao falar sobre isso, passa a refletir sobre sua pouca interação com o Brasil e com os brasileiros.

*Yo no me he relacionado más con brasileiros ¿por qué? Porque estamos metidos en el refugio y estamos en las mismas costumbres venezolanas. Estamos allí, los mismos venezolanos ¿qué pasa? Que con la situación que yo vine de mi hijo, he estado como que más encerrada. Dedicada a él, ves. No he tenido la oportunidad de navegar. Vamos a decirlo así, como navegar, conocer culturas brasileiras, cuáles son sus costumbres,*

<sup>197</sup> Então é muito importante respeitar às pessoas porque ali tem algumas que têm sido desrespeitadas. Eu digo que não sei como os funcionários têm tanta paciência e tolerância, porque alguns não os respeitam e são muito, muito grosseiros. Eles falam palavrão, dizem muita coisa feia. É muito ruim. Eu sei que não é fácil trabalhar no abrigo, não é fácil não.

<sup>198</sup> Estou enlouquecendo presa no abrigo, não saio do abrigo, lembrando de meu filho..., mas, é a questão das minhas netas ... elas precisam... para começar o novo ano letivo no outro mês.

*cuáles son sus platos favoritos, porque debe haber platos favoritos. Ves. Realmente no he navegado Brasil. Porque yo realmente vine nada más con eso de curar a mi hijo y venía era al hospital y al refugio.*<sup>199</sup>

Se, em sua metáfora, o Brasil é um oceano a ser navegado, a própria Alejandra se vê como uma embarcação.

*Como un barco sin timón, quedó así, o sea no tiene rumbo. Así me siento, como que no hay rumbo o sea si hay rumbo porque me vine hasta aquí, hasta Brasil y eso fue un rumbo, pero físico, pero emocionalmente no tengo rumbo. O sea, quiero hacer, si quiero hacer, pero, de repente, me entra el ‘¿y sino lo logro?, ¿si no puedo?’ y eso es no normal en mí porque yo siempre he sido una persona luchadora.*<sup>200</sup>

O sentimento de ser uma “mulher lutadora”, que alcançou tantos dos objetivos que na infância na casa da tia parecia uma realidade inatingível, mostra-se como algo estruturante para Alejandra. Assim, a morte do filho surge como uma batalha perdida, e ela não se reconhece no lugar de “mulher perdedora”. Alejandra constrói uma interessante reflexão sobre o impacto da morte de seu filho para sua autoestima.

*Si tanto luchar por mi hijo y guerreé, luché, pero luché, como decimos allá, como una guara, para nada porque igual se fue. Entonces yo pienso ya qué, todo lo que yo vaya a hacer es una lucha y una lucha y después otra vez el fracaso. Yo siento que lo de mi hijo fue un fracaso en mi vida, que yo quería, por lo menos, cuando vine de Venezuela, yo dije ‘tengo que llevar a mi hijo pa’ allá porque mi hijo yo lo voy a sanar, mi hijo tiene que venir sano’, fue como un reto, pero un reto que no pude cumplir porque la enfermedad me ganó la batalla y yo pienso que es eso lo que me ha, me ha tumbado mi autoestima, que no lo pude lograr y ahora yo pienso que todo lo que yo vaya a hacer me va a salir así, que no lo podré lograr*<sup>201</sup>.

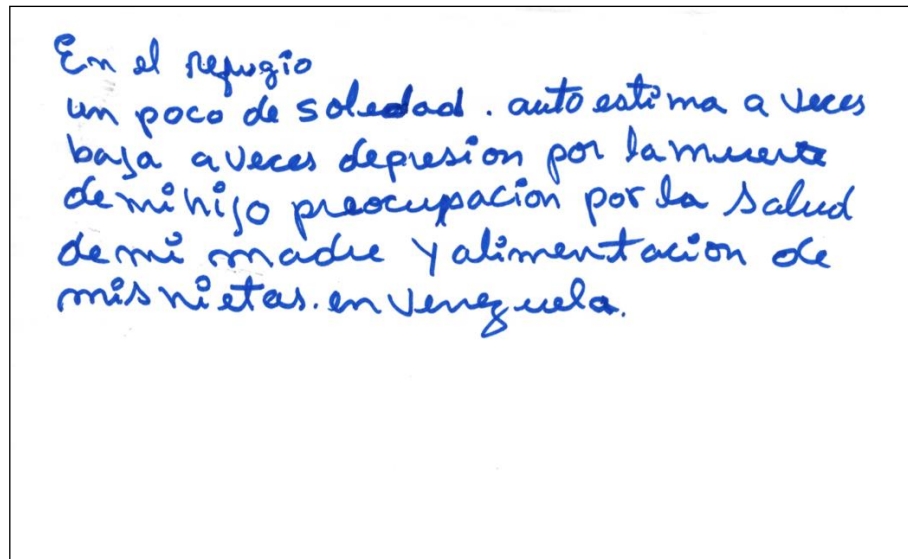
<sup>199</sup> Não tenho muita interação com brasileiros, por quê? Porque estamos no abrigo com os mesmos costumes venezuelanos. Estamos lá, os mesmos venezuelanos, o que acontece? Que com a situação que eu vim do meu filho, eu fui me fechando. Dedicada a ele, você vê. Não tive a oportunidade de navegar. Vamos dizer assim, como sair, conhecer as culturas brasileiras, quais são seus costumes, quais são seus pratos favoritos, porque deve haver pratos favoritos. Veja só, eu realmente não conheci o Brasil. Porque eu realmente vim apenas para curar meu filho e a rotina era só para o hospital e depois para o abrigo.

<sup>200</sup> Como um navio sem leme, fiquei assim, ou seja, sem rumo. É assim que me sinto, como se não houvesse rumo, ou seja, sim há um curso porque vim aqui para o Brasil e isso é um rumo físico, mas emocionalmente não tenho direção. Quero dizer, eu quero fazer sim, mas de repente chega o ‘E, se não conseguir? Se não puder?’ E isso não é normal em mim porque sempre fui uma pessoa lutadora.

<sup>201</sup> Tanto que eu lutei pelo meu filho, e lutei, lutei, e não consegui nada porque ele morreu mesmo assim. Então eu acho que tudo o que vou fazer será uma luta e uma luta e, novamente, o fracasso. Eu sinto que o que aconteceu com meu filho foi um fracasso na minha vida, quando eu vim da Venezuela, eu disse ‘eu tenho que levar meu filho lá’ porque eu vou curá-lo, meu filho tem que curar’, foi como um desafio, mas um desafio que eu não pude enfrentar

Assim Alejandra se expressou quando eu lhe perguntei se gostaria de desenhar sobre sua vida no Brasil.

**Figura 13: Desenho de Alejandra sobre a vida no Brasil**



A autoestima abalada e a dor do luto – que não necessariamente são sentimentos distintos – não são suficientes para deter Alejandra na luta pela saúde da mãe e o bem-estar das netas. Pensando em processo de elaboração do luto ela parece dar predomínio para as ações de cuidado de netas, mãe: cuidar dos outros ao invés, ou também de a si-mesma. Aos 14 anos Pablo teve uma filha e a menina, de três anos no momento da entrevista, estava sob a responsabilidade de Alejandra, já que a mãe também havia emigrado da Venezuela. A criança, uma das netas que dependiam do dinheiro que Alejandra planejava enviar, constantemente chorava dizendo que não queria ficar com a avó, pedindo para estar com a mãe. Em sua neta, Alejandra reconhece a si mesma no passado. A dor da neta faz sentido para a criança que habita em Alejandra.

*Me rebeldicé cuando estaba niña porque quería estar con mi mamá. Por lo menos ahorita la niña de mi hijo, el que falleció, ella a veces toma actitudes que me hacen recordar cuando yo estaba chiquita y me dice que ella quiere estar con su mamá, “no quiero estar contigo abuela, yo quiero estar con mi mamá, no me gusta tu casa, yo quiero estar con mi mamá y con mi hermanito”. Y, a veces los muchachos allá en la*

---

porque a doença me venceu na batalha e acho que foi isso que derrubou minha autoestima, eu não consegui e agora acho que tudo que eu vou fazer vai sair assim, que eu não vou conseguir.

*casa la regañan: “tú vas a ser mal agradecida”. Yo les digo “no le hablen así porque eso que ella está expresando fue lo mismo que yo viví”. Ves.*<sup>202</sup>

## BREVES CONSIDERAÇÕES

Eu e Alejandra iniciamos a primeira entrevista falando da dor da separação. Separar-se da mãe em tenra idade marcou fortemente Alejandra. Sua infância “de conto de fadas” a fez tomar decisões: não bateria nos filhos e filhas assim como não apanharia de ninguém. Em um contexto difícil para desenvolver recursos que carregaria consigo toda a vida – inclusive na bagagem para o Brasil – Alejandra é capaz de construir relações e oferecer a segurança que não encontrou enquanto crescia, ou nas relações amorosas na vida adulta. Aproximadamente dois meses depois da morte do filho, Alejandra viveu o luto em meio de *carpas*, marmitas e lembranças. É neste contexto que nos encontramos para as entrevistas. No fim, a neta, que também vive as dores de múltiplas separações é acolhida pela avó e pela criança separada que existe no passado (e no presente) de Alejandra.

Após o término da entrevista combinou-se uma nova data, no próximo encontro falaríamos dos planos para o futuro. Percebendo que Alejandra poderia se beneficiar de um apoio psicológico em um momento difícil, perguntei se ela gostaria que eu articulasse um encaminhamento para acompanhamento psicológico. Ela prontamente respondeu que sim. Comenta que sente falta dos atendimentos que pôde participar nos meses em que o filho esteve doente. Pedi que ela esperasse um pouco e contatei algumas pessoas. Em poucos minutos tinha um horário e local marcado perto do abrigo onde morava.

Na outra semana, soube que Alejandra não havia comparecido à primeira sessão: “Sinto muito, não posso deixar reservado o horário depois que a paciente não vai no primeiro encontro”. As desculpas por telefone destinavam-se mais a mim do que à Alejandra – a beneficiária do atendimento. Um mês depois ela não apareceu para a última entrevista. Fui para o abrigo, certo dia, e não a encontro. Perguntei por Alejandra para a equipe da gestão do abrigo: “Não sabemos! Foi embora sem falar com ninguém. Deixou algumas coisas, mas parece ter levado a maior parte do pouco que tinha”.

---

<sup>202</sup> Eu me rebelava quando criança porque queria estar com minha mãe. Pelo menos agora, a filha de meu filho falecido às vezes toma atitudes que me lembram quando eu era pequena, ela me diz que quer ficar com a mãe: “Eu não quero ficar com você, avó, quero estar com minha mãe, não gosto da sua casa, quero ficar com minha mãe e meu irmãozinho”. E às vezes os meninos lá em casa a repreendem: “Você é má agradecida”. Eu digo a eles: “Não falem assim com ela porque o que ela está expressando era o mesmo que eu vivi”. Você vê.

As respostas de Alejandra no Questionário de Dificuldades na Vida Pós-Migração sinalizam suas preocupações, algumas relacionadas ao contexto geral da migração em Roraima, e outras à sua vivência específica com a doença do filho. Das 22 questões, 9 foram assinaladas como problemas sérios ou muito sérios. Discriminação, preocupação com a família de origem, não conseguir trabalho, pobreza e não conseguir acessar a alimentação da qual está acostumada são questões do próprio contexto da migração em Boa Vista, que foram consideradas por Alejandra como problemas muito sérios. Outras opções assinaladas também se dão no contexto roraimense, mas se relacionam com a vivência específica de Alejandra, principalmente com enfermidade e morte recente de Yoslin. São, por exemplo, dificuldades pelo pouco acesso à assistência médica de longo prazo e medo de não receber tratamento para problemas de saúde. As questões “solidão e tédio” e “isolamento” foram consideradas problemas sérios e se dão na interface das vivências específicas com a morte de Yoslin e o contexto migratório em si.

Não foi conversado sobre seus planos de futuro – Alejandra foi construí-lo antes que tivéssemos a oportunidade. Não quis mais as dores dos rompimentos e retornou à Venezuela? Não pôde mais com as lembranças dos últimos momentos de Pablo e foi para outro local em Roraima? Convenceu-se que precisava ir para outra parte do Brasil para conseguir prover para as netas? Há mais de mim em cada uma dessas especulações do que há de Alejandra. Reflito que há muito de André, quando em meio aos milhares de pessoas venezuelanas em situação de extrema vulnerabilidade, paga apenas para Pablo um pequeno lanche. Há um tanto de Daniel, quando abre uma exceção à regra e permite que uma mãe em luto retorne ao abrigo apenas quando se sentir pronta, e não dentro do prazo escrito em algum documento. Há também as lágrimas de Carla, ao amparar outra mulher que, pela primeira vez desde a morte do filho, olha o último lugar que viveu com ele. As profissionais que abriram o computador, após o final do expediente, e colocaram mãe e filho no próximo ônibus para que dormissem com mais segurança. Os funcionários que alocaram Alejandra na mesma *carpa* que esteve anteriormente – destinada às pessoas com necessidades de saúde – por compreender que aquela era a sua casa. As tantas histórias não-contadas nessa série de entrevistas interrompida pelo futuro.

Estudos realizados na Colômbia apontam que trabalhar no contexto de resposta humanitária pode ocasionar altos níveis de estresse, exaustão emocional e possibilidades de desenvolvimento de distúrbios mentais (CAMILO, 2002). É importante, contudo, não partir do entendimento de que trabalhadoras e trabalhadores humanitários têm maior tendência a ter a

saúde mental comprometida. McFarlane (2004) aponta que pessoas que trabalham no campo em situações de ação humanitária em geral demonstram grande nível de resiliência e habilidades para se ajustar às demandas da vida profissional.

Contudo, a discussão sobre a relação entre a pessoa ativamente beneficiária e a trabalhadora humanitária vai além da saúde mental de ambos os lados. As transações da ajuda humanitária se dão em um “encontro humanitário” (*humanitarian encounter*) – interface onde quem oferece o apoio e quem recebe o apoio interagem. São negociações frequentes que ocorrem em uma “arena”, onde os desdobramentos da ajuda humanitária são construídos e desvelados. A pessoa beneficiária não aguarda passivamente até que o apoio lhe chegue, mas trabalha em estratégias para se tornar atrativa para o recebimento (HILHORST, WEIJERS; VAN WESSEL, 2012). Para Alejandra, por exemplo, uma estratégia de sucesso foi agir de acordo com o comportamento que ela acreditava ser o esperado por parte da gestão do abrigo. Ela atribui a isso alguns benefícios que conseguiu, tal como ter mais tempo para ficar na Venezuela. Já para Belkys, verbalizar a ausência do apoio que gostaria para diferentes organizações lhe parecia como melhor estratégia.

Entendo que a “arena humanitária”, onde todas as interações acontecem, é complexa e multifacetada. Há simultaneamente estratégias para receber apoio, ambiente de pressão e alto estresse, inspiração em incríveis histórias, empatia baseada no percurso de vida de cada pessoa, necessidades básicas que precisam ser supridas e expectativas diversas frequentemente frustradas – tanto para beneficiárias quanto para trabalhadoras. Neste local paradoxalmente imaginário e concreto, Alejandra e Pablo interagiram, negociaram, provocaram sentimentos e ações, foram afetados e partiram, deixando um pouco daquela experiência nas histórias de André, Daniel, Carla e, eu mesma, Flávia. Tal arena, contudo, não é em nada estática e no dia seguinte todas nós acordamos para mais um dia de trabalho: mais 600 pessoas atravessaram a fronteira.

## REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me debruçar sobre os relatos de Catalina, Belkys e Alejandra, percebo-as em suas singularidades enquanto as vejo reproduzir as vidas de tantas outras mulheres venezuelanas que vieram ao Brasil por meio da fronteira com Roraima. Considerando as categorias de recursos apontadas por Hobfoll (1989) é possível observar diversas perdas ao longo deste processo migratório. Partindo da compreensão de que os recursos não estão isolados, ou operam independentemente, mas sim são organizados em “caravanas”, a perda de um recurso afetará os demais recursos do mesmo grupo. Assim, constroem-se os espirais de perdas que são facilmente percebidas nas palavras das mulheres migrantes e refugiadas.

De acordo com Hobfoll (2010) as caravanas são organizadas em “rotas de caravanas” (*caravana passageways*), que são condições ambientais que suportam, protegem e enriquecem recursos de indivíduos, famílias e organizações ou que, por outro lado, empobrecem, minam e obstruem as reservas de recursos. Ainda de acordo com esse autor, tais rotas influenciam diretamente a saúde mental e física das pessoas. No caso da saúde mental, o *status* socioeconômico é o maior preditor. Um exemplo é o resultado de uma interessante pesquisa realizada com sobreviventes do Furacão Katrina: aqueles que eram mais pobres eram menos propensos a serem resilientes e também menos propensos a receber seguro, o que por sua vez estava quase tão relacionado ao sofrimento/estresse psicológico quanto à perda de entes queridos (HOBFOLL, 2010). Ainda que a Psicologia historicamente tenha considerado que a família seja o principal provedor de rotas para o desenvolvimento de recursos, Hobfoll (2010) argumenta que fatores da comunidade mais diretamente relacionada ao sujeito (a vizinhança, por exemplo <sup>203</sup>) pode superar o impacto dos fatores familiares.

Os argumentos de Hobfoll sobre a importância da comunidade não diminui a enorme relevância do papel da família em construir rotas de caravanas de recursos. A família tem um papel central em fomentar a autoestima, autoeficácia, otimismo e habilidades sociais. Filtram e traduzem os desafios que surgem no dia a dia. Em grupos familiares que se caracterizam pela

---

<sup>203</sup> Entendo que o autor (HOBFOLL, 2010) parte de uma perspectiva norte-americana de vizinhança, na qual a qualidade da escola, a segurança e as atividades e eventos ofertados dependerão do perímetro onde a pessoa mora. Considero aqui, adaptando à realidade brasileira, a comunidade mais próxima no qual a pessoa está inserida, assim como a estrutura econômica-social do local onde vive. Hobfoll aponta, por exemplo, a relação entre doenças cardíacas e morar em vizinhanças pobres, comprovada por Diez-Roux e colaboradores (2001).

agressão, frieza, falta de suporte e negligência é comum que seus membros apresentem respostas negativas às situações de estresse (REPETTI, TAYLOR, SEEMAN, 2002).

Considerando tais conceitos e compreensões, na presente seção elaboro sobre as dores, a resiliência e teço considerações sobre construção de uma Psicologia Humanitária latino-americana a partir do espaço de fronteira do extremo norte brasileiro.

### **AS DORES: CARAVANAS DE RECURSOS, ESPIRAIS DE PERDAS E GÊNERO**

No contexto do fluxo migratório venezuelano, percebe-se que as perdas se iniciam no contexto pré-migratório, frente ao cenário de severa instabilidade sócio-política-econômica na Venezuela. Tendo a considerar que o próprio ato de emigrar é, em si, uma ação proativa de proteção de recursos. As perdas pré-migratórias também se movem como uma espiral e a previsão é de perdas subsequentes. Diante desse contexto, emigrar é investir recursos com o fim de proteger os próprios recursos. Com frequência, como, por exemplo, nos casos estudados nesta Tese, o objetivo é de prover não só a si mesma, mas para seu grupo social (principalmente a família), tanto aqueles que seguiram viagem para Roraima quanto os que permaneceram na Venezuela. Assim, mesmo que com diversos riscos para a saúde mental, a decisão proativa de emigrar dessas mulheres surge como um ato, nas palavras de Hobfoll (2001), de “sustentar a fortaleza humana”, oferecendo o sustento necessário para o senso de confiança mútua de um grupo social e de confiança em si mesma. Portanto, no ato de “migrar forçadamente”, na mesma medida em que há extrema necessidade, há proatividade e escolha em investir e proteger recursos, tanto em nível pessoal, quanto social.

A vida depois da travessia é frequentemente diferente das expectativas criadas antes de imigrar e novas perdas de recursos tendem a ocorrer. No que diz respeito às perdas de objetos, são percebidas ausências significativas, que se iniciaram na Venezuela (sendo ilustrativos os “x” vermelhos de Belkys em tantos itens básicos faltosos), e se alastraram para a vida no Brasil, ainda que de maneiras distintas. No Brasil, a comida, entre vários outros itens, depende do “encontro humanitário”. As três participantes assinalaram em todas as aplicações do Questionário de Dificuldades na Vida Pós-migração a pobreza como um problema muito sério na vida em Roraima. A dificuldade em acessar empregos também foi percebida como um sério problema e

como a causa de várias outras questões subsequentes. A dificuldade em ter a mínima estabilidade financeira revela-se também como uma perda em outra categoria de recurso: a energia.

Em um contexto de construção social de gênero, que responsabiliza prioritariamente a mulher pelo cuidado com crianças e pessoas com necessidades específicas, as barreiras para conseguir trabalho são ainda mais numerosas e rígidas. Os dados de interiorização refletem essa realidade: em julho de 2019, de todas as viagens de interiorização 11% foram para homens com vagas de trabalho garantida em outro Estado brasileiro, já as mulheres viajando por trabalho somaram 2% do total de interiorizações (OPERAÇÃO ACOLHIDA, 2019).

Por outro lado, a continuidade da crise na Venezuela perpetua o sentimento de preocupação com entes queridos que permaneceram no país de origem, além de alimentar certa pressão interna em ser capaz de enviar dinheiro e insumos. As três participantes assinalaram a questão “preocupação com a família no país de origem”, do Questionário de Dificuldades na Vida Pós-migração, como um problema muito sério.

A perda de condição também se mostrou como uma realidade para as três participantes. Relacionados à pobreza e dificuldade no acesso às oportunidades profissionais, Belkys e Alejandra citam a própria condição de ser “abrigada” como algo que acarreta certa perda de *status*: tinham casas na Venezuela, podiam tomar decisões sobre a rotina e tinham privacidade, “*pero la casa uno no puede comer*”<sup>204</sup>.

A perda de condição também pode ser percebida mediante a discriminação contra pessoas venezuelanas. As três participantes assinalaram a “discriminação” como “um sério problema” em todas as aplicações do Questionário de Dificuldades na Vida Pós-migração, além de terem compartilhado espontaneamente histórias das quais foram alvo de xenofobia/aporofobia<sup>205</sup>.

O desconhecimento do idioma, tendo em vista que a língua portuguesa não é dominada por nenhuma das participantes, tenderia a se mostrar como uma perda de recursos pessoais. É interessante apontar, contudo, que nenhuma das mulheres sinalizou o idioma como uma barreira (Alejandra assinalou como “um problema mediado” e espontaneamente justificou citando, especificamente, a dificuldade de se comunicar com as médicas durante o processo de adoecimento do filho). Analiso que existem dois fatores para tanto: a própria arquitetura da

---

<sup>204</sup> “Mas a pessoa não pode comer uma casa”

<sup>205</sup> Acredito que a xenofobia contra pessoas venezuelanas no contexto de Roraima está intimamente interseccionada com a aporofobia (rejeição às pessoas pobres). Assim, ainda que a nacionalidade seja determinante no ato discriminatório, a condição/classe social parece também receber um papel de destaque.

resposta humanitária, que com abrigos e poucas oportunidades de convívio com a população local, constrói barreiras nas interações entre a comunidade migrante e a comunidade de acolhida, e a construção coletiva de uma língua possível, “*border tongue*” nos termos anzalduanos, uma “*lengua da fronteira*”<sup>206</sup>.

Se, de acordo com Hobfoll, a ação de investir recursos e não obter o retorno esperado pode ser considerado uma perda, as expectativas frustradas pela realidade da vida no Brasil tende a ser mais uma perda dentro dessa espiral. As vivências de perdas de recursos ao longo da estadia em Roraima foram apontadas pelas participantes como tão ou mais marcantes do que as situações das quais fugiram na Venezuela. Na mesma lógica, pessoas iranianas que passaram mais tempo aguardando o resultado da solicitação de asilo demonstraram mais reações patológicas ao trauma, do que pessoas que fugiram do mesmo conflito, mas obtiveram resposta mais rapidamente (LABAN et al., 2008). Pode-se concluir, portanto, que para compreender a reação à um estresse traumático no contexto do fluxo venezuelano à Roraima é igualmente importante considerar o impacto das vivências pós-migração, seja como novas perdas, ou como possibilidades de (re) construção de recursos.

A própria relação entre os recursos perdidos na vida pré-migração e na vida pós-migração sinaliza para uma espiral de perdas. O salário de um mês não ser suficiente para comprar “*más que dos sacas de arroz*”<sup>207</sup>, ausência de itens básicos para uma sobrevivência digna e perseguições por motivos políticos são perdas de recursos de diversas categorias (objeto, energia, condição). Motivada pelas circunstâncias surge a decisão de emigrar e com isso a separação do grupo social e a distância do conjunto conhecido de normas sociais apresentam-se como novas perdas. No contexto específico de Roraima na vida pós-migração (e no caso das mulheres participantes desta pesquisa), o abrigo - ocasionando ausência de privacidade, limitação na autonomia e estigmatização - discriminação, pobreza e dificuldade para conseguir trabalho são mais perdas nas diversas categorias, que se acumulam e se relacionam com as anteriores.

Perdas e espirais de perdas não necessariamente ocasionam estresse traumático. Tal como abordado na seção de contextualizações, Hobfoll (1991) afirma que o estresse traumático a) ataca os valores básicos do indivíduo; b) frequentemente ocorre inesperadamente; c) exige demandas excessivas; d) está fora da esfera da estratégia de utilização dos recursos desenvolvidos; e) deixa

---

<sup>206</sup> O próprio nome “*lengua de fronteira*” é uma mescla do português e espanhol.

<sup>207</sup> Mais do que dois sacos de arroz

uma forte imagem mental, que é facilmente evocada por situações/coisas que fazem recordar o evento. Ao longo do processo migratório de Belkys, por exemplo, considero que a situação de estresse traumático foi a detenção do filho. Já para Alejandra, a morte do filho. São situações que não necessariamente ocorreram por conta da migração, mas que estão atreladas a esta experiência. No caso de Catalina, considero que o trauma ocorreu na adolescência, especificamente (mas não apenas) na dura experiência do estupro. A resposta de cada uma delas ao trauma é uma mescla de características pessoais, ambiente, cultura e experiências anteriores e posteriores ao evento traumático.

De acordo com Hobfoll a construção do ser (*self*) deriva do apego (*attachment*) com o grupo social íntimo no início da vida. O próprio ser (*self*) e as alternativas de comportamentos oferecidas ao ser são derivadas e delimitadas pelas formulações culturais. Desta forma, o encontro do ser (*self*) com a situação de estresse se dá principalmente no contexto social e, portanto, envolve consequências sociais (HOBFOLL, 1989; 2001). A história de vida enquanto processo de construção de recursos e as características pessoais precisam ser levadas em consideração para a compreensão de como cada indivíduo lida com as perdas e com o estresse traumático. Igualmente importante é considerar o contexto social, tanto da construção do *self* e história de vida, quanto nas dinâmicas das perdas. Cada participante desta pesquisa possui uma história que possibilitou, ou dificultou o acesso aos recursos que trouxeram consigo para o Brasil. O mesmo ocorre com cada mulher, homem e criança que atravessa fronteiras em busca de reconstrução.

A vida de Catalina evidencia o funcionamento dos ciclos de perdas e sua relação com a história de vida. Na adolescência Catalina sofreu um estupro, momento marcante que ela compartilha com muita dor. Pesquisas apontam que mulheres que sofreram abusos sexuais na infância têm cinco vezes maior chance de sofrer novos abusos sexuais na vida adulta (SCHUMM, HOBFOLL, KEOGH, 2004). Catalina, infelizmente, não fugiu da previsão. Trabalhando como profissional do sexo, ela acredita que são “riscos” do ofício que se concretizaram. Nenhum ofício deve contar com esse risco. Mulheres adultas que foram abusadas na infância têm maior chance de reagir negativamente ao estresse do que mulheres que não viveram tal situação (SCHUMM et al., 2005). Aquelas que vivenciaram abusos na infância apresentam seis vezes mais chance de desenvolver TEPT do que mulheres que não sofreram, já aquelas que foram abusadas tanto na infância, quando na vida adulta apresentam 17 vezes mais chance de apresentar TEPT

(SCHUMM; BRIGGS-PHILLIPS; HOBFOLL,2006) (SCHUMM et al., 2006). Hobfoll (2010) ainda relaciona tal circunstância com outra pesquisa que constata que mulheres com TEPT tem três vezes mais chance de apresentar doenças coronárias do que mulheres que não apresentam sintomas de TEPT (KUBZANSKY et. al., 2009). Longe de prever o futuro de Catalina, essas relações auxiliam a entender que as experiências de diferentes momentos da vida oferecem e retiram recursos de maneira a construir ciclos que não se limitam à ocasião, influenciando a vida em situações futuras, ou seja, para entender como Catalina reage à uma situação traumática observar as perdas ocasionadas pela crise na Venezuela não é suficiente.

Todas essas perdas, em raízes mais profundas ou mais superficiais, relacionam-se ao apego/cuidado e questões de gênero. Percebo, assim, uma tríade de gênero na migração forçada. As mulheres migrantes e refugiadas precisam lidar com a construção social de gênero em três esferas que se sobrepõem: o gênero no país de origem, o gênero no país de acolhida e a própria condição de gênero de ser uma mulher migrante no país de acolhida. No contexto da migração venezuelana ao Brasil, observo as três esferas e suas interfaces.

Sobre a diferença na construção de gênero na Venezuela e no Brasil, Belkys elabora uma interessante reflexão. Essa participante acredita que no Brasil as mulheres são mais protegidas pelas leis contra situações de violência. É comum encontrar mulheres recém-chegadas surpresas com a existência de leis específicas sobre a violência contra a mulher. É ilustrativo um comentário de Belkys sobre situações em que homens ameaçam bater em uma mulher, mas *“respiran y dicen ‘te salvas porque estás en Brasil’”* (*respiram e dizem: Te salvas porque estás no Brasil*). Ainda que na construção de gênero tal como ocorre no Brasil as mulheres estejam mais vulneráveis às violências baseada em gênero, a existência de leis e alguns mecanismos de atendimento à mulheres em situação de violência, funcionam como uma estrutura de proteção incomum para a população venezuelana. Por outro lado, também Belkys evoca a imagem de suas caminhadas com a filha nos braços em busca de trabalho como pedreira para ilustrar a grande diferença cultural na maneira de segregar tipos de trabalho por gênero. Na Venezuela, segundo as três participantes, tais divisões no universo do trabalho são menos rígidas.

Além de lidar com duas construções de gênero distintas, as venezuelanas em Roraima precisam lidar com outra esfera: a própria condição de ser uma mulher migrante no Brasil. Nesta esfera incluo todas as questões já mencionadas sobre os impactos específicos às mulheres em processo migratório: responsabilização pelos cuidados de pessoas com necessidades específicas,

barreiras na integração laboral e situações de violência baseada em gênero. Há ainda a discriminação, a preocupação com pessoas que permanecem no lugar em crise, as rupturas em relações importantes e a ausência da rede de apoio.

Lidar com a tríade de gênero na migração significa lidar com diversas perdas, muitas delas relacionadas à construção social dos papéis de gênero, ao mesmo tempo em que lida com as divergências sobre a própria noção de papéis e normas de gênero em contextos culturais distintos. O peso para tanto se dá tanto internamente, quanto em relações sociais. Internamente, mediante o impacto das perdas de recursos e espirais de perdas e, nas relações sociais (especialmente no grupo social mais próximo, comumente a família) por intermédio das diferenças nas dinâmicas de poder em relações-chave. É ilustrativo deste último, comentários de Belkys sobre o impacto da migração na relação com o companheiro. Ela percebe que José ao mesmo tempo que se mostra mais disposto a dividir os cuidados com os filhos – inclusive ficando como principal cuidador enquanto Belkys imigrava ao Brasil pela primeira vez – não se sente confortável que as pessoas do abrigo percebam que, por vezes, ele cuida de um dos filhos mais do que sua esposa. Belkys completa: *“Pero bueno, tengo que decirle gracias. Es raro ver hombres cuidando a los niños en el abrigo”<sup>208</sup>*.

De fato, não é comum observar homens como principais responsáveis por crianças nos abrigos para pessoas venezuelanas em Roraima. Argumento que há nessa resposta humanitária um fenômeno de “Feminização dos Abrigos”. Não busco com esse termo apenas apontar para uma diferença numérica entre os gêneros dentre as pessoas abrigadas. Busco, por outro lado, evidenciar que a dinâmica dos papéis de gênero desfavorece as mulheres no contexto da migração venezuelana, prolongando o tempo de estadia em locais de acolhimento temporário e limitando o acesso às alternativas de integração, ou seja, enquanto o fato de que há mais mulheres do que homens em um abrigo é um dado - um *estado* - a realidade de que mulheres migrantes e refugiadas não estão recebendo as mesmas oportunidades de integração socioeconômica do que os homens é um *processo*.

A “Feminização dos Abrigos” parte de dois conceitos-base: o de “Feminização da Migração” e o de “Feminização da Pobreza”. De acordo com Medeiros e Costa (2008) a Feminização da Pobreza diz respeito à “uma mudança nos níveis de pobreza partindo de um viés desfavorável às mulheres ou aos domicílios chefiados por mulheres” (p.1) A Feminização da

---

<sup>208</sup> Mas bem, tenho que dizer “obrigada” para ele. É raro ver homens cuidando de crianças no abrigo.

Migração tampouco se refere apenas a um maior número de mulheres migrando. As mulheres sempre migraram, mas só recentemente passaram a ser contabilizadas (MOROKVASIK, 1984). Oliveira (2017) aponta que a feminização tem como ponto de partida a concepção de que a mulher está em posição subjugada nas relações de dominação de gênero e, que isso também é reproduzido na composição migratória.

Tanto Catalina quanto Belkys verbalizam a percepção de que, diante de diversas limitações no processo de integração socioeconômica, as mulheres migrantes e refugiadas estão com maior dificuldade em criar estratégias para construir uma vida para além dos muros dos abrigos. O dado sobre a discrepância entre os gêneros no programa de interiorização por vaga de trabalho<sup>209</sup> corrobora com esta percepção. O peso psicológico desta vivência é a desmotivação, perda de autoestima e desesperança, ou seja, ainda que o abrigamento seja fundamental para a sobrevivência de tantas pessoas migrantes e refugiadas, se não estiver alinhado com uma estratégia de integração socioeconômica, poderá acarretar danos psicológicos para quem busca por apoio.

Contextos de traumas contínuos caracterizam-se por uma rota de caravana de recursos com ameaças diárias e pouca expectativa de melhoras futuras. Nestas circunstâncias há maior número de indivíduos com sintomas crônicos do trauma do que indivíduos com atitudes de resiliência (HOBFOLL et al. 2011). De acordo com Hobfoll (2014) tal número era tão discrepante que Bonanno modificou sua pioneira teoria sobre resiliência (BONNANO al., 2011). Bonanno partia do princípio de que a maioria das pessoas em situação de trauma demonstrava resiliência. Depois de pesquisas em contextos de traumas contínuos constataram o oposto, tal autor modificou a teoria de maneira a considerar as especificidades deste contexto.

Apesar das recorrentes e evidentes espirais de perdas observadas na vida das mulheres migrantes e refugiadas em Roraima, considero que a resposta humanitária está, até o momento, sendo capaz de construir alternativas para que a desesperança em mudanças futuras não seja um sentimento generalizado. Soma-se a isso o fato da crise venezuelana ser um acontecimento relativamente recente, diferente de conflitos históricos que estimulam migrações em massa em diversos países. É necessário, contudo, agir de maneira efetiva e sustentável para garantir que não

---

<sup>209</sup> Abordado na seção de contextualizações. Interiorização em agosto 2019 – 10% das vagas de trabalho ocupadas por mulheres e 90% ocupada por homens.

seja desenvolvido um contexto de traumas contínuos e sistemáticos que desencoraja a resiliência e facilita a desesperança.

## RESILIÊNCIA E ENGAJAMENTO

As três mulheres que contribuíram para este trabalho trazem à luz um percurso pessoal compartilhado de maus-tratos, negligência, perdas, lutos possivelmente mal elaborados e violências na infância e adolescência, que se refletem nos relacionamentos amorosos conjugais que deveriam se traduzir em perdas de recursos ou limitações no acesso a recurso, aumentando sua vulnerabilidade pessoal e social no sentido do desamparo, psicopatologias, reprodução de negligência e maus-tratos com filhos. O que lhes permite não repetir ou transformar a passividade em atividade?

A partir da década 1980, percebe-se um aumento no interesse em conhecer as pessoas que desenvolvem competência (WESSELLS, 2009) apesar de terem sido criadas em condições adversas, ou que aumentam o risco de apresentar psicopatologias (OSBORN, 1990). Este grupo de pessoas tem sido denominado de resilientes.

Portanto, tão importante quanto compreender as perdas e suas espirais é atentar-se à resiliência, enquanto construção pessoal e social. A teoria COR prevê que quanto mais intacto estiverem os recursos e as reservas de recursos mais o indivíduo será capaz de ser resiliente, resistente ou recuperar-se rapidamente, ou seja, a construção de recursos ao longo da trajetória de vida será mais relevante à resposta ao trauma, do que o tipo ou extensão da exposição ao trauma em si (HOBFOLL, 2014). Resiliência enquanto engajamento (*engagement*), inclusive em atividades cotidianas está, de acordo com Hobfoll (2014), no polo oposto ao TEPT. Enquanto este último refere-se à inabilidade de concentrar-se e ser positivo, evitação e efeito depressivo, o engajamento diz respeito à dedicação, absorção e vigor.

Dedicação diz respeito ao comprometimento com tarefas-chave do cotidiano (HOBFOLL, 2014), ou seja, em uma situação de alto potencial de estresse traumático, dedicar-se à família, preservar-se (preservar o *self*) e desempenhar atividades de geração de renda são fatores que auxiliam na aquisição de resiliência. É possível identificar nas três participantes da pesquisa clara dedicação ainda que diante de contextos de tantas perdas.

Absorção é definido como uma sensação de completo envolvimento e até excitação em executar atividades/tarefas de sua vida. O investimento de Belkys em buscar a liberdade do filho e o envolvimento de Catalina nas atividades do abrigo são exemplos deste conceito.

Por último, o vigor é considerado como um alto nível de energia e resiliência mental diante de desafios da vida. Enquanto Shirom (2006) considera que o vigor é o principal dos três, fazendo com que absorção e dedicação sejam secundários, Hobfoll (2010) argumenta os dois últimos são mais fundamentais, tendo em vista que são críticos para que indivíduos e sociedade como um todo continuem a sustentar as tarefas da vida cotidiana. Apesar de momentos de muitas dores e sentimentos depressivos diante de perdas significativas, percebi nas três participantes da pesquisa, tal vigor. Ao mesmo tempo em que Alejandra permite-se passar duas semanas sem sair do abrigo, vivendo o luto, ela tem energia suficiente para voltar ao Brasil para buscar o sustento da família. Enquanto sofre pelo encarceramento do filho, Belkys dedica-se ao máximo a desvendar o sistema judiciário brasileiro para libertá-lo. Catalina, com todas as dores que leva, carrega também consigo todos os documentos que precisa para estar pronta no momento em que qualquer oportunidade apareça. Em graus diferentes e em circunstâncias diferentes, nas três participantes observei que houve engajamento.

Hobfoll (2010) atenta para a natureza crítica da perda de engajamento. De acordo com o autor, o engajamento exige investimento dos próprios recursos que estão sendo perdidos ou comprometidos em lidar com circunstâncias desafiadoras. Assim, as pessoas precisam ter capacidade pessoal e ambiental para investir recursos no processo de engajamento em situações de grandes vicissitudes. Em ocasiões em que as demandas estressantes são muito altas é comum que as pessoas interrompam o processo de engajamento para focar na sobrevivência, ou em um desafio significativo.

Todos os abrigos organizados pela resposta humanitária em Roraima contam com atividades específicas para mulheres, como comitês de mulheres para discutir as necessidades desse grupo no alojamento temporário, rodas de conversa para mulheres e grupos de mulheres empreendedoras, que recebem apoio de diferentes organizações. Considero que o envolvimento das mulheres nessas atividades frequentemente ocorre em um contexto de engajamento. As três participantes desta pesquisa foram ativas em algumas dessas iniciativas e apontaram os benefícios de se sentir apoiada, escutada e até contestada por outras mulheres, especialmente em grupos de empreendedorismo que possibilitam vislumbrar uma fonte de renda em solo brasileiro.

Ao longo das entrevistas Catalina aponta diversas vezes para as atividades do abrigo como uma das principais fontes de apoio, aprendizado e motivação. Belkys e Alejandra participaram de grupos de mulheres empreendedoras e se retiraram por questões relacionadas à maternidade: estar mais presente em ocasião da doença do filho, no caso de Alejandra, e dedicar-se a compreender as possibilidades de apoiar o filho encarcerado, no caso de Belkys. Para ambas as mulheres houve o rompimento estratégico de um processo de engajamento em favor de conservar recursos e investi-los em outras demandas de desafios significativos. Se não houvesse a necessidade de interromper tal processo de engajamento, acredito que os benefícios da participação contínua nas atividades seriam mais numerosos e significativos – tal como é possível identificar no caso de Catalina.

Ainda assim, considero que outro processo de engajamento passou a ocorrer para cada uma, nos quais puderam contar com recursos construídos ao longo da participação nos grupos. Alejandra, por exemplo, utilizou o conhecimento desenvolvido no grupo de mulheres empreendedoras para empreender com a compra e venda de doces enquanto saía do abrigo para realizar tarefas relacionadas ao cuidado com o filho. Belkys, que liderou um dos grupos, conseguiu construir uma consistente rede de apoio com outras pessoas no abrigo, que a apoiaram em momentos importantes, como o nascimento da filha e a descoberta da prisão do filho. Belkys também analisa que no tempo em que passou à frente do grupo de mulheres empreendedoras desenvolveu a habilidade de se comunicar melhor, inclusive em público. Tal habilidade foi consideravelmente relevante em seu processo de compreender e lidar com as organizações do sistema carcerário e jurídico brasileiro. Para ambos os casos foi necessário focar na resolução do problema (*problem-solving*).

O suporte social é o impacto mais robusto para o desenvolvimento de recursos de resiliência. Mesmo em circunstâncias onde o estresse é crônico e extremo, fazendo com que haja severos danos para a autoestima e autoeficácia, os benefícios do suporte social permanecem robustos (HOBFOLL, 2010). Em termos práticos, o suporte social se dá por meio de suporte emocional, material e instrumental (HABER et al. 2007). Brissette, Scheier e Carver (2002) constataram uma forte relação entre autoeficácia, autoestima e otimismo (recursos interrelacionados e organizados como uma caravana) e o suporte social.

Em circunstâncias em que o indivíduo não consegue manter recursos ou vivenciar perdas rápidas ou crônicas, cabe ao ambiente oferecer condições para que o engajamento possa ocorrer.

De acordo com Hobfoll (2010) família, comunidade, espaço de trabalho e escola possuem papéis fundamentais em possibilitar um engajamento sustentável. Percebo que há, no contexto da resposta humanitária às pessoas venezuelanas em Roraima, a coexistência de ciclos de perdas e ciclos de engajamento. De acordo com Hobfoll (2010), nessas circunstâncias, se o ciclo de perdas não for contido, ele enfraquecerá o ciclo de engajamento. É necessário, portanto, fortalecer grupos sociais, organizações e estruturas para garantir que o ambiente dentro da resposta humanitária favoreça a construção de recursos, dificulte a continuidade dos ciclos de perdas e facilite o engajamento de tal maneira que lhe permita ser sustentável.

Na perspectiva da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), criar resiliência envolve investir nas capacidades e habilidades da comunidade afetada, fortalecendo instituições para que sejam capazes de lidar com suas necessidades em médio e longo prazo. A abordagem centrada na resiliência reconhece pessoas afetadas como agentes ativos e criativos e os empodera visando a autossuficiência da comunidade e o protagonismo das pessoas diretamente envolvidas.

Em nível pessoal, é interessante notar que um recurso utilizado pelas participantes com grande impacto na resiliência é a espiritualidade. A fé e a espiritualidade mostram-se como estratégias comuns e eficazes para lidar com as diversas perdas e experiências traumáticas. Um *Diosito* que acompanha em todos os momentos, um *Dios* que cuida de uma mãe lidando com a morte de um filho e uma *Virgen*<sup>210</sup>, mãe de uma divindade, que dá forças para que outra mãe busque a liberdade de seu filho. Enquanto Bettancourt e colaboradores (2015) observam que a espiritualidade é um importante recurso para o fortalecimento da comunidade de refugiados e refugiadas somalis, percebo que no caso da comunidade venezuelana, a fé/espiritualidade mostra-se como um recurso mais pessoal do que social.

Ao pesquisar árabes e israelenses na faixa de Gaza em época de grande conflito, Hobfoll et al. (2010) identificou um número maior de pessoas que apresentavam engajamento, do que pessoas que não conseguiam se engajar. Descobriram também que perdas de recursos psicossociais eram os maiores preditores de sintomas de depressão, mas, por outro lado, muitas pessoas que apresentavam sintomas de depressão continuam a demonstrar engajamento.

Considero que tanto Belkys quando Alejandra demonstraram nas entrevistas alguns sintomas depressivos, principalmente frente às recentes perdas que haviam vivido. Tais sintomas, contudo, não foram suficientes para minar o engajamento que apresentavam: Belkys, na

---

<sup>210</sup> Virgem Maria, considerada santa pelo catolicismo, reconhecida como a mãe de Cristo.

incansável luta para libertar o filho e Alejandra, em retornar ao Brasil em busca de melhores condições para si e para a família, depois de deixar o corpo do filho em terras venezuelanas.

Folkman (1997) considera que a desesperança é um sentimento incomum ao ser humano, mesmo em circunstâncias em que o estresse é crônico. Hobfoll (2010) argumenta que é fascinante como mesmo diante de condições cronicamente traumáticas, com algum suporte, as pessoas conseguem demonstrar vigor, absorção e comprometimento.

O que faz com que as pessoas consigam permanecer engajadas e com esperança mesmo em contextos tão adversos? A teoria COR preconiza que emoções positivas serão mais comuns entre aqueles com mais recursos ou que perderam menos recursos. Mas reflete que é possível que ao menos um pouco de esperança tenha um efeito germinal na criatividade, na busca por construir emoções positivas e em buscar o suporte do outro.

### **EM E ENTRE FRONTEIRAS: UM LUGAR**

As perdas, a construção da resiliência e o engajamento ocorrem em um contexto específico que precisa ser considerado. Considero que o estado fronteiriço, local onde tudo ocorre, não pode ser considerado simplesmente algo estático. Não é um simples cenário brasileiro onde vidas venezuelanas chegam e buscam se incorporar. É um espaço específico, que afeta e é afetado por histórias, costumes e interações de todos os tipos – desde os maiores e cotidianos atos de solidariedade até os mais preocupantes desdobramentos da intolerância. Os choques entre culturas criam uma nova cultura, diferente das duas em colisão: uma cultura de fronteira – nos termos de Anzaldúa (1987), *border culture*.

Pode-se argumentar que utilizar a perspectiva de Anzaldúa (1987) para compreender o contexto latino-americano é pouco adequado. Essa autora teoriza sobre um espaço de fronteira historicamente complexo: foi mexicano, atualmente é estadunidense e sempre será indígena. A fronteira entre o Brasil e a Venezuela não carrega em si as mesmas histórias de conflitos entre países, mas possui um passado único que também interage com o presente. Percebida pelos colonizadores mais de duas centenas de anos depois da primeira região encontrada, a história de Roraima é repleta de influência indígena, relações mais fortes com países vizinhos do que com outras partes do Brasil e diversas ondas migratórias. Com uma localização geográfica que torna difícil o acesso à outras capitais do Brasil, é comum que habitantes de Boa Vista visitem e

frequentem mais a Guiana Inglesa e a Venezuela do que qualquer outro Estado brasileiro. Antes do agravamento da crise venezuelana, por exemplo, a ilha de Margarita era o ponto de veraneio da classe média roraimense, idas à Santa Elena para abastecer os veículos eram frequentes e o número de roraimenses arriscando-se ao contrabandear gasolina vinda da Venezuela era alarmante. Comidas, palavras, produtos: “Compre tal marca de sabão venezuelano, lava bem melhor do que os brasileiros. Todo mundo usa!” – foi um dos primeiros conselhos que ouvi quando me estabeleci em Roraima. As interações entre a Venezuela e o Brasil sempre existiram e ao longo do tempo foram criando um espaço próprio, longe dos holofotes da grande mídia e da visibilidade dos grandes centros brasileiros. A construção deste espaço de fronteira não se inaugura com a crise venezuelana.

Certamente, com o aumento exponencial de venezuelanas e venezuelanos migrando pela fronteira Pacaraima/Santa Elena de Uairén, essa interação tornou-se ainda mais consistente e com um caráter diferente. “Veneca”, termo pejorativo utilizado para se referir às pessoas venezuelanas, é uma expressão já incorporada na comunicação local. O discurso de que o colapso dos serviços públicos da região é por culpa “dos venecas”, por exemplo, é recorrente. O encontro das culturas, das pessoas e das expectativas não se dá na calmaria, mas sim no choque.

Assim como identificado por Anzaldúa na *borderland* entre o México e os Estados Unidos, percebo que das interações que produzem uma terceira cultura surge também uma nova maneira de se comunicar. Alzaldúa conceitua a *border tongue* (língua da fronteira) como uma língua que nasceu naturalmente a partir da não-identificação das pessoas da fronteira (*border people*) com os idiomas possíveis. Acredito que no contexto do espaço de fronteira entre o Brasil e a Venezuela, aos poucos, uma língua vai se formando, a qual nomeio “*lengua da fronteira*”. Tal língua parte da incorporação coletiva<sup>211</sup> de palavras do espanhol e do português. Considero que atualmente a “*lengua da fronteira*” oferece a possibilidade de interação básica em Roraima tendo como fim a comunicação para a sobrevivência e não a expressão pela não-identificação com os idiomas disponíveis. Acredito, contudo, que estamos no início de um longo período de interações, choques e mesclas culturais, pois mesmo que o contexto venezuelano possibilite o retorno seguro

---

<sup>211</sup> Considero incorporação coletiva quando a maior parte da comunidade, independente da nacionalidade, utiliza a mesma palavra para referir-se a algo. São exemplos a palavra em português “moça”, incorporada no vocabulário cotidiano das pessoas venezuelanas em Roraima e a palavra “carpa”, em espanhol, utilizada pelas pessoas brasileiras ainda que exista sua tradução em português (tenda).

dos seus nacionais, as relações e construções deste período perpetuarão a cultura de fronteira que está em período de intensa formação.

É importante apontar que a presente Tese tem o principal foco na resposta humanitária que ocorre neste espaço *borderland*, o espaço de fronteira. Sabe-se, contudo, que a principal estratégia do governo brasileiro para a integração socioeconômica das pessoas venezuelanas tem seu foco, ao contrário, nos outros Estados brasileiros, por meio do programa de realocação voluntária. Nesse contexto, reflito que se comunicar mediante a “*lengua de fronteira*” não é suficiente para a construção de uma real integração socioeconômica no país de acolhida, principalmente ao considerar a estratégia de interiorização. Diante de tantas perdas é necessário possibilitar a construção de recursos sociais e culturais das mulheres migrantes e refugiadas no Brasil. Pesquisas com pessoas refugiadas em diversas partes do mundo sinalizam a fluência do idioma do país de acolhida como um preditor de sucesso para o processo de integração socioeconômica (BAKKER, DAGEVOS; ENGBERSEN, 2013). Por outro lado, estudos realizados em outros países apontam para uma relação entre a não-fluência no idioma no país de acolhida e o desenvolvimento de quadros de depressão, principalmente em mulheres refugiadas (BEISER; HOU, 2000). Desta forma, possibilitar a construção de redes que facilitem o aprendizado do português em diversas partes do Brasil é o primeiro passo para um processo de reconstrução de caravanas de recursos que tenham algumas de suas raízes fincadas em solo brasileiro.

## **CONSIDERAÇÕES PARA UMA PSICOLOGIA HUMANITÁRIA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO**

Turton (2003) afirma que “não há justificativa para estudar ou buscar compreender as causas do sofrimento humano se o objetivo do estudo não for, ao fim, encontrar maneiras de aliviar e prevenir esse sofrimento” (p.32). Ao tratar das dores e da resiliência de mulheres venezuelanas que forçadamente imigraram para o Brasil, sinto-me compelida a contribuir para o fortalecimento de algo muito recente: a Psicologia Humanitária no contexto latino-americano, especialmente no que diz respeito ao deslocamento humano.

Independente da área específica de atuação de um profissional, no contexto da ação humanitária, quatro princípios precisam ser seguidos: humanidade, neutralidade, imparcialidade e

independência. Humanidade diz respeito a acolher o sofrimento humano em qualquer lugar em que ocorra. O propósito do trabalho humanitário é proteger a vida, a saúde e garantir respeito aos seres humanos. Neutralidade sinaliza que atores humanitários não devem tomar um lado em conflitos, assim como engajar em controversas políticas, religiosas ou ideológicas. Imparcialidade significa que a ação humanitária deve ocorrer baseando-se apenas no grau de necessidade, dando prioridade aos casos mais urgentes e sem qualquer tipo de discriminação. O princípio da independência preconiza que a ação humanitária deve ser autônoma de quaisquer objetivos políticos, econômicos ou religiosos (OCHA, 2012).

Além da aplicação desses princípios, no contexto da ação humanitária, um imperativo deve pautar todas as atividades, projetos e programas: “Não causar dano” (*Do no harm*). Qualquer ação pode causar danos não intencionais, e por isso, para cumprir esse imperativo é necessário prevenir, identificar e mitigar os riscos de causar danos a quem se busca apoiar.

A Psicologia no contexto da ação humanitária, ou a “Psicologia Humanitária”, também precisa considerar como suas ações podem causar danos, inclusive, o dano de submeter pessoas à intervenções ineficazes.

É a primeira vez na história recente do Brasil que o país lida com um fluxo migratório tal como o venezuelano, portanto, são quase inexistentes estudos que se debruçam em uma Psicologia Humanitária no contexto brasileiro, ou até mesmo latino-americano. Parto de estudos realizados em respostas humanitárias internacionais e da minha experiência no campo para refletir sobre pontos a serem considerados na operacionalização da Psicologia Humanitária, a partir dos princípios humanitários e do imperativo de não causar danos.

Wessells (2009) aponta que no contexto de resposta humanitária é comum que os profissionais da Psicologia deixem de reconhecer que, frequentemente, a maior fonte de estresse das pessoas beneficiárias não são as memórias das situações traumáticas das quais fugiram, mas sim os problemas do dia a dia – as já listadas perdas de recursos (espirais) na vida pós-migração. É necessário, portanto, atentar-se para o fato de que a psicoterapia, por mais relevante que possa ser, não é capaz de resolver todas as questões dos recursos perdidos. Assim, ainda que o papel das intervenções psicossociais seja de grande relevância, limitar-se a pensar que, sozinha, será suficiente para possibilitar processos positivos de *coping* ou aumentar a resiliência nos afasta de uma prática que precisa ser multidimensional e integrada com as demais demandas e necessidades das pessoas afetadas pela crise.

Há, em situações de emergência humanitária, a tendência de partir da compreensão de que todas as pessoas estão fugindo de um trauma em massa, e assim, todas são percebidas como “pessoas traumatizadas”. Esse comportamento não apenas patologiza reações naturais, como reduz a diagnósticas condições que partem de complexas conjunturas políticas, sociais, históricas e sociais (Wessells, 2009). No fluxo migratório misto venezuelano as motivações para emigrar são variadas e complexas. Nos três casos estudados no presente estudo identificam-se a insegurança alimentar, a ausência de itens básicos para uma sobrevivência digna, questões pessoais motivadas por questões culturais, necessidade de tratamento de saúde e, em menor grau, certo temor por perseguição política. Os recursos perdidos, os conservados e as expectativas trazidas são igualmente variados.

Wessells (2009), por outro lado, aponta que o comportamento oposto é igualmente preocupante: considerar que todas as pessoas tenderão a ser resilientes, sem perceber indivíduos por sua singularidade, poderá dificultar o acesso daqueles que necessitam de cuidados de saúde mental específicos. Romantizar o processo de reconstrução das mulheres refugiadas é tentador e muitas vezes funcionam como uma maneira de tornar mais suave um ambiente complexo e repleto de desafios diários. Cabe aos profissionais da Psicologia a autorreflexão constante e cuidadosa para evitar que suas necessidades e dificuldades no campo sejam instrumentos para a não identificação das necessidades e dificuldades das pessoas beneficiárias.

É necessário partir, portanto, da compreensão de que pessoas afetadas por conflitos, guerras e graves crises não são um grupo homogêneo. Inclusive, que aquelas que contam como sendo metade da população, as mulheres, tampouco sejam percebidas como uma “massa de pessoas do gênero feminino”. Não cabe partir do completo trauma ou da total resiliência, mas sim da individualidade envolta por cultura e contexto sócio-político.

Compreender e respeitar as diferenças e as similaridades é o primeiro passo para entender que é possível estar presente no desenho de intervenções para um grupo de pessoas considerando as demandas e necessidades específicas das “infinitas intersecções”. É igualmente fundamental garantir o equilíbrio entre resiliência e *déficit*. Wessells (2009) aponta essa como a maior prioridade em um contexto de emergência humanitária.

É possível que, após o assentamento, quando houver mais estabilidade, seja enfim possível, para as mulheres, sentirem-se mal. Embora paradoxal, principalmente ao considerar tudo o que foi passado em difíceis dias em movimento, apenas após afastar-se de tamanha

instabilidade e necessidades emergenciais supridas, há certa “permissão interna” para sofrer. É igualmente importante que os profissionais da Psicologia possam considerar este momento como ocasião em que o suporte psicológico se faz necessário. Reconstruir uma narrativa sobre si mesma para além do papel da “mulher forte”, muitas vezes alimentado pelas mulheres tanto quanto pelos profissionais, pode representar um novo momento de perdas e dores em que há necessidade de acolhimento e suporte para a resignificação.

As respostas humanitárias demandam grande organização, coordenação, articulação e recursos. Sem o último, nenhum outro ponto será possível. As organizações humanitárias precisam garantir recursos para o desenho e implementação de projetos e com alguma frequência a imagem das pessoas impactadas pelo conflito, guerra ou crise é utilizada com a finalidade de sensibilizar para mobilizar recursos. Tal imagem é comumente relacionada às perdas, à dor e às necessidades da pessoa, colocando-a no lugar de vítima. Essa posição é muitas vezes incômoda, limita a esperança, desumaniza e pode minar a autoestima em um momento em que se deveria reforçar a dignidade (WESSELLS, 2009). Percebo que há, na resposta humanitária no contexto de Roraima, uma transição gradual de retratar pessoas beneficiárias como vítimas para retratá-las como protagonistas de seu processo de migração e de reconstrução para a autonomia. É fundamental que essa transição siga ocorrendo e que possa fortalecer-se e ser reconhecida como uma boa prática para respostas humanitárias futuras. Principalmente tendo em vista que a visão construída e alimentada pela comunidade de acolhida sobre tais indivíduos tenderá a impactar a autoimagem e, conseqüentemente, a saúde mental de pessoas migrantes e refugiadas.

Ainda sobre a imagem das pessoas em deslocamento forçado, não é incomum que a mídia explore as cenas de sofrimento e dor de tal maneira que ocasiona certa “fadiga de compaixão”. Moeller (1999) argumenta que diante da incapacidade de tolerar encontros contínuos com a dor do outro, há uma espécie de anestesia geral, a fadiga de compaixão (*compassion fatigue*), que torna o sofrimento alheio insistentemente retratado como algo indiferente. Pussetti (2017) afirma que a impossibilidade de tolerar o confronto com a dor do outro é uma das origens da indiferença, alimentando assim a perspectiva de que aqueles corpos que formam uma massa homogênea, tão diferente de “nossos corpos”, não tem o mesmo valor que “nós”.

Sobre essa temática, no contexto da resposta humanitária no Brasil, percebo duas questões centrais: o pouco conhecimento geral do país sobre o que ocorre na fronteira do extremo norte e a percepção da imagem das pessoas refugiadas, alimentada na área de fronteira/*borderland*.

Considero que há no Brasil uma cultura sul-cêntrica que tende a subvalorizar, ou até invisibilizar algumas partes do país, especialmente das regiões Norte e Nordeste. Somado a isso, há as condições históricas, geográficas e sócio-políticas de Roraima que instigam certa sensação de descolamento do restante do país. Pouco se sabe, nos demais Estados brasileiros, até o momento, sobre a complexa estrutura de acolhimento construída pela resposta humanitária em Roraima. Assim, as pessoas refugiadas lidam com certa invisibilização. Por outro lado, a presença escancarada, frequente e ininterrupta, impossibilita que seja invisível para os habitantes do espaço de fronteira. As placas de papelão nas ruas pedindo emprego e ajudam, as pessoas nos semáforos pedindo comida e algum dinheiro, as famílias dormindo no chão, as crianças andando embaixo do sol quente, as matérias de jornais diárias que insistem em citar a nacionalidade de seus personagens. As cenas são tão recorrentes que é impossível ser invisível, mas pode ser “normalizada” até o ponto de ser tolerável. Desenvolve-se, assim, certa fadiga de compaixão.

Se por um lado a banalização da dor deixa mais fácil o contato com ela, por outro, ter sua dor banalizada alimenta uma percepção de ter menos valor social. Essa perda de condição, acredito, é mais um recurso perdido que tem seu impacto na saúde mental da pessoa refugiada. A construção de possibilidades de coexistência entre nacionalidades precisa ser um dos pontos de atenção no desenho de qualquer intervenção no contexto da ação humanitária. Possibilitar que a comunidade de acolhida também se beneficie diretamente de atividades, projetos e programas é uma maneira de diminuir a rivalidade, a xenofobia e a desumanização, que, apesar de relacionados, em minha percepção, está no polo oposto à fadiga de compaixão. Cabe também aos profissionais da Psicologia Humanitária o papel de facilitar a coexistência pacífica de forma transversal (em todas as fases da resposta humanitária), de maneira a diminuir as perdas de recursos ocasionadas pela discriminação e fortalecer a construção de novos recursos relacionados ao suporte social.

É importante considerar que a fadiga de compaixão também pode ocorrer com as pessoas que trabalham na ação humanitária, que convivem diariamente com pessoas em situação de vulnerabilidade e sofrimento. É uma maneira de se proteger dos oceanos de dores que, muitas vezes, senão diariamente, precisa-se navegar. O desdobramento, na prática, é inúmeras vezes o sentimento de desencorajamento, a impaciência e a impressão de não se importar com a dor do outro.

Por outro lado, histórias pessoais também podem afetar a qualidade de vida dos profissionais envolvidos na resposta humanitária. Rizkalla, Zeevi-Barkay e Segal (2017), por exemplo, identificaram que trabalhadores humanitários que lidavam diretamente com sobreviventes de violência sexual demonstravam decréscimo na intimidade sexual com parceiros íntimos e na confiança depositada em seu parceiro.

Percebo, portanto, que seja por meio de um mecanismo de banalizar o sofrimento para poder melhor lidar com ele, ou seja, refletindo em sua própria vida as dores que vê diariamente, é fundamental desenvolver mecanismos para cuidar da saúde mental das trabalhadoras e trabalhadores humanitários. Neste sentido, o profissional da Psicologia Humanitária deverá tanto se atentar para a necessidade de incluir possibilidades de apoio aos trabalhadores nos planos de ação dos atores humanitários, como garantir que o próprio psicólogo tenha o suporte psicossocial para realizar seu trabalho de maneira sustentável e saudável.

É comum que grandes emergências humanitárias ocorram em países com estruturas limitadas. Nessas circunstâncias, profissionais de agências e organizações internacionais são alocados nesses países para organizar e operacionalizar a resposta humanitária. Fato é que a maior parte desses profissionais são oriundos de países desenvolvidos, do Ocidente, com uma visão própria de saúde, doença e intervenções. Dawes e Cairns (1998) atentam para o fato de que é fundamental que a Psicologia não se torne um instrumento de neocolonialismo. É importante que as pessoas locais sejam envolvidas no processo de desenvolvimento de intervenções, pois os costumes e sabedoria locais são centrais para o sucesso de qualquer intervenção.

É relevante atentar-se ao fato de que considerar as especificidades culturais não deve significar se adaptar a qualquer demanda cultural da população afetada. Considero que a Psicologia Humanitária deve estar alinhada com os direitos humanos e os princípios humanitários citados anteriormente. Assim como o psicólogo humanitário que atua em locais específicos do continente africano não deverá apoiar a mutilação genital de meninas (WESSELLS, 2009), os profissionais da Psicologia que trabalham no contexto latino-americano não deverão incorporar a violência contra a mulher pelo parceiro íntimo como um funcionamento culturalmente aceito de conviver enquanto casal.

A América Latina é uma região de larga história de construção da Psicologia Comunitária e muitos conceitos e intervenções desta área da Psicologia acrescentam grandemente ao processo de fortalecimento do suporte social. Permitir que as características locais sejam sufocadas pelos

padrões europeus e norte-americanos é prejudicial para a própria resposta humanitária. Contudo, muito se ganha com a interação entre profissionais locais e estrangeiros no desenho e operacionalização da resposta humanitária. Desta maneira, é importante que os profissionais da Psicologia nesse contexto tenham a flexibilidade de se basear nas fortalezas da Psicologia construída em solo latino-americano e as boas práticas identificadas em respostas humanitárias ao redor do mundo.

No contexto brasileiro há o Sistema Único de Saúde, que por suas diretrizes básicas garante o acesso a serviços de saúde às pessoas migrantes. Construir serviços paralelos de atendimento à população migrante é menos sustentável e eficaz, do que investir no apoio às estruturas já existentes de saúde pública, para que tais estruturas consigam estar cada dia mais fortalecidas e preparadas para lidar com essa população. A construção de estruturas paralelas de atendimento de saúde à população migrante muitas vezes é necessária, e nessas circunstâncias é importante que possam ser implementadas. Mas enquanto houver a possibilidade de fortalecimento das capacidades locais para que a demanda seja absorvida pelo próprio sistema, é fundamental que seja a prioridade. A resposta humanitária é composta majoritariamente por projetos que são financiados por tempo determinado, contudo, quando terminam, as estruturas paralelas tornam-se inexistentes, mas o que foi investido nos mecanismos locais de cuidado (formação de profissionais, estrutura física, insumos) permanece.

A interrupção dos projetos de saúde mental voltados à população migrante, principalmente quando organizados como uma estrutura paralela ao sistema de atendimento local, pode ser um dano que não se deveria promover. É ilustrativo dessa situação o caso de Alejandra, que durante alguns meses recebeu acompanhamento psicológico em um local de atendimento direto à população migrante, mas que com a finalização do projeto, encerrou as atividades. No momento em que seu filho faleceu, por exemplo, ela já não podia contar com esse mecanismo de apoio.

É fundamental que as intervenções desenhadas considerem as questões de gênero. A discussão sobre construir uma resposta humanitária que reconheça, não reforce e repare possíveis pesos do gênero não pode se contentar com a superfície e precisa aprofundar-se em pontos complexos. Um desses pontos fundamentais é o tênue limiar entre considerar a mulher como “o

outro do homem”<sup>212</sup> e garantir que suas necessidades específicas sejam reconhecidas e consideradas. Quando se identificam necessidades específicas das mulheres é comum que se criem projetos para apoiar ou reparar tais necessidades. Contudo, os atores humanitários estimam que as mulheres representam aproximadamente 45% das pessoas que atravessam a fronteira Venezuela-Brasil. Se intervenções são desenhadas sem considerar suas necessidades específicas (a ponto de projetos paralelos precisarem ser implementados para supri-las) significa que quase metade da população migrante não esteja sendo contemplada neste desenho de intervenção. Essa discussão certamente não se esgotará nesta Tese, mas ao mesmo tempo em que é complexa, é urgente. Argumento que as questões de gênero precisam ser consideradas de maneira transversal, entre todos os atores humanitários, em todas as atividades, projetos e programas e em todo o ciclo de vida da resposta humanitária.

Para evitar o Efeito Seneca Falls, sobre o qual discorri na seção sobre contextualizações (p.35), é necessário oferecer a possibilidade e estrutura para a participação substanciada das mulheres migrantes e refugiadas na resposta humanitária, assim como para políticas públicas voltadas para esse público. Acredito que somente a partir das falas dessas mulheres será possível identificar as necessidades, as fortalezas e as possibilidades de ação para garantir o acesso aos recursos necessários para reagir às perdas, lidar com possíveis traumas e, com bem-estar emocional, enfim, construir uma vida no país de acolhimento.

Também por intermédio da fala das mulheres, da possibilidade de contar sua história e de dar nome aos sentimentos é possível construir uma possibilidade de resiliência e resistência. A experiência de escutar, por horas, Catalina, Belkys e Alejandra compartilharem sobre suas histórias de vida, remeteu-me à *autohistoria* de Anzaldúa (1987). De acordo com essa autora, a ação de construir e compartilhar a *autohistoria* parte da autorreflexão, autoconhecimento e da possibilidade de expressar sua história de vida em interlocução com as histórias coletivas de lutas e opressões. Não era meu objetivo que as mulheres seguissem a lógica anzalduana, mas pude perceber nitidamente que esse foi o caminho percorrido pelas três participantes – cada qual à sua maneira. Ao longo das entrevistas elas compartilharam autorreflexões, mudanças de opiniões, planos e ideias, e sempre relacionaram a vida individual com o a trajetória coletiva. Duas delas, Belkys e Catalina, comentaram, espontaneamente, na última entrevista que sentiriam falta da

---

<sup>212</sup> Considero aqui tanto a colocação de Simone de Beauvoir quanto de Zygmund Bauman sobre “otherness” /alteridade e gênero.

interação e que acharam positiva a experiência de compartilhar a história de vida desta forma. Percebo que, corroborando com o apontado por Smith (2015) e Kats (2004) ao oferecer o espaço para que as mulheres contem suas histórias tanto é possível compreender o processo de perda e de construção de resiliência, quanto possibilita tal como apontado por Frank (1995), a elaboração de significados e sentidos da própria vida. Considero, portanto, que desenvolver intervenções baseadas na construção da *autohistoria* poderá ser positivo para mulheres migrantes e refugiadas no contexto da ação humanitária. Trata-se de tomar para si as fronteiras que atravessou.

Também como preconizado por Anzaldúa, a *autohistoria* não apenas auxilia o processo de conscientização de quem a relata, como de quem a lê/escuta. Percebo que a experiência de ser a ouvinte-ativa foi, para mim, transformadora. Acredito, portanto, que esta é uma ferramenta possível para o processo de compreensão, por parte dos trabalhadores e trabalhadoras humanitários, da realidade pessoal e coletiva das pessoas beneficiárias. Igualmente relevante é a compreensão por parte dos atores humanitários sobre a arena humanitária e o encontro humanitário. O caso de Alejandra é ricamente ilustrativo desses conceitos. Para tanto, investimento em formação e treinamento para atores humanitários sobre as relações e seu papel na arena humanitária se faz interessante, tanto como uma forma de garantir uma visão das pessoas beneficiárias como agentes ativos, como para auxiliar o processo de autorreflexão sobre a maneira como o suporte é operacionalizado.

**“SI LAS FRONTERAS QUE HE CRUZADO SON MÍAS, LAS COMPARTO”:  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compartilhei com uma das mulheres participantes da pesquisa que deu origem a este estudo o título que decidi utilizar nesta Tese. Assim ela me respondeu: “Se as fronteiras que cruzei são minhas, então as compartilho”. A ação de compartilhar fronteiras que foram cruzadas, mas não ficaram no passado e sim dentro de si, mostrou-se como um ato de autorreflexão, de autocuidado, de resistência e de aprendizagem. Aprendizagem para quem elaborou cada frase para contar sua história, mas também de enorme aprendizagem para quem, com muito menos frases elaboradas, pôde fazer parte dos momentos de construção da narrativa de uma vida em movimento.

Por meio das histórias contadas e das experiências vividas em campo, percebo que as perdas de recursos são evidentes, assim como é evidente a maneira com que tais perdas se relacionam e se organizam enquanto uma espiral. Essas perdas, de qualquer categoria, trazem consigo sofrimento e a possibilidade de impacto na saúde mental. Em meio à tríade do gênero na migração, observo que as perdas das mulheres estão frequentemente relacionadas às questões de construção social de ser mulher e de ser homem.

Acompanho em Roraima a construção de um espaço de fronteira (*borderland*) com a complexa colisão de duas (ou várias) culturas tornando possível o surgimento de uma cultura própria da fronteira, que exige de seus e de suas habitantes muita flexibilidade e pouca rigidez. Não sou passiva espectadora dessa construção espontânea: nos encontros humanitários, na arena humanitária e fora dela, vejo-me como produto e produtora deste ambiente. Sou diariamente impactada por vidas, com maior ou menor grau de envolvimento psicológico ou emocional. Meu colete, que já enxugou muitas lágrimas, nunca será capaz de evitar que elas me molhem metaforicamente.

Em meio às caravanas de recursos sendo ameaçadas é necessário construir rotas de caravanas que ofereçam proteção para os recursos que se buscam conservar, assim como possibilidades de construção de novos recursos. Ao receber pessoas em deslocamento forçado, o Brasil compromete-se internacionalmente a lhes oferecer proteção e dignidade. Entendo que não há como facilitar o desenvolvimento da saúde mental sem oferecer condições para a construção de todas as categorias, assim como não há como facilitar tais recursos sem causar um impacto positivo na saúde mental.

A participação substanciada e constante das mulheres no desenho das intervenções é fundamental para garantir que suas necessidades sejam identificadas e contempladas no processo de possibilitar o desenvolvimento de recursos. Somente mediante a participação será possível apoiar a resiliência culturalmente sensível, ou seja, que faça, de fato, sentido para as mulheres em situação de tantas perdas.

Faz-se necessário realizar investigações quantitativas e quali-quanti para compreender também de maneira numérica, e em grande escala, o desdobramento da crise venezuelana nas pessoas migrantes e na comunidade de acolhida. É igualmente relevante realizar monitoramentos para constatar a efetividade dos projetos implementados na resposta humanitária, de maneira a identificar boas práticas e possíveis melhoras. Seria relevante, portanto, que tais resultados não

fossem de conhecimento exclusivo da organização implementadora, mas sim que houvesse compartilhamento para que outros atores possam aprender com os erros e acertos conjuntamente. Desejo que esta seja a primeira de muitas pesquisas no âmbito da saúde mental de mulheres migrantes e refugiadas venezuelanas no Brasil. Ao mesmo tempo em que a demanda é relativamente recente, a resposta deve ser urgente. Acredito que sempre deve haver senso de urgência quando há sofrimento, e a academia deve ser responsiva à medida que é demandada.

É relevante e urgente fortalecer a Psicologia Humanitária latino-americana, enquanto uma área que muito bebe da fonte da Psicologia Humanitária norte-americana e europeia, mas que é capaz de construir para as pessoas que buscam países dessa reunião como novas moradas, intervenções e cuidados que façam sentido dentro das fortalezas, fraquezas e especificidades da cultura latino-americana.

Enquanto houver condições de se atravessar fronteiras, mantê-las em si e compartilhar sobre elas, há condições para a construção de recursos e há, portanto, uma semente de resiliência e engajamento para germinar e resistir à desesperança.

## REFERÊNCIAS

AKELLO, G.; RICHTERS, A.; REIS, R. Coming to terms with accountability: Why the reintegration of former child soldiers in Northern Uganda fails. In: GOBODO-MADIKIZELA, P.; MERWE, C. V. D. (Eds.). **Memory, Narrative, and Forgiveness: Perspectives on the unfinished journeys of the past**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009. p. 188-212.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR) [S.l.] 2018? Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADO (ACNUR), 2019. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR), 2015. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acesso em: 05 out. 2019.

ANDRIJASEVI, R. **Migration, agency and citizenship in sex trafficking**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2010.

ANISTIA INTERNACIONAL. Informe 2017/2018. O Estado dos Direitos Humanos no mundo. **Relatório**. Londres: Amnesty International, 2018. Disponível em: <<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2018/02/informe2017-18-online1.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza**. 2 ed. São Francisco, EUA: Aunt Lute Book, 1987/2002. p. 25, 43, 44, 75, 76, 101, 102, 113.

ARAGONA, M. et al. Effect of gender and marital status on somatization symptoms of immigrants from various ethnic groups attending a primary care service. **German Journal of Psychiatry**, v 11, n 2, p. 64-72, 2008.

BAKKER, L.; DAGEVOS, J.; ENGBERSEN, G. Explaining the refugee gap: a longitudinal study on labour market participation of refugees in the Netherlands. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v 43, p. 1-17, 2016.

BARBOSA, R. I. Ocupação Humana em Roraima. II. Uma revisão do equívoco da recente política de desenvolvimento e o crescimento desordenado. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v 9, n 2, p. 177-197. Belém, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, 1997. p. 280.

BARROS, N. C. C. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional**. Recife, BR.: Editora Universitária Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 1995.

BEISER, M.; HOU, F. Gender Differences in Language Acquisition and Employment Consequences among Southeast Asian Refugees in Canada. **Canadian Public Policy**, v 26, n 3, p. 311, 2000.

BEISER, M.; HOU, F. Predictors of positive mental health among refugees: Results from Canada's General Social Survey. **Transcultural Psychiatry**, v 0, n 0, p. 17, 2017.

BERG, D. N.; SMITH, K. K. The clinical demands of research methods. **The Self in Social Enquiry**. Califórnia: Sage Publications, 1988.

BETANCOURT, T. et al. We left one war and came to another: resource loss, acculturative stress, and caregiver-child relationships in Somali refugee families. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, v 21, n 1, p. 114-125, 2015.

BOING, E.; CREPALDI, L. A.; MORÉ, C. L. O. Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. **Paidéia**, v 18, n 40, p.251-266, 2008.

BONANNO, G. A.; DIMINICH, E. D. Annual Research Review: Positive adjustment to adversity--trajectories of minimal-impact resilience and emergent resilience. **Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines**, v 54, n 4, p. 378-401, 2013.

BONVICINI, M. **Mulheres que Cruzam Fronteiras: Diário de uma venezuelana no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2019.

BOUVOIR, S. O segundo sexo. **Edição Comemorativa 1949 – 2019**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BREWIN, C. R. et al. Intrusive images in psychological disorders: Characteristics, neural mechanisms, and treatment implications. **Psychological Review**, v 117, n 1, p. 210-232, 2010.

BRISSETTE, I.; SCHEIER, M.; CARVER, C. The Role of Optimism in Social Network Development, Coping, and Psychological Adjustment During a Life Transition. **Journal of personality and social psychology**, v 8, p.102-111, 2002.

CAMILO, G.A. La situación de la salud mental en Colombia. Informe presentado a la Sociedad Internacional para la Salud y Derechos Humanos. **Reflexion**, v 28, n 1, p. 9-13, 2002

CARITAS VENEZUELANA. **Monitoreo del Estado Nutricional Niños Menores de 5 años**. Junio, 2019. Disponível em: <<http://caritasvenezuela.org/wp-content/uploads/2019/10/BOLETIN-XI-SAMAN-JUNIO-2019.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CRAWLEY, H. Engendering the State in refugee women's claim for asylum. In: JACOBS, S.; JACOBSON, R.; MARCHBACK, J. (Org.). **States of conflict. Gender, violence and resistance**. London, UK: Zed books, 2000. p. 87-104.

D'ALLONES, C. R. Psicologia clínica e procedimento clínico. In: GIAMI, A.; PLAZA, M. (Eds.). **Os procedimentos clínicos nas ciências humanas: documentos, métodos, problemas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004c. p. 30; p.17-34.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 64.

DAWES, A.; CAIRNS, E. The Machel Study: Dilemmas of cultural sensitivity and universal rights of children. Peace and Conflict: **Journal of Peace Psychology**, v 4, n 4, p. 335–348, 1998.

DIEZ-ROUX, A. Investigating neighborhood and area effects on health. **A Public Health**, v 9, n II, p. 1.783-1789, 2001.

DINIZ, A. M. A; SANTOS, R. O. Fluxos Migratórios e Formação da Rede Urbana de Roraima. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2006, Caxambú, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2006.

DOHRENWEND, B. S. et al. Symptoms, hassles, social support, and life events: Problem of confounded measures. **Journal of Abnormal Psychology**, v 93, p.222-230, 1984.

DOUGLAS, M. H. B.; MITCHELL, S. K. **A pessoa em desenvolvimento**. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil, 1984.

DUTRA, D. Feminização das migrações. In: CAVALCANTI, L. et al. (Org.). **Dicionário Crítico de migrações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 325-327.

FAZEL, M; WHEELER, J; DANESH, J. Prevalence of serious mental disorder in 7000 refugees resettled in western countries: a systematic review. **Lancet**, United Kingdon, v 9, n 15, p.1309-1314, 2005.

FELDMAN, A. On cultural anaesthesia: from Desert Storm to Rodney king. **American Ethnologist**, v 21, n 2, p. 404-418, 1994.

FELIPPE, M. B.; OLIVEIRA-MACEDO, S. Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tr%C3%AAs-sociedades-primitivas>>.

FERREIRA. J. Migração venezuelana vai transformar RR no ‘pior Estado do Brasil’, diz relatório de Comissão. **Roraima em Tempo**, Boa Vista, 4 de junho de 2019. Local, p. A4.

FESEHA, G.; G/MARIAM, A.; GERBABA, M. Intimate partner physical violence among women in Shimelba refugee camp, northern Ethiopia. **BMC Public Health**, v 12, p.125-134, 2012. Disponível em: <<https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-12-125>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

FOA, E. B.; KOZAK, M. J. Emotional processing of fear: Exposure to corrective information. **Psychological Bulletin**, v 99, n 1, p.20-35, 1986.

FOLHA DE BOA VISTA. WEBFOLHA. **Fluxo migratório causa impacto na saúde, educação e segurança pública**. Matéria publicada em 18 mai. 2018.

FOLKMAN, S. Positive psychological states and coping with severe stress. **Social Science & Medicine**, v 45, n 8, p. 1207–1221, 1997.

FRANK, A. **The wounded storyteller. Body, illness and ethics.** Chicago, EUA: Chicago Press, 1995, p. 260.

FREEDMAN, J. Women's right to asylum: protecting the rights of female asylum seekers in Europe? **Human Rights Rev.** v 9, p.413-433, 2008.

FREEDMAN, J.; JAMAL, B. Violence against migrant and refugee women in the Euromed region. **Euro-median Human Rights**, Network, Copenhagen, 2008. 105 p.

FREEDMAN, J. Taking Gender seriously in Asylum and Refugee Policies. In: KHORY, K. R. **Global Migration: Challenges in the Twenty-First Century.** NY: Palgrave Macmillan, 2012. p.45-64.

FREEDMAN, J. Sexual and gender-based violence against refugee women: a hidden aspect of the refugee "crisis". **Reproductive Health Matters**, v 24, n 47, p.18-26, 2016.

FREITAS, A. **Geografia e História de Roraima.** 4 ed. Manaus, 1996. p. 49; p. 92.

FRIEDAN, B. **The Feminine Mystique.** New York: Norton, 1963. p.15.

LABAN, C. J. et al. The impact of a long asylum procedure on quality of life, disability and physical health in Iraqi asylum seekers in the Netherlands. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v 43, n 7, p.507-515, 2008.

LÉVY, A. A psicossociologia: crise ou renovação? In: Machado, M. N. M. (Orgs.). **Psicossociologia - Análise social e intervenção.** 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 109-120.

LOWE, S. R. et al. Trajectories of posttraumatic stress among urban residents. **American Journal of Community Psychology**, v 53, n 1-2, p.159-172, 2014.

GALINA, V. F. et al. Saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. **Interface**, Botucatu, São Paulo, v 21, n 61. Botucatu, São Paulo, Apr./June, 2017.

GEWERTZ, D.; ERRINGTON, F. **Twisted Histories, Altered Contexts: Representing the Chambri in a World System.** Cambridge: Cambridge, UK, 1991

GLORIA EVANGELINA ANZALDÚA PAPERS. **Benson Latin American Collection**, Bibliotecas da Universidade do Texas, Universidade do Texas em Austin, 1942-2004.

GOODKIND, J.; DEACON, Z. Methodological Issues in Conducting Research with Refugee Women: Principles for recognizing and Re-centering the multiply marginalized. **Journal of Community Psychology**, v 32, n 6, p.721-739, 2004.

GUARDIA, I. Fuga de venezolanos durante la Revolución Bolivariana (1998-2007). **Investigaciones Geograficas**. Alicante, n 44, p.187-198, 2008.

HABER, M. G. et al. The relationship between self- reported received and perceived social support: A meta-analytic review. **American Journal of Community Psychology**, v 39, n 1-2, p.133-44, 2007.

HAJDKOWSKI-AHMED, M.; KHANLOU, N.; MOUSSA, H. (Org.). **Not born a refugee woman: Contesting identities, rethinking practices**. New York: Berghahn, 2008. p.336.

HEISE, L.; ELLSBERG, M.; GOTTEMOELLER, M. Ending violence against women. Population Information Program, Center for Communication Programs. **The Johns Hopkins University School of Public Health**, v L, n 11, 1999.

HILHORST, D., WEIJERS, L.; VAN WESSEL, M. Aid relations and Aid legitimacy: mutual imaging of aid workers and recipients in Nepal. **Third World Quarterly**, v 33, p. 1439 - 1457, 2012

HINTON, D. E.; OTTO, M. W. Symptom presentation and symptom meaning among traumatized Cambodian refugees: Relevance to a somatically focused cognitive-behavior therapy. **Cognitive and Behavioral Practice**, v 13, n 4, p. 249-260, 2006.

HOLBFOLL, S. E. Conservation of resources. A new attempt at conceptualizing stress. **American Psychologist**, v 44, n 3, p.513-524, 1989.

HOLBFOLL, S. E. Traumatic stress: A theory based on rapid loss of resources. **Anxiety Research**, v 4, n 3, p.187-197, 1991.

HOBFOLL, S. E. et al. The impact of communal mastery versus self-mastery on emotional outcomes during stressful conditions: A prospective study of Native American women. **American Journal of Community Psychology**, v 30, p. 853 - 871, 2002.

HOBFOLL S. E. Five essential elements of immediate and mid-term mass trauma intervention: empirical evidence. **Psychiatry**, Winter, v 70, n 4, p. 283-315; discussion 316-69, 2007. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18181708>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

HOBFOLL, S. E. Conservation of resources theory: Its implication for stress. In: FOLKMA, S. (Ed.). **The Oxford Handbook of Stress, Health, and Coping** (127-147). New York, NY: Oxford University Press, 2010.

HOBFOLL, S. E. The limits of resilience: Distress following chronic political violence among Palestinians. **Social Science and Medicine**, v 72, n 8, p. 1400-1408, 2011.

HOBFOLL, S. E; JONG, J. T. V. M. Sociocultural and ecological views of trauma: Replacing cognitive-emotional models, 2013 In: FEENY, N. C.; ZOELLNER, L. (Eds.). **Facilitating Resilience and Recovery Following Traumatic Events (69-90)**. New York, NY: Guilford, 2013.

HOBFOLL, S. E. Resource caravans and resource caravan passageways: a new paradigm for trauma responding. **Intervention**, v 12, n 1, p 21-32, 2014.

HOLT, M. **Violence against women in the context of war: experiences of Shi'i women and Palestinian refugee women in Lebanon Violence Against Women**, v. 19 n 3, p. 316-337, 2013.

HUMAN RIGHTS WATCH. **World Report – Country Chapter Venezuela**, 2018. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/world-report/2019/country-chapters/326452#2baede>>. Acesso em: 05 out. 2019.

HUNT, L. Women asylum seekers and refugees: Opportunities, constraints and the role of agency, **Social Policy and Society**, v 7, p. 281-292, 2008.

KATZ, C. **Growing up global: Economic restructuring and children's everyday lives**. Minneapolis: University Minnesota Press, 2004, p.313.

KHAWAJA, M.; BARAZI, R. Prevalence of wife beating in Jordanian refugee camps: reports by men and women. **J Epidemiol Community Health**, v 59, p.840-841, 2005.

KESSLER-HARRIS, A. Women, feminism and gender in historical interpretation. **Presentation to Perspectives on Gender Studies course**. Swedish Collegium for Advanced Study in the Social Sciences, 1997

KIRA, I. et al. The Effects of Gender Discrimination on Refugee Torture Survivors: A Cross-Cultural Traumatology Perspective. **Journal of the American Psychiatric Nurses Association**, v 16, n 5, p. 299–306, 2010.

KNOBLOCH, F. Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. **Psicologia USP**, v 26, n 2, p. 169-174, 2015.

KUBZANSKY, L. D. et al. Depression and risk of sudden cardiac death and coronary heart disease in women: results from the Nurses' Health Study. **J Am Coll Cardiol.**, v 53, n 11, p. 950-958, 17 mar. 2009.

LEWIS-FERNANDEZ, R. et al. Dissociation, child-hood trauma, and ataque de nervios among Puerto Rican psychiatric outpatients. **The American Journal of Psychiatry**, v 159, n 9, 2002.

LIPSET, D. Rereading "Sex and Temperament": Margaret Mead's Sepik Triptych and Its Ethnographic. **Anthropological Quarterly**, v 76, n 4, Autumn, 2003, p.693-713, 2003.

LIPSON, J. G.; MILLER, S. Changing roles of Afghan refugee women in the United States. **Health Care for Women International**, v 15, p.171-180, 1994.

MACAGGI, N. **A mulher do garimpo: O romance do extremo norte do Amazonas**. 2 ed. Boa Vista, RR: Gráfica Real, 2012.

MAGALHÃES, M. G. S. D. **Amazônia: o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1998**. Boa Vista: Ed. UFRR, 2008.

MCFARLANE, C.A. "Risks associated with the psychological adjustment of humanitarian aid workers", **The Australasian Journal of Disaster and Trauma Studies**, 2004-1, 2004.

MCLEAN, C. P.; FOA, E. B. Prolonged exposure therapy for post-traumatic stress disorder: A review of evidence and dissemination. **Expert Review of Neurotherapeutics**, 2011

MEAD, M. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**. New York: Morrow, 1935/1963.

MEDEIROS, M; COSTA. J. Is There a Feminization of Poverty in Latin America? (Há uma feminização da pobreza na América Latina? **World Development**, v 36, n 1, p. 115-127, 2008.

MOELLER, S. D. **Compassion fatigue: how the media sell disease, famine, war and death**. London, UK: Routledge, 1999.

MOMARTIN, S. et al. A comparison of the mental health of refugees with temporary versus permanent protection visas. **Medical Journal of Australia**, v 185, n 7, p. 357-361, 2006.

MOROKVASIC, Mirjana. Birds of Passage are also Women. **International Migration Review**, v 18, n 4, p. 886-907, 1984.

NOGUEIRA F. M. M.; VERAS, A. T. R.; SOUZA, C. M. Roraima no contexto das migrações: Impressões da (re)configuração espacial entre 1980 e 1991. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal – RN**, 2013.

OCHOA, W. M. Colombia y las Migraciones Internacionales. Evolución Reciente y Panorama Actual a partir de las Cifras. **Revista Internacional de Mobilidade Humana**, ano XX, n 39, p. 185-210, Brasília, 2012.

OLIVEIRA. A. A. Uma análise do processo migratório em Roraima sob o aspecto da linguagem como traço identitário, no contexto amazônico. **I Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras: As fronteiras da interdisciplinariedade e a interdisciplinariedade das fronteiras**, Roraima, 2012. p.177

OLIVEIRA, M. M. Feminização das migrações nas fronteiras da Amazônia. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, M. M. **Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea**. 2014. 340f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014. p.175.

OLIVEIRA, R. G. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. 2003. 405f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2003.

OAKLEY, A. **Sex, Gender and Society**. London: Temple Smith, 1972.

OAKLEY, N. Science, Gender, and Women's liberation: an argument against postmodernism. **Women's Studies International Forum**, v 21, n 2, p. 133-146, 1998.

OPERAÇÃO ACOLHIDA. Estratégia de Interiorização dos venezuelanos. **Relatório de movimentos assistidos**. Jul. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. p.16, 2015. Disponível em:  
<<http://www.rets.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/biblioteca/agenda2030-pt-br.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Migración irregular y flujos migratorios mixtos: enfoque de la OIM**. (2009). Disponível em:  
<[https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy\\_and\\_research/policy\\_documents/MC-INF-297-Flujos-Migratorios-Mixtos\\_ES.pdf](https://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/policy_documents/MC-INF-297-Flujos-Migratorios-Mixtos_ES.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

OSBORN, A. F. Resilient children: a longitudinal study of high achieving socially disadvantaged children. **Early Child Development and Care**, v 62, p. 23-47, 1990

PEREZ-SALES, P. et al. Post-traumatic factors and resilience: the role of shelter management and survivors' attitudes after the earthquakes in El Salvador (2001). **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v 15, p. 368-383, 2005.

PITTAWAY, E. Making mainstreaming a reality – Gender and the UNHCR Policy on refugee protection and solutions in urban areas. A refugee perspective. Centre for Refugee Studies. **School of Social Sciences and International Studies**. University of New South Wales, 2010. p. 2.

PUSSETTI, C. Identidades em crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde e Sociedade**, v 19, n 1, p. 94-113, 2010.

PUSSETTI, C. “O silêncio dos inocentes”: os paradoxos do assistencialismo e os mártires do mediterrâneo. **Revista Interface**, v 21, n 61, p. 263-272, 2017.

RAMOS M. M. **Fronteira Inflamável: Migração decorrente da comercialização do combustível na fronteira Venezuela-Brasil (Santa Elena do Uairén) e impactos econômicos e socioculturais**. 2019. 133f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteira). Universidade de Roraima. Boa Vista, 2019.

REGIONAL REFUGEE AND MIGRANT RESPONSE PLAN 2020 for Refugees and Migrants from Venezuela. January - December 2020. Disponível em: <<https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/72254.pdf>>. Acesso em: 09 jan.2020.

REPETTI, R. L.; TAYLOR, S. E.; SEEMAN, T. E. Risky families: Family social environments and the mental and physical health of offspring. **Psychological Bulletin**, v 128, n 2, p.330–66, 2002.

RIZKALLA, N.; ZEEVI-BARKAY, M.; SEGAL, S. P. Rape Crisis Counseling: Trauma Contagion and Supervision. **Sage Journal. Journal of interpersonal violence**. First Published October 27, 2017.

RODRIGUES, F. S. **Garimpendo a sociedade roraimense: Uma análise da conjuntura sócio-política**. 1996. Dissertação (Mestrado). Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 1996.

RODRIGUES, F. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos Avançados**, v 20, n 57, p. 197-207, São Paulo, 2006.

SANTOS, A. J. **Roraima - História Geral**. Boa Vista, Roraima: Ed. Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2010.

SANTOS, R. N. G. **Cidade, migração e poder: Boa Vista na segunda metade do século XX**. V Congresso Internacional de História, 2016, Jataí. **Novas Epistemes e Narrativas Contemporâneas**, 2016.

SCHAUFELI, W. B. et al. The measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. **Journal of Happiness Studies**, v 3, n 1, p. 71-92, 2002.

SCHUMM, J. A.; HOBFOLL, S. E.; KEOGH, N. J. Revictimization and Interpersonal Resource Loss Predicts PTSD Among Women in Substance-Use Treatment. **Journal of Traumatic Stress**, v 17, n 2, p. 173–181, 2004.

SCHUMM, S. A. The morphological and stratigraphic effects of base-level change: a review of experimental studies. **Fluvial Sedimentology VII**, v. 35, p.213-241, 2005.

SCHUMM, J. A.; BRIGGS-PHILLIPS, M.; HOBFOLL, S. E. Cumulative interpersonal traumas and social support as risk and resiliency factors in predicting PTSD and depression among inner-city women. **Journal of Traumatic Stress**, v 19, p. 825-836. December 2006.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analysis in The American Historical. **Review**, v 91, n 5, p. 1067; p. 10053-10075, 1986.

SHIROM, A. Explaining vigor: On the antecedents and consequences of vigor as a positive affect at work. In: COOPER, C. L.; NELSON, D. (Eds.). **Organizational behavior: Accentuating the positive at work**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2006.

SILOVE, D. et al. Anxiety, depression and PTSD in asylum seekers: associations with pre-migration trauma and post-migration stressors. **British Journal of Psychiatry**, v 140, n 4, p. 351-357, 1997.

SILOVE, D. et al. Psychiatric symptoms and living difficulties in Tamil asylum seekers: comparisons with refugees and immigrants. **Acta Psychiatr Scand**, v 97, p. 175-181, 1998.

SIMÕES, G. et al. Resumo executivo. Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil. **Conselho Nacional de Imigração**. Brasília, DF: CNIg, 2017.

SMITH, K. Stories told by, for, and about women refugees: Engendering resistance. **ACME: An international e-journal for critical geographies**, v 14, n 2, p.461-469, 2015.

SOGUK, N. **States and Strangers: Refugees and Displacements of Statecraft**. Minneapolis. London. University of Minnesota Press. 1999. p. 4, p. 328.

SPITZER, D. et al. Caregiving in transnational context: “My wings have been cut; where can I fly?” **Gender and Society**, v 17, p. 267-286, 2003.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. 2 ed. Thousand Oaks, Sage, 2000.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1982, p.272.

TRIBUNA DE RORAIMA. Câmara pede a Sarney para não acabar com o garimpo. **Acervo do Palácio da Cultura Nenê Macaggi**, p.3, 1988 TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 688.

TURTON, D. Refugees, forced resettlers and ‘other forced migrants’: towards a unitary study of forced migration. **UNHCR - New Issues in Refugee Research**, Working Paper, n 94, p. 10; p.32, 2003.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR HUMAN RIGHTS (UNHCHR). Human Rights in the Bolivarian Republic of Venezuela. **Report of the United Nations High Commissioner for Human Rights on the situation of Human rights in the Bolivarian Republic of Venezuela**, 2019.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). Asylum applications and refugee status determination. **UNHCR Populations Statistics**, 2017.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). **Information Paper**, p. 13, Geneva, March 1993.

VACHON M. L. S. A comparison of the impact of breast cancer and bereavement: Personality, social support and adaptation. In: HOBFOLL, S. E. (Ed.). **Stress, social support and women**, 1986. p. 187-202.

VAN DUIJL, M. et al. Dissociative symptoms and reported trauma among patients with spirit possession and matched healthy controls in Uganda. **Culture, Medicine, and Psychiatry**, v 34, n 2, p. 380-400, 2010.

WEBER, N.; DA COSTA, M. The armed conflicts in Colombia and Venezuela and the human rights to the refugee in Brazil: an analysis with gender representation. **International Journal of Current Innovation Search**, v 3, n 9, p. 793; p. 789-794, 2017.

WEINTRAUB, A. Saúde mental e refugiados: interfaces entre o universal e o relativo no direito à saúde. In: RAMOS, A.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. (Orgs.). **60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro**: Ed. CL-A Cultural, São Paulo, 2011. p.147- 160.

WESSELLS, M. G. Do no harm: Toward contextually appropriate psychosocial support in international emergencies. **American Psychologist**, v 64, n 8, p. 842-854, 2009.

WICKLUND, R. A.; GOLLWITZER, P. M. **Symbolic self-completion**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1982.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Trad. D. GRASSI. São Paulo: Ed. Artmed., 2001, p.32,33.

YOUNG, M.; CHAN, J. The psychological experience of refugees: a gender and cultural analysis, p. 17-36. In: SAFDAR, S.; KOSAKOWSA-BEREZECKA, N. **Psychology of gender through the lens of culture: theories and applications**. Springer International Publishing. 2015. 410 p.

## ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE DIFICULDADES NA VIDA PÓS-MIGRAÇÃO

(Post-Migration Living Difficulties Questionnaire)

*Abaixo, temos uma lista de dificuldades que pessoas que buscam refúgio às vezes vivenciam quando chegam ao novo país. Nos últimos 12 meses, algumas dessas dificuldades foram um problema para você?*

	NÃO É PROBLEMA ALGUM	UM PEQUENO PROBLEMA	UM PROBLEMA MODERADAMENTE SÉRIO	UM PROBLEMA SÉRIO	UM PROBLEMA MUITO SÉRIO
1) DIFICULDADE NA COMUNICAÇÃO					
2) DISCRIMINAÇÃO					
3) SEPARAÇÃO DA FAMÍLIA					
4) PREOCUPAÇÃO COM A FAMÍLIA NO PAÍS DE ORIGEM					
5) NÃO PODER VOLTAR AO PAÍS DE ORIGEM EM CASO DE EMERGÊNCIA					
6) NÃO CONSEGUIR ENCONTRAR TRABALHO					
7) CONDIÇÕES RUINS NO TRABALHO					
8) ENTREVISTAS PARA O PROCESSO DE SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO					
9) ATRASOS NO PROCESSO DE SOLICITAÇÃO DE REFÚGIO					
10) CONFLITOS COM OS AGENTES DO PROCESSO DE REFÚGIO					
11) MEDO DE SER MANDADO DE VOLTA AO PAÍS DE ORIGEM					
12) MEDO DE NÃO RECEBER TRATAMENTO À PROBLEMAS DE SAÚDE					
13) POUCO ACESSO À ASSISTÊNCIA MÉDICA DE EMERGÊNCIA					
14) POUCO ACESSO À ASSISTÊNCIA MÉDICA DE LONGO PRAZO					
15) POUCO ACESSO À ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA					
16) POUCO ACESSO À SUPORTE PSICOLÓGICO					
17) POUCO AUXÍLIO DE PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DO GOVERNO					
18) POUCO AUXÍLIO DE PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DAS ONGS					
19) POBREZA					
20) SOLIDÃO E TÉDIO					
21) ISOLAMENTO					
22) POUCO ACESSO ÀS COMIDAS QUE GOSTA					

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

Declaro, por medio de este término, que yo, \_\_\_\_\_, he sido invitada y he aceptado participar en la investigación de título **Entre Fronteiras e Femininos: Desafios psicológicos e sociais no processo de migração e adaptação de mulheres refugiadas no Brasil** (*Entre Fronteras y Femeninos: Desafíos psicológicos y sociales en el proceso de migración y adaptación de mujeres refugiadas en Brasil*). Este estudio es parte de la investigación de Doctorado realizada en el Programa de Postgrado en Psicología Clínica de la Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por la psicóloga y investigadora Flávia de Moura Rocha Parente Muniz, bajo la orientación de la Profesora Doctora Rosane Mantilla de Souza. Soy consciente de que este proyecto tiene la finalidad de la enseñanza, la investigación y la producción de conocimiento, teniendo por objetivo principal **investigar el proceso de migración y refugio de las mujeres refugiadas y sus impactos sociales y psicológicos**.

Recibí de la investigadora Flávia de Moura Rocha Parente Muniz las siguientes aclaraciones:

- a) Que la investigación se hará de la siguiente manera: una vez al mes, durante doce meses, habrá un encuentro entre la investigadora y la participante. En estos encuentros se harán preguntas y serán propuestas actividades, que la participante no está obligada a responder o realizar, y que tiene como objetivo comprender la historia de la mujer refugiada y cómo ella está viviendo la experiencia de migración y refugio. Los encuentros se registrarán con una grabadora de audio.
- b) Que el contenido grabado será transcrito y archivado, por la investigadora, en un lugar seguro, por cinco años, conforme orienta la resolución 466/12 y la 510/6, del Consejo Nacional de Salud (Conselho Nacional de Saúde).
- c) Que los nombres de las participantes de la investigación, así como de las personas citadas por ellas, no serán revelados en ningún momento. De la misma forma, no se divulgará ninguna información que permita la identificación de la participante o de cualquier persona por ella citada.
- d) Que las participantes de esta investigación pueden desistir de la participación en cualquier momento, sin ningún tipo de perjuicio o penalidad.
- e) Que en caso de que la participante sienta algún malestar debido a la investigación, puede entrar en contacto con la investigadora a través del teléfono: (11) 95320-0289
- f) Que si tiene dudas en relación a las cuestiones éticas, podrá entrar en contacto con la Comisión de Ética de la Pontificia Universidade Católica de São Paulo - Sede Campus Monte Alegre. Dirección: Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP; Sala 63-C. Teléfono: (11) 3670-8466 E-mail: [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

Habiendo comprendido lo que me fue informado, doy mi constreñimiento sin ninguna restricción o imposición.

Boa Vista, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2019

---

Firma de la Participante

---

Firma de la Investigadora